



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO
DOUTORADO EM COMUNICAÇÃO

ELANE GOMES DA SILVA OLIVEIRA

**OS DISPOSITIVOS DE TEMPORALIDADE NAS ROTINAS DA REDAÇÃO DO
TELEJORNAL: o caso do jornal do almoço, da RBS TV e do NE 1, da Globo Nordeste**

Recife

2020

ELANE GOMES DA SILVA OLIVEIRA

**OS DISPOSITIVOS DE TEMPORALIDADE NAS ROTINAS DA REDAÇÃO DO
TELEJORNAL: o caso do jornal do almoço, da RBS TV e do NE 1, da Globo Nordeste**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Comunicação.

Área de concentração: Comunicação

Orientador: Prof. Dr. Alfredo Eurico Vizeu Pereira Junior

Recife

2020

Catálogo na fonte
Bibliotecária Mariana de Souza Alves – CRB-4/2105

O48d Oliveira, Elane Gomes da Silva
Os dispositivos de temporalidade nas rotinas da redação do telejornal:
o caso do Jornal do Almoço, da RBS TV e do NE 1, da Globo Nordeste /
Elane Gomes da Silva Oliveira – Recife, 2020.
230f. il., fig.

Sob orientação de Alfredo Eurico Vizeu Pereira Junior.
Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco. Centro de
Artes e Comunicação. Programa de Pós-Graduação em Comunicação,
2020.

Inclui referências.

1. Comunicação. 2. Telejornalismo. 3. Rotinas da redação. 4.
Dispositivo de temporalidade. I. Pereira Junior, Alfredo Eurico Vizeu
(Orientação). II. Título.

302.23 CDD (22. ed.) UFPE (CAC 2022- 152)

ELANE GOMES DA SILVA OLIVEIRA

**OS DISPOSITIVOS DE TEMPORALIDADE NAS ROTINAS DA REDAÇÃO DO
TELEJORNAL: o caso do jornal do almoço, da RBS TV e do NE 1, da Globo Nordeste**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Comunicação.

Aprovado em: 21/07/2020

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alfredo Eurico Vizeu Pereira Junior (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Heitor Costa Lima da Rocha (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dra. Isaltina Maria de Azevedo Mello Gomes (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof.^a Dra. Cristiane Finger Costa (Examinadora Externa)

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof.^a Dr. Carlos Eduardo Franciscato (Examinador Externo)

Universidade Federal de Sergipe

À Cecília, minha criança e meu amor.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de começar diferente esta parte, mas ao passo que escrevia e finalizava a tese já apresentava um desgaste físico e mental, então decidi usar o espaço para relatar um pouco da trajetória de quatro anos de doutorado. A saber que estou no auge das 33 semanas de gestação, faltando um pouco mais de um mês e meio para dar luz à minha primeira filha. Os sentimentos se confundem. O alívio e a alegria de estar terminando o doutorado e a expectativa e a apreensão da chegada de uma nova fase, que é a maternidade. Vivendo essa mistura de emoções em meio a uma pandemia que obrigou o mundo inteiro a se resguardar em casa para passar por uma quarentena sem data para o fim.

Consigo descrever o doutorado como um período de inspirações. Foram quatro anos de pesquisa, de leituras, de orientações, de interlocução com professores, colegas e outros pesquisadores de instituições diversas espalhadas pelo Brasil e em outros países também. Essa jornada não foi nada fácil: mudanças de planos e retomadas de rota foram uma constante. Além das inúmeras viagens João Pessoa - Recife, chegando sempre ao fim do dia esgotada, seja onde fosse o repouso: ou na capital pernambucana ou paraibana. A rotina era puxada. Quando que imaginei tratar de um tema tão difícil me obrigaria a ler fontes catalogadas de muitas áreas do conhecimento: Literatura, Educação, História, Filosofia, Teologia, Sociologia, Comunicação e Jornalismo. O arcabouço teórico construído foi vasto e certamente ficará marcado em minha história por toda a vida. Então, colocando os agradecimentos adequadamente, nada disso seria possível sem a ordem do divino. Agradeço a Deus por todo este trajeto, desde o dia da aprovação em novembro de 2015 até o dia da defesa e tudo que me reserva depois dela. Foram altos e baixos, frustrações e alegrias que me fizeram mais forte e resiliente como mulher, como profissional e acadêmica. Deus esteve comigo em todas as etapas e noites frias e quentes de leitura e abnegação aos estudos.

A Jocélio de Oliveira, meu marido, companheiro presente, que com a força do seu amor me motivou todos os dias. Ele é minha inspiração para os estudos de jornalismo, para a pesquisa acadêmica, para a vida. Juntos formamos uma família e em meio a partilha do dia a dia, muitas conversas sobre o tempo, sobre o que é ser jornalista e sobre o que nos impulsiona a fazer pesquisa aqui no Brasil. Com ele compartilho sonhos e planos para futuras aventuras acadêmicas ao redor do mundo. Sem ele, chegar até aqui seria improvável.

Aos meus pais, Manoel Vomildo e Maria José que me fizeram valorizar a importância de estudar. Proporcionaram sempre uma educação de alto nível e estiveram comigo com palavras de carinho e incentivo. Obrigada, por apoiarem e ajudarem a viabilizar meus projetos de vida.

Ambos passam junto a mim a quarentena e questionam todos os dias: “Falta muito para acabar a tese?”. Certamente, receberão com alívio a notícia oficial de conclusão dos quatro anos de doutorado. Sendo eu, a única da família (até aqui) a receber um título acadêmico tão alto.

Aos meus irmãos: Socorro Gomes, Volnei Gomes e Vitória Gomes. Sempre me acolheram com amor e ajudaram no que podiam para facilitar a caminhada, dando abrigo em Recife, uma palavra de apoio ou só um ouvido atento para que eu pudesse desabafar sobre a pesquisa. À minha cunhada Thaty Machado e aos meus sobrinhos João Victor, Fernanda e Vinicius, que proporcionaram momentos de relaxamento e paz em dias que já não aguentava mais estudar.

Ao meu orientador amado, Alfredo Vizeu. Nada poderia ser diferente. Não poderia ter outro orientador. Nos conectamos antes mesmo de nos conhecermos. Já conhecia a pesquisa desenvolvida por ele e dizia aos mais próximos o quanto o admirava. Jamais poderia imaginar que teria ao meu lado nesta caminhada uma das pessoas mais respeitadas do Brasil quando o assunto é jornalismo e telejornalismo. O “professor” me ouviu, incentivou, orientou e acolheu. Entendeu quando pedi para mudar a rota, me emprestou livros, revisou textos, escreveu outros tantos comigo. Pediu para refazer quando achava que era necessário e sempre dividiu comigo os louros e as falhas. Foi um amigo. Foi um parceiro. Foi e será sempre meu professor.

Aos amigos mais próximos que estavam sempre dispostos a ajudar: Rostand e Tatiana, Laerte e Cybele, Júlio César e Karla, Zuila e Hery, Tamires e Rafael. Alguns liam meus textos e me ajudavam na conexão das ideias e outros apenas diziam que ia dar tudo certo. Era o suficiente.

Aos colegas do PPGCOM: Ivo Henrique Dantas, José Maria Mendes, Ludimilla Carvalho, Carolina Cavalcanti, Luciana Araújo, Flora Freire, Ana Paula Bandeira e Kellyane Alves. Todos dividiam comigo as angústias e as alegrias de ser doutorando. Nos ajudávamos com o que podíamos: uma leitura, um lanche, um desabafo.

Aos professores Yvana Fachine, Karla Patriota, Heitor Rocha, Isaltina Gomes, com quem pude aprender em sala de aula e fora dela. Em especial à Professora Isaltina Gomes que aceitou a tarefa de colaborar com a tese com um prazo tão apertado.

À Roberta Bacelar, Cláudia Badaró e José Carlos Silva, secretários do PPGCOM. Obrigada pelos auxílios incontáveis prestados. Em especial à Roberta, que sempre me ajudou em tudo na caminhada dentro da UFPE.

Aos membros da banca de qualificação e de tese: Carlos Franciscato, Cristiane Finger, Heitor Rocha, Giovana Mesquita e Isaltina Gomes, que ajudaram a entender um pouco mais sobre as temporalidades.

Aos profissionais da RBS TV e da TV Globo Nordeste

À Capes pelo apoio financeiro para o desenvolvimento desta pesquisa.

Sem todos vocês, não haveria este trabalho. A todos, meu sincero respeito e gratidão.

Você quer parar o tempo
E o tempo não tem parada
(...)
O tempo em si
Não tem fim
Não tem começo
Mesmo pensado ao avesso
Não se pode mensurar.
(Alceu Valença - Embolada do tempo)

Fecho os olhos por instantes.
Abro os olhos novamente.
Neste abrir e fechar de olhos
já todo o mundo é diferente.
(Antonio Gedeão *in* Obra Completa)

RESUMO

A tese analisa a presença e investiga a demarcação das temporalidades nas rotinas da redação de um telejornal. Defendemos que as temporalidades funcionam no telejornalismo como modelos estruturais de organização do trabalho desempenhado pelos jornalistas. Este "ser profissional" é ativo no processo da consolidação das rotinas e atua como mediador entre o que chamamos de 'dispositivos de temporalidade', o formato do telejornal e a validação da informação. Tais dispositivos orientam, determinam, interceptam, modelam, controlam e asseguram os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres profissionais. Nosso objetivo é compreender o desenrolar das rotinas da redação a partir das percepções de tempo em consonância com a atuação profissional jornalística. Nesse sentido, acreditamos que são justamente essas temporalidades que orientam o profissional a como se posicionar durante a formatação do telejornal. Realizamos um estudo etnometodológico, com a aplicação das técnicas de observação participante e entrevista em profundidade semiestruturada em duas emissoras regionais brasileiras: RBS TV e TV Globo Nordeste. Registramos nossas impressões em um diário de campo, que serviu de base para a construção da análise e dos resultados. Foram observados os telejornais: Jornal do Almoço (RBS TV) e NE 1 (TV Globo Nordeste). Construímos cinco 'dispositivos de temporalidade', que foram identificados nos programas analisados: 1) preparação/adequação; 2) atenção total; 3) checagem geral; 4) tensões e orquestramento e o 5) planejamento do amanhã. Esse trabalho permitiu encontrar as marcas do tempo que atuam diretamente sobre o cumprimento das rotinas da redação, além de compreender como a influência dos dispositivos de temporalidade interferem no desenvolvimento da função prática do jornalista de TV.

Palavras-Chave: Telejornalismo; Rotinas da redação; Temporalidade; Dispositivos; Dispositivo de temporalidade.

ABSTRACT

The thesis analyzes the presence and investigates the demarcation of temporalities in the formatting of the routines of the newsroom. We argue that temporalities work in broadcast journalism as structural models for organizing the work performed by journalists. This "professional" is active in the process of consolidating routines and acts as a mediator between what we call 'temporality apparatus', the format of the news program and the validation of information. Such apparatus they guide, determine, intercept, model, control and ensure the gestures, behaviors, opinions and speeches of professional. Our goal is to understand the development of the routines of the newsroom based on the perceptions of time in line with professional journalistic performance. Thus, we believe that it is precisely these temporalities that guide the professional on how to position himself during the format of the news program. We carried out an ethnomethodological study, with the application of participant observation techniques and semi-structured in-depth interviews at two Brazilian regional broadcasters: RBS TV and TV Globo Nordeste. We had put our impressions in a field diary, which served as the basis for building the analysis and results. The newscasts were observed: Jornal do Manhã (RBS TV) and NE 1 (TV Globo Nordeste). We built five 'temporality apparatus', which were identified in the analyzed news programs: 1) preparation / adequacy; 2) total attention; 3) general checking; 4) tensions and orchestration and 5) planning for tomorrow. This work allowed us to find the marks of time that act directly on the fulfillment of the routines of the newsroom, in addition to understanding how the influence of temporality apparatus interfere in the development of the practical function of the TV journalist.

Keywords: Broadcast journalism; Newsroom routines; Temporality; Apparatus; Temporality' apparatus.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Redação da RBS TV	164
Figura 2 - Redação da RBS TV	167
Figura 3 - Switcher da RBS TV	181
Figura 4 - Switcher da RBS TV em perspectiva	184
Figura 5 - Redação da Globo Nordeste	195
Figura 6 - Switcher da Globo Nordeste	200
Figura 7 - Switcher da Globo Nordeste	203

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	A SOCIEDADE E O “TEMPO- RELÓGIO”	20
2.1	UM OLHAR SOBRE O TEMPO	20
2.2	DEFINIÇÃO DE TEMPORALIDADE	34
2.3	O MUNDO ORGANIZADO PELO TEMPO - MODERNIDADE E TECNOLOGIA	40
3	SOBRE O TEMPO NO JORNALISMO E TELEJORNALISMO	50
3.1	O TEMPO NO JORNALISMO: UMA BREVE DISCUSSÃO	50
3.2	O QUE É A PRESENÇA DO TEMPO NO TELEJORNALISMO	62
3.3	UMA PASSAGEM PELAS TECNOLOGIAS DO TELEJORNALISMO	75
4	AS TEMPORALIDADES NO TELEJORNALISMO	89
4.1	A TEMPORALIDADE QUE FUNCIONA COMO DISPOSITIVO	93
4.2	DISPOSITIVOS DE TEMPORALIDADES PRESENTES NAS ROTINAS DA REDAÇÃO	104
4.2.1	Dispositivo de temporalidade relacionado a preparação ou adequação	106
4.2.2	Dispositivo de temporalidade relacionada a atenção total	108
4.2.3	Dispositivo de temporalidade relacionada a checagem geral	110
4.2.4	Dispositivo de temporalidade relacionada a tensões e orquestramento	111
4.2.5	Dispositivo de temporalidade relacionado ao Planejamento do amanhã	112
5	JORNALISTAS, PRÁTICAS PROFISSIONAIS E TEMPORALIDADES	114
5.1	TEMPORALIDADES: AS ROTINAS DA REDAÇÃO	115
5.2	O <i>HABITUS</i> E O CAMPO NAS ROTINAS DA REDAÇÃO	124
5.3	QUEM É O JORNALISTA? O “SER PROFISSIONAL” DA REDAÇÃO	135
6	UM OLHAR SOBRE OS TELEJORNAIS DA RBS TV E TV GLOBO NORDESTE	148
6.1	CAMINHANDO: A ETNOGRAFIA E A ETNOMETODOLOGIA	151
6.1.1	Mapeando as redações	157
6.2	O JORNAL DO ALMOÇO E SEUS DISPOSITIVOS DE TEMPORALIDADE	162
6.2.1	Jornal do almoço hora a hora	166
6.2.2	Editor 1 do jornal do almoço: "gestor" das temporalidades	186
6.3	O NE 1 E SEUS DISPOSITIVOS DE TEMPORALIDADE	190
6.3.1	NE 1 hora a hora	192

6.3.2	Editor 1 do NE 1: "profissional" das temporalidades	205
7	CONCLUSÃO	209
	REFERÊNCIAS	215

1 INTRODUÇÃO

O que é o tempo? Neste exato instante que escrevemos esta introdução, temos internamente uma contagem de tempo particular para a entrega e defesa desta tese. Nas nossas contas estamos há quase 20 dias para conclusão de quatro anos de doutorado. Foram 48 meses de dedicação, quase 1460 dias de preocupação para delimitar o objeto de pesquisa, para realizar as leituras que serviriam de base e inspiração para a escrita. E, para fechar esta conta com mais um número, trabalhamos nesta pesquisa algo em torno de 30.000 horas. Não está equivocado quem ao ler algo tão detalhado sobre uma rotina de estudos, exclamar: “Nossa! quanto tempo!”. De fato, é espantoso se nos preocuparmos em ver apenas a frieza dos números. Porém, o tempo está muito além de contagens e medições e reside na subjetividade. Como as pessoas sentem o tempo? A sociedade delimita o tempo em dias vividos, com foco no presente, passado e futuro.

No jornalismo é corriqueiro o discurso do senso comum sobre o tempo. Ao estudar as rotinas da redação, encontramos contextos em que os integrantes estavam esgotados do processo e afirmavam com um semblante angustiado: “*O tempo é muito cruel. Temos tanto a fazer que falta até tempo*”. Mas, será mesmo que ele falta? Ou absortos em uma rotina profissional extenuante depositamos a culpa em algo que não podemos ver, mas que sentimos.

Este trabalho foi impulsionado pela prática. Antes de participar da vida acadêmica, dedicamos dez anos à luta diária no telejornalismo: vivenciando as rotinas da redação, tentando compreender o que era ser um jornalista profissional de TV, com todas as cobranças internas e externas, além de sentirmos uma pressão do tempo, que se mostrava até inconsciente. Discutir sobre as rotinas da redação era um assunto que despertava o interesse, pois nos sentíamos vítimas e agentes daquele processo sem explicação, ao menos para quem o vive diariamente. Desta época para cá, muita coisa mudou: a tecnologia remodelou o cenário e o telejornalismo passou por fases difíceis até se adequar a novos modelos de sobrevivência, em que a instantaneidade da informação e o uso de técnicas que favorecem a notícia em tempo real tornaram-se uma constante nas transmissões. O que faltava? Era necessário falarmos sobre o tempo dentro deste processo, mas não mais ele de fora, como influenciador indireto da formatação das rotinas, mas sim um agente do processo, um norteador, uma coordenada que assegura gestos, opiniões e decisões dos profissionais, os quais consideramos como os sujeitos das rotinas da redação.

Iniciamos uma descoberta teórica sobre o tempo. Passamos pela História, Filosofia, Ciências Sociais e Comunicação. É comum tratarmos do tempo apenas como o que estamos vivendo atualmente, o tempo presente, que também significa um tempo em construção,

marcado por objetos temporais e com típicas mensurações cronológicas que dão o compasso na formatação de um passado e futuro. No entanto, marcado por correntes teóricas, a exemplo do existencialismo e da fenomenologia, o conceito de tempo é empurrado para o campo da subjetividade e por muitas vezes é tratado por esta perspectiva, seja qual for a área do saber.

Para a condução deste trabalho a subjetividade não poderia ser dominante. Logo nos associamos ao conceito de temporalidade. Entendido como aquilo que nos rege diariamente. Seria a coordenada de tempo dentro da ação. O que nos orienta diariamente a tomar café da manhã, almoçar e jantar. Ou então, a levantar todos os dias às sete horas da manhã para ir ao trabalho. Para Berger e Luckman (1999) a experiência da vida cotidiana se constitui para além dos movimentos fragmentados que o ser humano produz em cada instante. O sentido de continuidade surge das relações que um indivíduo estabelece entre estes movimentos e os estoques de experiências e conhecimentos anteriores, em uma espécie de ligação tanto a um contexto sócio-cultural quanto processual, de sucessão histórica dos eventos. O que também é reafirmado em Elias (1998), que visualiza o tempo como marcas referenciais, gerando modelos sequenciais que permite às pessoas a se organizarem e programarem suas atividades em função do tempo. A regularidade das medidas temporais pode oferecer previsibilidade do próprio cotidiano. Assim, encontramos ligações diretas da temporalidade com a rotina da redação, na qual os jornalistas traçam uma ordem temporal para desenvolver suas atividades, a fim de cumprir o tão temido *deadline*.

Seguimos por este caminho. Compreender qual o papel das temporalidades na rotina da redação de um telejornal. Buscamos mapear o que serve de “gatilho” para que elas sejam acionadas diariamente e manuseadas pelos jornalistas, criando um regimento particular de articulação do telejornal.

While the structuring role of the time-factor in production cycles is almost invariably mentioned by sociologists who have studied journalists at work, this theme is rarely singled out for separate analytical treatment. (SCHLESINGER, 1987, p. 81)¹

Para ser acionada, esta temporalidade deveria ser visualizada como um dispositivo. Associamos então os dois conceitos. Prismas diversos sobre o que era um dispositivo foram colocados em confronto. Mas, estamos alinhados ao que pensa Agambem (2005), quando o autor afirma, a partir da visão foucaultiana, que o dispositivo é qualquer coisa que tenha a

¹ Enquanto o papel construtivo do fator tempo no ciclo produtivo é quase que invariavelmente mencionado pelos sociólogos que estudaram os jornalistas no trabalho, este tema é raramente isolado para um estudo analítico separado. (*Tradução livre*)

capacidade de orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar gestos, condutas, opiniões e os discursos dos seres viventes. Entendimento significativo quando se coloca em paralelo para observar a disposição de uma rede de elementos heterogênea. A redação seria um campo em que o dispositivo aparece para dar ordem a construção do processo. Para nós, este dispositivo inflama o sujeito, fazendo ele se sentir parte integrante e fundamental de um grupo, de uma comunidade.

Propusemos a hipótese de ‘**dispositivo de temporalidade**’, que pode ser definido como um elemento norteador dentro do telejornalismo, atuando diretamente no estabelecimento das práticas profissionais nas rotinas da redação. Quem articula estes dispositivos? A figura do editor-chefe do telejornal. Ao construir a hipótese de **dispositivo de temporalidade**, apresentamos cinco categorias que expressam essa ordem por meio do tempo dado ao espaço da redação pelos jornalistas: 1) preparação/adequação; 2) atenção total; 3) checagem geral; 4) tensões e orquestramento e 5) planejamento do amanhã. Num segundo momento, relacionando esta hipótese a outras bases teóricas, enxergamos que era preciso definir o papel do jornalista frente a estes dispositivos. Pois, como parte constituinte da nossa proposição, os sujeitos acionam os dispositivos para que as rotinas da redação sejam cumpridas em plena ordem: planejar - conferir - atender aos procedimentos - fechar o processo - organizar o dia seguinte.

Para que isso seja cumprido, os jornalistas criam modelos de repetição da atividade, que são compartilhadas quase que naturalmente pelo grupo de profissionais. O *habitus*, conceito de Bourdieu (2011), nos ajuda a compreender esse decurso, porque ele funciona como um conjunto de percepções e ações que introjetamos durante toda a vida e que nos ajuda a gerar estratégias para ver o mundo e atuar nele. O *habitus* facilita o cumprimento de atividades, pois internaliza esquemas que são adquiridos nas repetições da prática. Os jornalistas de TV, portanto, utilizam de um *habitus* partilhado entre eles para dar significado às rotinas cotidianas da redação. *Habitus* não existe sem campo, e neste caso, o espaço social é o campo, onde se constroem as relações e onde há a partilha do grupo. A redação é o nosso campo. Para funcionar diariamente, quase que em ritmo industrial, é necessário um processo repetitivo de atuação, que deve ser internalizado pelos sujeitos que atuam no desenvolvimento da atividade.

Orientados por Ruellan (2017), concebemos o jornalista que atua na redação do telejornal como o “ser profissional”. Este, precisa ser entendido como um sujeito que atua com suas particularidades de personalidade, mas também com a consciência de grupo, de classe, de construtor de uma identidade profissional e que precisa agir de acordo com etiquetas e valores que o mundo do profissionalismo ou corporativo oferecem.

Sendo assim, construímos o seguinte pensamento nesta pesquisa: os dispositivos de temporalidade dão ordem ao espaço social da redação e asseguram as decisões dos sujeitos que precisam ser tomadas dentro de um tempo destinado para a preparação do telejornal. Ao mesmo tempo, estes dispositivos fazem com que as práticas cotidianas se reafirmem todos os dias, auxiliando os jornalistas a se sentirem profissionais - seres profissionais - com uma percepção rotineira de trabalho, a partir de seus esquemas de repetição que dão lógica e sentido a tudo que é desenvolvido para fabricar um telejornal.

Para dar seguimento a esta pesquisa, desenhamos duas frentes de trabalho: 1) descobrir quais seriam estes dispositivos de temporalidade no desenrolar das rotinas de redação de um telejornal e 2) entender como estes dispositivos são operados dentro do processo, estruturando decisões, validando códigos e sendo articulados pelos jornalistas. Buscamos trazer uma viabilidade prática da hipótese a partir do estudo em dois telejornais de emissoras regionais brasileiras: O Jornal do Almoço, da RBS TV e o NE 1, da TV Globo Nordeste. Adotamos como objetivos específicos: 1) realizar uma investigação das temporalidades a partir da observação das rotinas das redações do Jornal do Almoço e do NE 1 e a partir desta experiência, 2) produzir um material teórico e descritivo sobre os dispositivos de temporalidade encontrados na avaliação das rotinas destas redações, utilizando como suporte entrevistas em profundidade semiestruturadas com os sujeitos jornalistas.

A construção desse arranjo teórico se concretiza ao longo de cinco sessões. Na **sessão 2**, o qual nomeamos como: **A sociedade e o “tempo-relógio”**, tratamos sobre as bases teóricas do tempo e de toda a sua subjetividade. Entendemos como as sociedades ao passar dos anos desenvolveram técnicas de marcar o tempo e de tratá-lo como uma coordenada que orienta da vida íntima cotidiana até as relações sociais e profissionais. Utilizamos o termo “tempo-relógio” para dar dimensão do uso de aparelhos que servem de bússola para os homens, orientando as fases da vida. Além disso, iniciamos a discussão sobre o que é a temporalidade e como poderíamos compreendê-la neste ambiente moderno e digitalizado, o qual nos encontramos atualmente, com uma forte presença das redes sociais e um atuação constante da internet na vida em sociedade.

Uma discussão sobre o jornalismo centrado na atualidade abre a **sessão 3**, nomeado por **Sobre o tempo no jornalismo e telejornalismo**. Aqui, seguimos com uma visão de uma experiência social do tempo. E, apoiados em Franciscato (2005), examinamos o jornalismo como uma prática social voltada para o tempo presente. O telejornalismo aparece nesta seção também, para entendimento de suas rotinas, de suas construções de temporalidade ao longo dos

anos, a exemplo da expansão das tecnologias que o envolvem e que se estabeleceram como parte integrante do seu processo de formatação.

Na **sessão 4**, está a defesa da nossa proposição: os '**dispositivos de temporalidade**'. Intitulada de **As temporalidades no telejornalismo**, é nesta seção que começa uma discussão sobre o que é, de fato, as temporalidades no telejornalismo, em quais instâncias aparecem e como poderiam ser explicadas. Em seguida, levantamos um confronto de perspectivas sobre o que é dispositivo. Seguimos com o que é defendido por Agambem (2005) e depois relacionamos as duas interpretações principais desta tese: temporalidade e dispositivo. Os dispositivos de temporalidade dão ordem ao espaço da redação e geram certeza ao que é desenvolvido pelos jornalistas na lida diária da rotina. São dispositivos, porque a cada hora eles são disparados para que o jornalista desenvolva uma ação diferente no desenrolar da fabricação do telejornal. Eles não são materializados por aparatos tecnológicos, são relativos à disposição das coisas, aquilo que ordena. Apresentamos então, um a um, os cinco dispositivos que visualizamos nas rotinas da redação dos telejornais pesquisados.

A **sessão 5**, nomeado por **Jornalistas, práticas profissionais e temporalidades**, reúne demais conceitos teóricos que entendemos ser de grande valia para a construção do nosso pensamento sobre temporalidade e telejornalismo. A começar pela compreensão do desenvolvimento das rotinas da redação, seguindo pela pergunta: quem é o jornalista - o "ser profissional" da redação? Ruellan (2017) nos dá o norte para essa linha de entendimento e por fim como e onde esses profissionais atuam. Nesta parte, utilizamos os conceitos de Bourdieu (2011): o *habitus* e o campo, para assim situarmos a posição do jornalista dentro deste processo de disparo dos dispositivos de temporalidade e como ele é afetado e afeta o espaço social da redação.

Por fim, a **sessão 6**, denominado de **Um olhar sobre os telejornais da RBS TV e da TV Globo Nordeste**, é justamente nesta seção que reside nossa observação participante, com a análise das rotinas da redação do Jornal do Almoço e do NE 1. Acompanhamos por três dias as atividades cotidianas de cada um dos dois editores-chefe, responsáveis por modelar os telejornais. Nossa pesquisa foi realizada em telejornais que estavam situados na faixa de horário a qual chamamos de "horário do almoço", essa escolha se deu por ser telejornais que começam a ser produzidos e terminam no mesmo dia, tendo um espaço de tempo apertado para serem produzidos. Aplicamos como método de pesquisa a etnometodologia, mas não descartamos ferramentas caras à etnografia. A exemplo do diário de campo, assim como nos sugere Lago (2007), além da aplicação de entrevistas em profundidade semiestruturadas realizadas com os editores-chefe que estavam à frente do processo de estruturação dos telejornais. Tais entrevistas

nos ajudaram a comprovar a existência dos **dispositivos de temporalidade**. Bem como, foram essenciais para traçarmos os perfis dos dois editores que atuavam plenamente como os sujeitos - os “seres profissionais” das redações pesquisadas.

Em seguida, finalizamos o nosso trabalho apresentando nossas considerações finais, propondo sugestões para novos estudos neste seguimento das temporalidades, além de refletir sobre a importância de se compreender o tempo nos estudos do telejornalismo.

2 A SOCIEDADE E O “TEMPO- RELÓGIO”

2.1 UM OLHAR SOBRE O TEMPO

Na vida diária não nos perguntamos sobre a natureza das coisas que nos cercam ou com que lidamos. Todos os dias organizamos os nossos horários para o cumprimento das tarefas cotidianas, contornamos situações difíceis para dar conta das atribuições relacionadas a carreira profissional e pessoal. Sabemos como otimizar nossa agenda e não precisamos nos preocupar com o que é o tempo, quais são suas características e de onde surgiram os modelos de contagem que usufruímos atualmente.

Assim como Elias (1998), para nós o tempo não pode ser determinado como uma ‘coisa’, mas sim como algo relacional que está presente no cotidiano de todos nós. Ele não existe apenas no imaginário, mas além de o experimentarmos, nós nos relacionamos com ele, por meio de dimensões materiais que são partilhadas por indivíduos e grupos sociais, mas também por meio de valores simbólicos, que figuram no campo cultural, como por exemplo, compreender que o jornalismo apresente um resumo dos fatos mais importantes acontecidos durante um dia. Para tanto, como também afirma Elias (1998), é preciso que para se estudar o tempo, que ele seja compreendido como parte fundamental de uma rede de relações muito complexa, em que o mesmo apareça como essência integradora dessa rede.

A evolução das sociedades permitiu que o tempo² ganhasse significados em diferentes contextos, o que permitiu o surgimento de compreensões temporais diferentes em cada modelo de sociedade existente. Em geral, as pessoas se referem ao tempo como presente, passado e futuro. Seja dentro do universo dos dias, meses e anos, seja na amplitude de contagem de tempo particular.

O tempo é o que passa - presente, passado e futuro - ao passo que a temporalidade é a construção social do tempo; construção historicamente mutável e socialmente específica. (...) O tempo, por sua vez, engloba temporalidades distintas que ocorrem em sucessão, mas ao mesmo tempo, interagem na simultaneidade que as abrange, devendo ser compreendidas a partir de ambas as perspectivas. São temporalidades, ainda que possuem ritmos diversos, durações contínuas, às vezes descontínuas, outras, e diferentes dimensões da vida social, cultural, política e econômica. (SOUZA, 2016, p. 08)

² De acordo com o Dicionário Etimológico, a palavra tempo tem origem no latim. Ela é derivada de *tempus* e *temporis*, que significam a divisão da duração em instante, segundo, minuto, hora, dia, mês, ano, etc. Os latinos usavam *aeuum* para designar a maior duração, o tempo. Disponível em: www.dicionarioetimologico.com.br/tempo/. Acesso em: 25 de setembro de 2017.

O conceito de tempo situa-se entre objetividade e subjetividade. O ser humano constrói sua temporalidade. Este mesmo homem autônomo em relação a vivência do tempo apresenta-se em continuidade e precisa ser ordenado e normatizado para o aproveitamento do mundo da vida. O próprio mundo, visto como espaço social, e as sociedades necessitam ser organizados de modo que seja possível viver. A contagem do tempo, então, apresenta-se como uma alternativa singular frente a necessidade de ordenar o mundo. O homem, neste caso, aparece como um personagem permanente no processo de construção temporal. Neste vai e vem do tempo e do mundo, há valores simbólicos que possuem um papel importante, mesmo com sistemas de contagem das horas, a fim de buscar uma otimização dos dias, o futuro apresenta-se imprevisível, de forma que essa imprevisibilidade origina as diversas correntes de estudo sobre o tempo. (SOUZA, 2016)

O mundo moderno aproveitou-se de um tempo objetivado, que tem como pontos referenciais o relógio e o calendário. Desse movimento aparece um modelo de vida acelerada, movida pela tecnologia e composta por percepções diferenciadas de tempo e espaço.

[Mesmo apresentando-se dentro de uma lógica objetiva] este é também um tempo subjetivo, estritamente individual e marcado por acontecimentos mais ou menos relevantes, por ansiedades e esperas, por contatos, aproximações e distâncias que derivam da simbologia outorgada de forma diversa a momentos que se diferenciam, embora sejam quantitativamente homogêneos (SOUZA, 2016, p. 14) [Grifo nosso].

O autor ainda defende que este tempo, mesmo sendo formado por experiências culturais e sociais, é também uma construção intencional. O homem molda o tempo ao seu modo de vida e de vivências pessoais. Cria temporalidades únicas dentro do seu próprio espaço. Octavio Ianni (2011, p. 298) diz que “Cada tempo inventa o seu tempo. O tempo é uma criação social, um produto da atividade humana, uma invenção cultural”. Cada sociedade define o tempo a partir do seu modo particular de vida. Ao compasso dessa vivência cotidiana do tempo, que pode parecer desprovida de profundidade e dotada de muito senso comum e poesia, nela que subsiste a fundamentação de toda compreensão exterior. “O tempo não está fora de nós, nem é algo que passa à frente de nossos olhos como os ponteiros do relógio: nós somos o tempo, e não são os anos, mas nós que passamos. O tempo possui uma direção, um sentido, porque ele é nada mais que nós mesmos” . (PAZ, 1982, p. 69)

A fragmentação de linhas de pensamento nos entrega uma difícil rede de conexões, necessária para compreensões de questões do cotidiano. Desses diferentes sentidos de tempo podem surgir conflitos sérios. É, inclusive, muito complexo traçar uma delimitação teórica

única a respeito deste tema. O que nos preocupa é deixar claro que o tempo por ser uma construção social e cultural faz com que cada sociedade e, mais, cada grupo social, se relacione com ele de forma diferente. “Dessa perspectiva materialista, podemos afirmar que as concepções de tempo e do espaço são criadas necessariamente através de práticas e processos materiais que servem à reprodução da vida social”. (HARVEY, 2008, p. 189)

O desenvolvimento de novos modelos de organização social surgidos durante a revolução industrial, no século XIX, ancorou uma série de transformações nas sociedades ocidentais, a exemplo da forte industrialização impulsionada pela energia elétrica, pelo uso do motor a explosão e também pelo desenvolvimento de produtos químicos, facilitando a criação de uma doutrina de controle do tempo e manipulação da rotina cotidiana. O invento do relógio introduziu precisão no que diz respeito as medições do tempo e alavancou a importância de utilizar técnicas de mensuração em vários campos da ciência (FRANCISCATO, 2005). É relevante destacar que as pessoas passaram a sentir necessidade de medir o tempo para realizarem as tarefas da vida cotidiana com maior rigor, no intuito de aproveitar o dia para desempenhar as funções que lhes cabiam.

O relógio é um invento porque foi aprimorado com a criatividade e o uso dos conhecimentos científicos. Foram milhares de anos para que a humanidade aprendesse a organizar as unidades de materialização do tempo, para que servissem de orientação no contexto das relações sociais. Os mecanismos de medição foram absorvidos pelas sociedades avançadas e funcionaram com facilidade e aceitação.

Há uma simbologia na figura do relógio. Nos escritos bíblicos há, por exemplo, referência, como no Evangelho de Mateus (27:45) “E desde a hora sexta houve trevas sobre toda a terra, até a hora nona”. Essa menção revela que o relógio significa mais que apenas um aparato de contagem, é algo ligado a construção da história. Os primeiros relógios existem desde a Antiguidade. Rudimentares e com pouca efetividade, os exemplares serviram de base para os modelos mais modernos que encontramos hoje no mercado. À medida que a ciência foi avançando e o conhecimento foi sendo disseminado, houve um aumento na busca por aparelhos de medição de tempo. Os relógios tornaram-se indicadores de perícia e habilidade ao manusear o tempo da vida. Durante essa expansão de conhecimento, criou-se o termo horologia, fazendo referência a uma área da ciência dedicada a estudar métodos reais de contagem de tempo³ (SILVA, SILVA E BRANDÃO, 1993).

³ SILVA, Ivan Mourilhe; SILVA, Paulo Mourilhe; BRANDÃO, Zulmira de Almeida. Os Relógios e sua Evolução. Observatório Nacional, Departamento Serviço da Hora, Rio de Janeiro, 1993. Disponível em: <http://pcdsh01.on.br/histrelog1.htm>. Acesso em: 23 de janeiro de 2019.

O valor das horas do dia sempre seguiu critérios morais e sociais que variam historicamente. Ao compasso da evolução do homem, da consequente descoberta de técnicas e a resolução de problemas relacionados às atividades laborais, os critérios de diferenciação e normatização do tempo foram sendo historicamente determinados (SOUZA, 2016). De forma que, com a expansão das ciências e dos povos, a compreensão do homem sobre seu papel no mundo e a adoção de modelos de organização para melhor aproveitamento da vida, os modos de contagem do tempo vivido foram sendo alargados e adotados naturalmente e, podem ser detalhados em uma cronologia histórica, que demarca profundas mudanças na concepção do homem como sujeito ativo frente ao seu próprio tempo.

Sempre esteve claro que nossa passagem pela vida tinha um tempo determinado para acabar, porém, as circunstâncias indicavam que era possível aproveitar melhor os dias que vivemos, acumulando atividades diversas que fariam os dias dos homens valerem à pena. De fato, este é um pensamento ligado à religião, mas que inspirou a ciência em busca de um aproveitamento intenso dos dias. Em Confissões (2005), Santo Agostinho reitera essa notícia de sermos finitos e antes de gozarmos da eternidade teríamos como alternativa preencher os nossos dias com o que ele denomina de ‘movimentos passageiros’.

Compreenderá então que a duração do tempo não será longa, se não compuser de muitos movimentos passageiros [ações sucessivas transitórias]. Ora, estes não podem alongar-se simultaneamente. Na eternidade, ao contrário, nada passa, tudo é presente, ao passo que o tempo nunca é todo presente. Esse tal verá que o passado é impelido pelo futuro e que todo futuro está precedido dum passado, e todo passado e futuro são criados e dimanam d’Aquele que sempre é presente. Quem poderá prender o coração do homem, para que pare e veja como a eternidade imóvel determina o passado e o futuro, não sendo ela nem passado e nem futuro? (SANTO AGOSTINHO, 2005, p. 242)

O homem visto como ser finito necessitava adotar técnicas que contribuíssem para aproveitar melhor seus dias, ter neles prazer, isso antes de desfrutar da eternidade, na qual os escritos religiosos indicam que teremos gozo infinito. A divisão entre noite e dia, as horas totais de um dia, a quantidade de dias em um ano estavam sempre associados a profecias e a orientações religiosas, o que demarcava uma presença forte dos costumes dos povos e sua ligação com instituições como a Igreja. Porém, a adoção de métodos científicos elementares contribuíram para a confecção dos primeiros exemplares do relógio, o que indicava uma certa resistência aos ditos religiosos. A ciência aparece como transgressora deste pensamento do desfrute de uma vida plena apenas na eternidade.

Como os primeiros modelos de relógio eram imprecisos, foi importante a contribuição das descobertas científicas que basearam o aperfeiçoamento do instrumento. Os primeiros relógios mecânicos surgiram na sociedade medieval. As atividades nos mosteiros da época demandavam pontualidade, o que requeria bom uso dos horários e submissão ao tempo. Demarcamos assim o caminho de entendimento do que é o tempo-relógio: foram as necessidades da vivência social que instigaram o surgimento de uma cultura voltada para a limitação de horas e suas diversificadas formas de mensuração. Souza (2016, p. 134) destaca que os primeiros relógios mecânicos foram colocados em espaços públicos, uma forma de orientar as pessoas sobre o tempo, de normatizar a cadência da vivência cotidiana. “Em 1292 é construído o relógio na catedral de Canterbury e em 1352 é construído o relógio da catedral de Strasbourg. É importante salientar, os primeiros relógios mecânicos construídos eram instalados em espaços públicos, e não necessariamente em igrejas”.

É útil dizer que destacamos os usos do relógio no Ocidente pois há um contraste com o modo de percepção do tempo no Oriente. Para os orientais, há um modelo de apreensão temporal mais voltado ao aproveitamento das relações e a valorização dos costumes. Na época do surgimento dos relógios na China, por exemplo, os artefatos eram mais vistos como brinquedos e curiosidades, do que necessariamente um instrumento de contagem, o que representava que o relógio não exercia influência social. Nas sociedades ocidentais, o relógio, assim como o próprio tempo ganhou um sentido mais progressista e utilitário (SOUZA, 2016). Aos poucos, os relógios apareceram nas sociedades ocidentais como um símbolo do avanço científico e que determinavam que o tempo poderia e deveria ser mais produtivo. Essa concepção de tempo mais ligado à produtividade das atividades laborais tornou-se uma fixação das sociedades ocidentais. Os membros desta cultura permitem que todas as suas atividades sejam reguladas pelo relógio. É natural, então, que ele exerça força no desenvolvimento de uma civilização industrial. (MOORE, 1963).

Qual foi o impacto decorrente da popularização e sofisticação dos relógios mecânicos em termos de percepção do tempo? O tempo, que até então era marcado de modo irregular e sazonal, passou a ser mensurado de forma uniforme e contínua. Com isso, ele passou a ser visto progressivamente como uma categoria neutra, homogênea e contínua e sua duração passou a seguir mais o ritmo da produção, deixando em segundo plano datações lúdicas e vinculadas a outros critérios que não fossem seu transcorrer em termos de dias, horas e minutos (SOUZA, 2016, p. 137).

Reconhecemos portanto a importância da mensuração para a condução do progresso das sociedades ocidentais. A força do tempo-relógio fez com que os povos focassem no desenvolvimento das cidades, de seus ofícios e utilizassem a medição de tempo para atingir níveis cada vez mais altos de progresso seja coletivo ou particular. Esse processo não foi homogêneo e linear. Do ponto de vista social, a cultura do relógio apresenta-se gananciosa e transforma o homem em um ser controlado pelo fluxo infinito dos ponteiros. Mas, observamos outros dois pontos dentro dessa perspectiva: o geográfico e o histórico.

Geograficamente, as comunidades que estavam localizadas próximas às igrejas foram as que primeiro tiveram contato com o artefato, já que o mesmo era instalado nas torres dos mosteiros e catedrais. O impacto do relógio foi sentido no início só por alguns povos. O que dificultou a difusão rápida da cultura do tempo em áreas rurais e que ficavam distantes dos aparelhos instalados em espaços públicos com grandes concentrações de pessoas. Febvre (2009) ressalta que mesmo com a presença dos relógios, a vida cotidiana era sentida e percebida pelo ressoar dos sinos. A religião tinha um papel normativo na vida das pessoas, e referendava até o modo como o homem poderia se relacionar com o tempo. Em países como Inglaterra e Holanda, os relógios estão diretamente relacionados a expansão das navegações e a valorização das artes, já que era utilizado em palácios como objeto de decoração e representavam um certo conhecimento estético (SOUZA, 2016).

O relógio, em sua origem, é relacionado a uma consciência de vivência de tempo mais coletiva, centrado em uma normatização e melhor aproveitamento dos dias. Historicamente, ele determina uma virada na concepção do que é o tempo, como aproveitá-lo e como ele está relacionado ao desenvolvimento das cidades, a crença nas inovações e ao aperfeiçoamento pessoal. As Instituições passaram a dar credibilidade ao relógio e ele apresentou-se como um aparato importante para o desenrolar da vida em sociedade, determinando, por exemplo, a evolução dos transportes (para que ficassem mais rápidos e ajudassem as pessoas no cumprimento dos compromissos diários), a emergência de meios de comunicação mais sofisticados, as rotinas laborais mais intensas e ainda a valoração da vida, como algo que precisa ser aproveitada, já que em linhas gerais, o tempo humano é finito.

Destacamos um exemplo de como a presença do relógio teve impacto na concepção de rotina das pessoas e acabou criando uma rede baseada em inovação, que exerceu influência no desenvolvimento dos transportes e também nos meios de comunicação, datando historicamente a evolução das cidades e marcando o progresso dos povos. Na Inglaterra, ao fim do século XVIII, a rede unificada de transporte público obrigou a prestadores de serviço e também a

população a se adaptarem a rigidez das horas, com a exigência da pontualidade e a cronometragem. Os trens entregavam correspondências e para eficiência do serviço público foi necessário que as pessoas incorporassem a implacabilidade do relógio em seu cotidiano (WHITROW, 1993). Outro exemplo dado pelo autor marca uma espécie de virada de concepção coletiva das horas para uma visão particular. Whitrow (1993) afirma que na Primeira Guerra Mundial já existiam os primeiros exemplares do relógios de pulso, que foram determinantes nas ações coletivas nos frentes de guerra, pois os homens no campo de batalha podiam orientar-se e fazer cálculos pessoais relacionados aos momentos de tensão na batalha.

A perspectiva mais individualizada de consultar as horas fez com que o homem se percebesse como protagonista de seu próprio tempo e estabelecesse uma rotina cronometrada da vida diária particular. McLuhan (2005) afirma que houve um impacto psicológico no período de consolidação do relógio nas sociedades modernas, já que as unidades de tempo passaram a ser visualizáveis. O homem passou a se tornar impaciente frente a avalanche de acontecimentos no mundo que o cercava, não conseguindo mais suportar a lentidão das descobertas. O relógio impactou também as funções orgânicas. Comer e dormir precisaram ser adaptados às horas e não mais a um alerta corporal. A sazonalidade e a recorrência uniforme foram transformados em instantes dotados de importância diante da normatização da vida.

A modernidade trouxe essa característica mais individualizada do relógio. A necessidade de uma maior precisão de viver mudou a forma como as pessoas passaram a se relacionar com o tempo. A marcação das horas passou a fazer parte do cotidiano, o que nunca havia ocorrido antes com tamanha força. Embora tal necessidade mude de indivíduo para indivíduo e de modos de vida social coletiva, esta é uma característica que o relógio implantou e que se sobressai na contemporaneidade.

É necessário ressaltar um modo de compreensão do tempo mais relacionado ao capitalismo. O avanço da tecnologia e o aperfeiçoamento do relógio compuseram uma soma de grande força para o advento do capitalismo. As relações de trabalho e a produção em uma sociedade estão ligadas as formas de mensuração precisa do tempo. Os homens de negócios são vistos como homens ocupados e que não podem dispor do ócio. O tempo dos homens é necessariamente o da vida pública. Na qual, um dia improdutivo representa uma perda, de forma que esse lucro que poderia ser ganho neste dia ocioso jamais retornará no futuro. E essa mentalidade capitalista forjou o tempo do trabalho, que saiu da alçada do trabalhador e passou para a do patrão. O que desencadeou uma série de lutas históricas que reivindicavam a necessidade de jornadas laborais menos extenuantes e mais voltadas à possibilidade de viver melhor, por parte do trabalhador.

O capitalista comprou a força de trabalho por seu valor de uma jornada. Adquiriu, pois o direito de fazer o operário trabalhar o dia inteiro a seu serviço. Mas, que é um dia de trabalho? É, em todo o caso, uma coisa menos longa do que um dia natural. Quanto? Sobre esse limite necessário da jornada de trabalho, o capitalista tem sua maneira de ver especial. O tempo durante o qual o operário trabalha é o tempo durante o qual o capitalista consome a força de trabalho comprada. Se o assalariado consumir para si mesmo o tempo disponível, estará roubando o capitalista (MARX, S/D, p. 36).

O tempo da mais valia está diretamente relacionado ao tempo do relógio. A precisão das horas está relacionada às melhorias salariais e, conseqüentemente a compreensão do homem quanto ao seu valor e a sua presença no contexto social. Ao compasso que o tempo é tido como bússola dentro da organização laboral, aspectos específicos que aparecem diluídos nesta questão, como: a apropriação do pensamento que o tempo é dinheiro, deve ser explorado e debatido.

E o movimento operário, a partir do século XIX, além de lutar por melhores salários e condições de vida, lutou também pelo tempo do operário. Tal luta investiu contra a inflexibilidade dos horários de trabalho, a transformação obsessiva do tempo em dinheiro, a apropriação do tempo por parte dos patrões e a criação de uma disciplina temporal que criava restrições ao uso do tempo por parte do operário e pretendia a criação de uma hegemonia temporal (SOUZA, 2016, p. 145).

Na Europa, as jornadas de trabalho apresentavam-se demasiadamente longas. A dura imposição de uma vida industrial, cada vez mais urbana e capitalista ocorreu em oposição a um modelo de vida rural. Antes, as sociedades tinham um amparo coletivo na condução do dia, do trabalho e das relações. Depois, as pessoas passaram a adotar uma industrialização do tempo, relacionando o número de horas produtivas com os ganhos materiais. Quanto mais tempo dedicado ao trabalho mais possibilidade de ganhar dinheiro e aumentar lucros e luxos. Encontramos relação com o que Debord (1997) denomina de tempo produção. “O tempo da produção, o tempo-mercadoria, é uma acumulação infinita de intervalos equivalentes” (DEBORD, 1997, p. 103). Este raciocínio sobre a história do tempo-relógio entrelaçando-o com o capitalismo, relaciona o tempo ao poder.

A apropriação social do tempo, a produção do homem pelo trabalho humano, desenvolvem-se numa sociedade dividida em classes. O poder que se constituiu sobre a penúria da sociedade do tempo cíclico, a classe, que organiza este trabalho social e se apropria da mais-valia limitada, apropria-se igualmente da mais-valia temporal da sua organização do tempo social: ela

possui só para si o tempo irreversível do vivo. A única riqueza que pode existir concentrada no sector do poder, para ser materialmente despendida em festa sumptuária, encontra-se também despendida aí enquanto delapidação de um tempo histórico» da superfície da sociedade. Os proprietários da mais-valia histórica detêm o conhecimento e o gozo dos acontecimentos vividos. Este tempo, separado da organização colectiva do tempo que predomina com a produção repetitiva da base da vida social, corre acima da sua própria comunidade estática. É o tempo da aventura e da guerra, em que os senhores da sociedade cíclica percorrem a sua história pessoal; e é igualmente o tempo que aparece no choque das comunidades estranhas, a alteração da ordem imutável da sociedade. A história sobrevem, pois, perante os homens como um factor estranho, como aquilo que eles não quiseram e do qual se julgavam abrigados. Mas por este rodeio regressa também a inquietação negativa do humano que tinha estado na própria origem de todo o desenvolvimento que adormecera (DEBORD, 1997, p. 128).

Essa digressão baseada na história apresenta-se necessária, não a fim de contextualizar datas ou relatos históricos, mas nos ajuda a compreender a presença e o impacto da criação dos artefatos de contagem de tempo, como o relógio, dentro da sociedade, fazendo com que grupos sociais passassem a se organizar em torno de rotinas temporais. O artefato, nesse caso, colabora para a desenvolvimento profissional e pessoal. É o caso dos jornalistas, que guiados pelo relógio realizam suas tarefas em um ambiente acelerado e movimentado pela força do presente.

O relógio modificou a forma do homem se relacionar com o tempo. Antes uma vida mais suave e recorrente, linear, provida coletivamente passou para uma vivência mais particular, dotada de valores relacionados ao progresso e ao poder, no qual o homem pretende sempre auto afirmar-se como protagonista em suas relações profissionais, indicando que o sucesso na prática laboral depende apenas dele, sendo necessário esforço constante para render mais a cada dia. A repetição dos atos no cotidiano, a fixação nos ganhos da produtividade e a incessante angústia de viver o tempo o mais rápido possível foram ganhando contornos ainda mais severos com a chegada da modernidade. O homem passou a ser vítima de um processo racionalizado e automatizado de produção e consumo. Esse movimento é contínuo, só cresce, de forma paralela ao desenvolvimento tecnológico que experimentamos nos dias atuais.

Sem dúvida, acreditamos que a legitimidade e o alcance dos instrumentos de contagem de tempo residem na evolução da ciência e na expansão do conhecimento. O relógio aos poucos passou a dispor de um força que ultrapassa o caráter simbólico. Dito isso, afirmamos que a sociedade moderna do tempo-relógio foi esculpida como um mosaico de atos temporais individuais, praticados por seres individuais que conduzem a coletividade e criam um modo social de vivência das instâncias de tempo. A multiplicidade dos homens traduz-se por uma forma de

ordem singular. Mas, as especificidades sociais não podem ser explicadas ou compreendidas somente a partir do indivíduo. É importante visualizar toda a conjuntura.

Ao longo da escrita foi reiterado que partimos da afirmação que o relógio alcançou importante papel na sociedade graças a penetração da ciência no campo social. Trocas entre ciência e sociedade são positivas. Ora são neutras; outras vezes apresentam-se como negativas. As exigências de grupos que detém o poder político-econômico e pressões vindas de interesses particulares podem fazer com que a ciência seja tida como um instrumento de poder e que sorrateiramente modifique o comportamento social. Amiúde, o tempo refinado em uma dimensão simbólica fixou-se como uma representação de uma vasta rede de relações que movimenta-se rapidamente impulsionada pelas descobertas científicas. Nesta rede reúnem-se sequencias sociais, individuais e próprias da natureza. O tempo, antes uma mera coordenada, hoje pode ser tido como um valor que dá base a organização social e instiga o homem a utilizar a ciência para alcançar a confiança no controle da vida.

Os homens na atualidade objetificam as qualidades do tempo, em um modo de vivência industrial voltado para os ganhos e a produtividade. Por outro lado, também é possível que o progresso e o avanço do conhecimento a respeito desta coordenada tenham promovido mudanças relacionadas ao ser e ao experimentar, de modo que enxerguemos o tempo como algo mais relacional, próximo e presente. Prevalece-se aqui a ideia de que os processos de mudança, da existência de um devir, da presença da modernidade e de revolução fazem com que haja uma aniquilação das barreiras espaciais a ponto de transformar o tempo em uma noção de progresso. Portanto, quanto mais uma sociedade avançar, no que diz respeito à modernização, mais saltos no tempo dará. Um pensamento mais voltado à riqueza da noção temporal do que a prevalência espacial.

A objetividade do tempo apresenta-se nas formas de medi-lo. É possível que tratemos como banalidade a repetitividade dos atos cotidianos que são utilizados como demarcações temporais próprias, mas a força do tempo está no sistema utilizado pelas pessoas para viver, trabalhar, descansar. Toda e qualquer organização social necessita construir temporalidades a fim de formatar seus indivíduos.

Os relógios não medem o tempo? Se eles permitem medir alguma coisa, não é o tempo, não é o tempo invisível, mas algo perfeitamente passível de ser captado, como duração de um dia de trabalho ou de um eclipse lunar, ou a velocidade de um corredor na prova dos cem metros. Os relógios são processos físicos que a sociedade padronizou, decompondo-se em sequencias-modelo de recorrência regular, como as horas ou os minutos. Essas sequencias podem ser idênticas em toda a extensão de um país, ou até de vários, quando

a evolução da sociedade o exige e o autoriza. (...) Quando necessário, os homens utilizam o processo socialmente padronizado para comparar, por via indireta, processos que não podem ser diretamente corteados. (...) Sabe-se que os relógios exercem na sociedade a mesma função que os fenômenos naturais - a de meios de orientação para homens inseridos numa sucessão de processos sociais e físicos (ELIAS, 1998, p 07).

Essa presença do relógio nas sociedades modernas não pode ser tida como única forma de medição do tempo vivido. Elias (1998, p. 15) é enfático ao dizer que nas “sociedades avançadas, os relógios ocupam um lugar preferencial dentre os dispositivos destinados a representar o tempo, mas não são o tempo”. As mensurações de tempo ultrapassam o trabalho realizado pelo ponteiro do relógio e as compreensões que embasam a materialização do tempo não podem ficar presas a um artefato. Esse embate entre o processo físico, de caráter instrumental e sua função social abre caixas de reflexão, em especial no mundo moderno. Fazendo o contraponto com nosso objeto de estudo, nas redações de TV, os profissionais ficam ligados às marcações do relógio e desenvolvem um discurso voltado para isso, quando na verdade, a preocupação é o cumprimento do *deadline* para atender às demandas do público, o que determina uma vivência particular e simbólica dos integrantes desta prática social.

É comum ver a preocupação das pessoas com a efetivação do trabalho. Elas estão sempre atentas ao tempo gasto desempenhando suas atividades laborais. Costumeiramente afirmamos que o tempo está curto e que estamos ocupados demais, isto com base nas horas marcadas pelo relógio. “O tempo, quanto mais ocupado, dá-nos a impressão de ser curto, ou seja, a apreensão do tempo varia em como nós nos apropriamos dele”. (FILHO, 2012, p. 60).

De forma cíclica e repetitiva o homem mantém seu sentido de permanência no mundo. Estabelecemos como nossa referência temporal os atos do cotidiano, a exemplo de: tomar café da manhã, almoçar e jantar, ir e voltar do trabalho, dormir e levantar. E também delimitamos nossa relação com o futuro por meio de celebrações das festas de aniversários, Réveillon, o Natal, entre outros festejos. Estes momentos nos oferecem segurança em um terreno desconhecido, já que o futuro é tido sempre como incerto. E, é assim que nos relacionamos com o tempo. Criamos demarcações sociais por meio de recursos que nos fazem ter a crença que estaremos presentes no futuro retilíneo que concebemos em nosso imaginário. O progresso e o avanço das sociedades podem seguir em franca expansão, mas internamente teremos nossos referenciais de tempo, agindo como formato normativo de sobrevivência social.

Já em outra concepção de tempo social, quando, por exemplo, olhamos o relógio e vemos que o ponteiro já marca duas horas da tarde e nos damos conta que ainda não almoçamos

por causa dos afazeres do início do dia, fixamos um marco temporal interno e nos responsabilizamos por não seguir a coordenada social de tempo. Isso, claro, é dependente de um indivíduo que exista em uma sociedade em que se convencionou que o horário do almoço é ao meio-dia. Essa coordenada pode variar de acordo com o indivíduo e de acordo com a organização dos grupos sociais. Mesmo assim, com esse exemplo, demarcamos um modelo de apropriação do artefato para cumprimento de processos normativos. Ele nos passa a mensagem que o horário de almoçar foi ultrapassado, acionando o alerta de que é necessário se alimentar naquela faixa de horário ou então sentiremos fome e/ ou comeremos em uma maior proporção na próxima refeição. O social, o individual e o biológico se cruzam neste dado momento. É importante dizer, neste caso, que o tempo funciona como uma síntese que relaciona posições que se situam nas sucessão dos eventos do mundo físico, no movimento da sociedade e na demarcação da vida individual.

Assim como os relógios e os barcos, o tempo é algo que se desenvolveu em relação a determinadas intenções e a tarefas específicas dos homens. Nos dias atuais, “o tempo” é um instrumento de orientação indispensável para realizarmos uma multiplicidade de tarefas variadas. Dizer, porém que é um meio de orientação criado pelo homem traz o risco de levar a crer que ele seria *apenas* uma invenção humana. E esse “apenas” traduz nossa decepção diante de uma “ ideia” que não seja o reflexo fiel de nenhuma realidade externa. Ora, o tempo não se reduz a uma “ ideia” que surja do nada, por assim dizer, na cabeça dos indivíduos. Ele é também uma instituição cujo caráter varia conforme o estágio de desenvolvimento atingido pelas sociedades (ELIAS, 1998, p. 15) [Grifo do autor].

Foram necessários milhares de anos para que as sociedades conseguissem aperfeiçoar as ferramentas de organizar o tempo, e, que também contribuíssem com a missão de situar o homem em um espaço social. No Mundo Antigo, o tempo estava relacionado à Astronomia, a sua passagem era contada a partir dos ciclos naturais, como o nascer e o pôr do sol, as fases da lua. No Egito Antigo, uma região desértica que tinha dificuldades com o plantio, em áreas às margens do Rio Nilo era permitido o desenvolvimento da agricultura, por isso era preciso uma medição do tempo usando a evolução da cultura alimentícia para não perder o período da colheita.

Séculos depois, com a invenção da escrita, surgiram as medições por meio das estações do ano e do calendário (dividido em dias, meses e anos). Os babilônicos, por exemplo, criaram o calendário lunar e a herança deixada por eles é que até hoje os meses são divididos em semanas de sete dias, em decorrência das quatro fases da lua. Com a evolução da percepção do

homem e a necessidade de medir de forma mais precisa o tempo vivido, foram surgindo outros artefatos, como os relógios de areia, de sol⁴, até chegar ao relógio mecânico, no século XVII.

(...) Introduziu uma maior precisão na medição mecânica do tempo e acabou por levar ao reconhecimento da importância da mensuração precisa na ciência e na tecnologia em geral (...). Esta capacidade acentuada de medição e controle do tempo é uma inovação que não pode ser percebida isoladamente, mas articulada a outras tecnologias em desenvolvimento. Por um lado, a revolução nos transportes permitiu a redução do tempo de circulação de mercadorias e pessoas entre dois pontos (...). Por outro lado, a revolução nos sistemas de transmissão de informações ampliou a velocidade e a quantidade de dados em circulação. Além do aperfeiçoamento dos serviços de correio, a introdução do telégrafo e a chegada do telefone (FRANCISCATO, 2005, p. 38).

Estes artefatos ocupam um lugar no simbólico. Por mais que expressem o tempo fisicamente eles tem a missão de transmitir ao homem mensagens que podem parecer codificadas, de acordo com o desenvolvimento de cada sociedade, mas exprimem uma sentença marcada pela simbologia. Sejam os calendários, os meios de comunicação avançados ou até mesmo a infinidade de relógios criados ao longo dos séculos pelo homem, todos eles tinha uma missão: a de informar por meio de mensagens qual atividade era preciso começar ou encerrar no espaço do mundo da vida. Não é possível dissociar de suas propriedades físicas a dimensão simbólica dos instrumentos de medição de tempo. Hoje em dia, estas codificações são expressas por algoritmos ou fórmulas essencialmente numéricas, mas ainda assim funcionam como mecanismos de orientação e integração, entre os fluxos físicos, simbólicos e biológicos, orientando e regulando os comportamento de grupos sociais.

A velocidade das coisas passou a ser permanente no processo de evolução das sociedades ocidentais. De mecânico, a vapor ou elétricos os artefatos passaram a ser eletrônicos e hoje, digitais.

A história instaura uma espécie de tempo híbrido, entre o tempo do rastro (que era do passado, mas que é transportado para o presente) e o tempo da vida (que possibilitou a permanência do rastro). É, portanto, a partir desses jogos com o tempo que podemos considerar os rastros e vestígios que do passado chegam até o presente, permitindo recontar histórias que envolvem prioritariamente as ações comunicacionais do passado que continuam durando com espessura do presente (BARBOSA, 2017, p. 31).

⁴ O primeiro relógio de sol foi criado pelos egípcios em 1500 a. C. O Egito era um país muito solar e no céu quase não se existiam nuvens, o que propiciava a observação de sombras para medir os momentos do dia. (WHITROW, 1993, p. 39)

Essas marcas de modernidade, advindas do período de globalização, nos dão subsídios para experimentar de forma mais eficaz a atual compressão do espaço – tempo. As fronteiras tornaram-se fluidas e a possibilidade de encurtar distâncias pela tecnologia remodela a todo instante as interações sociais. Há, claramente, uma corrente que acredita numa flexibilidade do tempo, ou até mesmo, em um sistema de encurtamento de espaços. As tecnologias sociais propiciaram o fortalecimento deste tipo de pensamento. Bauman (2001) defende que o tempo possui um lado mais dinâmico, fértil, que proporciona uma frente colonizadora. A velocidade das relações, o movimento das sociedades e o acesso a meios de comunicação e de mobilidade deram ao tempo uma posição de poder. Nestes termos, o tempo é relacionado diretamente ao progresso. De todo modo, a presença do tempo nos dá a oportunidade de nos envolvermos com ele, relacionarmos-nos. O tempo é algo que produz efeitos em nós e em nosso cotidiano.

É a partir da distinção que se faz entre o curso de um tempo bem utilizado ou não, que se percebe claramente o tempo. Sua percepção só é factível nesta dialética do útil e do inútil, pois é avaliando o que se produziu em seu curso e o que nos marcou, que apreendemos, então a noção de tempo e duração (FILHO, 2012, p. 61).

Marcas do processo de globalização redimensionaram a evolução da sociedade e por consequência a maneira como o homem absorve o tempo em seu espaço. Neste interior, o homem aparece com poder de autonomia, que apresenta caráter decisório frente as situações que a natureza lhe apresenta. Essa liberdade, entretanto, tem limites. Dentro do espaço social, mesmo o homem tendo a capacidade de perceber a presença e a importância de artefatos simbólicos na orientação das suas atividades particulares, todos eles estão inseridos dentro de um contexto da sociedade, que possui manifestações e exercem poder no coletivo.

“Longe” e “tarde”, assim como “perto” e “cedo”, significavam quase a mesma coisa: exatamente quanto esforço seria necessário para que um ser humano percorresse uma certa distância - fosse caminhando, semeando ou arando. Se as pessoas fossem instadas a explicar o que entendiam por “espaço” e “tempo”, poderiam ter dito “espaço” é o que se pode percorrer e em certo tempo, e que “tempo” é o que se precisa para percorrê-lo. Se não fossem muito pressionados, porém, não entrariam no jogo da definição. E por que deveriam? A maioria das coisas que fazem parte da vida cotidiana são compreendidas razoavelmente até que se precise defini-las; e, ao menos que solicitados, não precisaríamos defini-las (BAUMAN, 2001, p. 128).

São atributos que caracterizam a potencialidade do mundo moderno, centrado na velocidade das coisas e das relações. Resgatamos a concepção de que o tempo, por possuir um sentido construído culturalmente incide diretamente na formatação da experiência social dos

dias de hoje. Pomian (1984) defende que o tempo apresenta-se como uma arquitetura estabelecida pela maneira como cada época histórica releva as atividades a partir da referência de duração.

Sob estas perspectivas, afirmamos que o tempo é uma construção social e cultural, que é fortalecida por vezes intencionalmente outras naturalmente. Isto é, a coordenada está diretamente relacionada ao progresso e também ao desenvolvimento particular do homem. Em Elias (1998), o tempo não é um evento ambíguo, mas compreende-se ele por meio da sucessão de eventos, pressupondo sua dimensão naturalmente social. E está posto que se existe o pressuposto de sucessão, é porque a humanidade tem a capacidade de identificar acontecimentos passados e experimentar sensações relacionadas ao tempo presente, que poderão servir de base para o planejamento de um futuro ainda a ser vivido.

Há que se ponderar ainda que no âmbito das ciências humanas a categoria tempo é tributária de duas tradições teóricas distintas. Ora considera-se o tempo como experiência social e, como tal, submetido a diferenciações próprias das épocas históricas, ora percebe-se o tempo como dimensão narrativa, ou seja, sua humanização se dá pela forma como é narrado (BARBOSA, 2017, p. 20).

Está claro que o tempo não pode e não deve ser reconhecido como uma mera medida. É prudente que seja assumida de vez sua dimensão social e simbólica. Provocando mudanças em sua abordagem e funcionando como instrumento de análise a variados campos do saber. A tomar por este trabalho, a coordenada assume esse papel dentro dos esforços profissionais do telejornalismo. E, será dessa forma que o aplicaremos as situações específicas do mundo dos jornalistas, visto aqui como um grupo social.

2.2 DEFINIÇÃO DE TEMPORALIDADE

“O tempo só pode ser pensado como temporalidade; e esta não deve ser vista de maneira unívoca, mas plural e imensurável, complexa no carrear de elementos que são por ela operados e por quem as opera” (TAVARES, 2017, p. 74-75). Referimo-nos como temporalidade à coordenada de tempo própria de uma ação. E, é assim que desenhamos este percurso teórico, entendendo como a sociedade desenvolveu-se a partir das noções de tempo e proporcionou a possibilidade de infinitas temporalidades dentro dos grupos sociais. Assumindo uma posição seca, todas as atividades e práticas sociais dependem de uma temporalidade.

Dentro da rotina comum dos indivíduos, as pessoas determinam períodos de tempo para que possam trabalhar, divertir-se e descansar, essas ações são norteadas pela noção de temporalidade. Desde o nascimento, todos acostumam-se ao conjunto de atividades que precisam desempenhar a partir de um ordenamento temporal: dormir, levantar, fazer as refeições, em um infinito ciclo de noite-dia e do ritmo biológico interno. A temporalidade nada mais é que o ponto desencadeador das ações. Sensações temporais que orientam o indivíduo a como agir no espaço a partir do tempo.

Caminhando entre objetividade e subjetividade, Heidegger (2003) afirma que a temporalidade pode ser definida como algo subjetivo, relacionado ao mundo humano, está ligado diretamente às vivências do homem e pouco tem a ver com o tempo físico e biológico da natureza, mas sim, a como o mundo se comporta e como o homem lida com ele. Dentre o que defendia o autor, existiriam tipos de temporalidade que compõem a presença do homem no mundo, como: a temporalidade do medo, da angústia, da disposição, citando alguns exemplos. Em *Ser e Tempo* (2015), Martin Heidegger pretende superar a objetificação da metafísica e retoma a questão do sentido do ser. No lugar do tempo linear, ele encontra na temporalidade o sentido do ser do que ele denomina de *Dasein* (compreendido por nós como o modo de ser especificamente humano), já que a palavra não possui uma tradução própria na língua portuguesa. Heidegger (2015) descreve o *Dasein* como o ser-no-mundo, visto sempre em sua cotidianidade, como ser no mundo que já existe e que projeta em possibilidades a forma de ser. Vale ressaltar que estas possibilidades já são constituintes do seu próprio ser. Estando presente e sendo no mundo, o *Dasein* não pode ser considerado um ser individualizado, ao contrário, remete a impessoalidade da vivência em um mundo compartilhado com outros e lida com o que está ao seu redor de modo prático.

Visto a partir da temporalidade, o *Dasein* não se restringe em sua consciência ao momento presente, mas se projeta no futuro e retrocede ao passado. Sendo adiante de si mesmo, antecipando a possibilidade da morte. (...) Tendo consciência dessa possibilidade, ele vê sua situação e as possibilidades que essa lhe oferece, e toma uma decisão. A certeza da morte influi no modo como a vida é organizada, dá-lhe uma nova perspectiva. (SEIBT, 2010, p. 252)

O tempo é o de onde a presença em geral compreende e interpreta implicitamente o ser. Por isso, deve-se conceber e esclarecer, de modo genuíno, o tempo como horizonte de toda compreensão e interpretação de ser. Para que isso se evidencie, torna-se necessária uma explicação originária do tempo enquanto horizonte de compreensão de ser a partir da temporalidade, como ser da presença, que se perfaz no movimento de compreensão de ser. (HEIDEGGER, 2015, p. 55)

A discussão do ser não pode tomar em extensão esta pesquisa. Mas, entendemos que ela aparece como um ponto importante para a compreensão do jornalista como um "ser profissional". Mais que discussão de valores e critérios, o jornalismo é formado por grupos de pessoas que absorvem não só a técnica, mas também a experiência que é construída em um território em constante transformação. Ruellan (2017) enxerga a necessidade de se trabalhar as questões relacionadas ao jornalismo como uma construção e não como uma realidade estável, e, a partir disso teremos uma realidade subjetivada ou transformada por indivíduos e/ou grupos que só existem por meio de relações pessoais e apropriações particulares. Nestes termos, relacionamos os estudos de tempo dentro do telejornalismo também a questões próprias da investigação da identidade profissional e não somente ao produto notícia. A rotina da redação é complexa. Não apenas uma organização de notícias e desempenho de funções, o cumprimento das atividades diárias segue um emaranhado de temporalidades que se cruzam e formam todo o dia noticioso. A rotina da redação fica ainda mais difusa quando cada um dos personagens envolvidos (jornalistas) exacerbam sua personalidade como "ser profissional". Todos operam juntos: temporalidades - tecnologia sociais - jornalistas.

Um "ser profissional" jamais existe sozinho, um jornalista não pode estar só. Ele existe por meio de suas relações, com seus colegas e patrões, com suas fontes, com os receptores de seu veículo. Ele existe também pela cultura (os valores, as normas, as rotinas) que lhe foi prescrita durante sua formação e ao longo de sua vida como trabalhador. (...) Essa cultura é também adquirida, pois o jornalista trabalha em sua fabricação, ele a constrói junto com os demais. Entre o início e o fim de sua carreira, o mundo foi profundamente transformado, as tecnologias, a economia, as relações sociais, tudo é diferente e isso é também produto do indivíduo, na medida em que ele contribuiu para essa evolução. Dito de outra forma, o "ser profissional" é o resultado da história, de sua própria história, mas também de uma história maior do que ele, que finca suas raízes no passado. E quanto mais essa história é rica, complicada, conflituosa, mais a identidade do "ser profissional" é complexa (RUELLAN, 2017, p. 8-9).

Daí a complexidade de se trabalhar com o tempo relacionado a construção do telejornalismo como um todo, tendo que compreender seus aspectos plurais e coletivos e também suas particularidades, isto é, englobando os códigos deontológicos da profissão, o estabelecimento de suas rotinas, a configuração profissional e também o discurso e a narrativa, por meio de seu produto notícia. Quando avaliamos a largura e a profundidade desses aspectos, temos clareza que a temporalidade favorece o surgimento de modelos profissionais específicos, naturalizando situações de extrema tensão e tornando as rotinas como algo intrínseco a essa tensão, muitas vezes entendida como dinamismo.

Os jornalistas estão acostumados a um ambiente com pressão aguda e não entenderiam seu papel dentro de uma rotina industrial se assim não fosse. Assim como também é possível que as rotinas estejam tomadas pela pressão ocasionada pelos jornalistas, que acreditam que o ambiente jornalístico deve ser assim e se não for, devem torná-lo. Uma perfeita troca entre cultura, formação prática e experiência pessoal. Esse cruzamento é particularmente denso. De todo modo, nossa investigação neste ponto da pesquisa está centrada nas questões relacionadas a temporalidade. É por esta razão que também utilizamos *O Ser e o Nada* (2003), na qual Sartre (2003) afirma que a temporalidade é uma estrutura organizada em passado, presente e futuro, que juntos produzem uma soma infinita de ‘agoras’. Seja o agora que está acontecendo, o que já aconteceu e ainda o que está por vir. Esta mistura desordenada e múltipla é que nos permite experimentar o tempo, ter uma ideia sobre ele e ainda conseguir compreender os nós temporais nos quais estamos inseridos.

Essa soma de ‘agoras’ leva para uma matemática do tempo, tornando-o então mais objetivo. Esse ato de medir faz com que as pessoas se adaptem naturalmente ao sentido de temporalidade. Sem mensurar que é, ou como deveriam se comportar com tantos pontos de ação dentro de uma coordenada de tempo cotidiano. E, mesmo sendo uma operação dotada de objetividade, à sua sombra reside a subjetividade da compreensão de tempo, que faz a temporalidade ser apenas sentida e não refletida. Souza (2016) observa esse processo como um fenômeno natural que as pessoas estão acostumadas e assim desenvolvem suas ações rotineiramente, não se incomodando com pressões, agilidade e resultados. Apenas vivem o processo e de modo discursivo efusivo culpam o tempo por passar rapidamente.

(...) É nesta temporalidade que as pessoas habitualmente vivem, sobrevivem e ganham seu sustento. Toda sociedade, para existir, precisa construir esta temporalidade e nela inserir seus membros, sendo a partir dela que os fenômenos sociais incidem sobre o indivíduo, gerando ou formatando sua capacidade de conhecer o social. E a partir dela, inclusive, que esses fenômenos são construídos, mensurados e ganham sentido histórico (SOUZA, 2016, p. 17).

Percebemos que há sim uma distinção entre o tempo medido e o tempo que é significado. Essa dimensão cronológica é o que gera a existência de temporalidades. Elias (1998) defende a existência de “determinação de tempo”, como forma de relacionar os sucessivos aspectos temporais apresentados pelas séries de acontecimentos cotidianos. Neste movimento, as regras são incorporadas e facilitam o manuseio do tempo para cumprir tarefas classificadas como importantes, urgentes e essenciais. São delimitações íntimas, compensações

peçoais, experimentações que permitem uma vivência melhor aproveitada em um mundo atual acelerado pelas tecnologias sociais. É o tempo funcionando dentro da ação desempenhada.

A noção de temporalidade chama a atenção para algo concreto, que permeia a vida social. A ambiência cotidiana, observada desde qualquer ângulo, conforma-se como local de convergência entre tempos dos mais diversos, sendo estes mesmos tempos constituintes das dinâmicas da sociabilidade como um todo (TAVARES, 2017, p. 69).

Somos levados a uma dualidade cognitiva: vivemos o tempo mas não sabemos o que ele é. Experimentamos a temporalidade e não a reconhecemos em nossas ações tão claramente. É uma questão de inexatidão do significado temporal. Essa situação é associada ao espaço. Vivemos o tempo de acordo com o espaço em que desenvolvemos nossas ações. Por exemplo, dentro do ambiente profissional utilizamos as temporalidades de acordo com os códigos desenvolvidos para aquilo. Quando voltamos para a casa colocamos em prática outras temporalidades. Assim nos adaptamos a coordenada do tempo de acordo com as nossas ações desempenhadas. Whitrow (1993) denomina de “espacialização do tempo”. Em ‘A Montanha Mágica’, Thomas Mann (1982) traz de forma literal essa compreensão de espacialização do tempo.

O espaço que, girando e fugindo, roja-se de permeio entre eles e seu lugar de origem, revela forças que geralmente se julgam privilégio do tempo; produz de hora em hora novas metamorfoses íntimas, muito parecidas com aquelas que o tempo origina, mas em certo sentido mais intensas ainda (MANN, 1982, p. 08).

Medimos, portanto, o tempo por meio do espaço. Mas isto é a mesma coisa que medir o espaço com o auxílio do tempo. (...) Percebemos o espaço com nossos sentidos, por meio da vista e do tato. Muito bem! Mas que órgão possuímos para perceber o tempo? Pode me responder a essa pergunta? Bem vê que não pode. Como é possível medir uma coisa da qual, no fundo, não sabemos nada, nada, nem sequer uma única das suas características? Dizemos que o tempo passa. Está bem, deixe-o passar. Mas para que possamos medi-lo... Espere um pouco! Para que o tempo fosse mensurável, seria preciso que decorresse de um modo uniforme; e quem lhe garante que é mesmo assim? Para a nossa consciência, não é. Somente o supomos, para a boa ordem das coisas, e as nossas medidas, permita-me esta observação, não passam de convenções{[...] (MANN, 1982, p. 43 - 44).

Quando relacionamos essas noções de temporalidade e espacialização de tempo ao jornalismo, entendemos que não há um tempo único, que pudesse ser discutido isoladamente. E, também a temporalidade se estabelece de forma particular nas redações. Ao chegar no local em que o jornalista vai desempenhar suas atividades, ele aciona temporalidades próprias ao

espaço e assim segue até a realização do serviço ao público. Outra questão é a seguinte: por mais que a duração ou a cronometragem realizada pelo 'tempo do relógio' tenha um efeito coletivo sobre tudo e todos, partes deste tempo trazem mais efeitos ao desenvolvimento das práticas jornalísticas e integração das particularidades ao tempo coletivo. As temporalidades, neste caso, atuam como geradoras da ação, fundamentam os instantes que precedem o *deadline* jornalístico, atribuem tensão aos momentos preparatórios e encharcam de potência o tempo presente vivido na atuação profissional.

O sentido de temporalidade pode ser considerado como uma qualidade ou um conteúdo expresso em traços culturais de objetos e situações, que marcam a sua dimensão temporal ao serem reconhecidos em uma relação de identidade com um contexto sócio-cultural. Este reconhecimento possibilita que um conteúdo seja vinculado a um presente, um passado ou a um futuro. (FRANCISCATO, 2000, p. 04)

Franciscato (2009) revela que a existência de esferas temporais dentro do Jornalismo pode ser nomeada como temporalidade jornalística e é ela que dá ordem aos processos e determina a credibilidade, aplicando qualidade ao que é produzido. Essa temporalidade jornalística atua como geradora de ações fundadas no tempo presente. É o tempo da existência. Para Park (1966), esse presente não diz respeito a apenas a divulgação do fato em si, mas da ação que pode ser gerada a partir do relato noticioso. É importante reconhecer que esses percalços envolvendo a presença do tempo como norte do trabalho jornalístico tem tudo a ver com a perecibilidade da notícia e a manutenção de sua ordem e de seu formato. Ou seja, para todos os efeitos o jornalismo é recheado de temporalidades complexas que existem em determinado espaço e participam da construção do mundo real. “A definição de notícia como artigo deteriorável, a ocorrência dentro de uma estrutura (restrita) de mercado, e uma atitude particular em relação à passagem do tempo estão estritamente ligadas”. (SCHLESINGER, 2016, p. 251). Em nossa pesquisa encontramos temporalidades que funcionam como dispositivos para o desenrolar da atuação profissional jornalística dentro das rotinas da redação. Essas temporalidades foram moldadas pelas ações naturais da modernidade e desenvolvidas a partir do avançar profissional e o entendimento sobre as rotinas jornalísticas atuais. São justamente essas temporalidades que orientam o profissional a como se posicionar durante a formatação do telejornal. Funcionam como dispositivo enquanto ponto gerador, mas são sobretudo focos de ação que impulsionam o desenrolar das atividades jornalísticas. Dentro do nosso ponto de vista, as temporalidades norteiam o trabalho jornalístico (a partir do entendimento do "ser profissional") e modelam a rotina da redação.

2.3 O MUNDO ORGANIZADO PELO TEMPO - MODERNIDADE E TECNOLOGIA

Terminamos o tópico anterior em um debate sobre a temporalidade e sua importância dentro do desenrolar jornalístico. Em todo esse processo de observação da formação da temporalidade na rotina da redação jornalística, é perceptível a presença e influência das tecnologias sociais, que difundiram um modelo pautado na rapidez e instantaneidade das relações e das coisas. Algo que começou a surgir durante o período que chamamos de modernidade e mais adiante, que recebeu por alguns teóricos a conceituação de pós-modernidade.

Os desdobramentos da globalização trouxeram marcas profundas para a sociedade. Em um primeiro momento, entendia-se que o processo seria mais lento e gradual, mas, houve uma explosão em seus perímetros e a disseminação de seus conceitos e valores ocorreu em velocidade. Nossa referência está na mudança da concepção do ecossistema global, que permitiu novas avaliações das noções de experiência do tempo e espaço.

A crescente globalização das comunicações - mercados, fluxos de capitais e tecnologias, intercâmbio de ideias e imagens - modifica os parâmetros herdados sobre a realidade social, o modo de ser das coisas, o andamento do devir. As fronteiras parecem dissolver-se. As nações integram-se e desintegram-se. Algumas transformações sociais, em escala nacional e mundial, fazem ressurgir fatos que pareciam esquecidos, anacrônicos. Simultaneamente, revelam-se outras realidades, abrem-se outros horizontes. É como se a história e a geografia, que pareciam estabilizadas, voltassem a mover-se espetacularmente, além das previsões e ilusões (IANNI, 2011, p. 285).

Se a vida moderna está, de fato, permeada pelo sentido do efêmero, do fragmentado e da incerteza, há nesse contexto consequências a serem debatidas. A transitoriedade das coisas e das relações dificulta a preservação da sequencialidade da modernidade em um viés histórico. Na vanguarda do entendimento está a de que se há algum sentido de adotar a história para desnudar os impactos da modernidade frente à compreensão do tempo, isto tem que ser feito também dentro do turbilhão das mudanças e na vivência da própria modernidade. Há muito a ser descoberto frente à compreensão do tempo no mundo moderno e só a vivência pode nos mostrar o caminho a ser trilhado e o que devemos considerar na caminhada.

De todo modo, dois eventos históricos foram fundamentais no paradigma da modernidade: o Renascimento e a Revolução Francesa. (SOUZA, 2016, p. 93). No primeiro, ampliaram-se as pesquisas sobre a natureza, os astros, o corpo humano fazendo o homem abandonar as crenças adotadas durante o período da Idade Média. O esforço da ciência em se firmar tirou da Igreja o domínio do sentido do tempo. O que representa uma mudança no campo da mentalidade

humana. A forte presença da eternidade foi atenuada pelo surgimento da técnica com o uso de aparelhos que podiam medir o tempo. No segundo, há um predomínio da ideia de datação. Foi durante a Revolução Francesa que surgiram diversos modelos de calendário, tendo como ponto de partida o início da própria revolução e não o nascimento de Cristo (SOUZA, 2016). Também houve uma mudança na cognição das pessoas, no que diz respeito a importância de suas vidas e a necessidade do resgate da dignidade humana, além de que os anos deveriam ser aproveitados por todos, independente da classe social. Os dois momentos remetem a uma compreensão de temporalidade vivida ainda hoje na contemporaneidade: o rigor do cronômetro associado ao vigor das relações sociais e de trabalho.

É fato que as relações sociais sofreram modificações que estabeleceram modos de vivência mais livres e tocados pela tecnologia. Outro dado referente às medidas de tempo na modernidade é a questão da padronização. Os povos passaram a contar o seu tempo a partir dos mesmos parâmetros de medição. A universalização do modelo de contagem do tempo permitiu que a economia fosse gerida em critérios temporais e os conceitos de poder e cultura pudessem avançar de forma homogênea (SOUZA, 2016). Durante anos, as sociedades vivenciavam métodos de contagem de tempo diferentes, o que dificultava a quebra de barreiras e a possibilidade de aproximação entre sociedades de costumes diferentes.

A modernidade, por conseguinte, não apenas envolve uma implacável ruptura com todas e quaisquer condições históricas precedentes, como é caracterizada por um interminável processo de rupturas e fragmentações internas inerentes. (...) Mesmo que o modernismo sempre tenha estado comprometido com a descoberta, ele agora precisava fazê-lo num campo de sentidos continuamente mutantes que com frequência pareciam contradizer a experiência radical de ontem (HARVEY, 2008, p. 22).

O domínio científico permitiu que o homem tivesse mais liberdade no entendimento da natureza e na racionalização das organizações sociais, livrando-se das garras da irracionalidade do mito, da religião e da superstição. A ânsia pelo novo tornou-se abundante na modernidade e é pertinente que utilizemos de uma volta ao passado para o entendimento de suas bases. Além dos dois momentos históricos já citados, acreditamos que a Revolução Industrial, do século XVIII e XIX ancorou um conjunto de transformações que estão vinculadas ao tempo que vivemos hoje, citamos por exemplo: 1) o processo de urbanização e o maior rigor do uso do tempo nas grandes cidades; 2) a consolidação dos meios de comunicação; 3) o estabelecimento de relações políticas e sociais que demandavam uma universalização na adoção das medidas temporais. Nesse contexto, foi numa escala global que passaram a se revelar o que poderíamos

denominar de novas formas sociais de espaço e tempo. Outros horizontes passaram a ser explorados e induziram a um ambiente mais fragmentado. “É como se a história e a geografia, que pareciam estabilizadas, voltassem a mover-se espetacularmente, além das previsões e ilusões”. (IANNI, 2011, p. 285).

A disrupção do sentido de tempo na modernidade ocasionou uma reconfiguração das relações sociais. O homem que antes necessitava dos espaços coletivos para orientação, passou a estar nestes espaços de forma simbólica. A concretude das relações foi atingida por infiltrações ocasionadas pela expansão da tecnologia. Bauman (2001) defende que o processo de globalização estabelecido é representado pela fluidez das relações e a permanência de redes infinitas de conexões em espaços dimensionados no simbólico. Estamos conscientes de que esta fase permitiu que as pessoas passassem a vivenciar o tempo e o espaço diluindo fronteiras e reordenando os deslocamentos. Percorrer longas distâncias ocasionava perda de tempo. Ocupar espaços virtuais não era um complicador e sim uma solução em uma sociedade conectada. A tecnologia, fruto da modernidade, tem tido um papel fundamental na consolidação do que é o mundo moderno e como ele se estabelece. E, isto não é um movimento repentino, é pautado na história.

Com o advento do vapor e do motor a explosão, a igualdade fundada no *wetware* chegou ao fim. Algumas pessoas podiam agora chegar onde queriam muito antes que as outras; podiam também fugir e evitar serem alcançadas ou detidas. Quem viajasse mais depressa podia reivindicar mais território – e controlá-lo, mapeá-lo e supervisioná-lo -, mantendo distância em relação aos competidores e deixando os intrusos de fora (BAUMAN, 2001, p. 130).

As articulações surgidas por conta das transformações da aldeia global são permanentes. Visualizamos uma sociedade sem barreiras. Antes voltada para o local; depois concentrada em um caráter global, individualizado, veloz e altamente tecnológico. As formas sociais do tempo e espaço ultrapassaram as fronteiras locais e passaram a ser correspondentes nacionais, internacionais e transnacionais multiplicando as possibilidades de experimentar e vivenciar o tempo não em um só lugar, mas em vários, simultaneamente, e em diversos momentos do dia (IANNI, 2011). O forte impulso da eletrônica e da informática proporcionaram isso. Remodelaram o jeito de viver. Passamos a não nos relacionar apenas em redes físicas sociais, fomos inseridos em redes invisíveis de relacionamentos que nos fizeram experimentar formatos espaços-temporais diferenciados.

O desenvolvimento de novos meios de comunicação e de transportes afetou as maneiras pelas quais os indivíduos experimentam as características de espaço e de tempo da vida social. A padronização do tempo mundial trouxe um crescente interesse na experiência pessoal de tempo e espaço, de velocidade e simultaneidade, e na disjunção entre o espaço e o tempo (THOMPSON, 1998, p. 37).

Em qualquer momento, em qualquer lugar, em todo o mundo, a eletrônica relaciona e prende, ata e desata pessoas, coisas, ideias, palavras, gestos, sons e imagens. A velocidade dissolve-se no instante, a demora é apagada pelo fugaz. (...) Os meios de comunicação, informação, locomoção ou intercâmbio reduzem as distâncias, obliteram as barreiras, equalizam os pontos dos territórios, harmonizam os momentos da velocidade, modificam os tempos de duração, dissolvem espaços e tempos conhecidos e codificados, inaugurando outros, desconhecidos e inesperados (IANNI, 2011, p. 286).

A realidade é que essa pressa temporal desafia a geografia. O real e virtual agora situam-se na mesma plataforma. É possível que esse movimento atue capacitando os indivíduos a experimentarem noções de espaço e tempo mais dilatados. Os limites de uma interação face a face estão sendo quebrados e reordenações das questões das duas coordenadas foram necessárias para atingir os objetivos da modernidade. Segundo Thompson (1998) o desenvolvimento da tecnologia foi significativo para existir uma disjunção entre o espaço e o tempo. Essa separação não chega a ser plena, pois ambos continuam existindo. Entendemos mais como uma espécie de alargamento das duas coordenadas, que possibilitam modelos de comunicação diferenciados e pautados na tecnologia. Desenraízam-se dos lugares fixos e adota-se um sentido ligado à fluidez das relações e das coisas.

Com o advento da disjunção entre espaço e tempo trazida pela telecomunicação, a experiência de simultaneidade separou-se de seu condicionamento espacial. Tornou-se possível experimentar eventos simultâneos, apesar de acontecerem em lugares completamente distintos. Em contraste com a concretude do aqui e agora, emergiu um sentido de “agora” não mais ligado a um determinado lugar. A simultaneidade ganhou mais espaço e se tornou finalmente global em alcance (THOMPSON, 1998, p. 37).

É possível que esse processo chamado por Thompson (1998) de ‘disjunção entre espaço e tempo’ não seja o ponto de chegada, mas indique um caminho de transformações e da descoberta da potencialidade do simultâneo. Nas sociedades antigas, o tempo e o espaço precisavam coexistir para que ocorresse o simultâneo, ou seja, para que eventos ocorressem ao mesmo tempo e em um mesmo lugar. Hoje, com a revolução da tecnologia e a potência do digital, basta que os eventos ocorram dentro de uma concretude de tempo, valorizando a presença do agora e os espaços tornaram-se mais múltiplos e amplos, alcançando o global. É

fato que a revolução tecnológica nos levou a caminhar por uma trilha fragmentada e veloz e que exigiu adaptação e conhecimento. Muitas questões envolvem as condições do espaço-tempo na modernidade.

Desde que houve a separação entre conhecimento científico e a moralidade, ainda no século XVIII, as condições de apropriação de tempo e de espaço modificaram-se com tamanha rapidez. É possível afirmar que a fase moderna já foi substituída para a pós-moderna, sendo este período marcado por uma visão cambiante entre espaço-tempo e diretamente envolvido em um fluxo da experiência humana (HARVEY, 2008, p. 293). Porém, não há um consenso sobre o que seria o pós-moderno. Em torno, há um conceito consideravelmente vago. Baseamos-nos em um aporte voltado a uma explicação de uma rede social fragmentada, que foi criada a partir de perspectivas históricas e cronológicas, em um tempo avesso às grandes narrativas mas demasiadamente tecnológico.

Muitos imaginam que começou a era da pós-modernidade. A fragmentação do real disperso pelo espaço e despedaçado no tempo desafiar razão e a imaginação geradas desde o Iluminismo. Quando se acelera o processo de globalização, dando a impressão de que a geografia e a história chegam ao fim, muitos pensam que entrou a pós-modernidade, declinou a razão e soltou-se a imaginação. Troca-se a experiência pelo instante, o território pelo dígito, a palavra pela imagem. (...) Esse é o clima da pós-modernidade: a história substituída pelo efêmero, imagem do instante, lugar fugidio (IANNI, 2011, p. 288-287).

O bombardeio de estímulos que sofremos hoje, sobretudo na carga sensorial está atrelado ao modelo de vida adotado nas grandes cidades. A fragmentação e a velocidade dos dados e das informações são uma característica desta época. E, a partir destas linhas de compreensão há um triunfo da temporalidade. Que aparece como um tempo que não reconhece mais o seu fim. O que antes era apontado como um grande dilema, a saber da eternidade, hoje esta questão aparece em segundo plano, o aproveitamento dos dias se dá mais intensamente, pela característica de permanência e ocupação de espaço e tempo gerado pela tecnologia. A difusão dos aparelhos de comunicação e de sociabilidade permite que vivenciemos uma temporalidade mais estendida e fundada em subjetividade das relações.

O século XX foi aquele que mais invocou o futuro, mais construiu e massacrrou em seu nome, levou mais longe a produção de uma história escrita do ponto de vista do futuro, conforme os postulados do regime moderno de historicidade. No entanto, também foi aquele que, sobretudo nos seus últimos trinta anos, deu a maior extensão à categoria do presente: um presente maciço,

onipresente, invasivo, que não tem nenhum horizonte a não ser o próprio, fabricando cotidianamente o passado e o futuro de que necessita, dia após dia (HARTOG, 2015, p. 238).

Ao tratar de tecnologia, consideramos a chegada da internet como o auge desses movimentos da modernidade. Inaugurou novas estruturas sociais, permitindo pela primeira vez a comunicação muitos com muitos, num dado momento e em uma escala global.

A emergência da Internet como um novo meio de comunicação esteve associada a afirmações conflitantes sobre a ascensão de novos padrões de interação social. Por um lado, a formação de comunidades virtuais, baseadas sobretudo em comunicação on-line, foi interpretada como a culminação de um processo histórico de desvinculação entre localidade e sociabilidade na formação da comunidade: novos padrões, seletivos, de relações sociais substituem as formas de interação humana territorialmente limitadas (CASTELLS, 2003, p. 98).

Dentro deste debate surgiram outros conceitos, como a convergência⁵ tecnológica, que tornou-se instrumento orgânico dentro deste bloco conceitual de modernidade e pós-modernidade. Para todos os efeitos, esse movimento tecnológico e convergente proporcionou uma interdependência entre as áreas de tecnologia e comunicação. Na atualidade, esses entrelaçamentos avançam para a biologia, neurociência e microeletrônica. Neste cenário, defendemos que as novas tecnologias, surgidas no período moderno, proporcionaram uma modificação não só no acesso, produção e consumo de informação e dados, mas principalmente na percepção e subjetividade de cada indivíduo possibilitando novas formas de sociabilidade e coletividade. Seria enganoso não considerar esta articulação como verdadeiras trocas. Estas transferências alargaram o entendimento sobre as mudanças sociais causadas pela tecnologia e despertaram para a necessidade da compreensão do mundo a partir da presença marcante do espaço e do tempo.

A partir da observação dessas mudanças extraordinárias em nossas máquinas e conhecimentos sobre a vida e com a ajuda de tais máquinas e conhecimentos, está havendo uma transformação tecnológica mais profunda: a das categorias segundo as quais pensamos todos os processos (CASTELLS, 2000, p. 80).

Enxergamos a existência de uma troca simbólica que proporciona mais facilmente as interligações de espaços complexos e também propicia intensos fluxos temporais. Esse modo

⁵Aproximação dos setores de produção de conteúdo comunicacional (televisão, cinema, rádio), distribuição (telecomunicações) e tecnologias da informação, permitindo que textos, sons e imagens possam ser transmitidos, manipulados e armazenados em diversos sistemas integrados. As expressões “convergência das comunicações” e “convergência mediática”, apareceram no final da década de 70 para referir-se ao fenômeno de aproximação entre os setores de computação e telecomunicações. (Dicionário de Comunicação - Ciro Marcondes Filho, 2009, p.118)

de partilha faz parte do que Castells (2000, p. 87) chama de economia informacional e global. Isso nos dá pistas para compreender a importância de discutir o tempo e suas temporalidades dentro do contexto da comunicação, mais expressamente, no campo do Telejornalismo, que é o que estamos desenvolvendo.

(...) É *informacional* porque a produtividade e a competitividade de unidades ou agentes nessa economia (sejam empresas, regiões ou nações) dependem basicamente de sua capacidade de gerar, processar e aplicar de forma eficiente a informação baseada em conhecimentos. É *global* porque as principais atividades produtivas, o consumo e a circulação, assim como seus componentes (capital, trabalho, matéria-prima, administração, informação, tecnologia e mercados) estão organizados em escala global, diretamente ou mediante uma rede de conexões entre agentes econômicos (CASTELLS, 2000, p. 86) [Grifo do autor].

Aderimos a visão centrada no global proposta por Castells (2000), que analisa o surgimento de uma nova estrutura social expressa sob as distintas formas segundo a diversidade de culturas e instituições em todo o mundo. Estrutura que é aliada ao surgimento de um novo modo de desenvolvimento: o informacionalismo. Ele é modelado historicamente pela reestruturação capitalista da produção ocorrido já no século XX, quando se tem um novo sistema econômico e tecnológico denominado pelo autor de “capitalismo informacional”. Esse sistema configura a nova economia como informacional, global e em rede. A partir disto surge a nova estrutura social global contemporânea que Castells (2000) denomina de sociedade em rede.

Esta sociedade em rede se constitui “em torno das redes ativadas por tecnologias de comunicação social e de informação processadas digitalmente e baseadas na microeletrônica”. As estruturas sociais são tomadas “como arranjos organizacionais de seres humanos em relações de produção, consumo, reprodução, experiência e poder, expressos em uma comunicação significativa codificada pela cultura”. Castells (2015) reconhece que nem todas as pessoas estão incluídas nessas redes digitais e vê a fragmentação das sociedades entre incluídos e excluídos como uma característica estrutural da sociedade global em rede (CASTELLS, 2015, p. 70 -71).

Ora, a tendência é que no campo da evolução das relações sociais predomine um aumento da individualidade. Isto não aparece apenas no sentido cultural, mas é materializado a partir de um conjunto de valores e crenças que se manifesta no comportamento das pessoas. Castells (2015) identifica, a partir destas condições, a construção do que pode ser considerado como uma nova esfera pública dessa sociedade em rede e presente no mundo contemporâneo

globalizado, que passa por progressiva transformação em que a cultura é fragmentada e integrada nos processos de comunicação dados pelos protocolos de comunicação. O que chamamos de protocolos são na verdade “as práticas e suas plataformas organizacionais de apoio que fazem com que o compartilhamento de sentido seja possível entre os campos culturais da sociedade global em rede (consumismo, individualismo em rede, cosmopolitismo e multiculturalismo)” (CASTELLS, 2015, p.179). Certamente a comunicação, a informação e o conhecimento sempre fizeram parte do crescimento e expansão da sociedade, por meio da decolagem da economia e ainda pelo desenvolvimento e aperfeiçoamento tecnológico. O que fica claro é que nesse processo do mundo globalizado, os muros foram derrubados e as sociedades organizadas puderam experimentar livremente formas variadas de medir e contar o tempo em que vivemos. Partilhando espaços simbólicos e em velocidade.

Na contemporaneidade, há a multiplicação de meios comunicacionais e agentes (estatal, econômico, comunicacional, cultural) que tecem as discussões no espaço público contemporâneo cada vez mais “assimétrico e fragmentado” num sistema capitalista e globalizado. Porém, ele também se constitui numa relação dinâmica com o local. Os âmbitos global e local não se polarizam, mas formam uma “malha de diversas interseções” em que o espaço público, ao passo em que ele se apresenta fragmentado, também é integrado pelas mídias e seus públicos/audiências. Giddens (1997) analisa essa rearticulação das relações sociais no âmbito global por meio das trocas econômicas e de conhecimentos resultante da divisão de tempo e espaço na modernidade. “A organização social moderna supõe a coordenação precisa das ações de muitos seres humanos fisicamente distantes entre si; o ‘quando’ dessas ações está diretamente ligado ao ‘onde’, mas não, como nas épocas pré-modernas, pela mediação do lugar” (GIDDENS, 1997, p.30). É na separação de tempo e espaço que se dá um esvaziamento na dimensão temporal, sendo ainda um instrumento principal da separação de espaço e localização (GIDDENS, 1997, p.29). É fato que na sociedade moderna, um dos elementos potencializadores desse esvaziamento é a conectividade em rede permitida pela internet. Cenário onde a separação global/local e tempo/espaço cada vez mais se dissolve ao romper as distâncias e fronteiras físicas e culturais e promover aproximações, intercâmbio e transformações relacionais nos diferentes contextos da vida.

Atualmente, nossas referências, memórias, e história podem ser arquivadas digitalmente, o passado também é experimentado no campo do sensorial e virtual, e, o futuro, que antes acampava no imaginário hoje também pode ser projetado. É a liquidez que rodeia nossas relações e baseia nossas vidas no instante. Quanto a coordenada do espaço, em seu encurtamento gera outros desafios, como a presença frequente da superficialidade. Seja nas

relações sociais ou na forma como os meios de comunicação passaram a se organizar no universo da disseminação de informações.

“Instantaneidade” significa realização imediata, “no ato” – mas também exaustão e desaparecimento do interesse. A distância em tempo que separa o começo do fim está diminuindo ou mesmo desaparecendo; as duas noções, que outrora eram usadas para marcar a passagem do tempo, e, portanto, para calcular seu “valor perdido”, perderam muito de seu significado – que, como todos os significados, derivava de sua rígida posição. Há apenas “momentos” – pontos sem dimensões (BAUMAN, 2001, p. 138).

Essas reflexões são eixos importantes desta pesquisa. A presença do conceito de temporalidade permite uma reflexão sobre o rumo relações sociais. Coexistem duas correntes sobre os estudos de tempo e temporalidade: 1) a que enxerga o tempo a partir do ser; 2) a que percebe a presença do tempo a partir do ‘estar’ - estar inserido em grupos sociais específicos e/ou estar no mundo em movimento. Seguimos em defesa de que é preciso aceitar que o tempo é uma mistura dessas duas linhas de pensamento - ele é o ser e também o estar. Porém, faremos a relação direta com o profissional jornalista - que assume a posição do "ser profissional" - trabalharemos diretamente com a noção da temporalidade inserida como dispositivo na organização social e rotineira de uma redação jornalística. Desse modo, mostra-se essencial que busquemos o entendimento desse momento da vida em sociedade, fundada em um pensamento de modernidade cada vez mais tecnológica, fluída e líquida. Essa vivência de temporalidade presente é aguçada pelos meios de comunicação numa intensa relação com a maximização das rotinas produtivas, no qual quantidade é sinônimo de produtividade.

No que envolve o uso de práticas específicas, as organizações do espaço determinam e definem as relações. “A modernização envolve a disrupção perpétua dos ritmos espaciais e temporais, e o modernismo tem como uma de suas missões a produção de novos sentidos para o espaço e o tempo num mundo de efemeridade e fragmentação”. (HARVEY, 2008, p. 199).

É utópico dizer que as pessoas não mais reconhecem o tempo por conta da fragmentação, mas elas vivem essa liquidez das relações e não se dão conta da complexidade surgidas a partir deste modelo de experimentação de tempo. Kehl (2009) a partir de Bergson (2006) sugere que a experiência do tempo como fluxo contínuo e coletivo permite uma ligação social entre os membros de uma comunidade. O que indica que mesmo que não concretizemos os laços em uma unidade física, estas conexões acontecem em grande escala em espaços simbólicos e com dilatação de tempo. Algo como uma “rede que abriga e embala um grande número de pessoas ligadas entre si pela experiência comum”(KEHL, 2009, p. 165 - 166), o

que reforça o conceito da presença de uma temporalidade contemporânea, fundada no simbólico e materializada no vai e vem das relações mediadas pela tecnologia.

3 SOBRE O TEMPO NO JORNALISMO E TELEJORNALISMO

3.1 O TEMPO NO JORNALISMO: UMA BREVE DISCUSSÃO

Os estudos sobre jornalismo muitas vezes são conduzidos de fora, as lentes de aumento e de análise são fornecidas pelas ciências sociais e poucas vezes pelo jornalismo mesmo, isso faz com que não enxerguemos particularidades do processo que servem para azeitar a engrenagem e que contribuem para a perenidade do próprio jornalismo. O tempo e suas temporalidades aparecem como particularidade, embora compreendam grande parte do fazer jornalismo.

Meditich e Sponholz (2011) alertam que o jornalismo ainda é centrado na atualidade e a medida que abre o campo de discussão, também o prende. O que mostra a grandeza e a força do jornalismo e de seus estudos e a necessidade de expandir suas discussões e alcançar outros pontos, os quais ainda não eram debatidos em profundidade.

Continua sendo atual e urgente entender que o jornalismo é ditado pelas leis da atualidade e da universalidade, que ao mesmo tempo o limitam e o expandem e o diferencial nitidamente da ciência e da literatura. O jornalista está atado ao dia, ao tempo, de uma forma que o escritor não conhece, e ele nunca poderá se especializar como o cientista (MEDITSCH E SPONHOLZ, 2011, p. 21)⁶.

Franciscato (2005, p. 15) é defensor da visão de uma experiência social do tempo que é afetada “diretamente pela estrutura e atuação dos meios de comunicação, em particular a instituição jornalística”. E, o autor ainda reitera que o “(...) jornalismo é uma prática social voltada para a produção de relatos sobre eventos do tempo presente”. Concordamos com a ideia de que o jornalismo legisla a favor da construção de uma temporalidade social, que produz formas específicas de sociabilidade. Este tempo presente é essencial para o jornalismo e a maneira como ele é trabalhado varia no entendimento, mas será sempre uma qualidade particular do jornalismo.

Fontcuberta (2010) observa que o jornalismo encontra refúgio e razão em dois conceitos: acontecimento e atualidade. Um não existe sem o outro. São complementares. “A essência do acontecimento jornalístico é a atualidade”. (FONTCUBERTA, 2010, p. 18). Em todo o processo jornalístico, a escala de valores dos elementos que convertem um

⁶ Texto faz parte da introdução do livro: “O poder cultural desconhecido: Fundamento da Ciência dos Jornais”. GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: fundamento das ciências dos jornais**. Tradução Liriam Sponholz. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2011. (Coleção Clássicos da Comunicação Social)

acontecimento em produto sofreu profundas transformações e ainda remete a uma discussão com diversos posicionamentos. No modelo tradicional, acontecimento não existe sem atualidade. Ambos são necessários e importantes e dão vigor ao jornalismo.

O Jornalismo encontra sua razão de ser em dois conceitos-chave: acontecimento e atualidade. A partir do primeiro, os meios de comunicação social constroem a história; o segundo divide o tempo em períodos idênticos (horas, dias, semanas ou meses) que servem de marco para a difusão de uma série de fatos e valores, selecionados entre todos os que ocorreram entre sucessivos intervalos (FONTCUBERTA, 2010, p. 13).

A atualidade é o eixo central, que dá coerência e razão de ser a uma série de fatos diferentes que acontecem em várias partes do mundo com distintos protagonistas. Esta atualidade não coincide com todos os fatos que acontecem, nem sequer é a mesma em cada uma dos meios de comunicação [uma revista semanal ou um telejornal não possuem os mesmos conceitos de atualidade] (FONTCUBERTA, 2010, p. 19).

Destacamos estes trechos de Fontcuberta (2010) para ressaltar que abrigado dentro do conceito de atualidade, cada mídia pauta seus acontecimentos de referência do e para o mundo. A organização dos fatos não depende unicamente do fato, mas também do modo de trabalho dos veículos de comunicação e de como querem atingir especificamente o seu público. As rotinas dos meios de comunicação também são guiadas por isto. Dentro do tempo os fatos não possuem a mesma duração e potência. Sodré (2012) é guiado por uma concepção que enxerga a atualidade como um fenômeno digno da modernidade e que de certa forma une o passado e o presente, por meio do que o autor chama de “microaspectos singularizados do fato”- que nada mais é que a notícia, em sua forma bruta. Sodré (2012) é categórico ao afirmar que é por meio do Jornalismo, que as histórias do cotidiano podem ser transmitidas e assim mobilizar a consciência subjetiva dos indivíduos, interpelados pela singularidade da Modernidade.

A preocupação com a atualidade é um fenômeno moderno. De fato, é próprio da Modernidade não apenas a transformação da experiência espacial por meio das técnicas de medição (métricas, topográficas, cartográficas), mas também a reorganização da experiência temporal, agora regida pela cronologia do relógio, orientada em termos de sequencialidade, assim como de circularidade, quando o “atual” promove um curto-circuito entre passado e presente (SODRÉ, 2012, p, 60).

Ao lado do sentido de atualidade, o jornalismo teria também o de interesse público. Sobre isso, nos assentamos na concepção de Habermas (1984) de esfera pública. Que pode ser definida enquanto uma zona pública na qual são discutidas opiniões diversas, e utilizando a

racionalidade e a razoabilidade, uma visão pública é construída. Quem pode ser considerado o sujeito-protagonista dessa esfera? O público. Este é considerado o portador da opinião geral e, o qual depende meramente da publicidade do fato para construção dos seus argumentos. É por conta da necessidade desta publicidade que a imprensa é importante. A transmissão da informação enquadra-se como um direito e é legitimador do movimento que alia o jornalismo ao interesse público.

É importante destacar que esse modelo de esfera pública discutido por Habermas (1984) é o que emergiu na Europa no século XVIII, dentro de uma organização aristocrática de sociedade. Foi no espaço público burguês que se institucionalizou a imprensa e desta forma ela tornou-se a mediadora entre os interesses públicos e privados. Os jornais da época apareciam sempre com artigos opinativos, literários, científicos e artísticos, que por serem escritos pelos intelectuais permitiu o exercício da 52esigner52 de opinar frente ao poder público estabelecido e contribuiu, assim, para o desenvolvimento de uma legitimidade de opinião pública. Sacramentando o jornalismo, a mídia e a imprensa como ferramentas indispensáveis na construção do pensamento do que é estar no mundo e fazer parte dele enquanto cidadão pensante.

A história da palavra [público] conserva os rastros dessa mudança 52esigne de consequências. Na Inglaterra, a partir da metade do século XVII, fala-se de “*public*” em relação ao que antes se costumava chamar de “*world*” ou “*mankind*”. Assim também, em francês, *le public* serve para 52esigner aquilo que, de acordo com o dicionário dos irmãos Grimm, tinha-se difundido no século XVIII como “*Publikum*”, desde Berlim por toda a Alemanha; até então se falava de “mundo dos leitores” ou também simplesmente de “mundo” (ainda hoje no sentido de: todo mundo, *alle Welt, tout le monde*). (HABERMAS, 1984, p.40) [Grifos do Autor]

Esse debate costuma levar para muitos caminhos de ressalvas. Um deles é admitir que a razão de ser do jornalismo está resguardada no interesse público, classificando-se assim como qualidade suprema da atuação de uma esfera pública. E, a outra é admitir que esta esfera pública, bem como, a razão de ser do jornalismo estão organizadas sobre uma construção cultural e simbólica, que demanda atualizações constantes e que, de forma alguma podem apresentar-se estáticas e perenes. Ora, se a sociedade está em constante movimento de valores e experimentações, como fincar o pé em um modelo de esfera pública que modela em sua totalidade o jornalismo? Nesse questionamento visualizamos respostas. O valor do jornalismo, sobretudo o moderno, assume uma perspectiva de construção, seja do ponto de vista cultural - tecnológico - seja do ponto de vista social - com atuações no campo simbólico e profissional.

Dahlgren (1991), um dos críticos da visão *habermasiana* da esfera pública, diz que apesar do jornalismo ser apresentado e defendido como uma base de ajuda ao cidadão para que ele aprenda e descubra mais sobre o mundo, ele não é só isso, principalmente na contemporaneidade, em que a tecnologia e as mudanças estruturais da sociedade colocam em cheque o jornalismo profissional e seu valor. Para o autor, o jornalismo deve ser considerado a partir de uma série de transformações históricas e culturais ao longo das décadas, trazendo à tona potencialidades que vão além da construção de uma opinião pública. Inclusive, o jornalismo se mantém centrado na atualidade por questões de interesse público, mas também por diferenciar-se de documentações históricas e meros relatos do cotidiano. A potência do jornalismo não resume-se às tentativas de ajudar o público a entender o mundo que o cerca, mas por representar todo o contexto para viver nele - servindo de referência para a movimentação em tempos de profundas crises sociais e políticas.

Mas, e o público? Ele deve estar no centro de toda essa discussão do jornalismo? Sim e Não. Sim, por que se levarmos em conta o conceito de público, entendemos que os sujeitos que o formam posicionam-se em um local fronteiro entre divulgação e admiração. É o que Marialva Barbosa (2001) aponta. O público, em tempos passados, como no século XVIII aparece com o sentido de dignidade e aceitação. “Ao longo desse período também o conceito de público passa por bruscas transformações. Pressupondo de antemão uma ideia de divulgação – condição indispensável para tornar-se público –, embute-se, então, na noção uma outra ideia: público é também o que é aceitável e digno de admiração” (BARBOSA, 2001, p.3). Para a autora, mesmo que a divisão das esferas pública e privada se localize no íntimo da modernidade, este processo de delimitação de sentidos na prática ocorre de maneira gradual e lenta, inclusive de compreensão de até onde vai a importância deste público e a discussão de seus interesses. E, não, porque o público não deve ser a única parte visualizada na construção da importância do jornalismo. Do ponto de vista de formatação, o material jornalístico produzido passa por uma série de fases que o fazem ser mais ou menos interessante a depender do ângulo de visualização. No caso deste trabalho, enxergar a potência do jornalismo a partir de um olhar das temporalidades e suas particularidades fornece lentes de aumento para o tempo presente, contribuindo para aproximar o jornalismo enquanto forma de conhecimento (PARK, 1966) e também como relato histórico em construção, além de aparecer nas discussões de novas formatações profissionais.

Berger e Luckmann (2004) afirmam que a comunicação e o jornalismo contribuem para ajudar o homem a perceber o cotidiano e o contexto em que vive. Pois bem, se a sociedade já está acostumada a regras e padrões, inclusive relacionados a contagem e experiência de tempo

e espaço, o jornalismo apareceria, de acordo com a visão dos autores, como um organizador dessa rotina. Berger e Luckmann (1999) esclarecem como se dá essa noção da realidade da rotina cotidiana, mostrando como o indivíduo se percebe no mundo e como julga o seu dia a dia partir de noções espaço-temporais.

A realidade da vida cotidiana está organizada em torno do “aqui” de meu corpo e do “agora” do meu presente. Este “aqui e agora” é o foco de minha atenção à realidade da vida cotidiana. Aquilo que é “aqui e agora” apresentado a mim na vida é o *realissimum* de minha consciência. A realidade da vida diária, porém, não se esgota nessas presenças imediatas, mas abraça fenômenos que não estão presentes “aqui e agora” (BERGER e LUCKMANN, 1999, p. 39) [Grifo do autor].

O Jornalismo, para tanto, apresenta-se como um fenômeno que apreende o “aqui e agora” e o transporta para além dos momentos do presente. Vale-se de outros artifícios para ser também um representante do tempo presente, mesmo não estando fixo nele. Então, apresenta-se como um norteador para as atividades do dia. Não é à toa, que as pessoas consultam o jornal e também o telejornal para saber como está a previsão meteorológica, a tábua das marés, o fluxo de trânsito nas estradas e assim por diante. Creditando valor às ações do dia a dia e atribuindo força ao jornalismo para além das temporalidades presentes no “aqui e agora”, mas também representando as instâncias do tempo, pautado na atualidade e na novidade do ser e do porvir. É a referência para os indivíduos.

Gomis (1991, p. 14) defende que o que os meios de comunicação fazem, na verdade, é nos oferecer o ‘presente social’. Ligado às questões de temporalidade que é posta em contato com nossas ações do cotidiano, o autor destaca ainda que sem os meios de comunicação, o presente social resultaria em ser pobre e reduzido, seria a família e os vizinhos mais próximos, o trabalho. Com os meios de comunicação, a sociedade tem a opção de se reconhecer e ser reconhecida. Entender o que se passa em todo o mundo e como se passa. “*Gracias a los medios, vivimos en el mundo sabemos lo que está pasando un poco en todas partes*”. (GOMIS, 1991, p. 14)⁷

Gomis (1991) ainda reforça que os meios de comunicação formam a cada dia um presente social de referência e afirma que não há uma ordem temporal na justaposição das notícias e das seções dos programas jornalísticos do rádio e da TV, por exemplo, o que cria uma certa realidade presente, naquele instante, remetendo a uma noção de instantaneidade

⁷ Graças aos meios de comunicação, vivemos no mundo e sabemos o que está acontecendo um pouco em cada parte. (Tradução livre).

recheada de novidade. Homens e mulheres são colocados em contato com a ‘liturgia dos noticiários’, o que acaba introduzindo uma consciência de tempo a partir dos noticiários e assim resignificando o presente que vivemos. O que, neste caso, indica os meios de comunicação como agentes norteadores da temporalidade. O autor ainda defende o jornalismo como uma forma de ajudar-nos a interpretar a realidade que nos cerca. “*La realidad a la que se refiere la interpretación periodística es la realidad social*”. (GOMIS, 1991, p. 34)⁸. Para ele, o jornalismo serve como um mediador de interpretação. Interpretar a realidade social para que as pessoas possam entender, adaptar-se e modificar-se. E isso, pode acontecer de dois modos: 1) descritivo e 2) valorativo. No primeiro, o produto que é a informação, o jornalismo tem a função de descrever o que se passou. Já no segundo, é permitido situar-se perante um fato dentro do contexto social e analisar o significado do que se sucede.

La interpretación periodística permite descifrar y comprender por medio del lenguaje la realidad de las cosas que han sucedido en el mundo y se completa con el esfuerzo, también interpretativo, de hacerse cargo de la significación y alcance que los hechos captados y escogidos para su difusión puedan tener. Des ahí se deriva la invitación implícita a que la gente les dé repuesta. El comentario de los hechos producidos llega incluso a tratar de descifrar e interpretar el futuro, especialmente el futuro deseable, para indicar cómo podría alcanzarse (GOMIS, 1991, p. 36)⁹.

As funções clássicas atribuídas ao jornalismo são: informar, formar e distrair. De acordo com o pensamento de Gomis (1991) o jornalismo também apresenta a função da mediação. O jornalismo é o interlocutor entre as várias instâncias de uma sociedade e os diversos públicos. Assim o jornalismo, que para Gomis (1991) é “uma atividade profissional de mediação (...), seu produto, a notícia, é sempre um bem público, que se dedica a interpretar a realidade social e mediar entre os que fazem o espetáculo da cobertura diária e o público (...)”, ou seja, ele seria responsável por tecer a realidade.

Mesquita (2014, p. 28) nos lembra que o jornalismo deve ser considerado como um método de interpretação da realidade social, “ (...) não se preocupando, portanto, com o que acontece na intimidade das consciências, nem nas profundidades do inconsciente”. A autora também se baseia em Gomis (1991), quando considera que a realidade pode fragmentar-se em

⁸ A realidade à qual se refere a interpretação jornalística é a realidade social”. (Tradução livre)

⁹ A interpretação jornalística permite decifrar e entender através da linguagem a realidade das coisas que aconteceram no mundo e é completada com o esforço, também interpretativo, de se encarregar da importância e do escopo que os fatos capturados e escolhidos para sua divulgação podem tem. Daí deriva o convite implícito de que as pessoas lhes dão uma resposta. Os comentários sobre os eventos produzidos chegam a tentar decifrar e interpretar o futuro, especialmente o futuro desejável, para indicar como ele pode ser alcançado. (GOMIS, 1991, p. 36) (Tradução livre)

períodos, sendo que o único período interpretado pelo jornalismo é o atual. Mesquita (2014, p. 28) nos premia com o seguinte entendimento:

A realidade pode fragmentar-se em unidades completas e independentes (os fatos), capazes de interpretar em forma de textos breves e autônomos (notícias). Nos veículos de massa, a realidade interpretada deve poder assimilar-se de forma satisfatória em tempos distintos e variáveis por um público heterogêneo e deve encaixar-se em um espaço (periódico) e tempo (programação dos veículos de comunicação). Por fim, segundo Gomis (1991), a realidade interpretada deve chegar ao público de um modo completo através de vários filtros e formas convencionais (gêneros jornalísticos) que permitam entendê-la melhor (MESQUITA, 2014, p. 28).

Já na perspectiva de Cornu (1994), a legitimidade da atividade jornalística se baseia no fundamento do direito que a sociedade possui a saber. Princípio influenciado nos ideais liberais de liberdade e igualdade na noção moderna. Valores importantes para a manutenção da segurança dos agentes sociais em exprimir suas opiniões sem lesar o outro. Entramos neste momento em uma outra ponta da discussão, que segue mais voltada para a equidade das relações sociais, tendo o jornalismo como liga importante deste processo. Park (1966) também nos ajuda nesta reflexão. Ele aponta para uma consistência do tempo presente nos fundamentos do jornalismo. O que reforça a consciência de estar no mundo e ser no mundo, uma perspectiva social relacionada a forma como os jornalistas executam seu trabalho diário tendo como objeto motivador o cotidiano e a liberdade de expressão. Sendo assim, o jornalismo contribui para que o homem entenda em qual cenário está envolvido e a quais situações está submetido no mundo da vida.

O jornalismo em sua história social é configurado pelos ciclos vivenciados nas múltiplas realidades e mudanças oriundas das diferentes crises nas mais distintas épocas da sociedade. Nesta jornada, um dos aspectos importantes para nossa discussão é a construção do espaço público em que se dá a noção de serviço público do jornalismo como um mediador social. Em diferentes períodos a noção de espaço público ganha diversos contornos e sofre transformações de sentido absorvendo o existente em cada temporalidade. Foi pelo Jornalismo, surgido no século XVII, que começou a prática de transformar simples relatos cotidianos e acontecimentos em notícias diárias, contribuindo assim para a valorização do tempo presente. E, é por meio do jornalismo que a sociedade sabe até hoje, recebe e compreende o que é novidade e relevante, se informa sobre fatos comuns e obtém o apoio com a informação sobre serviços de utilidade pública. E isto é feito diariamente, contribuindo para o pensamento de uma atividade fundada no tempo presente. Abraçamos as mudanças dentro do processo jornalístico, como 'viradas' de

tempo dentro do seu próprio desenvolvimento. A noção de atualidade como um todo, a instantaneidade, a novidade e a periodicidade, juntos formam um modelo de concentração das temporalidades que formatam o jornalismo em sua totalidade. Mais que simples noções marcadoras de tempo dentro do fazer jornalístico, elas expressam também a formatação do jornalismo ao decorrer das épocas. Em um período mais moderno, que é o que vivemos atualmente, a agilidade e a necessidade de noticiar com rapidez transforma o mundo do jornalismo não só do ponto de vista da notícia, mas também do profissional. O modelo de trabalho está mais aguçado ao digital e as formas de representação do jornalismo seguem um ritmo veloz de atualização e de acompanhamento da sociedade atual.

Otto Groth (2011) estabeleceu categorias científicas para o jornalismo por meio de quatro leis: 1) periodicidade, 2) universalidade, 3) atualidade e 4) publicidade. Todas estas, ainda servem de parâmetro para o jornalismo atual. Na visão do autor, para um objeto tão complexo como o jornalismo, só é possível analisá-lo através de partes. Pela parte se compreende o todo e mais, é justamente por pequenas partes que o todo ganha sentido.

Ao investigar a essência do objeto da Ciência dos Jornais, nós nos deparamos primeiro com a periodicidade como característica manifesta e, portanto, imediatamente saliente e incondicionalmente evidente. Ao infiltrarmo-nos no conteúdo dos objetos, nós reconhecemos as características da universalidade e a nela contida atualidade, e por fim identificamos a qualidade da publicidade, que nos dá a direção, o objetivo da obra e com isso nos conduz ao seu sentido (GROTH, 2011, p. 144).

Groth (2011) dedica quarenta páginas a discussão da atualidade. De certo modo, tratamos a sentença da atualidade como sendo a parte que fala de tempo dentro do jornalismo, ou pelo menos, é a mais reconhecida assim. O texto de Groth (2011) reforça que é na atualidade que está a tarefa mais urgente e potente do jornalismo. E, isso raramente é negado tanto na teoria quanto na prática. A atualidade é uma característica essencial e faz parte da natureza do jornalismo e assim permanece até hoje. Dito isto, é na lei da atualidade que o jornal tem a oportunidade de mediar, de ofertar o presente.

Atual é aquilo que cai no presente ou tem uma relação com o presente. A atualidade recebe o seu momento subjetivo por assim dizer indiretamente, por meio do presente, que é sempre um presente para o ser humano, pois só este vive um ontem, um hoje e um amanhã. (...) A novidade não se atenta para o tempo, enquanto este é o essencial para a atualidade. (GROTH, 2011, p. 224)

O interesse social do jornalismo se dá na concretude da atualidade, que muitas vezes vem ancorada na novidade. “A consciência da atualidade ata-se a um estado objetivo de coisas,

'a proximidade do presente'". (GROTH,2011, p. 231) Ora, novidade não ocupa um lugar na temporalidade diferentemente da atualidade, sendo assim conveniente nos aproximarmos de Bourdieu (1997), de Sodré (2012) e também de Schlesinger (1987) e (2016) que tratam a notícia como um produto dotado de infinita percibibilidade. Para os autores, a notícia tem a obriga o de ser renovada diariamente e caso não seja, perde seu vigor e conseqüentemente o interesse público.   por conta dessa característica que a produ o jornalística têm suas origens fincadas no valor do mercado. Notícia nova ocupa lugar privilegiado no espaço jornalístico.   estratégia de reconhecimento e ao mesmo tempo   a moeda do presente dentro da realidade.

A atualidade, enquanto renova o continuada, pereniza a ruptura com o passado. Na prática jornalística, o valor do novo fetichiza-se como *novidade* em grada es diferentes: maior potencial de atualidade do novo/novidade, maior a possibilidade sua inscri o como acontecimento pertinente ao nosso espaço-tempo cotidiano (SODRÉ, 2012, p. 61).

Franciscato (2005)   participante dessa visão também. Por causa do tempo se institucionalizar como um fator de identidade como o de tensão. Ele diz que a notícia   reconhecida dentro do seu tempo de existência e   estabelecida dentro desse limite. A percibibilidade não se concentra apenas na conota o da notícia em si, mas em todo o processo circular até a sua divulga o. O presente   afirmado e reafirmando s  enquanto dura a existência da notícia.

A temporalidade d  uma forma cultural ao princípio jornalístico, a notícia, tornando-a reconhecível e estabelecendo os seus limites de sentido, atua o e existência social. A notícia tem um tempo ef mero, seja em consequência da velocidade do movimento do mundo que desatualiza o relato jornalístico, seja pelos modos como a organiza o jornalística aplica a esta volatilidade mecanismos para sua substitui o regular ou sua permanência em desdobramentos sucessivos. A notícia traz, normalmente de forma explícita, marcas do presente que afirmam sua singularidade temporal, sua dura o breve na expressão de um presente que se esvai (FRANCISCATO, 2005, p. 18).

O que queremos dizer com isso? Por ser perc vel, a notícia tem como grandeza a possibilidade de representar o novo, em qualquer que seja sua instância. A valida o por meio das técnicas jornalísticas   que precisa ser bem executada por parte dos profissionais, escolhendo o melhor formato de apresenta o para o público.   preciso que a força da novidade esteja presente e que o conteúdo se sobressaia mantendo uma atualidade ativa.

A consciência desse fato impele os atores sociais do campo a buscarem continuamente a novidade mais recente entre as diversas que surgem no cotidiano, o que leva a um gradual esvaziamento de sentido da informação jornalística, pois o novo torna-se rapidamente velho e, logo esquecido (MIRANDA, 2005, p. 126).

Para se ter domínio sobre o conteúdo noticioso é necessário compreender que os efeitos do tempo e do espaço determinam seu significado, o que permite a pluralidade de formas de enunciação, julgamentos diversos e consequências sobre a vida em sociedade. “Se o presente absoluto do fato é impossível, não importa, o discurso se organizará sobre o presente, esta vez sim absoluto, da enunciação do fato: o presente do ato comunicativo mesmo”. (REQUENA, 1989, p.48)

Para Alsina (1989), a comunicabilidade do fato significa que os meios de comunicação são os criadores dos acontecimentos jornalísticos. Ou seja, ao tornarem público e acessível o conhecimento de algo, eles transformam em notícia o que era da ordem do acontecimento. Tais acontecimentos jornalísticos afetam as pessoas de modos diversos, quanto mais afetadas elas forem, maior adesão ao conteúdo e conseqüentemente ao meio de comunicação. Permanecendo na linha temporal dentro do contexto do acontecimento e sobretudo o jornalístico, é justamente a atualidade (contida no fato) que é considerada o elemento básico para que um acontecimento torne-se notícia, assim como sua relevância para a sociedade.

O jornalismo é um dos campos de conhecimento estabelecido, legitimado e institucionalizado na e pela complexidade inerente à sociedade; a qual está sempre em processo de transformação natural do mundo físico e dos homens diante dos contextos sociais, políticos, econômicos, culturais e psicológicos. Esse processo de mudança contínua e heterogênea da sociedade reconfigura o campo jornalístico e suas práticas produtivas. E é pelo fato de estar envolto a esses movimentos dinâmicos que o jornalismo também ajuda a construí-los. Francisato (2005) diz que é pertinente compreender todo o contexto dessas transformações para investigar o papel social da notícia.

Pensar o jornalismo e a contemporaneidade requer uma visão ampla dos inúmeros aspectos e relações presentes no mundo da vida. Voltamos a pensar a partir das partes, como nos aconselha Groth (2011) na construção do todo do processo jornalístico. Nos resguardamos para isto, sob a óptica de Morin (2005) que diz que a complexidade é tear os fios dos diversos conjuntos de complexidades existentes que formam partes de um todo e ao mesmo tempo o todo que está nas partes. Dentro do contexto deste estudo, não pretendemos apresentar uma discussão totalizante ou conclusiva das questões sobre jornalismo na contemporaneidade e, sobretudo das nuances relacionadas ao tempo do e no jornalismo, mas abrimo-nos ao diálogo

com o universo proposto pelas diferentes complexidades como as das incertezas, da desordem, da complicação, dos problemas da organização, da não linearidade.

Propomos uma discussão relacionada às práticas do jornalismo, especificamente do telejornalismo, que é o nosso objeto de estudo, e suas relações comunicacionais de produção simbólica na sociedade contemporânea num espaço público delineado pela colaboração dos diferentes agentes sociais. Utilizamos agentes sociais nos referindo a todos os cidadãos e cidadãs, que integram os diversos âmbitos constituintes do tecido da sociedade contemporânea. Wilson Gomes (2009) nos lembra que a legitimação social do jornalismo está amparada no âmbito discursivo, na crença de que ele não é somente um provedor de informações para o desenvolvimento da vida do cidadão, mas o jornalismo sobretudo é uma instituição que representa este cidadão e que defende, de tal forma, os interesses relacionados à vida pública.

Franciscato (2014), analisa a complexidade do jornalismo a partir das características decorridas nas formas sócio-históricas de sua constituição. E, uma das características apontadas pelo autor está “situada em contextos espaço-temporais concretos” e é justamente por “estar imerso em um contexto espaço-temporal concreto” que “formatos jornalísticos são resultantes de modelos históricos de desenvolvimento da cultura, da economia, da política e da tecnologia”. (FRANCISCATO, 2014, p. 89) E, é neste contexto, sugerido por Franciscato (2014), que seguimos nosso percurso teórico. Ressaltamos as mudanças tecnológicas e também sociais e simbólicas para demarcar a presença da temporalidade na construção do nosso objeto jornalístico - o telejornal - seu processo de inserção social, as transformações ao longo do tempo e sua ocupação simbólica ou não no espaço físico e imaginário dos cidadãos.

Outra visão de Franciscato (2014) que contribui com a formatação do arcabouço teórico é quando ele afirma que o produto jornalístico é plural e não uma síntese e que deve existir uma compreensão sobre a relação oscilante do trabalho individual/coletivo do profissional jornalista. O individual ocorre no momento cravado pela subjetividade do profissional. O coletivo acontece quando os diferentes perfis da equipe compartilham normas, valores e decisões por meio das hierarquias, fazendo uma alternância que se dá ora pela concentração e ora pela descentralização nas decisões. Isso afeta diretamente nos modos produtivos e nos valores empregados ao produto e suas formas de produção.

Quando tratamos também sobre as rotinas de produção, destacamos o protagonismo do jornalista à frente das questões de formatação do jornalismo e de seus produtos, como o jornal de TV. Porém, estes jornalistas estão inseridos em modelos profissionais - normas e regras - que modelam sua performance. Entramos na seara da profissão. Soloski (2016) alerta para a relação conflituosa dos jornalistas com as organizações.

As organizações jornalísticas tem desenvolvido regras - políticas editoriais. As organizações jornalísticas confiam na interação do profissionalismo e das políticas editoriais para controlar o comportamento dos jornalistas. (...) Estas organizações jornalísticas precisam desenvolver técnicas para controlar o comportamento dos seus profissionais. (...) E, o método mais eficiente para controlar o comportamento em organizações não burocráticas, como as organizações jornalísticas, é através do profissionalismo. O profissionalismo "*faz uso da discricção previsível*". Alivia as organizações burocráticas da responsabilidade de imaginar os seus próprios mecanismos de controle nas áreas discricionárias de trabalho. [Grifo do autor] (SOLOSKI, 2016, p. 133-135).

Esse profissionalismo descrito por Soloski (2016) apresenta-se como um aceno a métodos mais rigorosos e a presença de dias mais extenuantes dentro da rotina da redação jornalística. Explicando em miúdos, dentro da redação os jornalistas além de serem submetidos a um processo que é guiado por valores e códigos da profissão, são desafiados a trabalharem com mais rigor dentro do tempo determinado para. Ao formatar o produto jornalístico, um telejornal, por exemplo, os jornalistas precisam ser demasiadamente profissionais para dar conta de todos os aspectos que envolvem sua função: 1) avaliar corretamente o material noticioso captado; 2) validar em um formato acessível ao grande público; 3) realizar as tarefas incumbidas a ele da melhor forma possível, ou seja, com organização temporal, safando-se das pressões que aparecem a cada decisão; 4) entregar um bom resultado.

Ainda dentro deste campo de discussão, Soloski (2016) reforça que esta preocupação com o termo do profissionalismo segue abordagens histórico-sociológicas. Uma mais voltada para a tentativa de definição do que seria uma profissão e a outra centrada nas relações entre os profissionais e as organizações comerciais burocráticas que os empregam. Porque isto também é importante para esta pesquisa? Embora, o telejornalismo tenha maciçamente a presença de valores norteadores e estruturas sólidas para o seu desenvolvimento, ao estudarmos as rotinas da redação, percebemos a importância da presença e atuação do "ser profissional" que ocupa o espaço físico e que se adequa as bases temporais impostas pela formatação do noticiário televisivo.

Nossas indagações partem das seguintes questões: Quem é este profissional por trás da formatação do jornalismo? Qual o perfil das pessoas que ocupam espaços nas redações do telejornal? Qual a profundidade do ser jornalista frente às rotinas temporais calcificadas do trabalho jornalístico? Como perceber sua importância na concretude de um tempo presente marcado pela atualidade da notícia e a urgência da manutenção desse presente? Esse debate sobre o "ser profissional" seguirá mais adiante, marcado por observações levantadas também no diário de campo realizado para a concretude deste trabalho. A possibilidade de executar uma

pesquisa baseada na etnometodologia, nos permitiu a compreensão da presença do jornalista na rotina e apreensão da temporalidade. É função dele organizar as temporalidades e acessá-las quando necessário.

Schlesinger (1987) e (2016), para nós funciona como o elo entre o nosso entendimento de tempo e a apropriação nos estudos do telejornalismo e o desempenho dos jornalistas. O autor contribui com a visão do tempo e seus impactos dentro do modelo de produção da notícia, resvalando nos movimentos laborais do jornalismo. O trabalho do Schlesinger (2016) nos instiga a mostrar como o tempo aparece soberano frente ao formato jornalístico e está presente em todos os momentos, desde o período de produção até a execução final. Denominamos este tempo como temporalidades. Assumimos que a presença delas no telejornalismo é matriz orientadora do modo de agir.

São as temporalidades que ordenam as situações, funcionam como valor notícia e até como critério, determinando as decisões da equipe, coordenada principalmente pelo que denominamos de 'tempo-relógio' (marcado pelo instrumento) que aponta para a pressão simbólica exercida pelo *deadline*. Esse marcador - *deadline* - deve ser executado dentro do que Soloski (2016, p. 138) denomina de 'profissionalismo jornalístico', isto é, quando o comportamento dos jornalistas é balizado por dois modos que são relacionados: 1) estabelece padrões e normas de comportamentos; 2) determina o sistema de recompensa profissional. Esses dois pontos sustentam as rotinas da redação e o modelo de atuação dos profissionais, principalmente os de televisão, que precisam cumprir o determinado pelos padrões até a vivência do *deadline*. É quando se concretiza o trabalho que o jornalista consegue perceber sua importância e suas habilidades. O *deadline* estimula o profissional a cumprir a rotina da redação dentro do tempo determinado para execução da. Ou seja, o *deadline* é a razão e o motivo de compreensão da temporalidade dentro do jornalismo, por parte dos profissionais e a entrega do tempo presente, da atualidade representada para o público.

3.2 O QUE É A PRESENÇA DO TEMPO NO TELEJORNALISMO

Orientados por Vizeu e Correia (2008), compreendemos que o telejornal representa um lugar de referência para as pessoas muito semelhante ao da família, dos amigos, da escola, da religião e do consumo. Para os autores, marcações pontuais dentro do jornalismo orientam as pessoas a como procederem em seu dia a dia e em momentos difíceis - como guerras ou crises financeiras e políticas, por exemplo. O que ocorre é que as pessoas utilizam da informação fornecida pelos veículos de comunicação para subsidiar as tomadas de decisões. Os autores

defendem ainda que o telejornalismo também é um espaço onde se gera conhecimento e que também influencia a sociedade nas tomadas de decisões . Não há notícia sem conhecimento. Os telejornais funcionariam como uma janela para a realidade (VIZEU E CORREIA, 2008). As histórias contadas no telejornal partem de um resumo de acontecimentos diários que representam um guia para o público. Ao longo dele, encontramos desde notícias que são retratadas em notas, reportagens, entradas ao vivo, entrevistas e uma série de formatos que usam recursos audiovisuais. Esses formatos são escolhidos seguindo requisitos estéticos, além de critérios que potencializam o fato para o telejornalismo.

Fishman (1990) alerta que o mundo é burocraticamente organizado pelos jornalistas. O movimento desempenhado por estes profissionais dentro das rotinas da redação do telejornal justifica a forma como o mundo se comporta e como ele é relatado para a audiência. Fortalecendo a ideia de janela do mundo até para os mais desatentos. Recentemente durante a crise sanitária mundial provocada pela contaminação do coronavírus, a audiência dos telejornais no Brasil superou todos os recordes desde o fortalecimento da internet. De acordo com dados do Ibope¹⁰, o número de televisores ligados aumentou por causa da concentração das pessoas em casa e devido aos alertas contra a expansão da doença. Os dados da pesquisa também mostraram que os telejornais tornaram-se durante o período de quarentena, imposto pelas autoridades sanitárias, campeões de audiência no quesito de informação, superando a internet. Confirmando a televisão e sobretudo o telejornalismo, como lugares de referência para a sociedade, trazendo orientação e, de certa forma, conforto para o público (VIZEU, 2008).

De fato, o telejornalismo ocupa um espaço privilegiado na vida das pessoas. Serve de norte para questões do cotidiano e dá sentido ao tempo vivido no dia a dia. Servindo-nos dessa força e presença no ordenamento social, destacamos uma presença de temporalidades no orquestramento do telejornal. A formatação do mesmo segue um alinhamento de tempo que é perceptível desde o processo de construção noticiosa até as particularidades vividas pelos profissionais - jornalistas - nos bastidores. São as rotinas da redação que nos interessam. É o comportamento dos jornalistas na execução de suas funções diárias que respondem muitas das nossas perguntas. Não apontamos esses dois eixos de observação apenas por que estamos comprometidos neste trabalho em abordar somente aspectos relacionados as rotinas profissionais do jornalismo diário, mas, sim porque entendemos que os impactos trazidos pela

¹⁰ Reportagem da Folha de São Paulo: “ Audiência de telejornalismo explode durante crise do novo coronavírus - Com grande número de fake news nas redes sociais, pessoas buscam informação qualificada no jornalismo profissional”. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2020/03/audiencia-de-telejornalismo-explode-durante-crise-do-novo-coronavirus.shtml>. Acesso em: 23 de março de 2020.

temporalidade são mais perceptíveis no desenrolar das ações jornalísticas desenvolvidas nos corredores que contornam a cena do telejornalismo. A carga de atualidade e novidade contida na notícia é importante, mas não é o único aspecto de temporalidade que deve ser enxergado dentro do processo de formatação do telejornalismo. Quando Medina (1982) diz que em nenhuma profissão, como no jornalismo, o dia a dia tem mais peso. “O ritmo de trabalho do jornalista é regulado pelo prazo exíguo de 24 horas, com algumas variáveis para menos ou para mais. A pressão do tempo é constante”. A autora reforça como pensamos. Dialoga com as questões que estamos levantando e nos ajuda a avançar para uma discussão sobre como o tempo é trabalhado e entendido dentro do telejornalismo, do processo produtivo até a execução final.

Voltamos a discussão do *deadline*. É sabido que este marcador da rotina na redação modela as decisões e movimentação o cenário noticioso. Vizeu (2006) denomina o momento como ‘linha da morte’ - sendo fiel à tradução da palavra do inglês. É o toque do fechamento que dita as regras e promove a adoção de certos comportamentos dos profissionais na condução da rotina da redação. Dentro dessa “ditadura do tempo”, Vizeu (2006) reflete:

Sob o controle do relógio e obcecados pelo novo, pelo imediatismo, pela pressão da hora do “fechamento”, os jornalistas e as empresas jornalísticas muitas vezes se esquecem de que o **como** e o **porquê** numa matéria são importantes para que o telespectador do outro lado da “telinha”, possa compreender melhor o mundo que o cerca (VIZEU, 2006, p. 24).

É importante ser dito que a TV, através de suas rotinas, lógicas e estratégias de produção expressa as temporalidades que vivemos e como vivemos. Os procedimentos e comportamentos dos jornalistas só auxiliam na compreensão e identificação desse tempo presente. Mas, como se explica essa rotina? Qual é esse cenário (que serve de espaço físico) ocupado por esses jornalistas? Vizeu (2006, p. 59) nos faz refletir que “(...) Não se pode pensar em identidade profissional levando em conta apenas trajetórias e projetos conscientes e lineares. A vivência profissional é uma fonte de convivência e contato com essa complexidade”. Acreditamos que, do ponto de vista estrutural, se faz necessário um roteiro explicativo sobre as rotinas televisivas e como elas se formam em volta do conceito de tempo. E tanto Vizeu (2006) quanto Sekeff (2005) nos ajudam nisto.

O ritmo da redação de um telejornal é mais intenso. Acreditamos que uma das explicações para isso é que o noticiário televisivo está associado ao fato da televisão estar organizada e apresentada no tempo, enquanto a edição do jornal está apenas organizada no espaço. Ou seja, o jornal pode apresentar um maior número de notícias que são oferecidas ao leitor como uma espécie de menu.

(...) Já com o telejornal acontece o oposto: como é organizado no tempo, não pode tão facilmente apresentar as notícias *à la carte*. As informações são selecionadas e organizadas de modo a serem vistas integralmente pelo espectador, sem diminuir o tamanho ou interesse da audiência à medida que o programa prossegue (VIZEU, 2006, p. 61).

Tempo e espaço permanecem como elementos básicos no processo produtivo do telejornal. A mobilidade do tempo/espaço (produção e produto), considerada peça-chave, é validada pelas rotinas produtivas. Como decorrência, as suas marcas também podem ser de resistência ou conflito. Ficam registradas pelo tempo nos espaços constituídos. Eis o telejornal (SEKEFF, 2005, p. 34).

Não é descabido comparar a rotina da redação de TV como algo mecanizado e industrial. Por vezes, os profissionais não refletem sobre o modelo e nem o andamento das rotinas da redação. Repetem sem refletir e adotam fórmulas que asseguram que é a melhor forma de preencher o tempo e assim transferir a sensação de atualidade e novidade para o público. Fontcuberta (2010, p. 09) diz que “as rotinas profissionais inerentes ao processo de produção da notícia são claras, relativamente mecanizadas, eventualmente repetidas sem reflexão”. A repetição também traz conforto. Esse processo dito mecânico, tende a promover uma rotina sem erros, minimiza o ambiente estressante e alivia as emoções frente à linha da morte - *deadline*. Diariamente boletins noticiosos e telejornais são confeccionadas em larga escala e em um ritmo beirando o alucinante. Cada peça é talhada para que se encaixe em seus devidos compartimentos de tempo, pré-determinados pelo editor (que assume certa liderança na organização jornalística). Os fatos devem ser trabalhados dentro do ciclo do dia, o que impõe limites temporais à organização da redação, sobretudo, a natureza das notícias. (SCHLESINGER, 2016).

Para ilustrar essa rotina da redação, que em certos momentos apresenta-se como extenuante, trazemos aqui um detalhamento realizado por Vizeu (2014), a partir das entrevistas e observação que fez no jornal RJTV1, da Rede Globo, como parte da pesquisa que resultou na dissertação defendida pelo pesquisador, quando da conclusão de seu mestrado, em 1997, na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Diz Vizeu: “(...) quando o jornalista tem de pensar no tipo de notícias que é importante, serve-se mais de sua opinião sobre as coisas do que de dados específicos” (2014, p. 107). O pesquisador referiu-se, especificamente, aqui, ao processo de edição do telejornal, ainda que entendamos ser essa uma reflexão pertinente ao processo de produção noticiosa como um todo.

Sendo o processo de produção da notícia estratificado nos diferentes momentos, que envolvem a (1) escolha e discussão da pauta, (2) a saída em campo, com a seleção dos entrevistados e imagens e ilustrações que vão compor a notícia, e, ainda, mais tarde, (3) o

recorte das falas e informações desses entrevistados que entrarão na notícia (e os que ficarão de fora, naturalmente) e, finalmente, (4), o tamanho do espaço e localização que esse material informativo vai se encaixar, dentro do veículo de comunicação (seja de qual suporte ele for), podemos pensar que ali está o conjunto de opiniões e visões sobre os fatos de um grupo de pessoas – os jornalistas envolvidos nesse processo, desde o pauteiro, passando pelo repórter, fotógrafo/cinegrafista, editor e editor-chefe. Todo esse processo tem que ser executado em um curto espaço de tempo. A massa (notícia) para ser manobrada é muito extensa e volumosa, e o marcador de tempo acionado para manobrar essa massa é acelerado. O *deadline* pulsa. A tudo isso soma-se o pouco tempo do grupo para tomadas de decisões acerca das coberturas noticiosas (SOLOSKI, 2016).

Dentro da redação de um telejornal, as equipes de reportagem, orientadas pelos produtores, geralmente preocupam-se em mapear os acontecimentos do dia e a partir de uma triagem de edição decide-se como encaixar cada tema em um formato, todos sempre preocupados com o cumprimento do *deadline*. O relógio exposto na redação funciona sempre como um símbolo da necessidade de cumprir-se com o planejamento dentro do estimado pelo editor-chefe, que sempre norteia os caminhos e é responsável pelo fechamento do produto final. Durante os preparativos e a exibição do telejornal, o mundo está em movimento, e sempre algo relevante pode ocorrer. Acontecendo, o editor-chefe tem a missão de noticiar o assunto e escolher a forma que isso deve ser feito a ponto de deixar o fato mais interessante e compreensível para a audiência. Ligando os pontos com o que foi relatado por Vizeu (2014) encontramos um conjunto de temporalidades que reunidas dão o tom de como é a construção do telejornal. Há um somatório de tempos para que ao sinal do *deadline* tudo esteja pronto.

Seguimos investigando outros olhares que mapeiam a presença do tempo no telejornalismo. Além dos movimentos espaço-temporais visíveis nas rotinas da redação, a compreensão de como a temporalidade passeia também pelo suporte do telejornalismo - que é a televisão - é necessária, já que demonstra como a força do suporte molda o produto jornalístico. A televisão, se distribui em fluxo, como descreve Williams (2016). Ou seja, a organização da programação se estrutura em blocos de conteúdos diversos que se apresentam em sequência, numa sucessão contínua. A adesão a esse movimento exige, apenas, o ato de se colocar em frente, em sintonia com os eventos apresentados na televisão.

A análise da distribuição de interesses, ou categorias, num programa, ainda que importante, é sempre abstrata e estática. Em todos os sistemas de radiodifusão desenvolvidos, a organização características - e, portanto, a experiência característica - é a de sequência ou fluxo. Esse fenômeno de um fluxo

planejado talvez seja, então, a característica que define a radiodifusão simultaneamente como uma tecnologia e uma forma cultural (WILLIAMS, 2016, p. 97).

Essa característica da TV também molda os profissionais que nela atuam. Os responsáveis pelo telejornal buscam estratégias de manutenção da audiência criando elos entre os blocos, para prender a atenção dos telespectadores. A promessa é de que o porvir é mais excitante, sensacional, importante ou necessário do que o que se passou até então. O movimento tem a intenção de fixar o telespectador nas unidades de tempo que formam o fluxo.

Um programa de radiodifusão, em rádio ou televisão, é ainda, formalmente uma série de unidades de tempo definido. O que é publicado como informação sobre os serviços de radiodifusão ainda segue esse modelo: podemos olhar o horário de um show, ou programa específico; podemos ligar o aparelho para aquela unidade; podemos selecionar e responder a ela individualmente (WILLIAMS, 2016, p. 99).

O telespectador é conduzido pelo fluxo para não sair dele. Mesmo que o tempo da programação não seja o presente imediato, estar no fluxo remete a estar conectado com o presente e fazer parte dele. É uma temporalidade que faz parte do propósito da televisão e do seu modo de operacionalização. Arlindo Machado (2001) defende uma diferenciação entre o tempo vivido no espaço do telejornalismo como um todo, levando aspectos gerais do suporte em consideração. O autor sustenta o que ele denomina da presença de um tempo presente e um tempo real. Para Machado (2001), o tempo real bem visualizado em obras cinematográficas, diz respeito a coincidência entre o tempo vivido pelos personagens na narrativa e o vivido pelos espectadores na sala de projeção. Porém, na televisão ao vivo, não é possível qualquer manipulação para que o tempo do material produzido coincida com o do fato. Esse tempo real é expresso apenas no relato televisual.

O material obtido está sendo constantemente maculado por anotações dispensáveis, como quando a câmera espera a chegada de uma personalidade no aeroporto e vagueia aleatoriamente pelos rostos da multidão ou pelos ambientes vizinhos apenas para preencher com imagem o tempo de espera (MACHADO, 2001, p. 138).

Já o tempo presente, ainda de acordo com Machado (2001, p. 138), é um procedimento exclusivo da televisão. “Enquanto a fotografia e o cinema realizam congelamentos, petrificações de um tempo que, uma vez obtido, já é passado, a televisão apresenta o tempo da enunciação como um tempo presente ao espectador”. Em miúdos, o jornalista tem como

referência a temporalidade do fato. O que ocorreu é narrado como presente e recria assim o momento do “aqui e agora”, mas em outro espaço, realizando a temporalidade na consciência do público.

Retornando a lógica analítica de Williams (2016), tanto no rádio como na televisão, ocorre primeiro um investimento maciço na parte dos meios de distribuição e o conteúdo entra como forma de torná-la possível e interessante. Ou seja, os meios de radiodifusão se configuram inicialmente pela força da transmissão e da recepção oferecida pelo sistema. O conteúdo é desenvolvido de maneira mais periférica e, só posteriormente, vai conquistar seu real valor e relevante peso. “Portanto, não apenas o fornecimento de instalações de radiodifusão precedeu a demanda, mas os próprios meios de comunicação precederam seu conteúdo” (WILLIAMS, 2016, p.37). Isso mostra como a natureza televisiva está intimamente associada ao seu caráter coletivo de transmissão ampla e unificadora, a partir da vida privada dos seus telespectadores.

Sobre o caráter da televisão e de sua programação, na qual estão inseridos os telejornais, Wolton (1996, p. 15) questiona e em seguida reflete que mesmo sendo um ato individual, do campo do particular, ela atua no coletivo.

Qual é o caráter da televisão? Reunir indivíduos e públicos que tudo tende a separar e oferecer-lhes a possibilidade de participar individualmente de uma atividade coletiva. É a aliança bem particular entre indivíduo e a comunidade que faz dessa técnica uma atividade constitutiva da sociedade contemporânea”. A reunião do coletivo/privado num “grande público” da televisão se dá organizada pela alimentação e estímulo do consumo de conteúdos (WOLTON, 1996, p. 15).

Ainda dentro desta discussão de sentido coletivo e privado, Wolton (1996) afirma que a televisão ocupa um espaço na vida do indivíduo que vai além da simbologia. A programação da TV estabelece um processo de conversação. Ela nos oferta a narrativa que será compartilhada em outro momento, que não é o da apresentação da notícia, recriando assim o tempo presente. O Atual ultrapassa o íntimo da nossa casa e aterrissa no coletivo. O “aqui e agora” é reconfigurado em discussões entre amigos, com familiares e hoje também aparece nas páginas de abertura das redes sociais.

A questão fundamental é: para que serve a televisão a um indivíduo que não é jamais passivo diante da imagem e que não retém senão aquilo que quer reter? Ela serve para se conversar. A televisão é um formidável instrumento de comunicação entre os indivíduos. O mais importante não é o que se vê , mas o fato de se falar sobre isso. A televisão é um objeto de conversação. Falamos entre nós e depois fora de casa. Nisso é que ela é um laço social

indispensável numa sociedade onde os indivíduos ficam frequentemente isolados e, às vezes, solitários. (WOLTON, 1996, p. 16)

Essa conversação pode ser vista como uma forma de interação. E, essa interação entre o indivíduo e a TV evidencia um relacionamento particular, mediado pela cultura sob a égide da tecnologia. Fechine (2004) tem uma ponderação interessante sobre a forma como nos relacionamos com a programação da TV e como ela participa do nosso dia a dia, no particular, sugerindo uma interação até tímida, mas no fundo se revela como atividade social que contém bastante significado.

A programação da TV pauta nossas conversas e nossos momentos de lazer, determina certas atividades domésticas e compromissos, rege nossos horários e embala inclusive nosso sono. Toda a produção da televisão é concebida para essa recepção inserida na vida cotidiana, no ambiente familiar e doméstico, em torno dos quais pode vir a se desenrolar uma intensa atividade social portadora de sentido por si só ou implicada diretamente nas interpretações deflagradas diante do que se vê. (FECHINE, 2004, p. 43)

Contudo, a repetição desse fenômeno em inúmeras salas de estar, revelam um contorno social que é refletido por Franciscato (2014). As pessoas passaram a naturalizar o movimento de assistir TV e de passear pelos canais numa espécie de conexão com o modelo apresentado. Os espaços entre o fluxo permite o livre controle da ação do telespectador. Machado (2001) é defensor desta premissa. Para o autor, a recepção da televisão é cada vez mais fragmentada e heterogênea por causa do efeito “*zapping*”. Com o controle remoto, tem-se a comodidade permitida à audiência na busca e troca de canais televisivos por meio de uma comunicação sem fio entre esse aparelho e o televisor. Não é preciso mais se deslocar até o aparelho de TV e pressionar seus botões manuais toda vez que se deseja mudar ou buscar outro conteúdo, basta usar o controle remoto. Há um compressão entre o espaço e o tempo. O espaço tanto de anúncio do fato quanto o de realização dele e o tempo de assistir ao fato reportado pelo telejornal e o tempo de ocorrência do fato. Todos estes se fundem e no momento do fluxo da TV, essas marcações de tempo resumem-se em um tempo presente de exibição do noticiário.

Para Lana (2007, p. 25), dentro da concepção da televisão é importante refletir sobre o aumento da liberdade dos telespectadores, que cada vez mais autônomos para realizar a troca de canal, o controle remoto exacerbou a concepção do fluxo televisual enquanto troca entre unidades de imagem e som; “ (...) nesse sentido, a televisão, cada vez mais, procura reproduzir o próprio movimento do “*zapping*”, por meio da troca de câmeras, da curta duração de planos, da ausência de silêncios ou de imagens vazias”.

Ritmo acelerado e ausência de silêncio ou de vazio na imagem são efeitos complementares: a televisão não pode arriscar-se, porque tanto o silêncio quanto o branco (ou a permanência de uma mesma imagem) chocam-se contra a cultura perceptiva que a televisão implantou e que seu público lhe devolve multiplicada pelo *zapping*. (SARLO, 2000, p. 61).

Esse parêntese feito foi para frisar que o telejornalismo carrega em si marcas de temporalidade herdadas do suporte. Mas, seguimos com Fachine (2008) que defende não mais na esfera da televisão, mas no espectro do telejornalismo a existência de outros dois tempos: o real e o atual. Porém, eles somente tem atuação dentro da condição de transmissão direta¹¹ no telejornalismo. No primeiro, não há deslocamento de tempo. Está relacionado a transmissão do acontecimento no exato momento em que ele ocorre. Ou seja, quando um repórter é acionado em uma entrada "ao vivo" durante a apresentação do telejornal, para reportar uma entrevista coletiva, a chegada de uma personalidade, o discurso de um chefe de Estado. Já o tempo atual faz referência a situação que já ocorreu, mas opta-se pelo "ao vivo" reportando os acontecimentos no passado ou, fazendo previsões de futuro. Como por exemplo, um acidente automobilístico, a reunião entre membros de um governo, decisões de votações políticas. Ora, elas até poderiam ser visualizadas enquanto momento da apresentação do telejornal, mas apresentam-se em toda a potência durante o processo de reportagem, e na concretude do movimento "ao vivo". Mota e Rublescki (2013) fazem uma ponderação quanto as apresentações do telejornal ao vivo e da preferência de coberturas de reportagens ao vivo. "(...) observa-se que a cobertura ao vivo do local do acontecimento serve como efeito de realidade para o jornalismo". (MOTA E RUBLESCKI, 2013, p. 05). As autoras ainda reforçam que utilizar o "ao vivo" é também um passo de incerteza dentro das produções do telejornalismo.

Em situações normais de trabalho, a entrada ao vivo é "imprevisível" apenas no aspecto da sua realização no local. Por estar ao vivo, em tempo real, o repórter e a transmissão estão sujeitos a falhas de som, na locução do jornalista, de algum veículo ou alguém não previsto passar ao fundo; enfim, algo não planejado pode ocorrer. (MOTA E RUBLESCKI, 2013, p. 05)

Finger e Scirea (2017, p. 143) trazem um olhar explicativo voltado sobre a presença de temporalidades no telejornalismo, alicerçadas nos dois tipos de tempo - atual e real - categorizados por Fachine (2008). "(...) Destinatadores e destinatários estão inseridos em uma

¹¹ Adotamos como definição, o que é proposto por Cavenaghi e Emerim (2012) que tratam a 'transmissão direta' como sendo aquela em que a exibição dos acontecimentos é ao vivo, sem cortes, ou seja, simultaneamente à ocorrência do fato.

mesma temporalidade, que é tanto a do discurso (da TV) quanto do mundo (dos fatos). A partir da continuidade temporal a transmissão direta é capaz de instaurar um espaço sem qualquer correspondência no mundo natural”. A transmissão direta, é um dos elementos mais expressivos e característicos do jornalismo de TV e possivelmente é um dos mais discutidos no âmbito acadêmico, quando se leva em consideração a marca da experiência televisiva.

No caso dos telejornais, os efeitos de sentidos relacionados aos valores de interesse público e atualidade são potencializados pelas possibilidades de transmissão direta, que respondem em boa medida pela própria autenticação dos relatos noticiosos. A veiculação em tempo presente, que caracterizou o início da TV, foi a grande novidade introduzida pelo meio no universo das experiências audiovisuais e, até hoje, mesmo com boa parte da programação sendo gravada previamente, ainda vigora como tema central de reflexão sobre o específico televisivo. (GUTMANN, 2014, p. 72)

Destacar a forte presença do "ao vivo" em telejornais é discussão necessária. Esse modelo de anúncio do fato ganha mais força a cada dia. Porém, como nos lembra Finger e Scirea (2017) o ao vivo não é uma novidade no ambiente da televisão. “(...) Foi ao vivo que a televisão nasceu na década de 1950 e foi também assim que desenvolveu todo o repertório que veio a torna-la a mídia mais importante do país”. (FINGER e SCIREA, 2017, p. 139). Esta marcação de tempo tão presente na televisão já passou por várias fases até assumir o modelo atual, mais voltado para a intensidade do momento e a recriação do “aqui e agora” trazendo o vigor e a força do instantâneo e da novidade. A grosso modo, o “ao vivo” servia para atualizar o fato ou determinar as notícias ‘quentes’, agora ele é uma ferramenta de competitividade com a internet. É um recurso que serve para dar agilidade, instantaneidade e claro, imediatismo. Isso somado a credibilidade da emissora de TV é a combinação perfeita para fisgar a audiência e se apresentar como a chancela da veracidade da informação, espantando o fantasma das notícias falsas que ronda a internet e as redes sociais.

Basta ligar a televisão, sobretudo em canais dedicados exclusivamente ao jornalismo na ocorrência de eventos de grande importância midiática, para se notar que transmissões ao vivo estão cada vez mais frequentes. Repórteres transmitem diretamente das ruas protestos contra o aumento das passagens de ônibus, sessões de votação no Congresso passam nos canais televisivos por longas horas a fio, e já não demora muito para as primeiras informações sobre atentados e eventos de repercussão mundial irem ao ar, logo acompanhadas de imagens e áudios transmitidos por jornalistas experientes ou por testemunhas que nunca antes haviam sido enquadradas na tela de uma televisão. (FINGER e SCIREA, 2017, p. 139)

O “ao vivo” gera um outro sentimento, como afirma Franciscato (2003). O efeito gerado é de aproximação, tanto do tempo de ocorrência quanto do local dos fatos. O telespectador apresenta um sensação testemunhal. Ele além de apreender o relato noticioso, ele assume uma postura de testemunha do fato narrado. Além disso, ocorre a sensação de pertencimento. Ele - o telespectador - pode ser consultado como relator da notícia, mesmo não estando no local dos fatos, mas pertence aquela narrativa - como espectador - e reproduz de informações confiáveis. Ele - o telespectador - relata a pessoas próximas a história que ouviu no telejornal e se revela para a sociedade como sendo uma pessoa de credibilidade para passar adiante. A credibilidade não está no fato do indivíduo relatar para outros o que apreendeu no noticiário televisivo, mas no discurso que já foi chancelado pela TV, que traz no bojo sua credibilidade reconhecida por todo o processo produtivo - de rigor e método - na produção jornalística. “(...) A aparência é de que o jornalismo em tempo real coloca-nos em contato direto com o evento, como se estivéssemos superando a mediação do veículo - e superar a mediação seria uma forma de afirmar um discurso com a pretensão de verdade, de eliminar a interpretação e a subjetividade”. (FRANCISCATO, 2003, p. 278)

Fazer telejornalismo é participar do imediatismo que os jornalistas buscam por meio da transmissão do fato. Participar do presente é, de certa forma, ser portador dele e o telejornalismo faz isso. Recriar o “aqui e agora” por meio das tratativas ao vivo é a ferramenta do telejornalismo para deixar a factualidade viva do tempo presente na consciência dos espectadores. E, vale ressaltar que isto só é possível, principalmente em grande escala como acontece hoje, porque a tecnologia é avançada e cada vez mais funciona como um suporte viabilizador da logística do telejornalismo. E, dentro das rotinas de televisão, Schlesinger (2016) pontua que há uma valorização do imediatismo. O tipo mais puro desse imediatismo é o “ao vivo”. O autor reforça que o imediatismo pode ser visto e entendido como a doença e ao mesmo tempo o antídoto para a prevalência do tempo presente no telejornal.

O imediatismo age como uma medida para a deteriorabilidade. Quanto mais imediatas mais “quentes” são as notícias. São “frias” e “velhas” quando já não podem ser utilizadas durante o dia noticioso em questão. As coisas que acontecem hoje, esta manhã, esta tarde, esta noite, agora, são aquilo que o jornalista da radiodifusão querem conhecer. A “estória” do dia anterior, para eles, pertence ao caixote do lixo da história: o arquivo de notícias (SCHLESINGER, 2016, p. 252).

Dentro do cumprimento do dia noticioso, são justamente as marcas temporais que nos fazem perceber a força de se prestigiar as temporalidades e de validar o discurso por meio do

imediatismo, a exemplo das entradas do repórter "ao vivo" e também, no nosso ponto de vista, nas notícias factuais - do dia. Adotamos nesta pesquisa o que Schlesinger (2016) denomina de 'dia noticioso' - tido como o espaço de tempo preparatório do material jornalístico. Para o autor, o foco está na construção das temporalidades nas rotinas, na sobreposição dos seus constrangimentos, bem como, a organização processual da redação. As rotinas da redação funcionam como o espaço em que as temporalidades do telejornalismo operam. Mesmo que a notícia apresente em si um componente temporal forte, a compreensão de temporalidade dentro do telejornalismo vai muito além de noticiar o fato. No desenrolar dos códigos e das normas cumpridos pelos jornalistas é que as temporalidades se sobressaem e alcançam notoriedade e, por conta disso que permeiam os discursos dos profissionais sobre a complexidade na execução do fazer jornalístico na TV. Embora, estejamos indicando casos bem pontuais vibrantes na prática jornalística, enxergamos que esses contornos expressam bem a finalidade deste trabalho: interligar o conceito e a prática dentro da redação de um telejornal.

Gutmann (2014, p. 65) nos auxilia a pensar sobre os valores jornalísticos em jogo na construção do telejornal. Nos lembra que "(...) a construção da noção de tempo presente relacionada à experiência da vida cotidiana inclui a experiência televisiva (...)" e que portanto é isto que sustenta os sentidos do telejornalismo ser como é, dotado de referência temporal e espacial, para quem o assiste e também para quem o faz.

O reconhecimento de atualidade pelo consumidor de notícias pressupõe a configuração de uma dimensão espaço-temporal do presente através de uma íntima relação entre o *aqui e agora* da veiculação da notícia e o *aqui e agora* da experiência do público. Tal articulação é responsável pelos efeitos de correspondência entre o tempo das ações do mundo, o tempo da construção noticiosa e o tempo da produção de sentido de tais construções (GUTMANN, 2014, p. 66).

Todo este contexto que traçamos nos leva a defender que a presença do tempo no telejornalismo não se resume a um valor próprio da notícia, mesmo que ela seja carregada de atualidade e de outras marcas que a fazem ser importante, como matéria-prima para o jornalismo de TV, sobretudo. O dia noticioso defendido por Schlesinger (2016) é o espaço simbólico para a catalogação das histórias mais importantes e que devem ser analisadas pela equipe de produção jornalística. Reconhecer a atualidade, o interesse público, a novidade, o imediatismo como pontos-chave vivenciados da prática e acolhidos conceitualmente dão robustez para pensarmos para além da notícia. O desenvolvimento das rotinas da redação aponta para ciclos de reprodução noticiosos que precisam começar e terminar no mesmo dia. O *deadline* é a principal marcação de tempo para os profissionais. Não é visualizado pelo público com toda a força que representa

dentro da rotina da redação, mas é apresentado a ele - o público - quando o telejornal começa e termina. O telejornal, é uma máquina do tempo, que apresenta ao público fatos que já se sucederam, que ainda estão por vir e que estão ocorrendo (por causa da ferramenta do “ao vivo”). Deixar esse processo claro e fluído é incumbência do jornalista - "ser profissional" - atuante na linha de frente do telejornal. É este personagem que tem a função de administrar o dia noticioso valorizando a força do imediatismo e da atualidade por formatos disponíveis e acessíveis ao público.

De todo modo, pontuamos algumas frentes que defendemos: 1) o tempo é um valor dentro do telejornalismo; 2) ele assume a roupagem de eixo temático e não pode ser reduzido a uma simples indicação do que deve ou não deve ser notícia; 3) ele é estrutural - do ponto de vista noticioso e organizativo - dentro da percepção das configurações de ordenamento dos processos e do andamento prático para cumprimento do *deadline*. E, para nós, não existe a possibilidade de enquadrar as questões de tempo dentro do telejornalismo em uma lista de valores, que por sua vez integram os critérios de noticiabilidade. Não há a possibilidade de tornarmos estáticos algo tão subjetivo. Visualizamos o tempo diluído em diversos valores marcadamente noticiosos, e ainda constituinte de critérios que chegam a nortear o jornalista em decisões coletivas e individuais frente a produção e execução do telejornal.

Consideramos como contribuição a visão de Leite e Vizeu (2018). Ambos sustentam que dentro dos estudos mais recentes de telejornalismo, os critérios de noticiabilidade parecem que surgem ao acaso e, aparentam não ter nenhum vínculo com a estrutura à qual estão relacionados. E, é por causa disso que entendemos que, na verdade, esses critérios e valores devem ser visualizados dentro de contextos estruturados socialmente, historicamente, culturalmente e até economicamente. Portanto, trabalhar as temporalidades do telejornalismo a partir de uma caminhada conceitual e prática, alinhada com o desenrolar histórico do suporte - televisão - nos ajuda a compreender como as rotinas da redação são desenvolvidas, como atua o "ser profissional" jornalista e quais são, de fato, as temporalidades imbricadas no processo produtivo do telejornal. É preciso validar que entendemos como valores, o propósito mais relacionado à notícia. A força do conteúdo. O tema - notícia que se sobrepõe frente ao formato de exposição. Já, os critérios aparecem na presença do profissional. É preciso a ação do jornalista para que os critérios entrem em ação - os julgamentos baseados nos códigos e a compreensão da rotina da redação é que formatam os critérios, que podem ser moldados à medida que a notícia televisiva ganhe força e poder de convencimento e sedução, para a conquista de uma audiência qualificada. (VIZEU, 2014).

3.3 UMA PASSAGEM PELAS TECNOLOGIAS DO TELEJORNALISMO

Apesar de conhecermos o telejornalismo como ele já é estabelecido, com seus códigos, tecnologias e formatos próprios, ele nem sempre foi assim. Ao longo de décadas ele veio se transformando. Isto não só conceitualmente, já que ainda é fácil encontrar como definição que o telejornalismo representa o espelho da realidade. Becker e Vlad (2009, p. 60) recuperam que “a metáfora do espelho não era um modelo preciso de como os noticiários funcionam. Se as notícias na televisão fossem análogas a um mirro, as rotinas de seleção e produção de notícias não teriam relevância”. De todo modo, modelos de estudo que entendem o telejornalismo como uma forma de compreensão e conhecimento da realidade social vem ganhando espaço. O jornalista aparece como figura responsável por produzir e reproduzir o conhecimento gerado pela informação captada no dia a dia, e não apenas fazer a transmissão do fato friamente. Estes movimentos do profissional jornalista são sempre orientados pela linguagem, com narrativas organizadoras do discurso jornalístico (MOTA, 2007) e também pelos códigos, regras do campo (VIZEU, 2003).

Esses códigos e linguagens adotados pelos jornalistas na formatação diária do telejornal modificaram-se ao longo da expansão da televisão. Em alguns casos, sutilmente, em outros mudanças profundas e de impacto para a sociedade. Em momento anterior, citamos a presença do ao vivo, que nasceu na década de 50, junto com o desenvolvimento da televisão, mas além dele, outros processos que representam a expansão da tecnologia no ambiente do telejornalismo são importantes e servem como marcadores de tempo para a evolução do telejornalismo e a concretude do que conhecemos hoje, como um telejornalismo moderno e focado em aspectos mais sociais e representativos, movimento inflamado pela imponente da internet, digitalização dos meios e abrangência das redes sociais.

Alves (2019) recupera que igualmente como no rádio, a televisão surge da noção de transmissão de eventos, palestras, debates e até aulas. No seu começo operacional, por ainda apresentar limitações técnicas que impossibilitavam a gravação e armazenagem do conteúdo, os horários não eram todos preenchidos num período de 24 horas ininterruptas. A partir de uma demanda das audiências por um serviço cada vez maior de imagens, estabelece-se a noção de programa, que passou a ser gravado e transmitido. Nessa noção está impressa a ideia de sequencialidade e continuidade oriunda da transmissão ao vivo. Não por menos, que Machado (2001) enxerga na possibilidade da transmissão ao vivo uma das mais fortes marcas construídas na experiência provada na televisão. “A televisão nasceu ao vivo, desenvolveu todo o seu repertório básico de recursos expressivos num momento em que operava exclusivamente ao

vivo, e esse continua sendo o seu traço distintivo mais importante dentro do universo do audiovisual” (MACHADO, 2001, p. 125).

Em 1960, década seguinte a chegada da televisão e de seu nascimento e consolidação dentro do formato ao vivo, a televisão começa a adotar um modelo em fluxo que seja mais confortável. O Videoteipe (VT) inicia seu momento de ouro. Finger e Scirea (2017, p. 139) detalham o seguinte:

(...) As produções televisivas realizadas essencialmente em transmissão direta deram lugar às gravações, determinando uma das primeiras guinadas na forma de se pensar e também de se fazer o conteúdo jornalístico na televisão. Se a possibilidade de armazenar as imagens e editá-las para uma exibição posterior permitiu a produção de programas mais interessantes e com maior qualidade técnica e estética, o frequente uso do VT, entretanto, tirou a transmissão ao vivo da rotina telejornalística por quase toda a sua trajetória, desacostumando as redações a operarem com a notícias no momento em que elas ocorrem (FINGER E SCIREA, 2017, p. 139).

É válido destacar, como diz Emerim e Cavenaghi (2012), que desde que a televisão surgiu e apoiados no uso do videoteipe, começou a se sobressair a realização de programas distribuídos ao longo da programação das emissoras de TV. O que podemos citar como programas? novelas, shows de auditório, *talkshows*, filmes seriados e filmes de longa metragem. E este termo ‘programas’? Como podemos definir? Consideramos como programa o material produzido com a carga de acontecimento e isto realizado dentro de um planejamento. Fachine (2004, p. 52-53) pondera que “ (...) em um *contato* do espectador com um fluxo televisual cujo sentido depende, justamente, deste ser *programado*. Afinal, seja qual for a emissora de televisão, sua *programação* baseia-se, por definição, numa sucessão contínua de arranjos sintagmáticos que se repetem em função dos horários e dias da semana”. Ou seja, o gosto pela fruição independe de como o material se apresenta na TV, mas sim na familiaridade que a recorrência e situações programadas produzem.

A palavra inglesa *programme* tinha dois empregos bem distintos na Grã-Bretanha: o primeiro, uma transmissão global mais ou menos contínua, que viria a se chamar “canal” na época da televisão, ou seja, programação; o segundo, os componentes individuais irradiados dentro da programação (BRIGGS E BURKE, 2006, p.226 - Grifo do autor).

Na televisão, sobretudo, mas também com o telejornalismo, foi possível identificar a presença no cotidiano das pessoas. Mobilizando e enxertando conteúdo para o desenrolar do dia a dia. “(...) Os bares, os supermercados, feiras, nas filas de ônibus, bancos ou médicos,

entre outros espaços, comentam e prospectam sobre estes programas construindo dimensões muito próximas da realidade, não raras vezes, ultrapassando o espaço discursivo e fazendo parte da vida das pessoas”. (EMERIM E CAVENAGHI, 2012, p. 02). Então, como definição poderíamos nos apegar ao seguinte: programa deve ser visualizada como uma unidade completa, planejada, de um acontecimento ou conteúdo específico dentro de um tempo e um gênero específico. Os programas se constituem como unidades sequenciadas e organizadas nas temporalidades definidas dentro do fluxo televisivo transmitido gerando, assim, a ideia de programação.

O videoteipe, lançado oficialmente no mercado audiovisual em 1956 na Europa e nos Estados Unidos e, no início dos anos 60 no Brasil, passou a possibilitar a gravação de imagens e som simultânea armazenada numa fita magnética (EMERIM E CAVENAGHI, 2012). A televisão começou então a usufruir de duas possibilidades de transmitir seu conteúdo ao vivo e/ou gravado. Fechine (2004) ainda nos ajuda a pensar um pouco essa transição entre gravado e ao vivo na programação.

Independente [televisão] de ser composta por programas gravados ou ao vivo, sua organização enquanto grade (como fluxo) se dá no momento mesmo em que, numa sucessão ininterrupta, tais segmentos são levados ao ar em tempo real, ou seja, a programação vai se fazendo na medida mesmo em que se exhibe. A duração na qual se atualiza um dia de programação da TV corresponde, assim, à mesma duração do dia do espectador. É por isso que muito frequentemente, o ato de assistir à TV está muito mais associado a determinados momentos do seu dia (após o trabalho, depois do jantar, no domingo à tarde, no fim de noite, etc.) do que ao interesse por assistir a um programa específico (FECHINE, 2004, p. 53).

Fixando o olhar na parte de produção e pós- produção, o videoteipe trouxe a possibilidade da edição de material por meio de um planejamento e aprimoramento da estética, do formato e da linguagem dos programas. Eles deixaram de ser produzidos apenas em estúdio e ganham um deslocamento espacial flexível, mesmo que, no início, os equipamentos fossem enormes, pesados e nem sempre facilmente portáteis, como se tem agora. (ALVES, 2019).

O videoteipe provocaria pouco a pouco uma mudança radical na forma de se pensar, de se fazer e de levar novos conteúdos ao público. A ideia de que as grandes produções poderiam ser gravadas previamente não mais sendo veiculadas ao vivo apenas uma única vez, que poderiam ser veiculadas mais de uma vez em locais diferentes, levadas de emissora em emissora pelo país inteiro, através de fitas portáteis e transportáveis modificaria totalmente o cenário da televisão brasileira. A transformação afetaria a grade de programação cotidiana, alteraria o perfil dos profissionais necessários para

manter uma televisão no ar, traria modificações profundas no cenário comercial e na expectativa do público telespectador (BERGESCH, 2010, p. 89).

Dentro da programação televisiva, o telejornal sempre foi o espaço reservado para as notícias. E, com o uso do videoteipe não se pode omitir o quanto foi possível realizar utilizando o material noticioso gravado previamente. Além das equipes começarem a ter mais domínio do conteúdo disponíveis, “ (...) o videoteipe permitiu a produção de programas de cunho jornalístico mais interessantes e até diversificados, visto que a prática da edição ganhou *status* e passou a organizar os materiais exibidos” (EMERIM E CAVENAGHI, 2012, p. 08). No telejornalismo brasileiro, o videoteipe só passou a ser utilizado quando o equipamento ficou mais leve, operacional e portátil, período datado na década de 70. “(...) propiciando a edição de materiais e a participação dos repórteres com mais presença visual e argumentativa nas reportagens. (...)” (EMERIM, 2015, p. 215). O VT também proporcionou uma cobertura jornalística menos factual e com mais tempo para explorar o conteúdo. Só que mesmo que o videoteipe facilitasse no tocante aos materiais exibidos - as reportagens, entrevistas, debates - o telejornal permanecia sendo apresentado ao vivo. A operação - ao vivo + gravações - trazia fluidez ao conteúdo exibido e proporcionava com mais folga e menos sufoco o processo de produção. O que se tornou bastante presente foi justamente “(...) uma definição sobre o tempo das notícias e o estabelecimento de uma estrutura fundante que se mantém até hoje de OFF + PASSAGEM + SONORA”. (EMERIM, 2015, p. 215)

O fluxo contínuo permanecia e o efeito provocado pouco se afastava de quando toda a programação da TV era ao vivo. A temporalidade sentida, independente de ter ou não o material gravado, era sempre do “aqui e agora”, já que o fato recebia um novo momento - passava a existir enquanto notícia e a ser disseminado no horário do telejornal. O que representa um ponto de virada na contextualização da temporalidade no telejornalismo. Da natureza do ao vivo, a tecnologia proporcionou a migração para um sistema gravado e que trazia mais segurança aos envolvidos na rotina de execução do telejornal. O videoteipe representa uma compreensão de tempo apreendido pelo jornalista e repassado para o público no “agora” determinado pelo fluxo sequenciado da programação.

Em outra direção, o excesso do uso dos produtos gravados acabou por desatualizar, para os produtos gravados acabou por desatualizar, para os profissionais, a prática de produção ao vivo, principalmente, aquelas voltadas à cobertura de notícias factuais ou que estivessem acontecido no momento da

exibição do telejornal. Como também acabou por restringir o emprego das transmissões ao vivo aos eventos esportivos e a pequenas aparições de repórteres atualizando ou noticiando resumidamente a posse de um político, a morte de alguma celebridade ou outro fato cuja produção dos programas não pudera recobrir com maior aprofundamento de imagens em reportagens ou especiais. Quando a equipe recobria o fato, este era exibido em um número maior de reportagens, mas na maioria, pré-gravadas e muito bem produzidas/editadas (EMERIM E CAVENAGHI, 2012).

Agora, mesmo sendo uma tecnologia que ajudou no processo de produção jornalística televisiva, nem tudo saiu as mil maravilhas. Os vários pontos positivos geraram também vírgulas dentro do processo, que poderiam ser classificadas como problemas. Essa parte negativa do uso do videoteipe atingiu o campo profissional. O controle que passou a ser exercido durante o uso dos materiais gravados também limitou os profissionais. “ (...) acomodou alguns profissionais do jornalismo de televisão que passaram a gravar antecipadamente todo o telejornal, priorizar o estúdio e as reportagens previamente produzidas, em detrimento daquelas feitas de forma mais improvisadas, em nome da qualidade de programação e de tratamento de imagens e som”. (EMERIM, 2015, p. 215). A autora ainda reforça que o videoteipe tirou do telejornalismo a sua maior expressão, que era a narração dos fatos ao vivo e em tempo real, manobrando assim uma temporalidade característica do telejornalismo - o tempo real - presente - o “aqui e agora”- transformando-os em novos substratos por causa do congelamento do tempo em materiais informativos gravados.

Além do videoteipe, um outro conceito relacionado ao tempo dentro da lógica da televisão é o intervalo. Seja durante um programa jornalístico ou qualquer outro que integre a grade de programação da TV, o intervalo representa a interrupção de entre um programa e outro. “(...) A substituição de uma série de programas em sequência e com tempo delimitado por um fluxo de uma série de unidades relacionadas de diversas maneiras, em que a marcação do tempo, ainda que real, não é declarada, e em que a real organização interna é diferente da organização divulgada”. (WILLIAMS, 2016, p. 102) Na televisão comercial isso é desenvolvido pela publicidade e na pública podem ser formados por “intervalos naturais” depois com os apoios culturais, que ajudam na passagem de um programa a outro. “Nessas ‘interrupções’ residem, de certo modo, as características mais visíveis de um processo que, em determinados níveis, passou a definir a experiência televisiva”. (WILLIAMS, 2016, p. 103)

Nela há uma fragmentação dentro da unidade do programa a partir dos intervalos breves (comerciais ou não) e entres os programas um pouco mais longos, porém essas interrupções ainda se dão por questão de segundos ou minutos. O que procura ainda manter uma sequência das unidades separadas numa noção de conjunto do fluxo transmitido. Tem ainda, na noção de

fluxo intermitente, a ideia de reter as audiências pela diversidade de opções oferecidas, buscando uma permanência e uma fidelização dela. (ALVES, 2019)

A incorporação do intervalo (*break*) não se constitui apenas por motivos econômicos de sustentação do financiamento produtivo na televisão comercial, pois até mesmo as emissoras públicas o utilizam em sua grade de programação. Enxergamos o *break* como pequenas viradas de temporalidade dentro da programação, que auxiliam na manutenção de outros movimentos televisivos. No caso do telejornalismo, os intervalos aparecem como fixação dos pontos de tensão. Servem mais para segurar a audiência, garantindo que o porvir é tão interessante quanto o que já foi visto. São usados mais para criar expectativa, que trazer respiro para a audiência.

Machado (2001, p.87-88) defende que os intervalos são os pontos de “respiração” necessários para absorver a dispersão, funcionando como ganchos de tensão para a narrativa na busca por despertar interesses e prender as diferentes audiências. Seccionando o relato no momento preciso em que se forma uma tensão e em que o espectador mais quer a continuação ou o desfecho, a programação de televisão excita a imaginação do público. Assim, o corte e o suspense emocional abrem brechas para a participação do espectador, convidando-o a prever o posterior desenvolvimento do trecho (MACHADO, 2001, p.88).

Permanecendo com a visão de Machado (2001), ele analisa que é a televisão que cria a forma narrativa serializada que poderia vir de um certo 'fatiamento' da programação para se agilizar a produção (que requer planejamento, inclusive de gestão de tempo) e atender as diferentes demandas dos diversos segmentos da audiência. Por isso, a narrativa estrutura a mensagem em partes fragmentadas e híbridas. Segundo o autor, por muitas vezes a televisão é criticada por causa das suas ‘pausas’ no tempo do programa e a sua determinação temporal fixa para exibição dele, ou seja, sua grade de programação. Atualmente, o desejo da sociedade contemporânea pelo consumo de um fluxo contínuo e intermitente de conteúdo oferecido a qualquer tempo e em qualquer lugar fortalece o modelo de vídeo sob demanda. No telejornalismo, Emerim (2015), aponta a transição do modelo “ao vivo” para o gravado, com o uso do videoteipe e depois com a consolidação de modelos de programação em fluxo e a utilização dos *breaks*, como componentes que demarcam uma primeira fase do telejornalismo, a segunda surgiria com a digitalização dos meios, a chegada e o fortalecimento da internet e a volta da valorização da programação “ao vivo”.

Porém, no percurso de evolução da televisão, e com esse modelo em fluxo, aparece o serviço de vídeos sob demanda, inicialmente, ofertado pela TV a cabo por assinatura, a partir da oferta de algumas opções de filmes que poderiam ser ‘locados’ a um custo adicional na assinatura. O serviço foi estabelecido pela lógica de gravação, armazenamento e

disponibilidade do conteúdo a qualquer hora. Depois, com grades de programação e em alguns casos com notícia 24 horas por dia. Obviamente, nos aparelhos não há a noção de interrupção por intervalos e é possível o consumo ininterrupto, permitindo pausar, voltar e avançar. Pode-se assim garantir uma sensação maior de liberdade e controle sob o tempo de consumo do conteúdo. Essas opções são oferecidas posteriormente pelo sistema de televisão digital. (ALVES, 2019)

Essa digitalização do *modus operandi* da televisão representa, segundo Emerim (2015), uma fase da TV influenciada pela internet, principalmente no jornalismo, ampliando o tempo da transmissão e gerando novos modos de percepção da temporalidade social. A programação passava a ficar disponível em outros horários e em outros espaços, que não o fluxo.

(...) A partir dos anos 90/2000, quando a *World Wide Web* (www), começa a ser mais utilizada e, efetivamente, para atender ao jornalismo e as suas atividades comerciais. A partir das mudanças de suporte, do analógico para o digital, a entrada da *web* nos modos de transmissão, como já se anunciou anteriormente, enfatizando mais ainda a velocidade para as narrativas jornalísticas, mas não numa corrida contra o tempo, pois agora se está “ao vivo e em tempo real quase que ininterruptamente (EMERIM, 2015, p. 216).

Mas, se prestarmos, atenção esta fase do telejornalismo começou a ser escrita com tecnologias que foram sendo agregadas ao longo do tempo. Cébrian Herreros (2004) afirma que o satélite e o micro-ondas injetaram no jornalismo novas narrativas e modelos de produção. Para o autor, o satélite deu a oportunidade do telejornalismo mostrar conteúdos específicos para públicos distintos e localizados em espaços geográficos distantes. “(...) Porém, do ponto de vista narrativo, o satélite não modificou a rotina de produção: entrevistas, reportagens e as apresentações mantiveram os mesmos padrões já empregados.” (EMERIM, 2015, p. 216). Já o micro-ondas foi responsável por integrar emissoras de televisão em todo o país e consolidou a posição da televisão como o principal veículo de mídia, principalmente no Brasil. (TOURINHO, 2009)

No caso da tecnologia da televisão digital, também permitia um sistema de video *on demand*, que é a parte básica da oferta e do funcionamento do sistema interativo. Essa promessa contribuiu para uma reviravolta completa do velho paradigma da cultura de onda, próprio dos modelos televisivos convencionais, constituindo-se segundo um modelo editorial puro, o dos chamados video- serviços (BOLAÑO E BRITTOS, 2007, p.40). O processo de transição do sinal analógico para o digital das emissoras não se dá de maneira simples e nem rápida, pois envolve uma inter-relação complexa de atores políticos, econômicos e sociais. Um elemento presente na parte do modelo produtivo e econômico é a questão da multi programação, a

televisão digital poderia oferecer uma segmentação do canal em nichos com conteúdos específicos. A multi programação surgia com a promessa de se estabelecer pela capacidade permitida pelo sinal digital, que otimizava o espaço antes ocupado pelo sinal analógico.

Recuperamos Alves (2019) para ressaltar que outro aspecto característico da digitalização é a mobilidade e portabilidade que amplia os cenários de acessos ao conteúdo, já que é possível a transmissão e recepção do sinal digital televisivo a aparelhos móveis e portáteis, como as transmissões televisivas para os receptores colocados nos ônibus e metrô, num contexto mais coletivo, e o celular, que é pessoal e individualizado. Porém, não houve muito sucesso dos celulares com transmissão televisiva. Um dos motivos apontados foi a entrada no mercado dos celulares inteligentes (*smartphones*). Eles reúnem funções de celular, algumas opções encontradas no computador, conectividade, geolocalização e diversos aplicativos. Poucos modelos apresentavam a opção de assistir televisão. É mais fácil para as emissoras utilizar a internet, suas plataformas e aplicativos para escoar conteúdo no atendimento aos anseios das diversas audiências e nos diferentes dispositivos (*smartphones, tablet, televisor e computador*). Essas questões nos levam a percepção de que temporalidades diversas passaram a ocupar a experiência televisiva. A multiplicação das telas proporcionou ao telespectador montar sua própria grade de programação e a assistir o conteúdo, informativo ou não, na hora que quisesse, estabelecendo assim novos jeitos de compreensão do ao vivo, da notícia e do tempo presente.

Emerim (2015) diz que o ponto de virada da compreensão das temporalidades dentro do telejornalismo não foi o videoteipe e muito menos a digitalização das coisas, claro que ambas as tecnologias ajudaram na concepção do que conhecemos por televisão e telejornalismo hoje, porém no modo narrativo noticioso, a transição para uma nova fase ocorre a partir da cobertura jornalística do ataque terrorista as torres gêmeas, nos Estados Unidos. O episódio marcado pela datação do ocorrido - 11 de setembro de 2001 - colocou à prova os profissionais do jornalismo e exigiu um tipo de cobertura voltado completamente ao tempo real e a valorização do “aqui e agora” na prática. Finger e Scirea (2017, p. 140) diz o seguinte: “(...) quando profissionais da televisão foram surpreendidos pela grandeza e subitaneidade da notícia, [e] se mostraram despreparados para lidar com o acontecimento no momento em que ele ocorria”. O acontecido na cobertura das torres gêmeas trouxe à tona a discussão de uma programação televisiva mais viva, mais real. O que ficou claro no episódio? Emerim e Cavenaghi (2012) conseguem explicar.

Durante a cobertura ao vivo do 11 de setembro, quando a mídia se viu surpreendida pelo fato, muito do despreparo em lidar com um acontecimento em **se fazendo**, deve-se ao fato de que os repórteres e produtores não tinham acesso ao local nem as fontes para poder empreender uma apuração. Neste evento, todos os profissionais de televisão foram alçados, assim como todos da audiência, a meros espectadores, tanto os que estavam na cidade do evento quanto os que transmitiam o evento das sedes das emissoras fora de Nova Iorque, mas com a **obrigação/dever** de trazer alguma informação, de tentar dotar de sentido as imagens que pareciam câmeras de vigilância, mostrando por horas, as mesmas imagens. De certa forma, esta espécie de despreparo dos telejornalismo para este tipo de cobertura ao vivo pode ser compreendido, também desde que as práticas do ao vivo deram lugar as de gravação prévia de programas e produtos. A apuração no jornalismo televisivo sofreu uma influência direta dos meios técnicos, facilitando em muito o acesso à fontes e testemunhas dos fatos, o que também “acomodou” as equipes que diminuíram suas produções externas e factuais (EMERIM E CAVENAGHI, 2012).

Esse episódio serviu de norte para o que passaríamos a acompanhar na década seguinte. Segundo Finger e Scirea (2017), logo depois da cobertura das torres gêmeas, a técnica de transmissão direta e investidas no ao vivo podiam ser identificadas em maior frequência nos programas televisivos tanto jornalísticos quanto de entretenimento. E, coincidentemente foi um período de expansão da tecnologia. Nesta época, nos deparávamos com o conceito de convergência surgindo, contávamos com uma internet cada vez mais avançada e a possibilidade de contar com dispositivos móveis. Kolodzy (2006) e Souza (2011) visualizam o movimento de convergência como uma união de duas ou mais mídias com todos os seus propósitos, linguagens, interfaces e particularidades. Seria, portanto, a reunião de tecnologias, narrativas e modelos de negócio. Na análise de Barbosa (2009), dentro do processo de convergência, existe ainda uma compreensão de ‘convergência jornalística’ que pode ser vista como uma espécie de ‘subconvergência’, já que está inserida na proposta maior de cultura digital indicada por Jenkins (2009). De acordo com Rasêra (2010) as primeiras reflexões acadêmicas tratando de convergência apareceram no fim da década de 1970, quando autores, como Nicholas Negroponte (1995), começaram a usar conceituações em seus estudos. Para Salaverría (2008), o fenômeno surgiu decorrente da nascente digitalização e as consequências na difusão e combinação de linguagens textuais e audiovisuais, o que ajudou no uso do termo para definir um momento da comunicação que era revolucionada pelas várias experiências tecnicistas.

Silva (2008) alega que com o passar dos anos e a existência de técnicas mais avançadas de comunicação, as tecnologias móveis e conexões sem fio auxiliaram para uma produção jornalística e televisiva mais voltada para o tempo real e incentivaram uma geração de conteúdo em formato mais alinhado ao instantâneo. De toda forma, a relação do jornalismo e do

telejornalismo com o conceito de mobilidade não é novidade, na verdade, essa relação foi aprimorada.

(...) Esta relação entre jornalismo e mobilidade não se constituiu nos tempos recentes. Entretanto, sua característica mais consistente, desde o telégrafo sem fio é, sem dúvida, no momento atual com a reunião de um conjunto de dispositivos móveis que formam uma estrutura realmente considerável para o relato de notícias a distância de maneira instantânea. O celular, por exemplo, é uma destas plataformas de produção devido aos seus avanços na incorporação de múltiplas funções e melhoria na sua performance, o que inclui as suas interfaces. Se o aparelho já era utilizador no seu modo voz para a comunicação entre repórteres-repórteres e repórteres-fontes, com o tráfego de dados para a circulação de qualquer outro formato digital em banda larga 3G ou Wi-Fi amplia-se o uso desses recursos, As transformações não aparecem apenas do ponto de vista técnico, mas essencialmente, na perspectiva de práticas redefinidoras de modos de se comunicar e circular informação via dispositivos móveis (SILVA, 2008, p. 02).

Mesmo a mobilidade não sendo um movimento novo, o processo foi ressignificado com a propulsão dos telefones celulares. O que podemos perceber nessa virada? O que antes estava mais atrelado a um local fixo de produção e exibição, com o momento convergente de mídias alcançou-se a possibilidade de se transmitir informação de qualquer lugar. Essa alteração de compreensão de espaço mexe-se também com a temporalidade. Ora, se a condição técnica me permite realizar uma transmissão de áudio e vídeo no local do fato, porque deveríamos ignorar a potência da transmissão em tempo real? Realizando uma transmissão do tempo presente, trazendo mais valor ao conteúdo proposto, isto do ponto de vista temporal. Potencializando também a noção de atualidade e gerando um ar de superioridade aos conceitos de novidade e imediato.

Como a televisão e seus modos de fazer estão diretamente ligados à questão dos avanços tecnológicos, a facilidade da transmissão de dados a distância reativou o emprego de transmissões ao vivo pela televisão, porém, estas vieram com algumas características da produção, da edição e do controle que a mídia tevê precisa ter sobre seus produtos. Assim, para ser recoberto neste tipo de narrativa, os fatos precisam ter uma grande repercussão. (...) Assim, os telejornais passaram a empregar técnicas de transmissão direta para cobrir eventos, contudo, exibindo um número significativo de reportagens pré-gravadas e editadas que são exibidas ao longo da transmissão (EMERIM E CAVENAGHI, 2012).

Outra questão importante, como bem nos lembra Alves (2019), é a própria natureza da internet que se configura como um novo ambiente de caráter livre de regulação e exploração comercial (não precisa de concessão para se fazer um *streaming* de vídeo como no serviço

broadcasting), as emissoras enxergam uma nova maneira ir atrás de sua audiência agora deslocada no espaço digital da rede. Além de rentabilizar o conteúdo produzido nas emissoras no modelo *broadcasting*, elas começam a se reconhecer por sua expertise conquistada ao longo do percurso de avançar da tecnologia. O processo convergente, antes muito tímido, passa a ser consolidado e a ganhar um espaço maior nas produções televisivas. Pensar televisão teria que ser de modo convergente. A experiência televisiva mudava mais uma vez.

Essas tecnologias, equipamentos e as linguagens criadas para serem circulares têm como principal característica propiciar a escolha e consumo individualizados, em oposição ao consumo massivo. São esses processos comunicativos que considero como constitutivos de uma cultura das mídias. Foram eles que nos arrancaram da inércia da recepção de mensagens impostas de fora e nos treinaram para a busca da informação e do entretenimento que desejamos encontrar. Por isso mesmo, foram esses meios e os processos de recepção que eles engendram que prepararam a sensibilidade dos usuários para a chegada dos meios digitais cuja marca principal está na busca dispersa, alinear, fragmentada, mas certamente uma busca individualizada da mensagem e da informação (SANTAELLA 2003, p. 15).

Uma condição a ser ressaltada é a que todo o aparato profissional tornou-se mais leve e com portabilidade mais facilitada, isso também foi um efeito da tecnologia. Antes, mais profissionais precisavam se envolver em uma cobertura ao vivo e os ruídos de comunicação tendiam a ser maiores também. Com a expansão dos *smartphones*, das conexões sem fio e de ferramentas jornalísticas que funcionam on-line, foi possível produzir material jornalístico de uma forma mais simples e engajada. A transmissão poderia ocorrer de qualquer lugar que a conexão estava satisfatória e o número de profissionais envolvidos foi diminuindo, já que com a relação criada entre as conexões de internet sem fio e o celular contribuía para a realizar um serviço de transmissão jornalística eficiente. Era possível estar em qualquer lugar em que a notícia estivesse e a transmissão poderia ocorrer, trazendo força a ideia de tempo presente e real.

Por isso, as lógicas do processo produtivo passaram por transformações no estabelecimento de novas relações profissionais. Segundo Santaella (2007), a expansão do digital permitiu mais uma compreensão sobre temporalidade. A sensação de ubiquidade ocorre quando é possível experimentar estar em dois espaços ao mesmo tempo e isso só foi possível por conta da explosão das funções realizadas pelos telefones celulares e sua conexão ininterrupta. “(...) Foi capaz de inserir contextos remotos dentro de contextos presentes e permitindo que os interlocutores entrassem em um estado de presença ausente”. (SANTAELLA, 2007, p. 236). As práticas profissionais passaram por uma profunda

transformação tecnológica, mas não só isso apenas. Lemos (2004) destaca que as mudanças no jornalismo são fruto de diferentes práticas comunicacionais que passaram a se tornar parte do processo convergente natural do meio digital. Ainda que o ambiente digital seja propício para a reunião de materialidade da convergência, Jensen (2010) enxerga que as interações e as práticas comunicativas são, de fato, as caracterizadoras dos intercâmbios comunicacionais, excluindo a tecnologia como força motriz do processo de convergência midiática, ela seria vista apenas como uma impulsionadora, causando impactos medianos e não centrais.

Segundo Miller (2009, p. 22) “É bobagem pensar que a internet servirá de oposição à televisão”. Para o autor, a internet, estando cada vez mais presente nos lares, faz com que a televisão penetre de outra forma, caracterizando uma transformação da TV, em vez de sua morte. Já para Cannito (2010, p 16) “(...) O digital tornará a televisão ainda mais televisão”. O autor vai de encontro aos mitos apocalípticos e defende uma reconfiguração da TV através de uma causa mais interativa e convergente com a internet. Jensen (2010) lembra que os próprios meios são capazes de reconfigurar as condições de comunicação, ou seja, que diferentes mídias suportam diferentes tipos de modificação, e que tanto o modelo de comunicação sofre impacto quanto o processo comunicacional e a esfera de produção de conteúdos.

Com a base tecnológica ampliada, o processo produtivo do telejornalismo torna-se inchado. Além da produção normal de reportagens e concentrações de entradas ao vivo (valorizando o sentido de ubiquidade), o profissional que ocupa um posto dentro da redação do telejornal acaba por ter um tempo de produção ainda mais apertado, em razão da proliferação de ferramentas tecnológicas. O profissional tem que ter condições para apurar as informações, consultar fontes, definir o que será apresentado, redigir texto, orientar artes, organizar as entradas ao vivo. O ritmo e a velocidade de produção são levadas ao limite e os profissionais acabam por entender que o seu tempo de produção de telejornal foi diminuído.

Atualmente, as redes de interação social como: *Facebook*, *Whatsapp* e *Instagram* também ocupam uma parcela na consolidação desse fenômeno das redações. Com uma visão muito seca, eles são geradores de conteúdo, espaços onde as pautas são discutidas e ainda servem de recurso para agilizar produção, encontrar imagens e divulgação rápida de informações. A interação entre TV e as Redes Sociais é cada vez maior e muitas emissoras de TV valorizam os canais para consolidar a relação com a audiência. Segundo Salaverría (2008) novos espaços, métodos de trabalho e ferramentas serão criados, de forma que os jornalistas elaborem conteúdos que se distribuam em múltiplas plataformas, mediante a linguagem própria de cada um. O que é perceptível é uma nova experiência televisiva, sobretudo no telejornalismo. É importante destacar que o público quer participar do que ele consome independente do lugar

onde está consumindo determinado produto televisivo. Se ele tem a oportunidade de opinar, seja pelas redes sociais ou por um canal direto com a emissora, porque não fazê-lo e naquele momento mesmo.

Toda essa digressão de tecnologias no telejornalismo representa, segundo Tourinho (2009), um conjunto de transformações que pode ser classificado como inovações. Para nós, essas inovações, dentre as quais podemos citar: o videoteipe, o controle remoto, o sistema micro-ondas e também a transmissão via satélite, a televisão em cores, a TV Digital e a revalorização das transmissões ao vivo são pontos de virada na compreensão de temporalidades. Ao longo do tempo, essas inovações foram transformando o modo de produção realizada na redação do telejornal, incentivando o surgimento de novos atores e fontes de consulta. Tourinho (2009) ainda reforça que além das transformações materiais, com o surgimento de tecnologias que agregam modos de trabalho diferenciados, as mudanças de cunho social e visual, como o fortalecimento dos telejornais em rede, linguagem padrão nas emissoras e trocas de cenário também devem ser considerados.

Mesmo com tantos exemplos passados, a chegada das novas tecnologias trouxe impactos profundos na forma de se assistir TV, de experimentar do processo, reordenou a forma da sua narrativa e agregou elementos importantes para a produção de um telejornal atual, como a interatividade e a mobilidade. “As novas tecnologias da informação oferecem instantaneidade, interatividade, abrangência e liberdade. Não têm fronteiras e – mais importante que tudo isso – mostram novidades todo o dia, se renovam permanentemente, trazem o conceito de inovação em seu DNA”. (TOURINHO 2009, p. 135) Esse processo inovador e que remete a novidade, tem uma linhagem fundada na concepção de atualidade e valorização do tempo presente, narrativas que sugerem uma apropriação do “aqui e agora” seja em qualquer mídia ou formato noticioso.

O telejornal com a forte presença do digital e de seus atributos ainda está em formação. De certo, ele já deu grandes passos, como a apropriação de páginas na internet para práticas interativas. No Brasil, a maioria dos telejornais possui espaços na *web*, nas quais além do telespectador ter acesso às edições que já foram exibidas, ele pode interagir com os apresentadores, enviando perguntas, vídeos ou só marcando presença mesmo. Os telejornais já disponibilizam também espaços de contato via aplicativos instantâneos de mensagens e de interação social. O que permite uma troca de informações entre todas as partes envolvidas no processo de produção telejornalístico, valorizando uma compreensão de interatividade.

Nesta nova experiência televisiva - representada pelos telejornais -, o destaque é ser transportado para ambientes digitais que abrem espaço para uma informação democratizada e

eleva o telespectador ao lugar central do processo, já que a escolha do que quer e como quer assistir é dele, não sendo imposto nem as barreiras do tempo e nem do espaço. As temporalidades tornam-se aparente neste movimento. Tanto na transmissão de informações quanto na produção do conteúdo. Por exemplo, o telespectador pode enviar perguntas em tempo real para uma entrevista, o apresentador pode mostrar como anda o trânsito das grandes cidades por conta das câmeras de monitoramento em tempo real. Todas as partes envolvidas recebem informações via aplicativos de interação social. Este conjunto representa, como diz Tourinho (2009), inovações tecnológicas que reconfiguraram o formato do telejornal e atribuem uma compreensão de temporalidade social diferenciada. Esta temporalidade funciona como dispositivo, o qual aparenta ter um poder muito maior do que apenas figurar no tempo presente a partir de aparatos tecnológicos. A temporalidade, gerada pela transformação da experiência televisiva com a expansão do digital, tem um poder de ação, de operacionalizar e acionar. Esta temporalidade é desenhada dentro das rotinas da redação, apreendida pelos profissionais jornalistas - sentida por eles - e repassada para a audiência, a partir de um telejornalismo acelerado, fundado no declaratório do ao vivo e com bases fincadas na atualidade, na credibilidade e na legitimidade do jornalismo televisivo profissional. O avanço da tecnologia, a corrida dos processos digitais não determinam o fim da televisão e muito menos do telejornalismo como o conhecemos. Pelo contrário, favorecem o surgimento de um telejornal mais voltado para assumir uma posição de controle diante de episódios inesperados, grandes transmissões ao vivo e servir de referência para o público que o consome, mantendo a chancela da atualidade e do profissionalismo frente as informações relatadas.

4 AS TEMPORALIDADES NO TELEJORNALISMO

Nas páginas iniciais desta pesquisa dedicamos um espaço para discutir sobre o que é a temporalidade. Conhecer o conceito é importante como ponto de partida para a reflexão sobre sua presença em contextos distintos. Nosso desafio é pensar as rotinas do processo produtivo noticioso televisivo e a temporalidade. Sabemos que há outros caminhos de compreensão, a exemplo da Filosofia e da História, ambas com larga tradição de produção de conhecimento nesta área do tempo, fruto do esforço intelectual e também interdisciplinar. Para exemplificar, dentro da História, a temporalidade histórica é a concepção que os historiadores tem do tempo. Este, apresenta variados significados em diferentes contextos, e é entendido como o conjunto de acontecimentos relacionados que influenciam o modo como os seres humanos se organizam.

Ninguém duvida de que haja uma ordem do tempo, mais precisamente, ordens que variaram de acordo com os lugares e as épocas. Ordens tão imperiosas, em todo caso, que nos submetemos a elas sem nem mesmo perceber; sem querer ou até não querendo, sem saber ou sabendo, tanto elas são naturais. Ordens com as quais entramos em choque, caso nos esforcemos para contradizê-las. As relações que uma sociedade estabelece com o tempo parecem ser, de fato, pouco discutíveis ou quase nada negociáveis (HARTOG, 2015, p. 17).

Porém, a nossa abordagem integra uma visão do tempo como experiência social. Examinamos a maneira como a temporalidade incorpora o sistema de regras que define as rotinas produtivas do jornalismo televisivo, sistematizando o mundo e produzindo o tipo de sentido culturalmente e socialmente relacionado à informação de atualidade. É a presença da temporalidade imbricada nas rotinas da redação de um telejornal que nos chama a atenção. Nosso questionamento parte de: Como acionar o conceito de temporalidade pode nos ajudar a construir um caminho prático de conhecimento da presença e operacionalização do tempo dentro do telejornalismo? Não estamos falando do telejornal em si, mas do processo empregado para sua fabricação. O propósito está firmado dentro da cotidianidade da rotina, visando o processo laboral desempenhado por profissionais que operam as temporalidades para movimentar o telejornal e apresentá-lo ao público.

Desenhemos duas frentes de trabalho: 1) o que é a temporalidade nas rotinas de redação de um telejornal e 2) porque elas funcionam como dispositivos operacionalizando o processo e estruturando decisões, códigos e municiando formas narrativas e até linguagens. Essa perspectiva valoriza uma tentativa epistemológica, que observa os campos científicos com toda sua mobilidade e instabilidade, características da ciência e da comunicação. Tal jogo necessita

de uma diretriz a ser seguida, então, optamos por nos alinhar ao conceito inicial de temporalidade: a coordenada de tempo dentro de uma ação desempenhada. Neste caso de pesquisa, a ação que se desenvolve é o ato de produzir o telejornal. Guiados pela materialidade do tempo, a partir da compreensão da simbologia do “tempo-relógio”, os profissionais jornalistas tem a preocupação de formatar o telejornal como sendo um produto televisivo atual, fincado nas bases do tempo real, construtor eficaz do tempo presente. Tétu (2000) sustenta que a informação produzida na mídia poderia significar uma nova relação da sociedade com o tempo. E mais, o autor reforça que os acontecimentos são a matéria prima da ação desempenhada pelos meios de comunicação e seus atores. Sendo assim, teríamos dentro dos sistemas de mídia uma apologia do tempo presente, o que produz para o público uma equivalência a compreensão da atualidade.

De certo, que a temporalidade só pode existir em um espaço. O espaço físico aqui discutido é a redação do telejornal. Assim ensaiamos uma equação para deixar mais claro e objetivar a questão. Nosso pensamento parte da ideia de que o tempo somado a ação executada gera temporalidades que agem dentro de um espaço físico ou simbólico.

$$\text{TEMPO} + \text{AÇÃO} = \frac{\text{TEMPORALIDADE}}{\text{ESPAÇO}}$$

Para que a temporalidade seja visualizada no espaço da redação e assim seja refletida e reordenada, ela é acionada por meio de dispositivos, que marcam o tempo e o validam para estruturar a atividade. Marialva Barbosa (2004, p.63) lembra que a temporalidade faz referência à “forma como se inscrevem as atividades na duração”. Esta forma, diz respeito à “apropriação temporal presente no imaginário humano”. Tomadas as temporalidades sob esta lógica dupla de definição e orientação, ocupando as dimensões conceituais e de operacionalização, pensamos em detalhar as rotinas da redação do telejornal e explicar como os dispositivos de temporalidade operam. Tratar de pontos específicos do telejornalismo aparece na tentativa de indicar a presença da temporalidade na formatação editorial do noticiário. Sob uma perspectiva ensaísta e até reflexiva, valorizamos a descrição do modelo do telejornalismo tradicional no Brasil, ressaltando o movimento que existe por detrás da apresentação noticiosa.

A lógica do telejornalismo segue a mesma do jornalismo: informar. Sua matéria-prima é a notícia. Franciscato (2005, p. 175) diz que a temporalidade no jornalismo é apresentada a partir das notícias. O autor afirma que elas não estão “primariamente relacionadas nem com o passado, nem com o futuro, mas apenas no presente, que é o seu tempo de existência”. O autor tem como referência os textos de Park (1966), que trata sobre o que seria o tempo presente.

Sobre o assunto, ele também diz: “(...) Podemos interpretar que o presente é o tempo da ação, não só a ação embutida no acontecimento noticiado, mas da ação que possa ser gerada a partir do relato jornalístico”. (FRANCISCATO, 2005, p. 175). Para que cheguemos a esta fase de publicação, o material noticioso precisa ser otimizado, para ganhar o alto relevo de interesse público e de atualidade, ele precisa ser trabalhado dentro de valores e critérios, que o enquadra em formatos de apreciação pública. Quem está a frente desse processo modelador são os profissionais jornalistas, que atuam sob uma forte perspectiva de corresponder ao tempo real e assim atender ao impacto das transformações sociais, políticas e econômicas e realimentar o ciclo temporal. (FRANCISCATO, 2005). Está posto que as notícias, vistas como substâncias a serem modeladas pelos profissionais jornalistas, possuem alto valor discursivo e que precisam ser trabalhadas como diz Duarte (2006, p. 03).

(...) As notícias enquanto produtos discursivos são submetidas à aplicação um conjunto de regras de produção que inicia pela inserção de um acontecimento na pauta, isto é, pela seleção de uma informação como noticiável. Para que um acontecimento seja alçado ao status de noticiável, dizem os manuais, ele deve responder a certos requisitos, concernentes à novidade, com vistas a criar efeitos de surpresa, de choque; à atualidade, pois as notícias lutam contra o tempo; à credibilidade, na tentativa de produzirem efeitos de verdade, confiabilidade. Ao articularem detalhes, estabelecerem relações lógicas entre causas e consequências, as notícias constroem um todo consistente, conferindo sentidos aos acontecimentos, dotando-os de uma organização estruturada e racional (DUARTE, 2006, p. 03).

Por trás desta identificação do valor noticioso e em quais critérios as notícias já selecionadas se enquadram, temos o conjunto das rotinas desempenhadas pela redação. Shoemaker e Reese (1996, p. 105) definiram as rotinas de notícias como “aquelas práticas e formas padronizadas, rotineiras e repetidas que os trabalhadores da mídia usam para realizar seus trabalhos”. Os autores ainda afirmam que essas rotinas, na verdade, são criadas em resposta aos recursos limitados da organização da notícia e são ditadas por tecnologia, prazos, espaços e normas. A temporalidade aparece como eixo dessa organização. Renault e Cataldo (2015) falam do espaço em que os jornalistas trabalham e da pressão que recebem para corresponder a noção de tempo real, visível na contemporaneidade.

A percepção de que a relação do jornalismo com a temporalidade é um dos eixos estruturantes dessa prática social permeia as reflexões sobre as marcas da aceleração produtiva mídia contemporânea. A noção de “tempo real”, que se generalizou de forma imprecisa e comporta definições destoantes, está inserida no ambiente comunicacional em que as informações se sucedem de forma fragmentada e efêmera. Na busca do espaço que lhes garanta a produção

de sentidos que caracteriza o percurso histórico da profissão, os jornalistas são instados a redefinir papéis e valores culturais, em meio a um processo de mudanças estruturais da mídia (RENAULT E CATALDO, 2015, p. 18).

Numa abordagem seca, a estrutura de formatação do telejornal segue fases de produção em que a temporalidade é aparente. Não existe uma temporalidade única e ela também não funciona de forma particular. Ela age sobre tudo e sobre todos. Tomamos como exemplo um telejornal que é diariamente exibido na hora do almoço, ou seja, por volta de meio dia. Para que o noticiário seja exibido para o público impreterivelmente ao meio dia, ele precisa ser formatado bem mais cedo, por volta das oito horas da manhã. Então, os profissionais tem determinado por parte da empresa de comunicação um horário específico para a chegada no espaço da redação. O profissional que é o capitão da rotina de produção do telejornal é o jornalista que ocupa a função de editor-chefe. Este personagem ao chegar na redação recebe atualização dos assuntos que já estão disponíveis para serem trabalhados e depois participa de uma reunião entre todos os integrantes do telejornal para encontrar os temas que deverão ser manuseados ao longo da manhã. Nada pode ser demorado. Todos os assuntos devem conter uma carga de atualidade para que gere o interesse. Depois de decidido o que e como serão trabalhados os temas, os profissionais seguem para seus postos. Com o auxílio da tecnologia, conseguem mais facilmente se comunicar, visualizam reportagens já editadas e acionam colegas que não estão presentes no espaço da redação. A checagem do relógio acontece com muita frequência. Perto da hora do *deadline* os profissionais ficam mais acelerados. O foco é na finalização da atividade que tomou toda a manhã. Telejornal em exibição e a atenção é voltada para revisar possíveis erros e ao fim discuti-los em uma nova reunião, desta vez de avaliação e planejamento para o dia seguinte.

Esta breve descrição poderia ser aplicada a qualquer telejornal, com poucas mudanças, levando em consideração aspectos culturais. Cada uma das fases relatadas superficialmente tem uma temporalidade específica. Existe a coordenada de tempo que rege cada uma dessas ações. O relógio é o mecanismo que orienta quando é necessário passar para cada nova fase, o *deadline* é o ponto de chegada e o de partida. O cumprimento do *deadline* é o que valida a presença da temporalidade. Mas, para que ele aconteça de forma satisfatória cada uma das fases anteriores tem que ser cumprida com sua temporalidade característica. São dispositivos que como num *game* acionam uma nova fase a ser iniciada. Todas essas fases em conjunto formatam o telejornal e o validam para ser transmitido ao público, renovando diariamente o sentido de atualidade e reforçando o valor do tempo presente. Os dispositivos de temporalidade servem de orientação e espacialização. Dentro das rotinas da redação, os profissionais precisam desses

dispositivos para se manterem em alerta e assim cumprir o objetivo: alcançar o *deadline*, com informações atualizadas, gerando interesse público e reforçando a noção de contemporaneidade.

4.1 A TEMPORALIDADE QUE FUNCIONA COMO DISPOSITIVO

O que é um dispositivo? Quando discutimos o termo dentro do campo da comunicação somos levados a assimilar o conceito ao da tecnologia, no qual todo e qualquer aparato tecnológico aciona algo físico ou simbólico. No campo das ciências sociais, o dispositivo tem o poder da ação embutido em sua formatação. Ele aparece, entre outras funções, com o objetivo de operacionalizar um conjunto de práticas. O contraste entre os vários significados de dispositivo é algo que Ferreira (2006) discute.

No uso acadêmico do termo dispositivo no campo da comunicação, o dominante é a assimilação do conceito ao de tecnologia, sendo essa, no máximo, elevada a uma ordem de complexidade (articulações entre várias). Esse uso contrasta com o lugar epistemológico que o conceito tem na teoria social crítica (Foucault, Deleuze, Guattari, entre outros). Essa concepção convive com outras em que o dispositivo é pensado de forma unidimensional: os dispositivos circunscritos à perspectiva sócio-antropológica, o inconsciente como dispositivo, por exemplo, ou a perspectiva semio-lingüística. Essas três dimensões – a socioantropológica, a tecnotecnológica e a semiolinguística – aparecem, portanto, “coladas” ao operador semântico dispositivos conforme as propensões teóricas e epistemológicas dos autores que dele fazem uso (FERREIRA, 2006, p. 137-138).

A noção de dispositivo aqui trabalhada segue na esteira de alguns autores (FOUCAULT, 2009, AGAMBEN, 2005 e 2009; FERREIRA, 2006; TAVARES, 2017), e menos que referir-se a uma concepção tecnológica e material, traz a ideia de ordenar, de substanciar elementos capazes de gerenciar um conjunto de técnicas e práticas. Agamben (2005, p. 09) admite que a palavra ‘dispositivo’, que dá título a vários trabalhos desenvolvidos pelo autor, é “um termo técnico decisivo na estratégia do pensamento de Foucault”. E, reforça que sua principal fonte de indagação e formação conceitual de dispositivo é abrigada na obra foucaultiana. Foucault (1977) trouxe a definição do que seria dispositivo em uma entrevista datada de 1977. Recuperamos os seguintes trechos:

A. Grosrichard: Sans doute. (...) Tu parles, toi, d’un «dispositif de sexualité». Quel est pour toi le sens et la fonction méthodologique de ce terme : «dispositif» ?

M. Foucault: Ce que j'essaie de repérer sous ce nom, c'est, premièrement, un ensemble résolument hétérogène, comportant des discours, des institutions, des aménagements architecturaux, des décisions réglementaires, des lois, des mesures administratives, des énoncés scientifiques, des propositions philosophiques, morales, philanthropiques, bref : du dit, aussi bien que du non-dit, voilà les éléments du dispositif. Le dispositif lui-même, c'est le réseau qu'on peut établir entre ces éléments.

Deuxièmement, ce que je voudrais repérer dans le dispositif, c'est justement la nature du lien qui peut exister entre ces éléments hétérogènes. Ainsi, tel discours peut apparaître tantôt comme programme d'une institution, tantôt au contraire comme un élément qui permet de justifier et de masquer une pratique qui, elle, reste muette, ou fonctionner comme réinterprétation seconde de cette pratique, lui donner accès à un champ nouveau de rationalité. Bref, entre ces éléments, discursifs ou non, il y a comme un jeu, des changements de position, des modifications de fonctions, qui peuvent, eux aussi, être très différents.

Troisièmement, par dispositif, j'entends une sorte - disons - de formation, qui, à un moment historique donné, a eu pour fonction majeure de répondre à une urgence. Le dispositif a donc une fonction stratégique dominante (FOUCAULT, 1977)¹²¹³.

O que é possível compreender a partir desta fala? 1) o dispositivo se caracteriza por ser heterogêneo. Ele compreende uma espécie de rede de múltiplos elementos; 2) Ele ocupa uma posição estratégica e até se posiciona em jogos de poder; 3) O dispositivo acampa o mundo das generalidades. Por ser caracterizar como rede, ele inclui elementos científicos ou não e permite a sociedade distinguí-los e discuti-los. A trajetória do termo em Foucault (2009) não é aleatória, ela parte de Hegel. E, está atrelada ao uso semântico de positividade, neste caso, com o termo

¹² “A. Grosrichard: (...) Qual é para você o significado e a função metodológica deste termo: "dispositivo"?”

Sr. Foucault: O que estou tentando identificar sob esse nome é, primeiro, um todo resolutamente heterogêneo, composto por discursos, instituições, arranjos arquitetônicos, decisões regulatórias, leis, medidas administrativas, declarações proposições científicas, filosóficas, morais, filantrópicas, enfim: o que é dito e o que não é dito, esses são os elementos do dispositivo. O próprio dispositivo é a rede que pode ser estabelecida entre esses elementos.

Segundo, o que eu gostaria de identificar no dispositivo é precisamente a natureza da ligação que pode existir entre esses elementos heterogêneos. Assim, esse discurso pode, às vezes, aparecer como um programa de uma instituição, outras, ao contrário, como um elemento que permite justificar e mascarar uma prática que, por sua vez, permanece silenciosa ou pode funcionar como uma segunda reinterpretação dessa prática, dando-lhe acesso a um novo campo de racionalidade. Em resumo, entre esses elementos, discursivos ou não, há como um jogo, mudanças de posição, modificações de funções, que também podem ser muito diferentes.

Em terceiro lugar, por dispositivo, quero dizer um tipo - digamos - de treinamento que, em um dado momento histórico, tinha a principal função de responder a uma emergência. O sistema, portanto, tem uma função estratégica dominante”. (Tradução Livre)

¹³ A edição brasileira dos cinco volumes da coleção Ditos e Escritos, organizada por Manoel de Barros da Mota [Rio de Janeiro: Forense Universitária] suprimiu esta entrevista de Michel Foucault. Na edição francesa o texto aparece sob o título “Le jeu de Michel Foucault”. A entrevista foi concedida a D. Colas, A. Grosrichard, G. Le Gaufey, J. Livi, G. Miller, J. Miller, J.-A. Miller, C. Millot, G. Wajeman. Foi publicada pela primeira vez pela *Ornicar?*, *Bulletin Périodique du champ freudien*, número 10, mês de julho de 1977, páginas de 62-93. A entrevista está disponível no seguinte endereço: <http://libertaire.free.fr/MFoucault158.html>. Acesso em: 20 de abril de 2020.

em francês *positivité*. Agamben (2005) propõe uma compreensão deste percurso da obra foucaultiana, já que esse esforço teórico não foi elaborado em plenitude pelo filósofo francês. A reflexão de Agamben (2005) compreende que positividade é um dos conceitos-chave do pensamento hegeliano e recria a genealogia do termo, interligando a religião e a natureza, gerando uma espécie de discussão dialética entre liberdade e coerção e entre razão e história. Na tradição hegeliana, há uma divisão entre a religião natural e a religião positiva, universos distintos e apreendidos da mesma forma que a divisão clássica entre o direito natural, que caracteriza-se pela ordem do divino, aquilo que não muda e o direito positivo, que é justamente a ordem na qual se estabelecem-se as crenças, os ritos, as normas. Em Hegel, portanto, é possível perceber que o termo *positivité* está naturalmente atrelado aos códigos, aos abalizadores, as leis, as institucionalizações.

Se “positividade” é o nome que, segundo Hyppolite, o jovem Hegel dá ao elemento histórico, com toda sua carga de regras, ritos e instituições impostas aos indivíduos por um poder externo, mas que se torna, por assim dizer, interiorizada nos sistemas das crenças e dos sentimentos, então Foucault, tomando emprestado este termo (que se tornará mais tarde “dispositivo”) toma posição em relação a um problema decisivo, que é também o seu problema mais próprio: a relação entre os indivíduos como seres viventes e o elemento histórico, entendendo com este termo o conjunto das instituições, dos processos de subjetivação e das regras em que se concretizam as relações de poder. O objetivo último de Foucault não é, porém, como em Hegel, aquele de reconciliar os dois elementos. E nem mesmo o de enfatizar o conflito entre eles. Trata-se para ele antes de investigar os modos concretos em que as positivities (ou os dispositivos) atuam nas relações, nos mecanismos e nos “jogos de poder” (AGAMBEN, 2005, p. 11).

Essa seria a parte basilar da construção do pensamento de Agamben (2005). O autor reforça que, por ser um termo técnico essencial do pensamento de Foucault, é importante entender que não se trata de um termo particular, “que se refira somente a esta ou àquela tecnologia do poder. É um termo geral”. (AGAMBEN, 2005, p. 11). Assinalamos que estes dispositivos, dentro da compreensão de Foucault (1977) recebe uma explicação de rede, na qual se estabelece diversos componentes. Esses dispositivos agregam os sujeitos e reúnem elementos e mais que conflito e reconciliação, o que ele nos oferece é uma tessitura para compreensão dos modos e das relações estabelecidas.

Deste modo, para Foucault, o dispositivo refere-se ao modo como variados elementos se vinculam e se relacionam para atingir determinado fim, produzir algo que dê conta de um problema, de um anseio ou surpresa. Porém, uma vez estabelecido, o dispositivo não é estático, duro, mas dinâmico porque engloba dois processos: a sobre determinação funcional e o preenchimento estratégico.

O primeiro processo trata da forma como os efeitos produzidos por um dispositivo são rearticulados ao conjunto, provocando uma mudança interna, um reajustamento na forma pela qual os elementos se vinculam. Já o segundo processo, preenchimento estratégico, implica na recaptura daquilo que é colocado em suspenso na batalha agônica entre dominação e os movimentos de resistência (SILVA, 2014, p. 146).

Assim como Agamben (2005), Gilles Deleuze (1990) também se debruça ao entendimento do termo dispositivo trabalhado em Foucault. Ele enfatiza que o termo deve ser reconhecido como linhas de força ou como ele mesmo denomina “linhas de luz”, que seguem direcionamentos diferentes e demonstram aparente desequilíbrio, mesmo se aproximando e se afastando continuamente. O mais interessante no que diz Deleuze (1990) é que de algum modo estamos todos ligados a dispositivos de ordens diversas. E, seguindo essa lógica antagônica, estamos sempre em contínua aproximação e afastamento. Agamben (2005) e Deleuze (1990) aproximam-se conceitualmente, não só porque partem da obra foucaultiana, mas porque enxergam o dispositivo como sendo algo que traz impulsão, gera ação, abraça elementos infindos e não é, de forma alguma, estático. O ponto mais alto do entendimento dos autores é a real comprovação da heterogeneidade do dispositivo e a perfeita visualização da função de rede, mas não uma rede que reúne e anula seus elementos, mas uma rede que permite que seus componentes apresentem contornos variáveis e gerem tanto tensão como distensão. Ambos oferecem diagnósticos originais sobre o que de fato seria o dispositivo e como ele funciona e se relaciona e está relacionado na sociedade.

A filosofia de Foucault muitas vezes se apresenta como uma análise de “dispositivos” concretos. Mas o que é um dispositivo? Em primeiro lugar, é uma espécie de novelo ou meada, um conjunto multi linear. É composto por linhas de natureza diferente e essas linhas do dispositivo não abarcam nem delimitam sistemas homogêneos por sua própria conta (o objeto, o sujeito, a linguagem), mas seguem direções diferentes, formam processos sempre em desequilíbrio, e essas linhas tanto se aproximam como se afastam uma das outras. Cada está quebrada e submetida a variações de direção (bifurcada, enforquilhada), submetida a derivações. Os objetos visíveis, as enunciações formuláveis, as forças em exercício, os sujeitos numa determinada posição, são como que vetores ou tensores. Dessa maneira, as três grandes instâncias que Foucault distingue sucessivamente (Saber, Poder e Subjetividade) não possuem, de modo definitivo, contornos definitivos; são antes cadeias de variáveis relacionadas entre si (DELEUZE, 1990, p. 155).

O dispositivo, na visão do autor, funciona como uma força motriz e está sempre disposto a receber cargas de atualização. Ele existe em contínua renovação. Deleuze (1990) destaca as dimensões formadoras de um dispositivo, indicando os componentes do conceito: 1)

visibilidade; 2) enunciação; 3) subjetivação e 4) poder. O que esses componentes representam? eles delimitam quatro campos: o de fazer ver; o de fazer falar; o de movimento e um campo de força. Os campos indicam a multiplicidade tanto dos dispositivos quanto dos sujeitos que se cruzam de forma heterogênea. Deleuze (1990) na sua percepção sobre a obra foucaultiana encontra desequilíbrios e até se afasta de uma crença de sociedade de controle, em que os jogos de poder são mais aparentes. O autor acredita em uma posição de diálogo entre a filosofia, a arte, as subjetivações e os processos sociotécnicos e tem uma visão contrastante com o modelo de uma sociedade contemporânea, baseada em situações que valorizam os avanços tecnológicos e científicos. Deleuze (1990) assegura que a novidade é construída com partes do que vamos encontrando pelo caminho e não algo abrupto, que chega e transforma. A atualidade seria um percurso da história: o que somos hoje e como nos relacionamos pelo caminho.

Pertencemos a dispositivos e neles agimos. À novidade de um dispositivo em relação aos que o precedem chamamos actualidade do dispositivo. O novo é o actual. O actual não é o que somos, mas aquilo em que nos vamos tornando, aquilo que somos em devir, quer dizer, o Outro, o nosso devir-outro. É necessário distinguir, em todo o dispositivo, o que somos (o que não seremos mais), e aquilo que somos em devir: a parte da história e a parte do actual. A história é o arquivo, é o desenho do que somos e deixamos de ser, enquanto o actual é o esboço daquilo em que vamos nos tornando. Sendo que a história e o arquivo são o que nos separa ainda de nós próprios, e o actual é esse Outro com o qual coincidimos desde já. Chegou-se a pensar que o que Foucault fazia era, por oposição aos antigos dispositivos de soberania, estabelecer o quadro da sociedade moderna com dispositivos disciplinares. Mas não é nada disso: as disciplinas descritas por Foucault são a história daquilo que vamos deixando pouco a pouco de ser; e a nossa actualidade desenha-se em controlo de aberto e contínuo, muito diferentes das recentes disciplinas fechadas (DELEUZE, 1990, p. 160-161).

Deleuze (1990) trabalha a favor de uma concepção enraizada do “devir”, entendida como uma lei geral que dissolve, cria e transforma a realidade, a partir de uma renovação embutida na noção de dispositivo. Além de Deleuze (1990), outros olhares dentro das ciências sociais e humanas e da comunicação nos dão um panorama sobre a compreensão do conceito de dispositivo. Dentro do contexto da comunicação é possível ver vertentes ligadas desde ao cinema, televisão, jornal impresso e também análise da imagem. Por exemplo, para Aumont (1993, p. 135), um dos representantes do campo da análise da imagem, os dispositivos aparecem como estratégias de relações de forças que condicionam o saber e são também condicionadas por ele: são, afinal, mecanismos de gestão e produção de sentidos, de saberes e subjetividade.

As determinações fisiológicas e psicológicas, da relação do espectador com a imagem não bastam para descrever completamente essa relação. Aliás, esta se dá em um conjunto de determinações que englobam e influenciam qualquer relação individual com as imagens. Entre essas determinações sociais figuram em "especial os meios e técnicas de produção das imagens, seu modo de circulação e eventualmente de reprodução, os lugares onde elas estão acessíveis e os suportes que servem para difundi-las. E o conjunto desses dados, materiais e organizacionais, que chamamos de dispositivo (AUMONT, 1993, p. 135).

Para Aumont (1993), o dispositivo é, na verdade, uma matriz orientadora dos modos de interpretação e produção de sentido. Ele ocupa um posição privilegiada, inclusive, com uma postura de articulação e mediação entre os sujeitos e os seres vivos, organizando os vínculos sociais. Outro autor com pensamento semelhante é Mouillaud (1997), por mais que ambos trabalhem com objetos distintos, já que Mouillaud (1997) é um expoente do estudo do dispositivo no jornal impresso, ele também entende o dispositivo como uma matriz de orientação. Para Mouillaud (1997), o dispositivo impõe constrangimentos em termos de práticas do fazer jornalístico que implicam diretamente nas estratégias adotadas pelo enunciador para informar e se relacionar com seu leitor. O jornal carrega em si, portanto, maneiras próprias de operar a construção de sentido. Neste caso, o jornal impresso como um todo é o dispositivo e não parte dele. Não há a identificação de uma rede, mas sim de um complexo orientador que abriga vários sujeitos e seres vivos, no bojo disso tudo há os vínculos sociais.

Na escola brasileira, muitos autores são guiados por este caminho. É o caso de Bruck (2012, p. 41-42), que afirma que os dispositivos têm sido trabalhados de forma recorrente na perspectiva de “(...) dinâmicas matrizes que orientam e co-determinam os vínculos que os receptores estabelecem em processos amplos e difusos de oferta discursiva”. O autor ainda complementa que estes dispositivos constituem-se como “(...) estruturas, agenciamentos e pontos de vinculação em que há um modo próprio de significar: as discursividades”. Seria assim um jogo permanente de disputa de validação em que todos os personagens tendem a se movimentar e alteram o processo em que estão inseridos, a partir do discurso, do forte poder da linguagem.

Já Ferreira (2007a) defende que o conceito de dispositivo dentro do campo da comunicação está atrelado a noção de processualidade. Por se colocar em um lugar genérico, é interessante que o conceito de dispositivo seja apresentado a partir da análise de outras experiências sociais, já que o conceito é íntimo da educação, da sociologia, da tecnologia. Este movimento indica que dispositivo dentro da comunicação deve ser interpretado para que seja

possível aplicá-lo enquanto ferramenta de análise e provocação. O autor reforça que tal compreensão inicia-se pela nomenclatura. Dispositivo receberia a adição de comunicacional ou em certos casos poderiam ser denominados de dispositivos midiáticos, observando corretamente sua especificidade e funcionamento. Tendo em vista que, o dispositivo midiático funcionaria como um modelo de agenciamento daquilo que se pode ver e dizer, do antropológico, das técnicas e das tecnologias. (FERREIRA, 2007a).

Neste sentido, o dispositivo midiático é entendido por conter múltiplas articulações geradas a partir de uma tríade atuante: social - tecnologia e linguagem. Essas dimensões aparecem no trabalho de Peraya (1999), e é adotada e seguida por Klein (2007). Frisamos que também aparece na obra de Levy (2009), já que o autor é um dos que abraça o conceito de tecnologia como modeladora de uma sociedade, com uma cultura integrada à tecnologia e ao digital, uma cibercultura. Bruck (2012) recupera que tanto Peraya (1999) quanto Klein (2007) atuam com uma perspectiva próxima a de Rodrigues (1994), “ (...) que salienta o dispositivo como um conjunto de regras “de gestão” das interações (tomadas de palavra, réplicas, uso de mecanismos de repetição, correção etc.). Para Rodrigues, o conceito de dispositivo deve associar a linguagem e a sociedade em que esta se insere”. (BRUCK, 2012, p. 03)

De todo modo, quando relacionamos essa conceituação tecnológica e que também abarca a linguagem, dentro da comunicação é até comum encontrarmos a nomenclatura de dispositivo midiático. Como definição poderíamos assegurá-lo centralizado nas trocas entre a sociedade, os aspectos técnicos-tecnológicos e a linguagem envolvida no processo. Essas esferas operam simultaneamente, não é preciso terminar uma para que outra entre em ação. “ (...) Por isso, o dispositivo midiático não é um sistema, mas conjunto de sistemas em co-operações, muitas das quais deslizantes entre si, na medida em que nem sempre ocorrem acoplamentos mas sim justaposições ações”. (FERREIRA, 2007b, p. 08)

É visível que há sim uma farta literatura sobre o conceito de dispositivo, em frentes diversas, inclusive com oferta de análises relacionadas a operações tecnológicas, linguísticas e discursivas e sócio-antropológicas. Segundo Ferreira (2007b, p. 09) “ (...) estas abordagens concentram-se nos sistemas em jogo nos dispositivos, e, por isso mesmo, consideramos que não são análises dos dispositivos. Analisar o dispositivo requer um esforço específico: colocar as relações e intersecções entre várias operações (e, portanto, co-operações)” .

As perspectivas unidirecionais acentuam como esses processos sociais ou processos de comunicação são regulados a partir dos dispositivos, ou, inversamente, de como, em última instância, os dispositivos são envolvidos, concernidos, apropriados, etc. conforme os processos sociais

e de comunicação. Essas duas perspectivas unidirecionais enfrentam-se, permanentemente, nos embates epistemológicos, teóricos e metodológicos no campo acadêmico da comunicação. Para além de uma antinomia desenhada por unidirecionalidades de condicionamentos e concernimentos, sugerimos explorar as perspectivas interacionistas, que, em relação com a perspectiva epistemológica e analítica sistêmica, permite recuperar, nas análises das inter-relações dos dispositivos com os processos de comunicação e sociais. (...) As análises que remetem as relações e intersecções é que propiciam a inteligibilidade do lugar do dispositivo na mediação da sociedade. Inversamente, portanto, permitem compreender o dispositivo em termos amplos – o universo social –, onde as materialidades específicas estão em permanente reconstrução. (FERREIRA, 2007a, p. 08 - 09)

Jairo Ferreira (2007b) é sensível no cruzamento dessas três instâncias: sociedade - tecnologia - linguagem. Na visão dele, todas operam sobre todas. A partir do momento que cada uma delas se configura como sistema, elas exacerbam suas operações, suas linguagens, sua presença sócio-material. Então, o dispositivo midiático operaria como perspectiva de um conjunto em que não há sobreposição, gerando uma relação multilinear. Este trecho de Ferreira (2007b) nos coloca em uma posição de enfrentamento. O que, de fato, concebemos como dispositivo? Seria pertinente utilizarmos o pensamento conceitual de dispositivo midiático? ou deveríamos adotar a ideia do dispositivo como uma matriz orientadora das ações e sujeitos? Entendemos as diversas escolas que discutem o sentido de dispositivo e concordamos com a intersecção de elementos que vão desde o social até a presença física e simbólica da tecnologia, como modeladora de atividades e sujeitos. Compreendemos também a necessidade de, enquanto se trabalha com suportes de mídia, não seria responsável visualizar apenas uma dessas instâncias: só a social ou a tecnológica, ou seja, com uma visão unidimensional. Porém, enxergamos o dispositivo como defende Agamben (2005), como sendo tudo aquilo (linguagem, conceitos, ideias, discursos, instituições públicas, privadas, lugares, objetos, etc.) que de alguma forma oriente, determine, controle e assegure práticas, comportamentos, opiniões e discursos dos homens, ou seja, tudo aquilo que capture o desejo, a atenção e a sujeição dos homens. (GRANDO, 2012, p. 01)

Agamben (2005) nos traz algo valioso para o entendimento do que concebemos como dispositivo e que se encaixa bem ao que compreendemos por temporalidade. Mesmo sendo concreto, ambos passeiam bem pelo universo das subjetividades. Conseguem orientar e assegurar práticas em situações particulares. Vejamos o destrinchar do caminho percorrido por Agamben (2005). Além de se ancorar no pensamento *foucaultiano*, o autor se envolve com o termo grego *oikonomia*, que significa a administração do *oikos* - da casa. O termo bastante

comum dentro da história da igreja, é presente em escritos da teologia da economia e mais tem a ver com gestão, com administração e coordenação dentro de um ambiente, guiando uma certa atividade. E, porque ele é importante? é a partir de um entendimento centrado no divino que os padres argumentavam a gerência de Deus sobre o mundo e tudo aquilo que Ele criou. Não podendo ser único para gerir, determinou a Cristo o governo da história dos homens. Deus era único enquanto soberania do ser e substância divina, mas enquanto sua administração, ele era tríplice, dividindo com Cristo e o Espírito Santo outras ações que seriam desempenhadas em sua soberania divina absoluta.

(...) Trata-se, como diz Aristóteles, não de um paradigma epistêmico, mas de uma práxis, de uma atividade prática que deve de quando em quando fazer frente a um problema e a uma situação particular. Por que os padres sentiram a necessidade de introduzir este termo na teologia? Como se chegou a falar de uma economia divina? Tratava-se, com precisão de um problema extremamente delicado e vital, talvez se me permitem o jogo de palavras, da questão crucial da história da teologia cristã: a Trindade. Quando, no decorrer do segundo século, se começou a discutir sobre uma Trindade de figuras divinas, o Pai, o Filho e o Espírito, houve como era de se esperar, no interior da igreja uma fortíssima resistência por parte dos seus mentores que pensavam com temor que, deste modo, se arriscava a reintroduzir o politeísmo e o paganismo fé cristã. (AGAMBEN, 2005, p. 12)

A reflexão sobre a *oikonomia* transitava dentro da teologia cristã e tinha importância para a função que desempenhava, que era mostrar porque existia dentro de um divino soberano mais dois outros, que ocupavam papéis diferentes dentro das atividades celestiais. Pois bem, ao ser transportado para os escritos latinos o termo transformou-se em *dispositio*, de onde deriva o termo dispositivo, tal qual como conhecemos. Essa genealogia do termo em Agamben (2005) nos instiga, mais do que contextualizar a que tipo de dispositivo estaríamos empenhados a entender, e sim pela concepção mais crua, subjetiva e controladora assemelhando-se ao nosso entendimento de temporalidade, no qual habita uma subjetividade no entendimento, mas que é determinante de ações e trejeitos desenvolvidos pelos sujeitos em um determinado ambiente. É a coordenada de tempo dentro da ação, não podemos sentir, mas sabemos o quanto esta coordenada é importante para equalizar as atividades. Esse dispositivo, que nos apegamos, é gerenciador, mas não totalizante, orienta mas não é fundante. Se conecta com seres e sujeitos e dialoga com eles. É um administrador.

(...) Os “dispositivos”, dos quais fala Foucault, estão de algum modo conectados com esta herança teológica, podem ser de algum modo reconduzidos à

fratura que divide e, ao mesmo tempo, articula em Deus ser e práxis, a natureza ou a essência e o modo em que ele administra e governa o mundo das criaturas (AGAMBEN, 2005, p. 12).

O propósito disso tudo é nos indicar que a partir da junção do sentido da *oikonomia*, advindo da teologia cristã e o sentido de dispositivo já trilhado e pensado na obra foucaultiana, dá origem a um conceito remodelado de dispositivo, porém referencial. Essas duas premissas em conformidade dão vida a um “(...) conjunto de práxis, de saberes, de medidas, de instituições cujo objetivo é de administrar, governar, controlar e orientar, em um sentido em que se supõe útil, os comportamentos, os gestos e os pensamentos dos homens”. (AGAMBEN, 2005, p. 12) Esses elementos epistemológicos nos dão contexto para o desenvolvimento de um modelo metodológico e foi assim que Agamben (2005) também agiu. A certa altura de sua pesquisa transgride a obra foucaultiana e começa a trilhar seu próprio pensamento do conceito de dispositivo, situando-os em novo contexto e com uma leitura que cumpre o iniciado por Foucault, mas que segue uma trilha encorpada por suas próprias observações. Em linhas brutas, pontuando o dito por Agamben (2005), o dispositivo interpretado por ele é:

(...) Qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder é em certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e - porque não - a linguagem mesma, que é talvez o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata - provavelmente sem dar-se conta das consequências que se seguiriam - teve a inconsciência de se deixar capturar (AGAMBEN, 2005, p. 13).

O autor passou a dividir o mundo em duas grandes categorias: a dos seres viventes e a dos dispositivos. Desta relação simbiótica, ocorre um processo de subjetivação, onde o dispositivo atua com toda sua potência, e surge assim uma terceira categoria, que não chega a entrar em pé de igualdade com as outras duas, mas também não é auxiliar, que é a dos sujeitos. “(...) Chamo sujeito o que resulta da relação e, por assim dizer, do corpo-a-corpo entre os viventes e os dispositivos”. (AGAMBEN, 2005, p. 13) Esses dispositivos inflamam o homem e o fazem sentir-se mais sujeito e parte integrante de uma comunidade. “(...) Na raiz de todo dispositivo está deste modo, um desejo demasiadamente humano de felicidade, e a captura e a subjetivação deste desejo, numa esfera separada, constituem a potência específica do dispositivo”. (AGAMBEN, 2009, p. 44). É importante frisar que, quando o autor diz “desejo de felicidade”, ele não

se refere apenas a questões de plano pessoal, mas sim ao propósito do dispositivo, que é trazer uma espécie de sentimento de pertencimento. “ (...) São os dispositivos que oferecem meios através dos quais cada homem se sente sujeito integrante de uma comunidade, e é o sentimento de pertença que garante alguma ordem e manutenção dos modos de produção e funcionamento da sociedade”. (GRANDO, 2012, p. 01).

Pois bem, a partir de todo este desenrolar do que entendemos por dispositivo seguimos daqui alinhando o conceito ao de temporalidade. Em nosso entendimento, as marcas de tempo - ou a própria noção de temporalidade - podem sim ser compreendidas como dispositivos, de acordo com o que nos oferece Agamben (2009). O tempo com sua capacidade de orientar e assegurar práticas estabelece uma rede de movimentação, onde os sujeitos modificam e são modificados pelos seres e pelos dispositivos, numa troca heterogênea. Esses elementos encaixam-se uns nos outros criando nós que servem de orientação e saber. Denominamos estes dispositivos como ‘dispositivos de temporalidade’.

Onde queremos chegar? os dispositivos de temporalidade no meio jornalístico televisivo trazem sentimento de pertença aos sujeitos que fazem parte da rotina da redação. Eles também tem a capacidade de coordenar e orientar as ações dos jornalistas, assegurando as práticas diárias e decisões tomadas durante o desenvolvimento do telejornal. Os dispositivos de temporalidade integram um rede de ação, que em conjunto com outros elementos: os sujeitos e os seres direcionam a rotina da redação de qualquer telejornal, tal qual como conhecemos. Por exemplo, os profissionais precisam se reunir todos os dias em um determinado horário para decidir o que será feito ao longo da jornada, essa obrigação diária de planejamento é entendida por nós como um dispositivo de temporalidade relacionada a preparação ou adequação do modo de trabalho que será desenvolvido para enfrentar o dia. Como simbologia de tempo, existe um horário que é marcado no relógio para que essa preparação aconteça, mas independente do tempo-relógio, essa atividade tem que ocorrer obrigatoriamente para situar a atividade. A relação com o tempo, neste caso é subjetiva. Os jornalistas entendem que precisam deste tempo para controlar a situação que está por vir e acionam os dispositivos para isto, comportamentos, modelos de trabalho pautados na repetição, discursos de ordem e aplicação de normas. A ação é coordenada pela temporalidade e a matriz orientadora são os dispositivos. Estes dispositivos de temporalidade quando acionados causam consequências e constituem novos instantes que culminarão em um período de atenção total por parte de todos os envolvidos na formatação do telejornal.

Portanto, os dispositivos de temporalidade podem ser explicados e caracterizados como microestruturas que visam através de uma série de práticas e discursos, de saberes e de exercícios, a criação de modelos livres e orientados que assumem a sua identidade enquanto sujeitos de uma ação, gerando sentimento de pertença e assegurando o sentido da atividade executada. A novidade opera na subjetividade, e a cada novo dia produz novos significados para os sujeitos como consequência mais ou menos imprevista, transformando o sujeito a partir da ação. Chamamos de micro por que está claro que neste caso é a parte que coordena o todo, a situação macro. As decisões e ações entram em um grau de imprevisibilidade e os dispositivos de temporalidade situam o sujeito para sua próxima cartada. A depender do fato ou do ocorrido, as decisões são tomadas com base no tempo-relógio, acionando sentimentos de insegurança, certeza ou ansiedade nos sujeitos, obrigando-os a passarem por fases de negação, entrega, euforia e assim criando um novo sujeito que deve atuar de modo distinto frente a cada problema que surgir. Este movimento é subjetivo, mas é real, é de fato, heterogêneo, e integra uma rede com outros elementos (substâncias) que dão sentido às rotinas da redação do telejornal. Os dispositivos de temporalidade operam em fases e devem sim receber cargas de força ao longo do processo produtivo, quanto mais próximo do *deadline* ou da concretização do telejornal mais fortes e aparentes eles ficam.

Quanto mais os dispositivos de temporalidade se difundem, mais disseminam o seu poder em cada âmbito do processo produtivo televisivo. Eles estão presentes em vários pedaços da rotina da redação e são disparados por ela. Porém, eles atingem um alto grau de intensidade na jornada do editor, que acaba ligando duas pontas: o começo do processo, com a divisão das tarefas e a concretude do *deadline*.

4.2 DISPOSITIVOS DE TEMPORALIDADES PRESENTES NAS ROTINAS DA REDAÇÃO

A rotina de uma redação não é simples, assim como qualquer processo produtivo é expressa em fases e com a presença de vários atores humanos e não-humanos. Complexa, poderia ser explicada como um conjunto coerente, cujos componentes funcionam entre si em numerosas relações de interdependência. Dentro desta rotina destacamos o papel da figura do jornalista que ocupa a função do editor-chefe. Ele é o sujeito que recebe a interferência direta dos dispositivos de temporalidade. Consegue articulá-los e a partir de suas ações e relações com outros sujeitos integrantes do espaço social da redação, gera uma rede heterogênea que

culminará com a efetividade do telejornal. Visualizamos assim, claramente, os dispositivos de temporalidade e suas atuações, a partir do trabalho desenvolvido pelo jornalista editor-chefe.

Entendemos que o tempo na redação é dividido como geralmente é em qualquer instância profissional: antes - durante e depois do ato que deve ser executado. A cotidianidade indica a necessidade de repetição. Esses atos dão segurança aos sujeitos. Repetir a ação com mínimas mudanças diárias ao chegar no espaço social da redação gera, por exemplo, um controle maior da ação em seu desenrolar e esse desembaraço bem aproveitado dá lugar a um encerramento da atividade mais tranquilamente. Essa sucessão de acontecimentos internos na rotina da redação é coordenada por dispositivos de temporalidade que asseguram as práticas profissionais e que sedimentam a atividade do jornalista de televisão. A saber que, entendemos os dispositivos de temporalidade como aquilo que tem a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões, as decisões e os discursos dos sujeitos. A perceber também, que a temporalidade é a coordenada de tempo presente na ação. Esses dispositivos de temporalidade acontecem dentro de um espaço social específico e com um tempo determinado para a ação ser desenvolvida e assim passar para a próxima atividade.

Na rotina da redação, tal qual conhecemos, identificamos cinco dispositivos de temporalidade que nomeamos da seguinte forma: 1) Preparação/Adequação; 2) Atenção total; 3) Checagem Geral; 4) Tensões e Orquestramento e 5) Planejamento do amanhã. Estes dispositivos de temporalidade são sugestivos de uma consciência das atividades a partir da simbologia do tempo-relógio, mas não só. Conseguimos estratificar, a partir do desenrolar das rotinas da redação, como cada um desses surge e vai embora, dando lugar a um novo dispositivo de temporalidade que guiará a atividade dali em diante. Ações, discursos, decisões, opiniões, além dos seres (substâncias) - tecnologia - foram levados em consideração para descrever como se desenvolve o dispositivo de orientação e que assegura o processo laboral desempenhado pelo "ser profissional" - o sujeito - jornalista de televisão.

Demos prioridade a uma descrição autoral. A parte exemplificada com os momentos captados no diário de campo, feito no exercício etnometodológico, aparecerão mais adiante quando destrincharemos estes dispositivos nas rotinas de duas redações observadas - RBS TV e TV Globo Nordeste - com o perfil dos dois editores-chefe - sujeitos absolutos - na condução dos dispositivos de temporalidade.

4.2.1 Dispositivo de temporalidade relacionado a preparação ou adequação

Este dispositivo de temporalidade está atrelado aos momentos iniciais de preparação do telejornal. Ele representa um período de adequação dos sujeitos, mais especificamente do editor-chefe, que precisa ter noção do cenário no qual ele vai atuar e quais materiais ele terá em mãos para desempenhar integralmente sua função. Quando se trata de questões relacionadas ao tempo, compreendemos que a temporalidade vivida na redação do telejornal impõe ao editor-chefe que ele faça concessões, por isso é importante ter resguardado o momento de planejamento.

Este movimento de preparação começa timidamente ainda no dia anterior - com uma reunião de avaliação do telejornal passado - nada muito profundo, apenas uma passagem por possíveis temas que podem ser abordados no novo dia, demonstrando um processo de repetição. Este momento não é só calmaria, exige reflexão dos sujeitos (editores) envolvidos, necessita de orientação espaço-temporal para o despacho das equipes de reportagem e compreensão da audiência para a montagem do espelho do telejornal, com a definição de tema por tema que será trabalhado. Como simbologia do tempo-relógio, o horário expresso no equipamento se dá por volta das 8h - 9h da manhã e mesmo que seja um momento que exija doação é um momento sem ruídos. Barulhos quase não são ouvidos. É aqui, durante o desenrolar deste dispositivo de temporalidade que acontecem as primeiras tomadas de decisões: dos formatos e dos modelos de notícia que serão utilizados durante o telejornal, a distribuição das entradas ao vivo e ainda como se dará a presença de outras praças afiliadas a emissora.

Schlesinger (2016, p. 252) relata momento semelhante na redação da BBC e compreende que esse tipo de ação é apenas o primeiro de muitos *deadlines* que acontecerão durante o dia noticioso. Pois, desde a chegada na redação até o fim da jornada de trabalho, os jornalistas passarão por muitas fases e boletins diversos que serão colocados no ar. Sendo assim, é indispensável o momento de planejar. Saber o que realmente se enquadra dentro dos valores-notícia e o que deve ganhar lugar cativo na transmissão da vez.

[*O dia noticioso começa*] (...) com uma reunião do pessoal superior por volta das 9:30 da manhã. Nesta reunião as “perspectivas de notícias” (as estórias mais verossímeis do dia) são analisadas. É a primeira fase da seleção. A seguinte surge quando o *newsroom* editor redige um *running order* (alinhamento) para o boletim seguinte: este faz uma nova seleção de “estórias” com fortes probabilidades de serem transmitidas. Ele incorpora preferências baseadas nos “valores-notícia” da equipe de produção. A contínua revisão desta lista tem lugar praticamente até à hora da transmissão (SCHLESINGER, 2016, p. 252 - 253) [Grifo nosso].

Essas reuniões de preparação do telejornal expõem visualmente as rotinas da redação, com todo o aparato de produção: jornalistas produtores das reportagens, apuradores de notícia, e tecnologia: *softwares* de edição, espaços online para revisão de material, captar conteúdo dos telespectadores enviados via aplicativos de interação social, a exemplo do *Whatsapp* e *Facebook*. Este também é um momento de muito questionamento entre a equipe de jornalistas, que configuram os sujeitos da redação. É na pessoa do editor-chefe em que se está centralizado as discussões acerca do telejornal, é ele quem delega as atribuições de toda a equipe de jornalistas, faz a montagem do espelho do noticiário, distribui tarefas para a equipe técnica. A tensão entre todos os envolvidos não chega a ser aparente, é mais um momento de dúvida para os próximos momentos do dia. A repetição está expressa nos movimentos e na condução. É preciso que se tenha um roteiro para ser desenrolado durante a fabricação do telejornal. É justamente o momento em que o editor monta a sua retaguarda, o que traz segurança para o cumprimento do *deadline*. Além de tranquilidade, gerada pela repetição dos atos preparatórios, o telejornal tem que ser atrativo e executável do ponto de vista jornalístico e técnico.

Para referendar o dispositivo de temporalidade relacionado a preparação, é possível enxergar momentos de descontração que são caracterizados por pequenas pausas para o café e muitas conversas paralelas sobre assuntos diversos e do plano pessoal. Essas circunstâncias ditam o ritmo do começo da manhã. Entre as 9 horas e 10 horas da manhã já é possível perceber muitas ausências na redação, cada sujeito ocupa seu posto de trabalho, se ocupa de suas funções já determinadas pela figura do editor-chefe. No geral, é um momento mais relaxado - editores nas ilhas de edição¹⁴ - pausas para um lanche - organização das atividades que ainda serão executadas ao longo da manhã. Os dispositivos de temporalidade podem ser expressos dentro de uma rede heterogênea e cada um aparece como "ondas" ou marcas de tempo na rotina da redação do telejornal. Com traços subjetivos, dado que o dispositivo de temporalidade é dotado de subjetividade em sua formatação, poderíamos classificar o dispositivo relacionado a preparação por: calma, atenção, planejamento, discussão sobre o tamanho do telejornal (*fade*), encaminhamento de pautas e formatos noticioso, passagem pelo espelho do noticiário, primeiras orientações sobre o tempo de preenchimento e fabricação do telejornal. A sensação é que o noticiário ainda está muito distante e falta muito tempo para a chegada do *deadline*.

¹⁴ Ilhas são pequenas salas que ficam próximas à redação onde se encontra o conjunto de equipamentos de vídeo e com tecnologia suficiente para gravar, reproduzir uma reportagem. (VIZEU, 2003, p.105)

4.2.2 Dispositivo de temporalidade relacionada a atenção total

Visualizado no relógio, este dispositivo de temporalidade relacionado a atenção total surge por volta das 10 horas da manhã. Este é um momento de virada de temperatura na rotina da redação. Encontramo-nos no ‘durante a produção’ do noticiário. Geralmente, o ponto deste dispositivo de temporalidade é a 1 hora e 15 minutos ou até 2 horas do começo do telejornal. Como observação de subjetividade relacionado ao comportamento do sujeito - o jornalista - é possível notar uma certa irritação na personalidade do editor-chefe com pequenas situações que começam a dar errado e que fogem ao seu controle e destoam da preparação feita no momento anterior. Há uma elevação no tom das vozes e a redação antes sem ruído passa a ficar barulhenta. Em alguns casos, é possível perceber até uma certa tensão nos sujeitos, pois é durante o acionamento deste dispositivo de temporalidade que se desenrola a organização e preparo da escalada, as ações se desenvolvem a partir do catálogo dos assuntos que os profissionais acreditam conter mais força para apresentar bem o telejornal para a audiência. Esses momentos estão repletos de tensão pela aproximação do *deadline*, do cumprimento da tarefa - o telejornal.

Todos os sujeitos envolvidos ficam focados em suas atividades, conferem páginas de texto, acertam as entradas ao vivo, avaliam o processo de tecnologia (transmissão de dados, ajuste de imagens, correção de legendas, auxílio para as entradas ao vivo utilizando a internet, por meio da conexão sem fio), revisam matérias, afinam o tempo de produção, orientam chamadas dos apresentadores e a escalada começa a tomar forma. É um misto de prazer e agonia. A informação é algo perecível e mutável, portanto é importante manter-se em posição de alerta, mas mesmo em atenção constante, as relações permitem momentos de alegria e descontração. É necessário um apoio coletivo no enfrentamento da rotina, os sujeitos unem-se para modelar as decisões que serão tomadas mais a frente, em situações limite. No modo discursivo, a partir da interpretação da linguagem, os sujeitos expressam essa tensão por: “*Será que vai dar tempo do repórter chegar ao local do ao vivo?*”; “*Esta matéria já está pronta?*”; “*Temos tempo para buscar outra fonte?*” “*Checamos com o poder público?*”, são frases que representam conferência, este é o momento das apurações, de verificar o andamento das atribuições dos sujeitos da redação. A verbalização desse processo demonstra que as preocupações com o tempo são reais. Ele não pode ser tido como uma “coisa”, assim como afirma Elias (1998).

O emprego de uma forma verbal ajuda a nos desvencilharmos dessa ilusão e mostra que a determinação do tempo, ou a sincronização, representa uma atividade humana a serviço de objetivos precisos. Não existe nela uma simples

relação, mas uma operação de estabelecimento de relações. (...) Relacionar diferentes processos sob a forma do “tempo” implica, pois, a ligação de pelo menos três conjuntos contínuos: os sujeitos humanos, autores do estabelecimento da relação, e dois (ou mais) processos, dentre os quais um, para determinado grupo, desempenha o papel de conjunto padrão e quadro de referência (ELIAS, 1998, p. 40).

A agonia vai ficando intensa dando linha para o próximo dispositivo de temporalidade relacionado a checagem geral e cada vez mais perto do *deadline*. Todos se comunicam em ritmo mais frenético e com o um tom de voz alterado: chefia de produção alvoroçada, editor-chefe compenetrado adiantando e revisando as páginas que nortearão o telejornal. É, de fato, o período do dia que demonstra a necessidade uma atenção total. Ânimos mais agitados e combinações de operação com a técnica movimentam o início da reta final da preparação do telejornal. A personalidade dos jornalistas fica mais aparente com a aproximação do telejornal. É nítido que os editores-chefe assumem operações de risco logo na abertura e elas precisam se concretizar no momento de aproximação. Para que o sujeito principal - o editor-chefe - perceba que está no controle da ação, ele alerta todos os envolvidos diretamente em cada uma das operações auxiliares. Ele é o que une a rede heterogênea na operação. Vizeu (2003) nos alerta que com a chegada do fim da manhã é normal a redação ficar mais movimentada, pois o material produzido pelas equipes externas começa a tomar forma. O telejornal passa de “em planejamento” para “em concretização”.

No final da manhã, a redação fica mais movimentada. Começam a chegar as matérias do dia da rua e os editores têm que ir dando conta do trabalho, o mais rápido possível, para que o material dos repórteres seja editado a tempo de entrar no jornal. À medida que vai se aproximando a hora de entrar no ar o jornal esta tensão aumenta e os editores só voltam ficar tranquilos ao fim do jornal (VIZEU, 2003, p. 97).

A redação oscila entre calma e agonia, essa rotina repete-se diariamente e pode ser sentida em qualquer redação, seja com mais atores ou não. O que se entende é que a redação neste momento é uma representação de como os sujeitos se percebem como integrantes indispensáveis na composição da rotina da redação. A posição de alerta é uma forma de comunicação entre os integrantes da rede e significa: minimização de riscos e gestão de tempo. Esse segundo dispositivo de temporalidade relacionado a atenção total pode ser definida por: período de tensão, ajustes nos formatos que ainda estão sendo feitos, atenção total na coordenação das atividades desempenhadas por outros profissionais - sujeitos -, decisões ainda são tomadas em comum acordo, com mais jornalistas envolvidos na operação, redação mais

barulhenta. Quanto ao modo subjetivo: sensação de nervosismo e alerta. O *deadline* se aproxima. Situação se aproxima do limite.

4.2.3 Dispositivo de temporalidade relacionada a checagem geral

Este dispositivo de temporalidade está relacionado com a conferência da atividade. Ele se inicia em um período de extrema tensão, a contar pelo relógio o dispositivo vai ganhando forma cerca de 30 minutos ou até menos, 20 minutos antes do início do telejornal. É um momento comum nas redações. A tensão está concentrada na finalização do espelho do telejornal. Este marcador funciona como um *deadline* interno dos sujeitos. Eles acionam um modo de controle. Durante o desenrolar deste período são tomadas as decisões de última hora e começam a se preparar para conduzirem o telejornal de outro espaço - o *switcher*. O editor-chefe entra em um novo misto de agonia, euforia e também prazer. Na parte de linguagem, o discurso é sempre de que o dia está muito difícil, complicado e nervoso. Agamben (2005, p. 14) nos assinala que o manuseio dos dispositivos não é algo básico, é bastante complexo. Esse confronto libera sua força para que ele seja usado de forma eficaz. “ (...) A estratégia que devemos adotar no nosso corpo-a-corpo com os dispositivos não pode ser simples, já que se trata de nada menos que liberar o que foi capturado e separado pelos dispositivos para restituí-lo a um possível uso comum”.

Ao se direcionar para o *switcher*, no relógio seria por volta das 11 horas e 40 minutos da manhã, o editor-chefe muda, corrige e reescreve as páginas norteadoras do telejornal. O noticiário mesmo todo escrito e presente em aplicativos ou aparatos tecnológicos sem fio, a exemplo de *tablets*, *smartphones*, ainda há a presença de métodos analógicos como a impressão de todas as páginas do telejornal. O que significa uma repetição de atos que dão segurança. Mesmo com tanta cautela, como o processo final de produção depende da tecnologia, é certo que os problemas técnicos apareçam. O jornalista que ocupa a função de editor-chefe controla tudo de perto, inclusive a escalada, em constante contato direto com os integrantes da equipe técnica. Este sujeito assume um posicionamento muito importante na redação. Ele tem o poder de controlar toda a situação, caso o caos se instale nos momentos seguintes da rotina.

Qualquer alteração no espelho é feita pelo editor-chefe. Não se trata só de uma questão hierárquica, mas de organização, já que se todos pudessem interferir no telejornal, o caos estaria institucionalizado. Essa forma de organizar o telejornal já está introjetada nos demais editores (VIZEU, 2003, p. 102).

O telejornal precisa sair como planejado. Durante a demarcação deste dispositivo de temporalidade relacionado a checagem geral, o desenrolar do processo produtivo é caracterizado por: cada sujeito ocupa seu espaço físico e sua posição simbólica para desenvolver sua função adequadamente. Eles não se comunicam muito, não existe um diálogo intenso entre os sujeitos. Estamos há pouco mais de 15 minutos do telejornal. Os sujeitos responsáveis pelas operações técnicas também apresentam agitação, é necessário que eles estejam alinhados com a equipe do jornalismo, há uma conferência frenética das páginas de orientação do telejornal: é checado ‘deixas’ de reportagens, trocas de apresentação, interação com os telespectadores. De modo subjetivo encontramos neste dispositivo de temporalidade: aflição, correção, apreensão. O *deadline* já é uma realidade e os profissionais precisam enfrentá-lo, venha ele com problemas ou não. As decisões são consolidadas em poucos minutos e segundos. O tom de voz aqui é outro - não há mais barulho - calma e tranquilidade são essenciais na condução da operação técnica e no tecer do *deadline*. Os erros seriam julgados como consequência de uma comunicação tumultuada, em que os ruídos só atrapalham.

4.2.4 Dispositivo de temporalidade relacionada a tensões e orquestramento

Aos poucos as operações técnicas vão dando certo e os sentimentos outrora relacionados a preocupação e ansiedade vão dando lugar ao contentamento. Ruellan (2017, p. 18) nos lembra que o jornalismo, mesmo com todas as suas fissuras, apresenta-se como uma profissão de paixão. E, isto toma conta do indivíduo quando está no pleno exercício de sua função. No telejornalismo, esse processo final de colocar o noticiário no ar, gera um sentimento de gozo. “(...) É possível encontrar satisfações pessoais intensas, tão fortes que, em alguns casos, elas chegam a provocar uma dependência que revela um vício, como se fosse uma droga”.

Estamos na passagem do dispositivo de checagem geral para o de tensões e orquestramento. Neste ponto, o editor-chefe já está há algum tempo em outro espaço - o *switcher*. Totalmente adaptado ao novo espaço, a figura do profissional age como líder. Toma decisões individualmente e a tensão de preparação é revestida por uma tensão relacionada a exibição. As operações técnicas e a tecnologia em si têm que ser eficientes. O processo produtivo depende agora não somente dos sujeitos, é imprescindível que os recursos tecnológicos, os aparatos relacionados a internet e as conexões sem fio funcionem em sua plenitude.

No desenrolar deste dispositivo de temporalidade, o editor-chefe é um revisor voraz. Ele abre e fecha todas as páginas de orientação do telejornal, avalia o tempo que tem disponível ou o que precisa diminuir para alcançar o *fade* do telejornal, é papel dele também orientar a

equipe técnica. De fato, assume a posição de um maestro e a música toca conforme suas orientações. Neste período é possível acontecer duas circunstâncias distintas: 1) Caso as situações fujam do controle do sujeito editor-chefe, ele precisa tomar a frente do problema e tomar decisões rapidamente, colocando em confronto o que se passa e todo o arsenal de regras e normas típicas do telejornalismo. Ele também precisa acalmar toda a equipe técnica; e 2) Caso tudo ocorra como planejado, o editor -chefe assume uma postura de contentamento e tranquilidade. O discurso neste dispositivo de temporalidade também é importante. Não é incomum surgirem frases como: “*Tudo sob controle*”; “*Calma, pessoal, tudo está dando certo*”; “*Atenção*” e “*Parabéns, tudo saiu como planejado*”. A comunicação por meio da oralidade só expressa o quanto a pressão foi vencida ou não. A repetição de diálogos, assim, representa também que a ação de cumprir o telejornal está no fim. O *deadline*, correndo tudo bem ou não, foi de fato vencido.

4.2.5 Dispositivo de temporalidade relacionado ao Planejamento do amanhã

Com o *deadline* vencido, o dispositivo de temporalidade que entra em cena é o relacionado ao planejamento do dia seguinte. O amanhã já é discutido obrigatoriamente no hoje, como em circular, este dispositivo é o pontapé do primeiro dispositivo de temporalidade que apontamos: o de preparação. O planejamento é iniciado com uma avaliação do que se passou e por isso, a necessidade de uma roteiro, mesmo que seja mínimo para o dia seguinte.

Após o fim do noticiário televisivo, os editores juntamente com o editor-chefe, produtores e chefia de reportagem reúnem-se para uma rápida avaliação do jornal do dia e já dão início aos preparativos para o telejornal do outro dia. Terminam as atividades do dia. A sensação é de dever cumprido (VIZEU, 2003, p. 97).

É um dispositivo de temporalidade com uma carga alta de subjetividade. Ele surge assim que a última notícia está no ar, já bem próximo do encerramento. Os aparatos técnicos não são tão mais importantes neste momento, o diálogo é o recurso mais utilizado entre os sujeitos. A tensão já está amena e há um clima de harmonia, que se estabelece independente de tudo ter corrido normalmente ou não. Julgamos que este dispositivo de temporalidade relacionado ao planejamento do amanhã é confuso por natureza, os sentimentos se sobressaem por causa dele - se algo saiu errado é transmitido pela linguagem neste momento- se tudo saiu como planejado, euforia e satisfação fazem parte das discussões. Porém, este dispositivo de temporalidade em si

traz muito menos impacto do que todo o processo anterior. Ele é a completude da rotina. Tudo começa e se acaba nele.

Após o *deadline* é necessário que ocorra um processo de avaliação. Este momento, como afirmado antes, é circular e contém em seu interior críticas e sugestões. Definimos este dispositivo de temporalidade relacionado ao planejamento do amanhã por: vivência e estrangulamento do tempo, orientação para o dia seguinte, de forma repetitiva e circular, comunicação efusiva e clara, reunião de avaliação, com a presença de um clima descontraído, avaliação dos pontos positivos e negativos e também a conhecida discussão das pautas para os próximos telejornais. Atentamos para o termo 'circular'. É circular porque o amanhã já é definido no dia anterior, para que ocorra a minimização de riscos. Antecipar os temas, prever o dia seguinte alarga o tempo de produção e demonstra organização da rotina da redação, para que a mesma não entre em colapso sem necessidade, por mais que seus sujeitos compreendam que estão por um fio a qualquer momento.

Sem seguir estes cinco dispositivos de temporalidade que descrevemos o telejornal não funciona em sua plenitude. Sem ter um modelo de gestão de tempo, o telejornal não tem impacto e nem há o estabelecimento de uma rotina. O que vale frisar é que sem essa rotina e esse clímax de colocar o telejornal em exibição para o público, o "ser profissional" não se sente jornalista. Os discursos de tensão servem para valorizar a intensidade da profissão. Por mais que eles queiram um dia tranquilo, com a noção de dilatação do "tempo-relógio", eles sentem-se realizados com a sensação de que estão fazendo algo em tempo limite e com um grande risco.

Como avaliação do valor destes dispositivos, observamos que: o dia em uma redação de TV oscila entre tensão e calma. É fato que a produção do telejornal conta com muitas mãos, porém é necessário uma liderança na coordenação de todos os atores e esta é feita pela figura do jornalista que ocupa a função de editor-chefe. Além da apreensão no momento de concretude do *deadline*, a tensão e o clímax ocorrem também em outro ponto, no fechamento do espelho, ainda no espaço da redação, na parte de finalização e ajustes, na qual se sobressai o sujeito, o "ser profissional" que deve tomar a frente da coordenação dos momentos finais e ser responsável pelas decisões de última hora. Tudo isto se desenvolve no espaço da redação, ambiente complexo, recheado de normas e particularidades. Assim como Agamben (2005, p. 13) nos diz: "(...) Um mesmo indivíduo, uma mesma substância, pode ser o lugar dos múltiplos processos de subjetivação". Vale lembrar que, essa extenuante rotina da redação também reflete na figura do jornalista, e o que movimenta este cenário é a compreensão do tempo vivido e em como os dispositivos são acionados durante o decorrer desta marcação de tempo.

5 JORNALISTAS, PRÁTICAS PROFISSIONAIS E TEMPORALIDADES

Os dispositivos de temporalidade não estão isolados dentro do processo. Eles agem em conjunto com os seres (substâncias) e também com os sujeitos (AGAMBEN, 2009). Entender sua formatação, no entanto, passa por compreender esta relação entre todos os envolvidos e a saber qual o papel de cada um na rede heterogênea, da qual é formada a rotina da redação de um telejornal.

A principal relação estabelecida é entre os dispositivos de temporalidade e os sujeitos atuantes no processo produtivo do noticiário. São eles que estão na linha de frente de preparação do noticiário e são responsáveis por dar vazão as temporalidades que chegam como ondas e asseguram as práticas e noções profissionais. Tomamos como os sujeitos desta rede, os jornalistas, mais especificamente aquele que ocupa a função de editor-chefe. Nessa descrição da rede de elementos que em conjunto formam o dispositivo de temporalidade, também contamos com o espaço social onde os sujeitos atuam e os seres estão distribuídos, que é a redação. É neste ambiente que as relações se estabelecem, montando assim a complexa rede de elementos heterogêneos.

O espaço da redação é físico, porém ele também atua no simbólico. Estar dentro da rotina da redação não se estabelece apenas por estar presente no ambiente. Atuar nele também de longe, um processo que é facilitado pelo uso das tecnologias sociais, com a negociação e andamento das normas e códigos das profissão é uma forma simbólica de ocupação. Deuze e Witschge (2015, p. 03), diz que “(...) as redações são parte de instituições que devem ser vistas como sistemas abertos de atividades interdependentes através das quais inconstantes coalizões de participantes estão interligadas”. O que os autores expõem é que a redação não é um ambiente simples de entendimento. Como as relações se cruzam e as atividades são interdependentes, há diversas conexões ou alianças que também são importantes para o entendimento do todo. Compreender, nem que seja minimamente a rotina da redação nos auxilia também na leitura do papel do "ser profissional": como ele age? como se movimenta? e como capta os dispositivos de temporalidade? A apreensão de todos estes elementos são essenciais no auxílio dos jornalistas na construção do telejornal e na organização da rotina.

Deuze e Witschge (2015, p. 10) defendem um estágio mais avançado na compreensão das rotinas da redação. Para os autores, é fundamental que a partir da redação, possamos enxergar o que o jornalismo contemporâneo é. Este movimento de observação vem a servir de base para integrar estudos de cunho profissional e os de avanços e retrocessos no jornalismo realizado na atualidade. E, a partir deste cenário, de entendimento do espaço da redação a partir

de suas rotinas, que desenvolvemos a discussão em cima de dois conceitos muito caros para a ciência social de Pierre Bourdieu (2011) e (2009): o *habitus* e o campo. O primeiro visto como o elemento subjetivo da prática e o segundo sendo caracterizado como a rede objetiva das relações, que pode ser encontrada em qualquer espaço social ou dentro de um contexto mais particular. O campo estrutura o *habitus*. É uma relação de condicionamento, mas também de conhecimento e construção. Ambos não podem ser considerados em separado. São constituídos mutuamente, são, de fato, inseparáveis. Juntos produzem uma relação de cumplicidade ontológica.

Entendemos as rotinas da redação como um espaço onde as “relações entre” são difusas e complexas. E, também é o ambiente onde as práticas são condicionadas pelas expectativas dos resultados de um dado curso de ação. Os dispositivos de temporalidade, por exemplo, disseminam-se na ação desempenhada pelos sujeitos. São orientadores e fazem parte da prática cotidiana jornalística televisiva. Os dispositivos de temporalidade asseguram as decisões, opiniões e discussões dos jornalistas, que se relacionam entre vários elementos dentro da rede, que objetiva todo o trabalho a ser desenvolvido.

5.1 TEMPORALIDADES: AS ROTINAS DA REDAÇÃO

O espaço onde os sujeitos atuam é a redação. Para Deuze e Witschge (2015, p. 10) a redação deve ser vista como estruturas organizacionais. É neste espaço em que são sedimentados as rotinas. A redação e as rotinas são inerentes ao jornalismo. Não há como desassociar das práticas profissionais e da cultura ocupacional que permeia qualquer ambiente de produção jornalística, seja ele de televisão ou não. Dentro do jornalismo, a existência do espaço da redação representa a garantia de um local para desenvolvimento do trabalho, e, dá ao mesmo tempo ao jornalista a segurança de se estar empregado e assim ocupar o papel de um "ser profissional".

A redação foi a forma dominante de emprego e de organização do trabalho em jornalismo (particularmente durante o século XX), cujo arranjo servia para estabilizar a indústria e andava de mãos dadas com a formação de práticas consensuais nos estudos e educação em jornalismo. A redação se tornou o local para ser um jornalista, para ser reconhecido como tal, e os estudiosos têm validado esse processo, defendendo abordagens etnográficas exclusivamente dedicadas às redações (DEUZE E WITSCHGE, 2015, p. 08).

Um fator digno de realce é que as redações tradicionais devem ser sempre consideradas a partir de seus códigos e formatos, mas não podem ser julgadas como estáticas e imutáveis. O

campo do trabalho jornalístico está em constante mudança e os modelos tradicionais receberam arranjos específicos que impactaram no formato tradicional da redação e, em algumas situações, frisamos que ela até desloca-se para os espaços digitais, como é o caso dos aplicativos de interação social, acionados pelos sujeitos profissionais e que proporcionam uma presença na redação ininterrupta. É neste ambiente, de redações em constante transformação, que há uma necessidade de compreensão do que é o espaço da redação e como os sujeitos atuam nela, com a vivência de um tempo mais agitado e veloz, que condiz com a atualidade. A redação pulsa ainda hoje, dentro dos estudos do jornalismo. É um local central dentro da fragmentação que permeia a execução da atividade jornalística, com vários sujeitos e atores que formam uma rede, onde todos atuam unidos para a criação e a manutenção do exercício profissional do jornalismo. “(...) Mover-se além da redação é difícil porque isso nos empurra contra as fundações do arranha-céu que os estudos de jornalismo e da profissão de jornalista construíram em termos de sua auto-percepção dominante”. Não há como fugir dessa estrutura organizacional que implica diretamente no modelo noticioso que é seguido pela empresa de comunicação e pelos profissionais.

Dentro do telejornalismo, a redação é um ambiente ainda mais complexo. Com uma necessidade de divisão de tarefas que aflora com mais intensidade a medida que se aproxima do *deadline*, o ambiente da redação televisiva torna-se um local tenso, com a propulsão de muitos sentimentos subjetivos vividos pelos sujeitos e refletidos em suas ações. É a presença da temporalidade que dita o ritmo vivido pelos jornalistas e é com uma compreensão de tempo acelerado que os profissionais moldam sua rotina cotidiana, preparando com máximo de rigor todas as tarefas que devem ser cumpridas durante o dia noticioso. Como orientação dos movimentos realizados na redação, seguimos o dia noticioso dos jornalistas de TV a partir do exposto por Vizeu (2003), quando o autor aponta três fases distintas que guiam a rotina de uma redação do telejornal. Elas são integradas e interconectadas e demonstram o processo de formação das rotinas, deixando-as aparentes e compreensíveis. Vizeu (2003, p. 97) destaca que em completude, a rotina da redação pode ser expressa em três momentos que absorvem uma partida e uma chegada, todas envoltas no clímax que ronda o cumprimento do *deadline*:

- 1) a chegada da redação, momento inicial de se inteirar de como o jornal começa a se organizar;
- 2) meio da manhã, quando os editores de texto já estão editando algumas matérias ou esperando para editar as que estão na rua;
- 3) o fechamento, já no final da manhã, quando se aproxima a hora do jornal entrar no ar e a correria é geral na redação (VIZEU, 2003, p. 97).

A intersecção destas fases contribui para a compreensão do funcionamento total da redação. Cada uma delas abriga os variados dispositivos de temporalidade. Como dividimos em cinco dispositivos, enxergamos a presença deles nesse cruzamento com a visão de Vizeu (2003). Eles estão distribuídos ao longo da chegada - meio da manhã e fechamento. “(...) Procuramos agrupar os procedimentos cotidianos nas três fases indicadas. Acreditamos que isso facilita a compreensão das rotinas de trabalho, dando uma ideia de conjunto das atividades”. (VIZEU, 2003, p. 98). Observamos que logo no primeiro, é onde aparece o dispositivo de temporalidade relacionado a preparação, no qual ocorre as reuniões de planejamento do começo da manhã, a organização das tarefas, bem como o caminho a ser trilhado durante todo o dia. E os demais dispositivos de temporalidade se distribuem entre o meio da manhã e o fechamento. Essa tentativa de compreensão dos dispositivos de temporalidade, na verdade, demonstra um avanço no entendimento do posicionamento do tempo na redação do telejornal, que parte da visão já implementada por Vizeu (2003). É a partir desse controle de divisão temporal, que desenvolvemos o que configura o sentimento de tempo vivido dentro da redação pelos sujeitos - os jornalistas.

Este movimento de desenvolvimento das temporalidades na rotina da redação não é desprovido de agitação e nem é objetivo. Não poderia ser enquadrado como normas fixas e códigos a serem seguidos à risca. Ele é intenso. É inconstante. Segundo Drew (2009), em cada dia útil, o jornalista toma inúmeras decisões subjetivas e decide todas as histórias que serão abordadas e como serão tratadas, este processo mental é potente e envolve seguir regras e procedimentos inerentes a rotina jornalística, mas também necessita de certo jogo de cintura em momentos críticos e domínio total da notícia e do processo produtivo. Na visualização do seguimento desta rotina da redação do telejornal, a figura do editor-chefe é a que fica empenhada em fazer as atividades andarem no tempo determinado para. Ele é o sujeito facilitador das temporalidades e quem segue à risca os dispositivos que acionam e asseguram as tarefas a serem realizadas.

A rotinização do trabalho facilita o método de ação dos jornalistas. Traz agilidade e cumprimento das temporalidades, mesmo que na vida do dia a dia, os profissionais não percebiam isso. Pois, acostumados a realizarem as tarefas sob a batuta do tempo, os jornalistas apenas cumprem suas obrigações, assertivos a executarem o *deadline* imposto. As rotinas, então, dão conta de um conjunto de hábitos que são adotados visando uma finalidade. Sekeff (2005) nos lembra que rotina tem a ver com repetição. Os procedimentos se repetem no cotidiano da redação, de olho na produção inteiriça do telejornal.

As rotinas carregam consigo a noção de segurança e regularidade sobre os fazeres laborais. Urge repetir as mesmas ações para assegurar que as ações dos jornalistas estejam corretas para o fim - produzir os telejornais - , sem perder de vista que o telejornal, mesmo estruturado num padrão definido previamente, não é, nunca, o mesmo. Cada produto contém marcas essenciais de sua produção, mas atinge resultados imprevisíveis em virtude do processo produtivo do dia (SEKEFF, 2005, p. 64).

As rotinas da redação aparecem como modelo instrumental para a valorização e validação dos protocolos jornalísticos. Convenções que são estabelecidas no espaço da redação e que dão segurança ao processo produtivo noticioso e ainda geram a identificação entre os integrantes do ambiente da redação- os sujeitos - os jornalistas. Dentro desses protocolos, o tempo e os prazos surgidos a partir dele exercem uma forte influência. Tuchman (1973) argumenta que os profissionais reúnem as notícias em procedimentos rotineiros, a fim de minimizar os problemas e dar cabo de situações que gerem conflito e tensão extrema. “(...) *To cope with this problem, they try to control the flow of work and the amount of work to be done*”. (TUCHMAN, 1973, p. 110)¹⁵.

Entender este movimento de apreensão da rotina na redação é importante. As rotinas não são meramente um conjunto de regras que existem aleatoriamente, elas facilitam o trabalho jornalístico, e, devem ser compreendidas como modelos formais para se atuar no espaço da redação. Estes procedimentos são dotados de potência e ganham novo significado a medida que o jornalismo e o telejornalismo evoluem. Como exemplo, tomamos a expansão dos conteúdos digitais que invadiram as redações das emissoras de TV, foi imprescindível que as rotinas passassem por adequação e os profissionais se adaptassem a processos de decisão que envolviam ainda mais rapidez e dispositivos que ajudassem na dilatação do tempo. Tuchman (1973) nos lembra que os jornalistas estão cientes que na rotina dentro do ambiente da redação, eles estão fadados a lidarem com eventos inesperados e em seus julgamentos precisam processar e até explicar as decisões tomadas para e a partir destes eventos. Os julgamentos sobre a notícia em si, passam também pela forma como o jornalista se comporta frente à rotina. “(...) O que os jornalistas fazem tende a ser visto como algo compartilhado por meio dos consensos profissionais. No mundo do trabalho, esses consensos tomam forma através das rotinas”. (DEUZE e WI TSCHGE, 2015, p. 05)

Estar na redação e se colocar à disposição de enfrentar as rotinas gera consequências, muitas vezes subjetivas, mas na maioria das vezes reverbera no sucesso ou não do cumprimento

¹⁵ “Para lidar com esses problemas, eles tentam controlar o fluxo de trabalho e a quantidade de trabalho a ser feito”. (Tradução livre)

do *deadline*. Os jornalistas devem estar sempre preparados para o algo mais. Mesmo com a consciência que eles devam seguir os códigos deontológicos da profissão, o evento inesperado consegue perturbar a organização planejada para o dia noticioso.

That workers impose routines upon their work poses a problem concerning nonspecialized unexpected events: how can an organization routinize the processing of unexpected events? Specifically, how do newsmen routinise the handling of a variety of unexpected events in order to process and to present accounts and explanations of them? For, without some routine method of coping with unexpected events, news organisations, as rational enterprises, would flounder and fail (TUCHMAN, 1973, p. 111)¹⁶.

Esses comportamentos dos jornalistas ajudam no processo de fabricação da notícia. É, justamente em momentos inesperados que decisões criativas remodelam o jornalismo tradicional e inovam na transmissão noticiosa. Não é somente pela tecnologia que o telejornalismo é modificado. Muitas vezes, a rotina exige que o jornalista se coloque em uma posição de sustentar o relato noticioso da forma que escolheu, pois a audiência não questiona se o jornalista tinha bastante tempo para cumprir a transmissão de informações da forma tradicional todos os dias. Em eventos inesperados e com a prevalência de rápidas tomadas de decisão, o jornalista cria as notícias a partir dos modelos de entendimento que lançou mão. O objetivo do cumprimento do *deadline* também passa pelo preenchimento do tempo do telejornal com informações que devem e merecem ser transmitidas ao público. É por conta disso, que entendemos que por mais que as rotinas nos levem a explicá-las como sendo regras arraigadas e tradicionais do fazer jornalístico, elas representam também processos abertos, que mudam a depender das situações vivenciadas.

A mídia segue rotinas que são o resultado de regras organizacionais e profissionais. O uso da palavra “regras” é significativo, pois indica algo que não é variável. Para Bennett, essas regras explicam a consistência do conteúdo das notícias ao longo do tempo e das circunstâncias (BECKER e VLAD, 2009, p. 63).

Segundo Pereira Júnior (2009, p. 83) todo o processo rotineiro do telejornalismo perpassa pela decisão dos sujeitos profissionais do que vai ou não ser transformado em notícia. Tudo começa nesta seleção e as rotinas se desenvolvem a partir dela. O processo de seleção e

¹⁶ “O fato de os trabalhadores imporem rotinas ao seu trabalho coloca um problema em relação a eventos inesperados não especializados: como uma organização pode rotinizar o processamento de eventos inesperados? Especificamente, como os jornalistas rotineiramente lidam com uma variedade de eventos inesperados para processar e apresentar descrições e explicações sobre eles? Para, sem algum método rotineiro de lidar com eventos inesperados, as organizações de notícias, como empresas racionais, fracassariam e falhariam”. (Tradução livre)

produção é a base do telejornalismo, visando, obviamente o preenchimento do noticiário para o cumprimento do *deadline*. A partir desta definição, o trabalho na redação é influenciado por três níveis, ou por três fatores: 1) o jornalista - o caráter da pessoa e suas emoções subjetivas; 2) o da organização - a rotina produtiva dentro das empresas jornalísticas e 3) o da comunidade profissional - os valores e mitologias que sustentam a categoria, independente da organização em que se trabalha e de se estar dentro ou fora de uma determinada empresa. Esses três níveis exalam a cultura profissional embutida no processo de fabricação do telejornal. As rotinas produtivas e as práticas profissionais permitem uma visualização do movimento do fazer telejornalismo, mas também condicionam o processo. É importante tentar enxergar por detrás da cortina.

As rotinas orientam o profissional para que desenvolvam suas atividades com bastante rigor, mas também não dão espaço para o inesperado. Os eventos de última hora fazem parte da cultura profissional e os sujeitos precisam aprender a lidar com eles, quando assim for preciso. É possível que se lance mão de códigos e normas que limitam o telejornalismo, a exemplo dos valores notícia e dos critérios de noticiabilidade, mas um fator essencial a ser considerado é a presença da temporalidade - a coordenada de tempo dentro da ação. Esta é subjetiva e aparece em contextos distintos, geralmente seguida por questionamentos mentais, a exemplo de: quanto tempo se tem até o *deadline*? quanto tempo levará para a melhor formatação do material? quanto tempo se tem para encaixar o material no espelho do telejornal já planejado? As temporalidades surgem durante a execução da rotina e o profissional tem que estar preparado para agir de forma subjetiva, mas também com os pés fincados na objetividade da prática.

Segundo Deuze (2005, p. 448) os estudiosos, que se enquadram no perfil de feministas da mídia, argumentam que a subjetividade não contradiz a objetividade, pois ambos os valores podem ser considerados como elementos constitutivos de uma identidade profissional de jornalistas. E, o autor ainda ressalta que o abraço, a rejeição e a reavaliação crítica da objetividade ajudam a mantê-la viva como pedra angular ideológica do jornalismo. A objetividade implica em ser imparcial, e, isto é também uma busca constante dos jornalistas. Mas isso, não quer dizer que não exista espaço para movimentos que exigem subjetividade por parte dos jornalistas. Até porque, a subjetividade é fonte de competência do ser humano, o que lhe confere uma natureza imprecisa e presente em qualquer que seja a função que desempenhe. Incorporar os momentos de crise na rotina da redação cria um clima de tensão constante e atribui valor às práticas profissionais. O jornalista passa a sentir um êxtase diário, por entender que seu

papel é muito maior que apenas cumprir a exibição do telejornal. Mas, atuará como juiz, no julgamento seletivo noticioso e terá total responsabilidade sobre o *deadline*.

O'Neill e Harcup (2009) refletem sobre o trabalho de Wolfgang Donsbach, que, segundo eles, compreender a psicologia das decisões de notícias por jornalistas é essencial para entender a seleção do conteúdo noticioso e, além disso todo o processo que envolve as decisões profissionais - as rotinas. Julgamentos avaliativos, como novos valores por definição, não possuem critérios objetivos - eles são baseados em julgamentos de valor que não podem ser verificados nem falsificados. Esta construção de rede noticiosa tem robustez quando consegue englobar os fatos que são passíveis de registro e consegue delimitar o que, de fato, faz parte da zona de alcance de cobertura, seja do ponto de vista de espacialização/ territorialidade seja organizacional, com a capacidade de estabelecer profissionais que consigam dar conta da atividade. Essa construção é cíclica. Recomeça do zero todos os dias. Mal a edição do telejornal do dia tenha sido finalizada, a edição seguinte já está em franca produção. Trincheira imposta pelas regras da atualidade e, que assegura o hábito de consumo do telejornal, segurando-se no sentido de urgência.

Essa rotina da redação fundada no tempo é congênita. O desafio nos tempos atuais está em manter a qualidade da informação. Com a digitalização das mídias e inserção de aparatos tecnológicos dentro da rotina da redação, atuando como meios facilitadores para obtenção da notícia, essa urgência em dar conta da atividade jornalística apresenta-se estendida, o que dá a sensação de dilatação temporal e é engrossada pela utilização de recursos tecnológicos que auxiliam na lida com as temporalidades impostas na rotina da redação.

A necessidade de lutar contra o relógio levou historicamente as empresas jornalísticas a consolidar formas de controle sobre a imprevisibilidade dos acontecimentos, numa tentativa de fixar aquilo que está em movimento contínuo. Essa exigência se concretiza numa série de procedimentos editoriais usados para planejar o que fazer quando os fatos ocorrem, e, também, para evitar os lapsos temporais, os eventos fora de hora, que não se concentram no horário habitual de trabalho ou não estão ao alcance imediato da organização jornalística (PEREIRA JÚNIOR, 2009, p. 86-87).

Intuitivamente, e carregando uma carga operacional, os jornalistas se preparam para isso. Contra a vilania das temporalidades, eles tentam impor certo planejamento. Acreditam que, arquitetar como o trabalho será desenvolvido diminuirá a possibilidade de serem pegos de surpresa. Entendem que uma cobertura noticiosa minimamente planejada, com ações premeditadas e organizadas em sequência, contribuirão nas tomadas de decisões futuras e diminuirão reações imprevistas. A agonia surgida com os lapsos temporais, deixa o jornalista

em desvantagem. Ele, como sujeito da operação telejornalística, entende que não consegue atender nas tomadas de decisão urgentes todos os pontos essenciais ao cargo que ele ocupa, que poderiam ser expressos por: as normas da profissão, os valores da notícia, os critérios de noticiabilidade, a afinação técnica e ainda estar alinhado com os preceitos da empresa de comunicação. Seria preciso levar todos estes pontos em consideração, causando aflição inerente a função de jornalista responsável pelo telejornal. O que se sobressai, neste caso, é o "ser profissional". É ele quem tem que pesar os códigos deontológicos da profissão, os constrangimentos da organização e a valorização noticiosa. Isso gera um campo de forças atuante, não somente em modo subjetivo, mas de forma prática, onde a temporalidade é o motor gerador. É a partir dela que se exige que o profissional tenha domínio da decisão que tomará. É ela que determina que deverá ter uma decisão por causa daquele evento ou daquela situação a ser resolvida.

Onde queremos chegar? as rotinas da redação existem não somente para modular o jornalista e impor-lhe condições práticas para a melhor vivência do dia noticioso. As rotinas da redação, verdadeiramente funcionam como turbinas, que validam o trabalho jornalístico e dão fôlego para a profissão. Renovam diariamente o sentimento de atuar como um "ser profissional". Recheadas de subjetividades, ancoram-se nos códigos do jornalismo para manter aparente tranquilidade, porém, são insurgentes de perturbação e dividem-se em momentos de alta tensão e calma parcial ofertadas pelo planejamento. A rotina da redação pode ser expressa em ondas de prazer e agonia. Ao fim do dia, os jornalistas sentem-se exaustos e em depoimentos¹⁷ afirmam até gostar da vivência do processo.

Retomando os desafios do *deadline*, os jornalistas se aventuram, diariamente, às tensões impregnadas à sua vida profissional. Acomodam-se à "*camisa de força*" imposta pela labuta cotidiana. E, paradoxalmente, é assim que se se identificam no ambiente da redação. Quando tudo está calmo, parece que há algo de errado e perigoso no ar (SEKEFF, 2005, p. 62) [Grifo do autor].

Por apenas parecer igual todos os dias, mas não é, a rotina vivida dentro da redação do telejornal tem o prazo perecível de 24h. Mesmo que para o dia seguinte haja o planejamento realizado no dia anterior, ele esgota-se no cumprimento do *deadline* e a cada novo dia, eventos inesperados podem surgir, o que forçará o jornalista a tomar decisões centradas no tempo e ancoradas nos códigos já internalizados e presentes mentalmente. A rotina da redação funciona

¹⁷ Na sessão seguinte serão expostos alguns depoimentos realizados para esta pesquisa.

como uma rede guiada pela temporalidade, em que todos os integrantes estão conectados e produzem sua força de atuação.

Os jornalistas têm uma interpretação cultural específica do verdadeiro significado do seu trabalho, na base do qual estão excitação e o perigo que advêm do fato de se depararem com apertados *deadlines*. Tornar-se um controlador, transcendendo por isso o caráter caprichoso, sacrificador da notícia, é o que faz o trabalho noticioso tão excitante (SCHLESINGER, 2016, p. 262).

Nesta passagem está posto que o espaço em que a cultura profissional se desenvolve é a redação. Esta espacialização precisa de uma ordem - rotina - que dê garantias para amenizar as agonias surgidas pelas voluntariedade da notícia. É necessário um plano de trabalho, e o tempo induz à premência do planejamento. “(...) Respeitar os prazos preestabelecidos de processo e produto atua como estímulo à organização das atividades”. (SEKEFF, 2005, p. 63)

A temporalidade é descontinuada. Ela não é linear. Há, inclusive, uma dualidade de compreensão: no sentido mais coletivo e também em uma instância particular de cada sujeito ativo no processo da rotina da redação. O coletivo apresenta-se no sentido de construção de equipe. Todos precisam vencer a pressão do tempo e por conta disso adotam costumes e convenções reconhecidos pela categoria de jornalistas. Há uma necessidade de socialização da atividade e as rotinas da redação e seus desdobramentos permitem repartir os valores entre os sujeitos - os jornalistas. “(...) O senso comunitário gera mecanismo de partilha de problemas, também, de soluções para determinadas coberturas jornalísticas”. (SEKEFF, 2005, p. 66). E, é individual, pois os jornalistas se impõem a uma condição mental também bastante veloz. Acordos ágeis e seguros dão vazão aos processos surgidos sob o comando do *deadline*. Os julgamentos do jornalista emergem como recurso consensual instaurado na rotina da redação. Todos sabem que em algum momento, a decisão no sentido mais particular existirá. Faz parte. A essência do profissional valida a rotina, a partir dos valores e critérios da notícia.

É sabido que o telejornalismo é entendido como uma prática social. Schlesinger (2016) afirma que os jornalistas exibem duas atitudes nas suas vidas profissionais: sentem que têm o domínio e o controle sobre suas atividades e em contraste vivem um caminho mais fatalista de tempo, em que o sentimento presente é de compulsão e obrigação. “A razão para isto reside nos peculiares constrangimentos situacionais colocados pela produção jornalística”. (SCHLESINGER, 2016, p. 261). Este sentimento surge de uma relação causal entre as condições de mercado, dentro do qual a notícia é produzida, o próprio sistema de produção, os conceitos de tempo conscientes dos sujeitos e o produto. Essa noção de causalidade não é

percebida pelos envolvidos na construção do telejornal, mas proporciona toda a força da rotina da redação. É dentro desse contexto de aparentemente desordenamento em que reside o vigor do planejamento. As rotinas induzem o planejamento das atividades dentro do espaço da redação. “ (...) O plano de ação dos jornalistas se sustenta na obediência às rotinas e aos rituais produtivos. Tudo é pensando de acordo com os mecanismos preexistentes para a realização dos fazeres telejornalísticos. A organização do grupo se dá a partir de hábitos assimilados”. (SEKEFF, 2005, p. 67)

As rotinas da redação estabelecem marcas que passeiam entre a objetividade e a subjetividade. A comunicação entre os sujeitos da redação no decorrer do processo produtivo e a significação do telejornal contribuem para manter a importância de se conhecer e estudar as rotinas. A redação apresenta-se como espaço colaborativo e de socialização, que produz conflitos internos e externos, e, que age na conservação de hábitos que são assimilados por um grupo social. Protocolos de ação, sentimentos de temporalidades distintos, validações noticiosas pressionadas pela urgência do tempo, figuram como circunstâncias que exaurem os sujeitos fisicamente, mas que são potentes enquanto chaves que acionam o modelo de vivência do telejornalismo.

As rotinas são, contudo, fundamentais à interação e sobrevivência dos jornalistas na redação. E, apontamos isto, enxergando a divisão de atividades e os caminhos percorridos para a produção do telejornal. São estas trocas comunicativas e relacionais que são essenciais na construção do processo produtivo televisivo. É importante perceber a posição de cada sujeito e dispositivo dentro desta rede heterogênea, exprimindo preferências sistemáticas e definindo o lugar ocupado por cada um no campo de atuação, bem como suas estratégias de representação.

5.2 O *HABITUS* E O CAMPO NAS ROTINAS DA REDAÇÃO

A forma como se desenvolve o ambiente jornalístico está diretamente relacionada a ocorrência de hábitos assimilados e o progresso de uma ação espontânea de todos os sujeitos expostos ao campo jornalístico televisivo. Comprimidos pelas exigências dos prazos de produção, o espaço da redação se organiza da melhor forma para conseguir dar conta dos protocolos e, assim reduzir o esforço e toda a carga emocional que vem com ele. Esses procedimentos adotados pelos sujeitos acabam por se naturalizar na rotina da redação jornalística televisiva e são repetidos em larga escala pelos profissionais. Fizemos uma conexão a este respeito com Bourdieu (2009) e (2011), que concebeu dois conceitos que podem ser

empregados à atividade jornalística e nos levam ao entendimento da necessidade de repetição das ações na concretização da rotina da redação: *habitus* e campo.

A lógica bourdieusiana muito nos interessa, pois ela traz referencialidade à “oposição” entre o subjetivismo e o objetivismo. Dualidade danosa e determinante. Bourdieu (2009) entende essa divisão como “modos de conhecimento” e, defende que além de entender o antagonismo é necessário preservar a contribuição de cada um, a fim de trilhar um caminho epistemológico que auxilie na compreensão do mundo a partir de uma perspectiva social. O questionamento de Bourdieu (2011) surge das regras sociais, que determinam como os indivíduos se comportam ou como agem em situações que também exijam escolhas e tomadas de decisão, vistos como traços de liberdade pessoal. Essas regras sociais pareciam ser dotadas de tamanha rigidez e muitas vezes não conseguiam ser aplicadas em sua totalidade. A liberdade do indivíduo também não era suficiente para conter julgamentos que domassem as consequências e repercussões surgidas. O autor entende então que essas regras deveriam ser ajustáveis. A ideia de flexibilidade não ditava um caminho exato a ser seguido pelos indivíduos - como as regras sociais assinalavam - mas sim os indivíduos deveriam traçar uma *estratégia*. As questões de cada um deveriam ser analisadas por uma série de indicadores pessoais e de contextos e não somente sob a severidade das regras sociais.

Em outras palavras, apesar de os indivíduos não serem livres para agir simplesmente de acordo com a sua vontade e consciência pessoais, a noção de regras implicava um respeito explícito e uma aplicação consciente que raramente se realizava na prática. Pelo contrário, a ação individual emergia de um cálculo inconsciente de lucro - ainda que simbólico (pelo menos de primeira instância) - e de um posicionamento estratégico num espaço social para maximizar as posses individuais em relação sua disponibilidade (GRENFELL, 2018, p. 69).

Bourdieu (2011) desenvolveu sua teoria prática utilizando uma abordagem teórica para explicar a atividade da prática pessoal estratégica e que recebia os contornos das regras sociais, sendo constituída individualmente e que gerava orientações comuns. É essa teoria prática que tenta explicar a cumplicidade ontológica entre a objetividade e as estruturas internalizadas por cada indivíduo ao longo de sua existência e convivência entre outros seres sociais, com suas regras e protocolos. Ele tentava estabelecer uma conexão de um indivíduo com o mundo material e o social. “(...) Tudo está nessa conexão: aqui estão as estruturas do sentido, sentimento e pensamento primário - as ligações intencionais que são estabelecidas entre os seres humanos e os fenômenos, tanto materiais quanto ideacionais, com os quais eles entrem em contato”. (GRENFELL, 2018, p. 69)

As bases construídas em Bourdieu (2011) objetivas e subjetivas são ilustradas de forma relacional. A dualidade entre ambas e ainda questões relacionadas a teoria e a prática nos ajuda a pensar a aplicabilidade prática no telejornalismo, voltados especificamente para as rotinas da redação. Para tanto, entendemos que conceitos-chave de Bourdieu (2011) são de todo valor para a construção deste entendimento do mundo prático do telejornalismo e a relação consensual entre os sujeitos e as regras existentes e norteadoras do campo jornalístico televisivo. É importante destacar que os conceitos só são válidos se aplicados não somente ao que é pesquisado, mas em todo o enredo em volta, inclusive a do próprio pesquisador.

É por conta desta trajetória de pensamento, construída até aqui, que entendemos que dentro das ferramentas de pensar bourdieusiana, o *habitus* e o campo podem nos ajudar a entender a teia de relações da qual é formada a rotina da redação televisiva. Além de, nos permitir visualizar como a temporalidade participa dessa rede. Afirmamos que ela, como dispositivo, dispara momentos decisivos vividos pelos sujeitos. Estes sujeitos, que além de estarem condicionados às regras, por atuarem em um espaço social, delineado por relações objetivas, precisam pesar orientações pautadas na objetividade da técnica jornalística e na subjetividade que está presente em suas percepções, escolhas e ações.

A começar pelo *habitus*. Tido como um conceito engenhoso e central na sociologia de Pierre Bourdieu (1997) e (2011). Ele - o *habitus* - garante a coerência entre a sua concepção da sociedade e a do agente social individual. Fornece uma espécie de mediação entre as instâncias individuais e coletivas. Wacquant (2017, p. 213) reforça que a noção de *habitus* tem sua raiz no ponto de vista aristotélico de *hexis*, “(...) elaborada na sua doutrina sobre a virtude, significando um estado adquirido e firmemente estabelecido do caráter moral que orienta os nossos sentimentos e desejos numa situação e, como tal, a nossa conduta”. O próprio Bourdieu (2011) explica o caminho por ele percorrido de entendimento e aplicabilidade do *habitus*.

O habitus, como indica a palavra, é um conhecimento adquirido e também um *haver*, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, indica a disposição incorporada, quase postural -, mas sim o de um agente em acção. (...) Não há dúvida de que as primeiras aplicações por mim feitas da noção de *habitus* comportavam pouco mais ou menos tudo isso, mas apenas em estado implícito: eram, com efeito, o produto não de um cálculo teórico semelhante ao que acabo de fazer mediante uma balizagem sistemática do espaço teórico mas sim uma estratégia prática do *habitus* científico, espécie de sentido do jogo que não tem necessidade de raciocinar para se orientar se situar de maneira racional num espaço (BOURDIEU, 2011, p. 62).

Enxergamos o *habitus* como uma ponte. Uma noção mediadora, que une o senso comum do indivíduo e a sociedade. Essa intermediação ocorre quando há uma tentativa de captar o

modo como a sociedade se encontra depositada nas pessoas sob formas duráveis - *disposições* - e também aptidões treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir. Estes selos guiam as pessoas em respostas, constrangimentos, decisões e solicitações do meio social da qual fazem parte. (WACQUANT, 2017). Segundo Marcondes Filho (2009, p. 217) o *habitus* pode ser entendido como um sistema de classificação do mundo social, que possibilita práticas e percepções, interiorizado segundo a trajetória singular do indivíduo. O sujeito atua em um determinado espaço social e traça estratégias para agir dentro deste campo de ação. Esses protocolos são adotados repetidamente e na maioria das vezes essa atitude rotineira não ganha uma reflexão aprofundada dos seus porquês.

É assim um sistema aberto, o conjunto das disposições e percepções que introjetamos durante nossa vida, que derivam da nossa posição de classe, gênero, família, do confronto com outros indivíduos e instituições etc. Essas disposições e percepções constituem um arcabouço que nos posiciona socialmente, engendra disposições específicas para ver o mundo e atuar nele. E para ajustar nossas disposições às possibilidades de ação, a nossas posições dentro de um campo social, aos capitais que temos para atuar nesse campo e para uma atuação rotineira e não reflexiva que contempla estratégias que usamos sem percebê-las enquanto tal. Essa noção, se por um lado, não faz sumir o sujeito dentro da estrutura social, por outro, relembra a cada momento que a estrutura social está inscrita nesse sujeito - em seu modo de pensamento, em suas percepções e gostos, em suas escolhas e ações, em seus interesses e desinteresses (MARCONDES FILHO, 2009, p. 217).

O *habitus* funcionaria então como uma matriz de percepções, apreciações e ações, facilitando o cumprimento de atividades, devido a presença e internalização de esquemas - *estratégias* - adquiridos pela repetição da prática. O *habitus* tem uma tendência a valorizar práticas já moldadas pelas estruturas sociais que as geraram. As experiências fluem e por conta disso vão recebendo um filtro do que deu certo e o que pode ser reparado. Substratos de esquemas implantados para o desenvolvimento da ação. Esses arranjos são sempre acessados no tempo de ocorrência do ato, ou seja, eles determinam a iniciativa de lidar com a prática em um presente imediato, em uma temporalidade do aqui e agora. A autonomia conseguida pelo indivíduo é captada em ações passadas, com a significação do que passou e das experiências relevantes durante o desencadear rotineiro da atividade. Isso funciona como capital acumulado e o indivíduo acessa essa essência sempre no presente. O *habitus* figura na base, assegurando uma permanência mudança nas percepções e decisões do indivíduo.

Só que o *habitus* não pode ser entendido como um mecanismo autossuficiente para ser o gerador da ação desempenhada pelo indivíduo. Ele é uma mola que necessita ser acionada por um “gatilho” externo. Portanto, não pode ser considerado isoladamente dos mundos sociais

particulares, ou como Bourdieu (2011) defende, não pode ser compreendido além do campo. É no interior deste, que o *habitus* evolui. Por isso que Bourdieu (2009) designava os dois conceitos como base de um confronto dialético, um *postura de investigação*, onde seria possível sinalizar um caminho para encontrar categorias implícitas dentro de um determinado espaço social. O autor deixa claro que não somos autômatos pré-programados que agem livremente de acordo com nossa formação individual. Em vez disso, ele sugere que as práticas são resultado de uma dupla relação, que chega até ser inconsciente.

(...) É preciso inscrever na teoria o princípio real das estratégias, ou seja, o senso prático, ou se preferirmos, o que os esportistas chamam de “sentido de jogo”, como domínio prático da lógica ou da necessidade imanente de um jogo, que se adquire pela experiência de jogo e que funciona aquém da consciência e do discurso (à semelhança, por exemplo, das técnicas corporais). Noções como a de *habitus* (ou sistema de disposições), de senso prático, de estratégia, estão ligadas ao esforço para sair do objetivismo estruturalista sem cair no subjetivismo (BOURDIEU, 2004, p. 79).

Seria então, o *habitus* um pilar para as análises do campo social. Bourdieu (2009) nos encoraja a pensar o *habitus* como “relações entre”, estimulando o diálogo entre as instâncias e o indivíduo. E, mais que isso, possibilitando um terreno para pensar além da teoria e/ou além da prática. A investigação e o posicionamento do pesquisador são essenciais para o desenrolar dos enigmas que rodeiam o *habitus*. Este conceito deve ser visto como orientador da construção dos objetos de estudo, deve nos oferecer modos de pensar, principalmente em questões relacionais. “(...) Portanto, sua contribuição principal é moldar o *nosso* *habitus*, engendrar um olhar sociológico ao ajudar a transformar nossas formas de enxergar o mundo social”. (MATON, 2018, p. 74) [Grifo do autor]

É válido lembrar que o *habitus* foi traçado a partir de uma observação mais voltada ao experiencial que ao sociológico. Sendo assim, ele deve ser aplicado levando em consideração contextos experienciais. Bourdieu (2004) em uma intenção de reconciliação sugere que a pergunta do investigador deva ser voltada a entender como o social externo e o eu interno ajudam a moldar um ao outro. Numa troca experiencial de atos passados com situações do presente imediato, municiando decisões e pressuposições. A experiência tem uma característica própria de ruptura. Romper crenças para abrir-se ao novo, ao universo do particular misturado com o social. Já as práticas sociais caracterizam-se sociologicamente por regularidades. “(...) Posso dizer que toda a minha reflexão partiu daí: como as condutas podem ser regradas sem ser produto da obediência a regras?”. (BOURDIEU, 2004, p.83)

Formalmente Bourdieu (2004) define o *habitus* como uma pertença de atores, sejam eles indivíduos, instituições ou grupos sociais. Essa propriedade é constituída de uma estrutura que é estruturante e estruturada. Não devendo então, colocar os problemas em termos de espontaneidade e coação, liberdade e necessidade, indivíduo e social. E, sim, observar as trocas entre. Como participar de um jogo. Sabendo os seus limites, mas traçando estratégias para se estar nele.

(...)É “estruturada” pelo nosso passado e circunstâncias atuais, como a criação na família e as experiências educacionais. É “estruturante” no sentido de que nosso *habitus* ajuda a moldar nossas práticas atuais e futuras. É uma “estrutura” por ser ordenada sistematicamente, e não aleatória ou sem nenhum padrão (MATON, 2018, p. 75).

Assim precisamos internalizar o conceito de *habitus* para entender qual o nosso papel a ser desenvolvido e o desenvolvido no mundo social. Pois, nossas práticas nada mais são que o resultado entre nossas inclinações e a posição no campo, observando também o nosso estado atual do jogo no espaço social. Então, as práticas são resultados das relações entre o *habitus* e as circunstâncias a que fomos expostos.

O *habitus* como sentido do jogo é jogo social incorporado, transformado em natureza. Nada é simultaneamente mais livre e mais coagido do que a ação do bom jogador. Ele fica naturalmente no lugar em que a bola vai cair, como se a bola o comandasse, mas, desse modo, ele comanda a bola. O *habitus* como social inscrito no corpo, no indivíduo biológico, permite produzir a infinidade de atos de jogo que estão inscritos no jogo em estado de possibilidades e de exigências objetivas; as coações e as exigências do jogo, ainda que não estejam reunidas num código de regras, impõem-se àqueles e somente àqueles que, por terem o sentido do jogo, isto é, o senso da necessidade imanente do jogo, estão preparados para percebê-las e realizá-las (BOURDIEU, 2004, p. 82).

Este jogo social é jogado com regras. Portanto, ele é um lugar de regularidades. Quanto a lógica dessa relação, poderíamos classificar que os espaços sociais que ocupamos são necessariamente estruturados e é a relação entre conjuntos de princípios organizadores que geram as práticas. O *habitus* é um princípio ativo e contínuo. Ele engloba os nossos modos de agir, pensar, ser e sentir. Ele apreende como nós carregamos nossa história pessoal e como a trazemos à tona nas circunstâncias atuais e, é a partir daí que moldamos nossas escolhas de agir de certo modo e não de outros. Estaríamos completamente envolvidos no jogo, fazendo história, mas não a criamos completamente. Outros componentes são essenciais para o desenvolvimento dela.

Em qualquer momento, estamos diante de várias bifurcações possíveis nesse caminho, ou de escolhas de ações e crenças. Esse conjunto de escolhas depende de nosso contexto atual (a posição que ocupamos num campo social particular), mas, ao mesmo tempo, as escolhas que são visíveis para nós e as que não enxergamos são o resultado de nossa jornada do passado, pois nossas experiências ajudaram a moldar nossa visão. Desse modo, quais delas escolhemos para nós depende do conjunto de opções disponíveis nesse momento (graças ao nosso contexto atual), o conjunto dessas opções que são visíveis para nós como viáveis, e nossas disposições ou tendências para escolher algumas opções e não outras (o *habitus*). Por sua vez, nossas escolhas moldarão nossas possibilidades futuras, pois qualquer escolha envolve descartar certas alternativas e nos coloca num caminho particular que moldará ainda mais nossa compreensão de nós mesmos e do mundo (MATON, 2018, p. 77-78).

O que nos leva a uma compreensão de que o *habitus* não é nem fixo e nem é fluxo constante. Nossas disposições evoluem, são duráveis e podem ser ultrapassadas, mas não são permanentes. Neste caso, para que possamos enxergar o *habitus* como conceito dentro do objeto que estamos dispostos a analisar, é preciso compreender as práticas, o próprio *habitus*, com a presença e movimentação dos sujeitos e também os campos que estão em aperfeiçoamento e dentro dos quais os indivíduos - sujeitos - estão situados. Estes campos, em um movimento circular servem de espaço para o desenvolvimento da prática. “ (...) o *habitus* é o elo não apenas entre o passado, o presente e o futuro, mas também entre o social e o individual, o objetivo e o subjetivo, a estrutura e a ação”. (MATON, 2018, p. 78)

O *habitus* visto por Bourdieu (2004) como um mediador, faz uma ligação entre a regularidade e a experiência da ação. É um conceito encorajador para o pesquisador pensar de modo relacional, nada sugestivo do que é “o certo” e o “errado”; “isto” ou “aquilo” e sim as “relações entre” ou “o que um lado tem a oferecer” e “o outro também”. Por conter uma versatilidade atraente, apresenta-se como uma noção de difícil definição. É considerável que o pesquisador analise a fundo as práticas, de modo a revelar os efeitos e as estruturas do *habitus* dos sujeitos dentro do espaço pesquisado, para entender quais crenças que ele gera e como os sujeitos a repetem. Por isso, é importante ter o cuidado de não reduzir o conceito apenas como uma sombra dentro da pesquisa. O ponto de vista relacional não pode ser deixado para trás, em favor de uma abordagem dicotômica. E, mais que isso, o *habitus* não pode ser sinônimo de liberdade pessoal, voltado para os sentimentos do sujeito. O que mantém a estrutura relacional do *habitus* íntegra é sua dependência crucial do conceito de campo. É dessa relação que são geradas as práticas e as dinâmicas. Sozinho o *habitus* representa uma conceituação teórica a partir de compreensões empíricas.

Campo. Outro conceito-chave da obra bourdieusiana. O campo assim como o *habitus* tem sua essência nas relações. É esse vigor relacional que entrega a chave para a compreensão da prática. O campo ajuda a moldar o *habitus*. Ambos estão em evolução. São contínuos, dinâmicos. De todo modo, eles não se encaixam perfeitamente como peças coesas de um quebra-cabeça. Cada um tem uma lógica interna e uma história. O que isso permite? Que a relação entre a estrutura do campo e os *habitus* dos sujeitos tenham graus de encaixe e desencaixe, se cruzem e se soltem. Como as relações funcionam dentro de uma rede de elementos importantes, com encontros e desencontros. “(...) As práticas numa dada situação são condicionadas pelas expectativas dos resultados de um dado curso de ação, o que, por sua vez, graças ao *habitus* se baseia na experiência de resultados passados”. (MATON, 2018, p. 85)

É possível que existam situações nas quais o campo muda mais rapidamente do que o *habitus* dos seus sujeitos. E, isso não anula os esforços de compreensão do fenômeno social. É compreensível que dentro das interações entre as pessoas e o evento social não seja suficiente olhar apenas para o que é dito ou para o que é repetido. Se faz mais que necessário examinar o espaço social onde tudo acontece: as interações, negociações e o espetáculo que se desenvolve.

Um campo é um espaço social estruturado, um campo de forças – há dominantes e dominados, há relações constantes, permanentes, de desigualdade, que se exercem no interior desse espaço – que é também um campo de lutas para transformar ou conservar esse campo de forças. Cada um, no interior desse universo, empenha em sua concorrência com os outros a força (relativa) que detém e que define sua posição no campo e, em consequência, suas estratégias (BOURDIEU, 1997, p. 57).

Bourdieu (2004) chama de campo o “espaço social” e essa definição é importante para operacionalização da pesquisa. Dentro da obra bourdieusiana, o conceito de campo viria assumir aspectos cada vez mais significativos. Ele desenvolveu investigações relacionadas a educação, cultura, televisão, literatura, entre outros. Na explicação do conceito de campo, Bourdieu (2004) o associa ao campo de futebol ou até a campos de forças, para tornar mais claro a visualização e o entendimento.

Bourdieu realmente discutiu a vida social como um jogo. (...) Assim como um campo de futebol, o campo social não está sozinho. Bourdieu desenvolveu a noção de campo social como uma parte de um meio de investigar a atividade humana. Isso quer dizer que, sozinha, a ideia de campo social não tem poder explicativo suficiente. Em vez de se atolar em debates a esmo sobre a primazia ou das estruturas sociais ou da ação humana, Bourdieu defendeu uma metodologia que juntaria um trio interdependente e construído em conjunto - campo, capital e *habitus* - sem nenhum deles ser primário, dominante, nem causal. Cada um deles era integral para a compreensão do mundo social e os

três estavam amarrados num nó górdio que poderia ser compreendido apenas através de desconstruções caso a caso (THOMSON, 2018, p. 97 - 98).

O campo é uma ferramenta epistemológica e metodológica, e, que funciona muito bem junto ao *habitus* e ao capital para uma compreensão sensível à história e a particular vida social. Não chega a ser a premissa de uma grande teoria, mas é um apetrecho, um instrumento que serve para traduzir problemas práticos em operações empíricas concretas. Para tanto, ele se utiliza de mecanismos e capitais: simbólicos, econômicos, culturais e sociais. A cumplicidade entre o *habitus* e o campo gera diversos nós, nunca é completa e sempre produz uma tensão entre os indivíduos e o ambiente social, o espaço - ou o nó - no qual eles se encontram.

O conceito de campo social é chave dentro desta perspectiva e tem como objetivo unir arcabouços teóricos à pesquisa empírica, já que permite uma nova forma de pensar a construção do objeto científico. O campo social é um arcabouço teórico capaz de orientar uma prática de pesquisa, uma construção teórica que municia o pesquisador para explicar as relações estabelecidas dentro de um espaço social (MARCONDES FILHO, 2009. p. 63).

Na caminhada de construção teórica é importante denotar quem são os agentes e por quais direitos lutam, para saber se há legitimidade na discussão. Um campo é autônomo quando existe a presença de sujeitos - agentes - que defendem regras que já foram estabelecidas internamente e são percebidas como naturais e inerentes ao espaço, isto em oposição aos argumentos do mundo exterior. Especificando o nosso campo de pesquisa, esse caminho explicativo e relacional nos dá fôlego para aplicá-lo às rotinas da redação televisiva. Utilizando o conceito de campo para compreender as relações estabelecidas, quem são os sujeitos e quais *habitus* operam no espaço e modelam o formato de trabalho. A saber que campo e *habitus* constituem ferramentas para esta pesquisa, servem de orientações metodológicas e não são a centralidade desta obra. O que buscamos é entender como os jornalistas - sujeitos - da rotina da redação operam frente aos dispositivos de temporalidade impostos na manutenção dos códigos jornalísticos, das regras e dos constrangimentos profissionais naturais do mundo do jornalismo, dos jornalistas e do telejornalismo.

Bourdieu trata repetidamente dessas questões de como e porque as pessoas pensam e agem como fazem, e como essas ações e crenças têm impactos sobre a reprodução e a mudança social. A noção de graus daquilo de encaixe ou confronto *habitus/campo* é crucial não apenas para os processos delineados anteriormente, mas também para como esses processos são normalmente tornados invisíveis para atores envolvidos (MATON, 2018, p. 86).

Nos centramos na televisão e no telejornalismo. Para Bourdieu (1997), o campo jornalístico também submete a outros campos. E, é por conta disto que para o autor a televisão pode ser considerado como um subcampo do campo jornalístico. É nesta noção que estão implicadas muitas dimensões que participam do jogo midiático. A televisão não pode, de forma alguma, ser explicada por uma doutrina simplista, como sendo determinada pelo fator econômico apenas. São muitas outras dimensões em jogo e que devem ser consideradas. A começar pela própria noção de campo jornalístico.

Para ir além de um descrição, por minuciosa que seja, do que se passa em um estúdio de televisão e tentar apreender os mecanismos explicativos das práticas dos jornalistas, é preciso fazer intervir uma noção, um pouco técnica, mas que sou obrigado a invocar: a noção de campo jornalístico. O mundo do jornalismo é um microcosmo que tem leis próprias e que é definido por sua posição no mundo global e pelas atrações e repulses que sofre da parte dos outros microcosmos (BOURDIEU, 1997, p. 55).

Bourdieu (1997) tratava sobre a televisão francesa, que ocupava uma posição não muito privilegiada. Dependia do campo político e do próprio campo jornalístico, figurado na persona dos jornalistas. As preocupações do autor, em relação à televisão, vão no sentido de compreendê-la na sua relação com os discursos sociais e a implicância disso em outros campos. Passou a apontar algumas questões consideráveis, tais como, a importância da televisão, que não pode ser deixada de lado por quem luta em nossa sociedade. “ (...) “Os que ainda acreditam que basta se manifestar sem se ocupar da televisão correm o risco de errar o tiro: é preciso cada vez mais produzir manifestações para a televisão, isto é, manifestações que sejam de natureza a interessar às pessoas de televisão” (BOURDIEU, 1997, p. 30).

De todo modo, é válido compartilhar que mesmo figurando como importante a compreensão do campo jornalístico e da televisão, essa conjuntura não é percebida nem pelos jornalistas e nem pelos telespectadores, apenas são sentidos seus efeitos a partir do material produzido. Lahire (2017, p.65) nos lembra que mesmo em luta uns com os outros, “(...) todos os agentes de um campo têm, contudo, interesse em que o campo exista”. Mantendo assim uma cumplicidade para além dos limites que os opõem.

A cada campo corresponde um habitus (sistema de disposições incorporadas) próprio do campo (habitus filológico, habitus jurídico, habitus futebolístico, etc.). Apenas os que tiverem incorporado o habitus próprio do campo estão em condições de disputar o jogo e de acreditar na importância dele. Todo campo possui uma autonomia relativa: as lutas que se desenrolam em seu interior têm uma lógica própria, mesmo que o resultado das lutas (econômicas, sociais, políticas, etc.) externas ao campo pese fortemente no desfecho das relações de forças internas (LAHIRE, 2017, p. 65).

Seguindo esta lógica, de não o que faz sujeito, mas quem faz o sujeito. Nomeamos nosso campo telejornalístico, levando em consideração os movimentos dos sujeitos dentro da rotina da redação de TV. O campo produz o valor na singularidade do espaço e no exercício da função de jornalista de televisão. Todos os objetos de conhecimento, neste caso, partem de uma construção de entendimento. Eles não são dados. Eles estão dispostos e devemos a partir deles traçar o conhecimento do campo - do espaço social - em que as ações repetidas ou não se desenrolam.

Segundo Barros Filhos e Sá Martino (2003), a estrutura e as regras existentes no campo jornalístico servem como um mecanismo de preservação da imagem do jornalismo em si e de como a profissão se apresenta. O que não é traduzido em palavras, mas existe dentro do espaço social da redação é um certo reconhecimento da condição humana do jornalista, que é amparada pela recomendação do uso de técnicas específicas e inerentes ao campo jornalístico, bem como o televisivo. Essas regras funcionam como salvaguarda do jornalista, tentando demonstrar certa isenção no desempenho da função. Julgamentos subjetivos, orientações pessoais não aparecem com grande peso, mesmo que no dia a dia, os profissionais lancem mão deste tipo de entendimento para utilizar na liberdade de escolha do material jornalístico.

O *habitus* do jornalista é reconhecido como instância de ruptura entre os sentimentos do ser humano e sua atribuição do papel de comunicador. Assim sendo, a evidente precariedade emocional de um cidadão em face de acontecimentos chocantes ou extraordinários é limitada pelas estruturas de conhecimento e ação incorporadas na atividade jornalística (BARROS FILHO e Sá MARTINO, 2003, p. 117).

Essa forma de compreensão desenvolve elementos sutis de observação. Vejamos. Os profissionais são os sujeitos - agentes - que estão inseridos em um campo - espaço social - e desenvolvem de forma roteirizada *habitus* - práticas - que auxiliam e já estão incorporadas nos códigos deontológicos da profissão. Há vários capitais em jogo: o simbólico, poder, cultural. Mas é no espaço da redação, por meio do desenvolvimento de suas rotinas que encontramos riqueza epistemológica e metodológica diante do papel das temporalidades. A figura do jornalista capitaneando esse processo também é de grande relevância. É justamente ele quem organiza o espaço social e tece as rotinas, com *habitus* incorporados, que metodicamente já foram assimilados internamente.

As condições sociais de produção jornalística obedecem a essas premissas. A rotina de confecção da notícia, entendida como um conjunto de procedimentos e ações, empreendidos por agentes profissionais pertencentes a um campo

com regras específicas de funcionamento e observadas como mensagens por esses mesmos agentes, é importante fator da socialização propriamente jornalística. Por isso, essa rotina tende a conservar-se, isto é, a se reproduzir e, portanto, a se repetir. A rigor, os procedimentos e as ações jornalísticas socializam porque se repetem e se repetem porque socializam. Por isso a relativa estabilidade de posições no espaço de produção da notícia se converte numa estabilidade igualmente relativa, de práticas próprias a esse espaço (BARROS FILHO E SÁ MARTINO, 2003, p. 132).

Como se compreende essas práticas para além das noções de *habitus* e campo? É necessário além de identificar o espaço social, entender como ele se forma, saber quem o forma. O campo e o *habitus*, de fato, formam o sujeito e tem relevância no modelo que é desempenhado por ele na função do jornalista. Mas, quem é este sujeito? Como ele age? Quais são seus pontos motivadores e o que ele segue? Classificado como o "ser profissional" das rotinas da redação, muito do que é vivido dentro do campo é desenvolvido por este sujeito jornalista.

A televisão, como subcampo - não exclusivamente como técnica ou meio de comunicação - no campo jornalístico, tem sido determinante à produção de efeitos no seu interior e sobre todos os demais campos. (...) Os agentes que ocupam posições no campo jornalístico podem ser veículos de comunicação ou jornalistas profissionais individualmente (MIRANDA, 2005, p. 111).

Os códigos, as orientações, o disparo dos dispositivos tem que passar por este agente presente nas rotinas da redação, que patina de acordo com o que já foi naturalizado dentro da função. O jornalista é o "ser profissional", é o sujeito, o agente, o indivíduo que une as duas pontas: a unidade da subjetividade e a posição da prática. Os jornalistas, podem ser considerados como geradores de comportamento e absorvem modos de vivência já instaurados, além de se adaptarem ao campo, compreendendo a força e a necessidade de movimentação regularizada no espaço social.

5.3 QUEM É O JORNALISTA? O "SER PROFISSIONAL" DA REDAÇÃO

Personagem central na concretude das rotinas da redação do telejornal, o jornalista é o sujeito da ação e é pelo desempenho de sua função que conseguimos captar a urgência do tempo e o disparo dos dispositivos de temporalidade. É também pela execução do trabalho na cotidianidade que conseguimos perceber o *habitus* que habita nas repetições da prática, fundamentando decisões, orientando o modelo a ser seguido no campo - o espaço social da redação do telejornal. Vale destacar que esta pesquisa não é voltada para responder questões relacionadas a identidade profissional, mas, tocamos no tema, principalmente pelo conteúdo de

análise produzido. As temporalidades não são perceptíveis sem ações desencadeadas pelos sujeitos, ditadas pelo toque da urgência e o apoio do tempo presente. É o sujeito, a figura que manuseia os dispositivos, que se firma na relação do *habitus* e está presente no campo. Ele é moldado pelo campo e também o molda.

Na lógica específica de um campo orientado para a produção desse bem altamente precíval que são as notícias, a concorrência pela clientela tende a tomar a forma de uma concorrência pela prioridade, quer dizer, pelas notícias mais novas. (...) Com efeito, a concorrência pela prioridade favorece os jornalistas dotados de disposições à urgência, isto é, os dispostos a praticarem o jornalismo de modo que este esteja colocado sob o signo da velocidade e da renovação permanente muito vulnerável às pressões discursivas do campo do poder. O próprio valor da atualidade da informação e a temporalidade da prática - como, por exemplo, o de ter que realizar o fechamento do jornal, em tal hora, todos os dias - reforçam essas disposições, favorecendo a chamada amnésia estrutural, efeito negativo da exaltação da novidade, em que o interesse dos profissionais só se volta às atualidades, ao novo, que se opõe ao ultrapassado (MIRANDA, 2005, p. 127).

Já que o campo molda este sujeito, que recebe uma pressão do meio externo com a velocidade da informação e a necessidade da atuação urgente, como poderíamos definir o "ser profissional" que atua nas rotinas da redação de TV? Qual o seu perfil e como se comporta? Para isto, decidimos trilhar um breve caminho explicativo sobre a profissionalização da função de jornalista e também buscamos classificar o sujeito jornalista profissional que atua nas rotinas das redações dos telejornais.

Ruellan (2006), em seu texto denominado de '*Corte e Costura do Jornalismo*', afirma que mesmo que o jornalismo se apresente como homogêneo, ele não é. Apresenta frouxidão em vários aspectos, que devem ser assinalados e observados não só enquanto jornalismo, mas como os jornalistas se comportam frente a isto. Os profissionais não atuam de uma única maneira, a multiplicação dos espaços de trabalho jornalísticos contribuem para abordagem mais gerais dos assuntos, gerando fenômenos dentro do contexto da identidade profissional e reforçando uma busca incessante pela novidade e pelo presente imediato.

O jornalismo, de fato, nunca teve a homogeneidade que os profissionais – preocupados em proteger sua identidade – frequentemente lhe atribuem. Como em todas as profissões, o jornalismo constitui um amálgama frouxo de segmentos que perseguem objetivos diferentes, de maneiras diferentes e se afirmam de forma mais ou menos frágil sob uma denominação comum, em um período específico da história. (...) A diversidade do meio jornalístico é ainda creditada ao grande aumento de produtos editoriais e dos assuntos em

pauta, fenômenos que vêm equilibrar a abordagem “generalista” que fundamentou amplamente a identidade profissional da categoria desde a industrialização da mídia, há cento e cinquenta anos (RUELLAN, 2006, p. 32).

É perceptível que além de se caracterizar por ser uma função que está à serviço da população, o jornalismo gira em torno de muitos outros temas, como: política, ética, objetividade e também profissionalismo. Por estar inserido em um ritmo alucinante, com uma carga de estresse elevada, todas as situações envolvendo o jornalismo acaba gerando debates acalorados sobre o que de fato é o mundo dos jornalistas e como os próprios se percebem no ambiente das rotinas da redação. Em outro texto de sua autoria, Ruellan (2017), tece uma investigação sobre o que é um "ser profissional" e como percebê-lo. Este profissional, a qual Ruellan (2017) se refere é sim o jornalista e este sujeito está inserido em uma ordem subjetivada ou transformada pelos outros indivíduos ou por grupos de indivíduos. Por isso é importante se observar o jornalismo como uma construção infinda, analisar os processos e os conflitos gerados dentro do campo e seus sub campos, de modo a compreender a ordem simbólica existente dentro dos espaços sociais.

No início dos meus trabalhos de pesquisa, graças à minha própria experiência - pois eu tinha sido jornalista - eu, pressentia que essa atividade estava em constante construção e evolução, atravessada por múltiplos conflitos que deram origem a interesses contraditórios, tanto no plano coletivo como individual. Percebi que eu mesmo participava dessas transformações e desses conflitos, pois tinha ambições, e minha ação pessoal se relacionava a evoluções mais amplas. Por isso, cheguei à conclusão de que, se quisesse compreender o "ser profissional" jornalista, se pretendia analisar a identidade no jornalismo, era necessário assumir uma sociologia integracionista, que estivesse atenta à profundidade histórica na compreensão da contemporaneidade. Era preciso encontrar as estruturas dominantes e os conflitos resultantes delas, e ao mesmo tempo, adotar uma postura compreensiva em relação aos indivíduos para entender como se agia no e pelo social (RUELLAN, 2017, p. 08).

Na lógica do autor, o jornalismo deve ser visto como um espaço de trabalho. Este campo social bem como seus campos subsequentes estabelecem relações profissionais para os sujeitos que os ocupam. Tendo como exemplo o cenário francês, ele cita que a partir de 1935 uma lei determinava o título de jornalista a todos aqueles que eram os “profissionais”, os que trabalhavam parcialmente ou totalmente com o jornalismo e que eram remunerados por um veículo de mídia. Esse movimento simbolicamente deu origem a algumas frentes defendidas pelos jornalistas: 1) a categoria reivindicava que também poderia utilizar uma identidade mais ampla, utilizando um estilo profissional emprestado das práticas literárias e a criatividade para

trabalhar com imagens fixas e animadas; 2) os jornalistas passaram a requerer uma certa autoridade política e passaram a se colocar como especialistas capazes de analisar a sociedade na qual eles estão inseridos. Ruellan (1993) se prende a essa pluralidade ocupada pelos jornalistas no conceito de *flou identitaire*, que está relacionado a uma imprecisão do jornalismo como campo de atuação dos sujeitos profissionais. O reconhecimento do jornalismo como profissional exige um entendimento de qual é o *métier* realizado pelo sujeito jornalista. Sua atuação no dia a dia e a importância da execução da sua função para a sociedade, e mais que isso, como ele se percebe neste meio profissional e como utiliza as ferramentas para enquadrar o trabalho jornalístico dentro de regras internalizadas.

Busquei, nesse caso, destacar que a imprecisão do jornalismo é constitutiva e construtiva. Constitutiva, pois o jornalismo é herdeiro de culturas diversas; e construtiva, pois permite que o jornalismo utilize meios de produção diversificados. Assim, ele se estabelece em um território mais amplo do que é mencionado pela definição legal do “jornalista profissional”. É claro, o jornalismo se define ao estabelecer sua competência com base em uma dimensão específica: a atualidade, a rapidez da informação. Mas essa especificidade é relativa: no passado, mas sobretudo nos dias de hoje, as ferramentas têm permitido que outras formas de discurso se expressem sobre o tempo imediato (RUELLAN, 2017, p. 11-12).

É por esse caminho que se entende que a profissionalização favorece uma identidade de classe. Uma compreensão do coletivo. A “profissão de jornalista” acaba por adotar uma visão funcionalista, que dá conta do surgimento do próprio jornalismo e suporta os interesses que o mantém vivo e em evidência. Seus códigos deontológicos, suas práticas de orientação e dispositivos que racionalizam os processos atribuem força à profissão e a enquadra em um lugar no mundo da interpretação social. Os profissionais enxergam-se como tradutores da realidade social e pesam bastante sua importância para a necessidade informativa do público e se colocam sempre como sujeitos da ação de informar. Para isso, também sustentam relacionamentos com as fontes mantendo estreitas relações de poder e os dois pés fincados sempre no tempo presente, distanciando-se assim da narrativa histórica e mantendo uma legibilidade a partir do tempo. Na visão americana do processo de profissionalização do jornalismo, a compreensão é de que o jornalista é um cumpridor de funções que também desenvolve características ligadas ao papel político. (AGNEZ, 2014)

Nas primeiras décadas do século XX, as pesquisas americanas que mais se destacaram seguiram a influência do paradigma funcionalista, de bases positivistas, dominante na época em diversas áreas do conhecimento. Sob esse

prisma, a noção é do jornalista enquanto cumpridor de uma “função profissional”, que é a de selecionar os acontecimentos que se tornarão notícias. Já a perspectiva crítica enfatiza o papel político dos meios de comunicação e, deste modo, eles não só transmitem informações como também atuam como agentes políticos. Partindo disso, o jornalista assume essa função, comprometido com a realidade social, a fim de perceber as injunções sociais (AGNEZ, 2014, p. 50).

Soloski (2016) diz que todo profissionalismo está ancorado em normas de conduta e não é diferente com os jornalistas. Em processo de recrutamento, os novos jornalistas não precisam chegar às organizações de mídia e passarem por demorados programas de aprendizado, pois já é um consenso da área que os novos profissionais chegam com certa aprendizagem e conhecimento básico sobre o processo de produção noticioso, bem como suas rotinas e normas de avaliação. Porém, é prudente se adaptar ao modelo de convivência e orientação já estabelecido pelos profissionais mais velhos e experientes. Essa corrente gera a necessidade de partilha entre os envolvidos na ação jornalística, pois o comportamento dos que já ocupam a posição de profissionais do jornalismo está enraizado. Já concretizam um *habitus* para lidar com as questões internas das organizações.

Essas normas da profissão enquadram um modelo de profissionalização do jornalismo, que por sua vez guia o comportamento de todos os sujeitos - seres profissionais. Não é errado afirmar que cada redação possui sua rotina específica, mesmo que todas repitam modos de operacionalização bastante semelhantes. Mas, os horários de organização, métodos de orientação, constrangimentos profissionais e valores-notícia são adaptados ao formato das organizações de mídia. Portanto, os novos profissionais mesmo que tenham o entendimento teórico de como devem proceder em seus postos de trabalho, devem internalizar as “relações entre” ofertadas pelo *habitus*. Precisam ser guiados por práticas que norteiam o processo particular da redação - o espaço social - no qual ele está inserido. Precisam, no entanto, adquirir um *habitus* frente à profissionalização que ocupam. Para Sodré (2012), a cultura profissional compreende o conjunto de regras, hábitos e convenções que são compartilhados entre os profissionais e estruturam o campo. E, é esta cultura profissional que se reflete e se confirma na prática, quando saberes, tipificações e critérios de noticiabilidade funcionam como processos de padronização, essenciais à organização do trabalho do jornalista. (AGNEZ, 2014, p. 52)

Além de moldar o comportamento, Soloski (2016) ressalta que esse profissionalismo jornalístico também estabelece um sistema de recompensa para os sujeitos. Eles estão sempre presos a ideia de sucesso profissional e além do modo de trabalho, eles se preocupam com uma certa escalada na carreira, onde depositam o objetivo de crescer profissionalmente e obter

melhorias salariais e de reconhecimento. Para isso, é necessário antes de tudo se fazer importante. Ocupar a função com maestria, por isso tanto o medo de errar ou não ser suficiente para preencher aquela vaga como jornalista. Em nossas entrevistas de campo¹⁸ encontramos relatos neste sentido, em que os profissionais desabafavam que sabiam que poderiam errar, mas não se sentiam confortáveis caso o erro acontecesse. Um dos entrevistados revelou que estava na função há poucos meses e ainda não tinha segurança em fazer atividades de risco sem consultar os superiores, a fim de orientação e validação de suas decisões. O mesmo criou um modelo de trabalho interno em que pesava suas decisões em conjunto com as normas da profissão, uma forma de estar amparado caso algo fugisse do seu controle.

A pressuposição é a de que os profissionais olham para a profissão e não para a organização no que diz respeito às recompensas. Por outras palavras, os ideais da profissão, e não os objetivos da organização, serão mais uma preocupação para os profissionais. (...) A escada profissional fornece aos profissionais “melhorias no salário e no *status* sem assumir deveres administrativos. Em vez de maior autoridade, eles são recompensados com uma maior liberdade no desempenho das suas especialidades (SOLOSKI, 2016, p. 142).

Passamos para um olhar mais voltado ao antropológico. Travancas (2011) na última década, analisou a constituição da identidade social dos jornalistas no Brasil. A autora realizou um estudo etnográfico, acompanhando as rotinas profissionais de três repórteres – um de televisão, um de rádio e outro de jornal -, e realizou entrevistas com grupos de duas gerações de profissionais, os quais classificou de: “eternos jornalistas” e “jovens jornalistas”. Na conclusão, percebeu que a profissão exerce um papel central nas trajetórias de vida dos jornalistas, delimitando uma identidade particular para esses indivíduos. Segundo ela, existiria uma relação específica entre a vida pessoal e a profissão, que impede, muitas vezes, que outras atividades tenham maior dimensão em suas vidas. Em alguns casos essa relação é definida, segundo a autora, como “paixão pelo trabalho”, o que gera tensão, inclusive, entre outros papéis sociais, a exemplo das relações familiares (FONSECA E KUHN, 2009). Neste caso, os jornalistas ocupam-se mais dos seus papéis na coletividade do que no seu período particular, quando não estão sob a rigidez das temporalidades e a pressão da apuração em tempo real. Os jornalistas sentem-se jornalistas ininterruptamente e não conseguem delimitar onde são seres profissionais e onde encontram-se no espaço subjetivo particular.

¹⁸ Material coletado em pesquisa de campo realizada em emissoras regionais: RBS E TV GLOBO Nordeste. Serão expostas na sessão seguinte.

A profissão é um elemento fundamental na vida de meus informantes. Ela tem grande importância e espaço em suas trajetórias. Ainda que alguns demonstrem decepção ou pensem em trocar de profissão, a maioria acredita ter um vínculo afetivo com o trabalho e acha difícil sair dele (TRAVANCAS, 2011, p. 116).

O vínculo com o trabalho ultrapassa questões profissionais e passa a ocupar um pedaço cada vez maior da vida dos jornalistas. O que gera uma sensação de estar o tempo todo no desempenho do ofício. A potencialização deste fenômeno passou a ocorrer com a digitalização dos meios. A justificativa vem nos discursos, os jornalistas exaltam a profissão como fundamental, seja para seus pares, interlocutores seja para a sociedade em geral. A notícia não pode parar, os acontecimentos não podem deixar de ser atualizados, a profissão precisa dar conta do tempo real.

Com a chegada das novas tecnologias, a partir da década de oitenta, computadores e internet revolucionaram o mundo do trabalho. Esse quadro de mudanças que até então caminhava lentamente passou a mudar radicalmente, mexendo não só na rotina, como no modo de produção e no discurso do próprio jornalista. Mudaram também as relações do público receptor com os meios de informação. Um primeiro olhar sobre as pesquisas já existentes na área de comunicação no Brasil nos faz ver que a maioria delas está voltada para as mudanças tecnológicas da chamada sociedade informacional e sua influência no público receptor. Para o jornalista, porém, a mudança está além daquela da máquina de escrever para o computador. O que temos observado é que tais mudanças aconteceram nos meios de produção, nas funções e no local de trabalho desse profissional. A sua relação com o espaço e com o tempo também mudou: ele está trabalhando mais, em lugares inusitados e para pessoas que jamais imaginou (LIMA, 2009, p. 01 -02).

Essa visão dos jornalistas de ser essencial para o público tem a ver com o que Pereira (2005) discute. Para o autor, este profissional tem uma imagem perante o público que se legitima pelo ‘poder dizer’ e pelo ‘falar a verdade’. O jornalista ocupa uma função social. Uma espécie de fiscal do poder público, um guardião do bem comum. Isso já é o suficiente para nutrir um sentimento de referencialidade e de essencialidade. O entendimento é que é necessário sua atuação como jornalista para que todos saibam o que é importante saber.

(...) A figura do jornalista sempre causou certo fascínio na sociedade. Seja no cinema, na literatura ou mesmo nos quadrinhos, a figura do repórter-herói contribui para a construção do imaginário da profissão. Um imaginário que, na maioria das vezes, ignora a complexidade do processo de produção de

notícias, visto como um trabalho individual e personalizado do jornalista (PEREIRA, 2005¹⁹).

Essa imagem do profissional presente a qualquer hora e tempo entra em conflito com outra perspectiva, a de ser um profissional que está empenhado na função de observar e ser imparcial diante dos fatos. Atrrelado à imagem de que é apenas um mediador e não protagonista da notícia. Ainda segundo Pereira (2005), por ser uma profissão que detém algumas semelhanças com a política, a literatura, as ciências sociais e história, a figura do jornalista transita entre a intelectualidade e a técnica, aproximando o sujeito jornalista das profissões liberais. Agnez (2014) acentua essa comparação, quando cita que em alguns momentos houve a tentativa de se definir o jornalista como um profissional liberal, detentor de um conhecimento e uma competência técnica e que poderia exercê-los livremente no âmbito social. A autora se apoia na visão de Mathien (1995) e também na de Fidalgo (2005)²⁰, quando ambos defendem que essa imagem de profissional liberal era a forma possível de transferir respeitabilidade e reconhecimento a função de jornalista profissional (AGNEZ, 2014).

O modelo do profissional liberal era o único que poderia conferir ao ofício jornalístico uma respeitabilidade, uma legitimidade e um reconhecimento social que cada vez mais pareciam imprescindíveis para a adequada valorização de uma atividade tida por essencial ao funcionamento dinâmico de uma sociedade livre e participada pelo maior número possível de cidadãos (FIDALGO, 2005, p. 9).

Apesar desta jornada de entendimento de profissionalização do jornalismo, ele não se desenvolveu neste formato das profissões liberais tradicionais, a exemplo da medicina, do direito, da engenharia. O jornalismo tornou-se, na verdade, uma “profissão dependente” das organizações comerciais e até certo modo refém de estruturas burocráticas e capitalistas. A trajetória do jornalista, contudo, é voltada para firmar-se como um sujeito assalariado e que se submete a políticas editoriais e as lógicas do mercado para garantir sua empregabilidade. É no imaginário de sua figura, que existe a defesa de papéis relacionados a observador neutro e representante social do público, já que a realidade da profissão lhes impõe vivências muito duras não só quanto à rotina mas também aos constrangimentos das organizações de mídia em que

¹⁹ Extraído do texto: A elite dos jornalistas brasileiros. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/a-elite-dos-jornalistas-brasileiros/>. Acesso em: 15 de junho de 2020.

²⁰ Não é aqui nosso propósito problematizar o conceito de profissionalismo. Entretanto, Joaquim Fidalgo (2008), ao tratar do processo de profissionalização do jornalismo, discute e conceitua o termo, trazendo à tona diferentes modos de interpretação ao longo do tempo, mas cujos elementos nucleares são, dentre outros, a posse exclusiva de uma área de conhecimento, autonomia na tomada de decisões e discricionariedade nas práticas de trabalho.

trabalham e a remuneração que em muitos casos não consegue ser atraente como a de profissionais liberais. (AGNEZ, 2014) O ser jornalista vive assim um conflito com o peso da função e a forma que é tratado pelas organizações comerciais midiáticas. Eles - os jornalistas, por um lado são tidos como essenciais e são respeitados pelo público, justamente pelo papel que desempenham, pelas ligações com centros de poder e pelo perfil técnico onde está acentuada a objetividade e a ética. Por outro lado, eles sentem-se desvalorizados pela baixa remuneração e as largas escalas de trabalho exigidas pelas organizações (AGNEZ, 2014).

Roseli Fígaro (2014) diz que o jornalismo está sendo desafiado pelo aprofundamento das contradições entre os valores de uso e os valores de troca da mercadoria notícia. Nesse cenário, as rotinas produtivas são ditadas pelo estrangulamento do tempo e pela precariedade dos vínculos empregatícios. O que acaba se constatando que ao se interceptar jornalistas em começo de carreira há uma idealização do exercício da profissão, sem considerar as relações que são estabelecidas e nem a veemência das rotinas da redação executadas diariamente. Os novos profissionais que chegam na redação sentem-se atraídos pelo clímax gerado pela produção noticiosa. Porém, com o passar do tempo, apreendem certo mal estar por se sentirem cansados na função e por tentarem sempre completar a renda, já que as baixas remunerações são comuns.

(...) A depender das relações de trabalho, esse elo dourado com o jornalismo idealizado vai se desfazendo. Vão aparecendo os dilemas do cotidiano, criados pela situação precária de emprego e salário, por ritmo acelerado de trabalho sem as condições necessárias para desenvolvê-lo, além das frustrações desencadeadas pelos embates das relações de poder nas empresas e/ou clientes aos quais prestam serviços (FÍGARO, 2014, p. 30-31).

Mangini (2014) recupera uma fala de Figaro (2014) dada durante uma entrevista à Agência FAPESP, também em 2014, em que a autora ressalta que nos novos espaços em que o jornalista trabalha e desenvolve seu ofício, todo o processo de tecnologias da comunicação favoreceu por um lado, mas trouxe problemas, como a pouca capacidade para reflexão. Além de todas as questões causadas pela transfiguração do jornalismo profissional, uma busca constante de relatar o tempo presente custou no processo de produção e pesquisa.

O tempo e o espaço, comprimidos pelas possibilidades das tecnologias de comunicação e de informação, foram assimilados nos processos de produção de modo a reduzir o tempo para a reflexão, a apuração e a pesquisa no trabalho jornalístico. O espaço de trabalho encolheu e ao mesmo tempo diversificou-

se, transformando as grandes redações em células de produção que podem ser instaladas em qualquer lugar com internet e computador (MANGINI, 2014²¹).

O mundo do profissional jornalista oscila entre isolado e agitado. Erik Neveu (2006) discorre sobre a fragilidade da profissão e alerta para uma névoa que há em seu entorno. Alves (2019, p. 49) recupera esse pensamento e nos leva também a reflexão. A autora relembra que Neveu (2006) considera que a função de jornalista possui fragilidades, justamente por conter ambiguidades no tocante ao uso do termo “profissionalização”. A partir dele não é possível perceber clareza na formação da identidade profissional do jornalista. Há lacunas. De todo modo, os critérios éticos e a cultura compartilhada do papel do jornalista, de acordo com o autor, já se funda por uma parte dos membros. “(...) Muitos jornalistas vivem seu trabalho como uma missão de serviço à população, a quem eles levam informações úteis. Ser jornalista é ser ‘mediador’ que deixa visível a vida social, o papel de ‘pedagogo’ e até de ‘organizador’, ou seja, aquela figura que põe clareza nos caos dos acontecimentos” (NEVEU, 2006, p.37). Ele mostra também que a identidade profissional é compartilhada com a noção de contrapoder, isto quer dizer que o profissional é um agente ativo na democracia, participa dela e, chega até ser uma persona essencial para a formatação da mesma. O profissional jornalista é identificado como uma peça desse sistema. Alves (2019) também nos ajuda a construir esse pensamento sobre a a identidade do jornalista, apoiados em Fidalgo (2006), é possível fazer uma análise pertinente dessas questões complexas da classe e de sua atividade profissional ao afirmar o seguinte:

Que os jornalistas, com todas estas particularidades e ressalvas, fizeram este caminho da profissionalização, é evidente. Que alcançaram um estatuto muito próprio, não se duvida. Que são olhados, reconhecidos e tratados como “profissionais”, parece claro. Que agem, eles próprios, com um assumido poder em termos colectivos, também parece dessas suas ‘conquistas’ ou até sobre a legitimidade de todas elas, do mesmo modo que continua a não ser fácil definir, desenhar, caracterizar consensualmente uma identidade profissional dos jornalistas ou explicar as recorrentes ambiguidades no processo (...) da sua construção e afirmação (FIDALGO, 2006, p.65).

Ainda com a sugestão de Alves (2019), e utilizando como referência Fidalgo (2006, p. 66), encontramos o embasamento da reflexão do autor, já considerando o caminho ainda inacabado da questão identitária, que possui imprecisões recorrentes. Aspecto que não é visto como negativo. Fidalgo (2006) está amparado pelo pensamento de Ruellan (1993), pois para o

²¹ Extraído do texto: As mudanças no jornalismo e no perfil do jornalista. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/interesse-publico/ed780-as-mudancas-no-jornalismo-e-no-perfil-do-jornalista/>. Acesso em 10 de junho de 2020.

autor francês a noção de profissionalismo assumiu no jornalismo dois projetos: 1) discurso de legitimação e 2) realização de práticas concretas. “(...) *Discours et pratiques sont les deux faces d'une même identité professionnelle, ils s'alimentent l'un l'autre : les discours modèlent les pratiques, et celles-ci inclinent les représentations*”²². (RUELLAN, 1993, p. 98). Não por acaso, que Ruellan (1993) defende que o jornalismo deve ser compreendido e estudado como um sistema, um conjunto, uma rede heterogênea que abarca conhecimento, prática, técnicas, percepções, relações entre, produtos da história. Todo esse sistema cristaliza a experiência e auxilia o desenvolvimento da prática. Orientando o profissional jornalista e dando sentido à sua função. Ruellan (1993), reitera que a construção da identidade profissional do jornalista passa por processos. Vejamos as etapas: 1) a construção histórica de grupo; 2) as interações entre a equipe, com o ambiente externo, com as variáveis que percorrem o caminho do profissionalismo; 3) a tentativa de construção e defesa de fronteiras, ainda que móveis ou imprecisas; e 4) os processos de socialização, com instâncias discursivas e de regulação. Esse entendimento é colaborado com o que diz Agnez (2014) em suas reflexões sobre a construção da identidade profissional do jornalista.

A profissão jornalística passa por processos contínuos de conquista e adaptação de território, partilhado pelos pares e mediado com os demais atores sociais, que sofre interferências externas permanentes, como a adoção de novas técnicas e tecnologias, questões econômicas (modelos de negócio) e socioculturais contemporâneas (novos modos de consumo da informação, por exemplo). Assim, as convenções e princípios de legitimação que cercam a profissão jornalística não são imutáveis, mas fazem parte de um corpo bem mais seletivo de mudanças consideradas estruturais (AGNEZ, 2014, p. 67).

Contudo, poderíamos enquadrar o jornalista como sendo o sujeito de uma profissão dita moderna e que detém certa fascinação da sociedade, que o admira por diversos motivos, entre eles por ter relações estreitas com o poder e ser apresentado como uma voz em defesa do bem comum (AGNEZ, 2014). O jornalista é um "ser profissional" construído a partir da noção de coletividade e partilha. Le Cam (2006) afirma que os jornalistas unidos no espaço social da redação devem ser denominados como um grupo, que se apoia na forma identitária para existir e ser reconhecido como “profissionais”. Segundo Agnez (2014, p. 67) o ambiente onde os jornalistas desenvolvem seu trabalho é essencial para a preservação e firmamento de sua identidade. “(...) É portanto, no local de trabalho que a identidade do jornalista é constituída, pois este processo está relacionado à cultura da empresa, às práticas (rotinas e processos de

²² Discursos e práticas são as duas faces de uma mesma identidade profissional, elas se alimentam mutuamente: os discursos modelam as práticas, e estas influenciam as representações” (RUELLAN, 1993, p. 98). Tradução livre

produção), às relações entre todos os empregados e os demais atores que interagem para o desenvolvimento do próprio trabalho”. Agnez (2014, p. 67) ainda reforça que “(...) estes profissionais dividem uma mesma denominação, etiquetas, normas, valores, direitos e deveres, práticas e ainda compartilham de discursos que os guiam e participam da construção de uma identidade comum”. (AGNEZ, 2014, p. 67)

Deuze (2005) nos alerta que, apesar de sinais de mudança no perfil de identidade dos jornalistas, a profissão apresenta-se bastante estável no que diz respeito a prática social e a compreensão da profissão jornalista. Isto está relacionado às ideologias fundadoras e que legitimam a atividade. Para o autor, cinco elementos desta ideologia referendam o processo de profissionalização do jornalismo e que se apresentam recorrentes no tempo e no espaço: 1) o entendimento do jornalismo como um serviço que atende o público; 2) as coordenadas de objetividade e imparcialidade; 3) a autonomia jornalística durante o desenvolvimento do trabalho; 4) os sentidos de atualidade e imediatismo e 5) as questões éticas que validam a profissão. Todos esses pontos são perenes no debate da profissão e de uma forma ou de outra aparecem nas discussões a cerca do jornalismo e da formação do sujeito jornalista profissional.

Vale salientar que o jornalista é um "ser profissional" independente do veículo em que trabalhe. Seja na redação do telejornal ou do jornal impresso, ele desempenha sua função baseada nas normas da profissão e no entendimento dos valores que os guiam, além do *habitus* internalizado pelos integrantes mais velhos e que são passados adiante para as novas gerações. O jornalista é um profissional polivalente e sua identificação oscila entre a compreensão das rotinas da redação, o processo produtivo noticioso, as relações de trabalho e as novas e velhas funções do perfil tradicional do jornalista da redação. Dentro da rotina do telejornal, enxergamos um grupo de sujeitos que representa os profissionais da área, com seus anseios e etiquetas bem delineados. Compartilham de um forte sentido de busca pela atualidade e precisam exercer a partilha dos seus códigos durante o desenvolvimento da função. Possuem uma identidade profissional demasiadamente guiada pela técnica e pelo *deadline*, além de agirem como jornalistas quase que de forma ininterrupta, ultrapassando o senso coletivo e entrando no mundo particular. Por conta disto, os jornalistas da redação de TV conseguem manter uma relação estreita com as temporalidades e precisam acionar dispositivos que os ajudem a conduzir o tempo de produção, seja instalados no ambiente físico da redação seja no virtual, com o auxílio das tecnologias móveis e de interação social. Este grupo possui o sentido de tempo presente aguçado, pois estão a todo momento em busca de furos de reportagem e de notícias exclusivas que possam gerar impacto para o telejornal. Eles são conduzidos por processos extenuantes por conta da necessidade de manutenção da atualidade e da informação em tempo real, em que

muitas vezes não é possível realizar reflexões profundas sobre cada tema abordado durante o dia noticioso.

Essa rotina da redação em detalhes, com o acionamento dos dispositivos de temporalidades acompanharemos na seção seguinte, com a exposição dos relatos obtidos no diário de campo em duas redações de emissoras regionais brasileiras, as quais serviram de *corpus* para a pesquisa. Como ressaltado, o "ser profissional" - o jornalista - é quem ocupa o posto de sujeito da ação e é a pessoa que manuseia os dispositivos de temporalidade. Com a substancialidade ofertada pelos recursos metodológicos, encontramos também relações de partilha entre todos os atores presentes no espaço social da redação, além da percepção de um *habitus* incorporado e o sentimento de pertença em um campo -, do qual emergem todos os valores, regras e normas de conduta que regem a rotina do jornalista profissional de TV. Eles - os jornalistas - sentem-se profissionais porque dentre outros motivos, lidam com questões relacionadas a empregabilidade, ao charme da função que habita no imaginário do público e a necessidade/sentimento de ser o mediador de informações atualizadas para a condução da sociedade. Sentem-se mediadores entre vários campos de poder e fortalecem-se do entendimento da objetividade, da ética e da destreza da prática para sedimentar sua presença como "ser profissional" e impulsionar a função de jornalista, bem como contribuir para a compreensão da identidade deste grupo.

6 UM OLHAR SOBRE OS TELEJORNAIS DA RBS TV E TV GLOBO NORDESTE

A discussão a respeito das formas de expressão das temporalidades no telejornalismo ganha corpo a medida que as rotinas da redação são articuladas pela linguagem televisiva, valores jornalísticos e formatação do ser jornalista, como sua personalidade e capacidade de orientação a partir das regras e constrangimentos que fazem parte do ambiente jornalístico. Tudo isto enquadrado em dispositivos que orientam, captam, modelam, sugerem e asseguram as condutas, os discursos e também as opiniões de um grupo social determinado. É importante lembrar que esses dispositivos não se esgotam ao fim do telejornal, eles transbordam a rotina da redação servindo como ferramentas norteadoras e de operacionalização da atividade jornalística. Ora, se os dispositivos servem de bússola, eles estão presentes em qualquer que seja a redação seja ela televisiva ou não. Porém, em nossa pesquisa lançamos um olhar mais aprofundado às questões de temporalidade nos telejornais. Destacamos os dispositivos que são disparados durante a coordenação do tempo. Identificamos os sujeitos, os *habitus* partilhados pelos envolvidos na ação de gerenciar o telejornal e ainda compreendemos um pouco do campo onde todo esse processo de temporalidades acontece - a redação. Levantamos esse detalhamento em duas redações de telejornais distintos, situados em regiões diferentes do país e com particularidades relacionadas a cultura. Ambas são guiadas por dispositivos comuns de temporalidade e que aparecem e agem em momentos diferentes ou não. Assemelham-se bastante quanto ao sentido de orientação e de assegurar os gestos e decisões dos sujeitos à frente do processo.

A escolha da RBS TV e da Globo Nordeste como objetos desta pesquisa deve-se a três motivos: 1) a experiência profissional; 2) a possibilidade de estudar e poder contribuir com a reflexão da atividade jornalística; 3) a importância que o regional assume no mundo onde a tendência é a globalização. Nos dois casos que nos serviram de objeto de pesquisa, encontramos telejornais extremamente voltados para o regionalismo, alinhados com questões nacionais e usando tecnologias de ponta para dar viabilidade ao noticiário. Esse cenário de valorização da regionalidade traz de volta particularidades ligadas à questões de cultura e de bens simbólicos. Vizeu (2003, p. 90) pondera que os telejornais, tanto locais como nacionais, são a principal fonte de informação sobre o mundo que nos cerca. “(...) Nota-se um ressurgimento de novas identidades regionais e locais baseadas numa revalorização do direito às raízes. Esse movimento assenta-se sempre na ideia de território, seja ele imaginário ou simbólico, real ou hiper-real”.

Este entendimento foi valioso para a construção do perfil de cada 'emissora objeto' - já que as temporalidades surgem de conceituações voltadas para a expansão do social e a compreensão do espaço em que se vive, além de ditar o ritmo de vida de cada cidadão. A temporalidade pode e deve ser vista como algo que é construído sócio-culturalmente e sua formatação também depende de como os agentes sociais a enxergam. Seguimos este caminho nesta pesquisa. Levamos em consideração não só a coordenada do tempo, mas como os personagens envolvidos na ação de conduzir o telejornal percebem a presença destas temporalidades e lidam com elas, se de forma racional ou subjetiva, se lhe negam a existência, se constroem o discurso em cima desta justificativa. É possível que à primeira vista o objeto pareça fincado na ordem da subjetividade, mas defendemos que o disparo dos dispositivos de temporalidade é perceptível na condução da prática, assegurando atitudes e decisões. Criando um *habitus* que auxilia o trabalho rotineiro na redação do telejornal.

Nos dois exemplos pesquisados, destacamos alguns prismas que estão relacionadas a região de localização das 'emissoras-objeto'. A exemplo da RBS TV, localizada em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul (RS). Não era incomum encontrar reportagens mais longas com a justificativa dos jornalistas de que as pessoas daquela região preferiam desta forma. Em defesa, alegavam que o *Jornal do Almoço*²³ era reconhecido como um telejornal que é tradicionalmente do almoço porque seus telespectadores fiéis permanecem com o hábito de voltar para casa para realizar a refeição. Já na Globo Nordeste, o *NE 1º edição*²⁴ é um telejornal que as pessoas assistem em trânsito, ou seja, no restaurante, no trabalho e como justificativa, os jornalistas afirmam que o telejornal é moldado para que o público queira se sentir parte do noticiário mesmo não estando em casa. Por isso, incentivam o envio de imagens ou relatos relacionados a problemas da cidade, ou então, utilizam o telejornal como fonte oficial de serviço, despertando o interesse do público para acompanhar o trânsito, buracos e transtornos urbanos, para saber do funcionamento dos transportes públicos, da previsão do tempo e entre outros temas. Todos estes exemplos indicam a força dos telejornais regionais, mesmo em regiões tão distintas culturalmente, já que a primeira pesquisa se deu no Sul do país e a segunda no Nordeste.

Somado a este contexto está o de mais de 10 anos de atividade jornalística desenvolvida na redação de telejornais. Este processo de construção profissional garante um conhecimento e uma intimidade com o objeto de estudo que pesquisadores, sem esta familiaridade,

²³ Decidimos usar a grafia em itálico como forma de destacar o telejornal pesquisado.

²⁴ Decidimos usar a grafia em itálico como forma de destacar o telejornal pesquisado.

encontrariam maiores dificuldades nas investigações, sobretudo a de perceber a importância e o posicionamento do tempo e de suas temporalidades na condução das rotinas da redação. O telejornalismo vive constantes transformações, o que torna cada vez mais relevante pensar as rotinas e os processos de trabalho e, conseqüentemente, torna mais importante essa linha de investigação. As perspectivas pessoais são uma forma de pensar e repensar o telejornalismo como um conjunto de pessoas comprometidas com as práticas e premissas da profissão. Em todos estes anos de exercício profissional, perceber o discurso legitimado de consumação de tempo e de intensa correria para aprontamento de um produto noticioso como o telejornal emergiu um sentimento de procura e descoberta. O que é esse tempo que rege as rotinas da redação? Porque ele sempre é apontando como o vilão do processo de desenvolvimento do dia noticioso? Como podemos percebê-lo?. Essas questões nortearam a pesquisa desde o começo e se seguiu nesta etapa final de entrevistas e de concretude da metodologia aplicada. É importante destacar que estudar o telejornal também nos auxilia na construção de uma reflexão crítica sobre a profissão. Realizar esse movimento só é possível no ambiente academia, a partir do rigor científico contribui para sairmos do senso comum e deixamos de visualizar o jornalismo apenas como um conjunto de técnicas.

Ora, os mais incautos podem afirmar que discutir sobre temporalidades é algo para além do jornalismo e que não nos cabe refletir sobre sua importância a partir de rotinas de redação, tão já esmiuçadas em diferentes pesquisas ao redor do mundo. Mas, não cansamos de defender nosso ponto de vista, já que é notória sua presença no desenrolar da atividade do jornalista, principalmente os que atuam em televisão. Para nós, os dispositivos de temporalidade desencadeiam ações executadas pelos sujeitos profissionais, e estes dispositivos são capazes de controlar, orientar e assegurar gestos, condutas, opiniões e discursos. As temporalidades quando acionadas tem o poder de modelar o cenário da redação e capturar as rotinas para algo além de repetições e compreensões vãs. É importante não ignorar que os 'sujeitos-jornalistas' não utilizam o dispositivo de modo justo, mas fazem uso a partir da fluidez da técnica aplicada às práticas diárias e das subjetivações surgidas em momentos de decisões apertadas pela presença do *deadline*. Além de utilizarem, até que inconscientemente, o *habitus* incorporado ao cenário da redação, que por sua vez indica o caminho a seguir e conseqüentemente revela as relações entre todos os ocupantes do campo telejornalístico - o espaço social da redação. Segundo nosso entendimento, o campo cristaliza-se como sendo o ambiente de atuação e de manifestação da identidade profissional de um grupo heterogêneo de jornalistas.

Nós descobrimos, na investigação, que a consciência aguda da passagem do tempo invade os próprios detalhes do trabalho do jornalista de radiodifusão. A linguagem do jornalista fornece distinções conceituais relativamente ao tempo, o que mostra a importância da dimensão temporal do seu trabalho. Além disso, certos conceitos, nomeadamente a “cadência”, a “sequência”, a “duração”, são utilizados no enquadramento da notícia enquanto forma cultural. Finalmente, o ensaio defende que para os jornalistas o domínio da pressão temporal é um meio de manifestar o seu profissionalismo (SCHLESINGER, 2016, p. 247).

Muitas vezes, nas reflexões da rotina do trabalho do jornalista de televisão, acabamos reduzindo as ações desempenhadas no cotidiano a interpretação do senso comum. Só que guiados fortemente pela observação das rotinas da redação, enxergamos a necessidade de aplicar a cientificidade no processo produtivo noticioso televisivo. Infligimos um esforço intelectual que apresenta riscos, como neste caso, em que nos propusemos a elaborar uma descrição densa de dispositivos de temporalidade, com a definição dos seus sujeitos, técnicas, processos determinados e que revelam um pouco mais do campo jornalístico e sobretudo do telejornalístico. Para isto, escolhemos como método a etnometodologia, mas não descartamos alguns recursos caros à etnografia. Usamos também as técnicas confluentes destas metodologias, o auxílio da entrevista em profundidade semiestruturada e o olhar apurado da observação participante. Nos concentramos em um estudo de caso, com dois telejornais de duas emissoras regionais: A RBS TV, situada no Rio Grande do Sul (RS) e a TV Globo Nordeste, em Pernambuco (PE). O resultado do material obtido foi catalogado no diário de campo e será exposto em detalhes nos tópicos seguintes.

6.1 CAMINHANDO: A ETNOGRAFIA E A ETNOMETODOLOGIA

Certas ideias surgem com um espantoso ímpeto de solucionar problemas intelectuais e por isso são aplicadas na esperança de trazer luz a pontos obscuros de um determinado campo científico. Geertz (1989, p. 15) defende que ao se fazer ciência, é preciso compreender primeiramente o que ela é, para assim seguir com as argumentações e chaves de descoberta a partir do que os praticantes da ciência fazem. “ (...) Se você quer compreender o que é a ciência, você deve olhar, em primeiro lugar, não para as suas teorias ou as suas descobertas. (...) Você deve ver o que os praticantes da ciência fazem”. Devemos ser espectadores. Observar.

É assim que devemos proceder com o tempo. Uma coordenada misteriosa que combinada com o espaço exige um esforço analítico e de observação para identificá-la no exercício da atividade prática cotidiana. É preciso um olhar atento para visualizar sua potência e imposições, que à primeira vista parecem naturais, algo corriqueiro, mas ao desvelar

encontramos a robustez da sua presença e a concretização de seu curso em cima dos atos dos sujeitos. Esta coordenada também afaga a instância da subjetividade e, chega muitas vezes a ser mais visível na vida particular do indivíduo que na condução da suas ações profissionais. Não poderíamos trabalhar nesta pesquisa apenas com o subjetivo. Não negamos que dentro deste tema ele existe, está presente mas não é suficiente para dar conta de explicar as rotinas da redação de um telejornal, que são conduzidas por noções de objetividade, ética e também temporalidade, manuseadas pelos jornalistas e cristalizadas no *habitus* e na formatação do campo, dando vigor a manutenção de classe, fortalecendo a identidade profissional de um grupo. Diante disto, quais recursos metodológicos usar para trilhar este caminho? Decidimos seguir com a etnometodologia como método principal de pesquisa, usando as técnicas da entrevista em profundidade semiestruturada e da observação participante, recursos que também fazem parte do universo da etnografia. Além disso, entendemos que estamos diante de um estudo de “casos” - tendo os dois telejornais exibidos no horário vespertino de duas emissoras regionais (RBS TV e Globo Nordeste) como objetos de análise.

Muito se questiona sobre a diferença existente entre etnografia e a etnometodologia. A etnografia, segundo Geertz (1989, p. 17), é um método capaz de apreender relações e é por meio de uma organização lógica de observação que se é capaz de estratificar estruturas que são significantes para estabelecer interpretações sobre o material que se pesquisa.

(...) Etnografia: uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos das quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são produzidos, percebidos e interpretados, e sem as quais eles de fato não existiriam (GEERTZ, 1989, p. 17).

(...) Praticar a etnografia é estabelecer relações, selecionar informantes, transcrever textos, levantar genealogias, mapear campos, manter um diário, e assim por diante. Mas não são essas coisas, as técnicas e os processos determinados, que definem o empreendimento. O que o define é o tipo de esforço intelectual que ele representa: um risco elaborado para uma “descrição densa” (GEERTZ, 1989, p. 15).

Geertz (1989) defende o uso da etnografia como tentativa de realizar uma descrição densa. O pesquisador, que assume o papel de etnógrafo, enfrenta uma série de estruturas sobrepostas dentro do objeto, o que lhe obriga a desamarrá-las para que seja possível o entendimento. Há uma “(...) multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e implícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro apreender e depois apresentar.

(Geertz, 1989, p. 20). Para o autor, fazer o procedimento etnográfico tem a mesma exigência de se propor a ler um livro, o que estaria mais relacionado ao sentido de “construir uma leitura de”. Um procedimento focado na observação, na descrição dos personagens e na compreensão do todo, a partir dos detalhes captados pelo etnógrafo. La Pastina (2014, p. 131) ao comentar o trabalho de Nigel Barley, frisa o seguinte sobre a etnografia: “(...) todo o tempo em que você faz etnografia, em que está no campo, 1% do que coleta são informações sobre o que você está interessado, e que vão realmente ser úteis para sua análise; 99% são contexto, que ajuda a entender esse 1%”.

Já a etnometodologia, configura-se como uma corrente fundada dentro da sociologia americana, do final dos anos 60. Os estudos de Garfinkel (2018) foram os anunciantes desta linha metodológica. Sua intenção era analisar as atividades cotidianas como método dos membros para dar visibilidade as suas ações, mostrá-las como racionais e reportáveis para os propósitos práticos. Alain Coulon (1995, p. 52) define a etnometodologia como o estudo do conjunto de modos de agir, procedimentos, atividades e saberes que se constituem nos grupos, dando-lhes reconhecimento e distinção, possibilitando compreensão, comunicação e a construção de um mundo social por parte dos membros. Seriam alcançados por essa via, o que o autor nomeia de etnométodos. Pereira e Mesquita (2012), destacam que como toda corrente teórica, é preciso constituir conceitos-chave para que o conjunto de ideias que se defende seja palatável. Estes conceitos, segundo nos traz Coulon (1995) não são novos, são empréstimos de outras ciências, a exemplo da linguística, fenomenologia, entre outros. Sendo assim se forma um carretel de conceitos que se completam e solidarizam uns com os outros. Separamos cinco, que consideramos os mais importantes e fundamentais para uma boa compreensão da etnometodologia e nos ajudam a visualizar a como aplicar o método. Pereira e Mesquita (2012, p. 53) identificam facilmente um a um. Segue conceituação:

- 1) **Prática/realização** - Considera que a realidade social é construída na prática do dia a dia pelos atores sociais em interação;
- 2) **Indicialidade** - Pressupõe que a vida social se constitui através da linguagem ordinária (da vida cotidiana).;
- 3) **Reflexividade** - Designa as práticas que ao mesmo tempo descrevem e constituem a realidade social;
- 4) **Accountability** - Assinala a propriedade de relatabilidade ou descrição, que permite aos atores sociais comunicarem e tornarem as atividades práticas racionais compartilháveis;
- 5) **Noção de membro** - Para a etnometodologia, membro não é apenas um ente que pertence a um determinado grupo, mas, ao contrário, é um ente que compartilha a construção social daquele determinado grupo, dominando sua linguagem natural. Em outros termos, é membro o indivíduo que domina a linguagem comum do grupo, que interage com os outros membros,

administrando, com propriedade essa linguagem (PEREIRA E MESQUITA, 2012, p. 53) [Grifo nosso].

Ainda segundo Pereira e Mesquita (2012), a etnometodologia aparece como uma herdeira da fenomenologia social de Schütz e do interacionismo simbólico, por conta disso há a existência de chaves de pesquisa que derivam dessas duas correntes. Sua principal característica seria compreender as construções práticas do próprio indivíduo. É justamente isto que os conceitos nos evidenciam, uma composição de um cenário científico a partir da consciência e interação cotidiana, do que os sujeitos desenvolvem em seus contextos particulares e como lidam com estes processos em grupo.

O fato social deixa de ser objeto estável para ser produto da atividade contínua dos homens, que passam a ser encarados como atores. (...) Privilegiando as abordagens micro sociais dos fenômenos, a análise qualitativa do social e dando maior ênfase à compreensão do que à explicação, a etnometodologia vai se interessar pelas pessoas em sua interação cotidiana e as atividades que elas desenvolvem em seus contextos imediatos (PEREIRA E MESQUITA, 2012, p. 46-47).

É na etnometodologia que ouvimos as vozes também surgidas do senso comum. Marques (2004) entende a etnometodologia como uma forma de conhecimento do senso comum, a qual leva em consideração um *modo de ver o mundo*, onde todas as coisas e situações tem sua relevância e o seu significado. Este senso comum, nos remete a Berger e Luckman (1999, p. 40) “(...) conhecimento que eu partilho com os outros nas rotinas normais, evidentes da vida cotidiana”. E, é justamente neste contexto de vida cotidiana e de partilha de como o mundo se apresenta para os indivíduos que reside a etnometodologia.

A etnometodologia é a pesquisa empírica dos métodos que os indivíduos utilizam para dar sentido e ao mesmo tempo realizar as suas ações de todos os dias: comunicar-se, tomar decisões, raciocinar. Para os etnometodólogos, a etnometodologia será, portanto, o estudo dessas atividades cotidianas, quer sejam triviais ou eruditas (COULON, 1995, p. 30).

Mas, para que este tipo de caminho metodológico seja aplicável e tenha sua cientificidade reconhecida, para não ser configurado como uma mera descrição do senso comum, a etnometodologia precisa ser afirmada e reafirmada pelo pesquisador. Ele é quem deve se dispor a traçar uma investigação baseada na ciência. Para que isso seja alcançado, o pesquisador deve “(...) ir a campo observar os atores em situação, e, só assim será possível

analisar as indiciabilidades próprias de suas interações” (PEREIRA E MESQUITA, 2012, p. 50). Foi o que fizemos. A nossa abordagem metodológica empregada é de cunho qualitativo, possuindo como recurso principal a entrevista em profundidade do tipo semiestruturada (DUARTE, 2005). Nos propomos a ir à campo e realizamos seis entrevistas em profundidade e semiestruturadas²⁵, estabelecemos um período de observação em que se sucedeu durante três dias úteis acompanhando a rotina em cada emissora²⁶, para que fosse possível captar repetições da prática e a identificação dos membros de um grupo que modelam o dia noticioso e manuseiam os dispositivos de temporalidade. O nosso campo de pesquisa está situado na área do jornalismo. O telejornalismo é o nosso terreno para observação.

Vizeu (2007) nomeia esse processo de observação do jornalismo como uma forma de se utilizar a etnografia no jornalismo. Ele detém uma visão provisória do que seria o 'etnojornalismo'. Esta prática valoriza principalmente a subjetividade dos resultados, sobretudo a visão do pesquisador em relação à determinada rotina produtiva, tendo como resultado uma observação consistente sobre as práticas sociais do jornalismo que resultam em produções culturais. Este tipo de metodologia busca principalmente entender como, nas práticas diárias, os profissionais contribuem para a construção da realidade social. Mas, como já descrito e trabalhado até aqui, o jornalismo não é homogêneo. Nunca foi. Deuze e Witschge (2016) defendem que é preciso compreender e validar a vastidão da pesquisa em jornalismo, tanto no que se refere à necessidade de se basear em variados pontos de vista, quanto na diversidade de perspectivas teóricas e metodológicas. Dessa forma, considera-se o jornalismo como um objeto de estudo em movimento. “Precisamos perguntar o que está se tornando o jornalismo, em vez de se perguntar o que é o jornalismo” (DEUZE E WITSCHGE, 2016, p.18).

A complexidade do objeto de estudo específico desta pesquisa, os dispositivos de temporalidades que se manifestam nas rotinas da redação de TV, se revela à medida que é preciso ir além das entrevistas com os editores-chefe dos telejornais, os editores auxiliares e ainda os chefes de produção/redação. É preciso se colocar no papel de observador analítico, partindo do princípio que estes sujeitos são todos jornalistas e de um modo ou de outro atuam com a devida importância dentro do espaço social da redação. Interagem e também moldam todo o processo. À medida em que estamos infiltrados na rotina da redação, observando e acompanhando os movimentos nela feitos e repetidos, complementamos o percurso metodológico, gerando um relatório baseado em evidências e de cunho qualitativo e validado pelo decurso analítico. Ou

²⁵ O que gerou um material em áudio (gravado) de 2 horas.

²⁶ Em ambas as emissoras houve a tentativa de acampar mais dias de observação, o que foi negado pelas chefias das emissoras utilizadas para compor o *corpus* da pesquisa, tanto RBS TV quanto TV Globo Nordeste.

seja, o trajeto metodológico de um objeto de estudo em movimento e heterogêneo é igualmente mutável e adaptável à realidade que se vê ao longo do caminho. Não seria possível analisar algo tão ancorado em subjetividade sem a percepção analítica da observação e a captação dos relatos dos sujeitos, revelando as repetições da prática e a cristalização de um *habitus* frente aos movimentos desempenhados nas rotinas da redação do telejornal.

Portanto, a realização desta pesquisa de campo conta com total apoio dos instrumentos etnometodológicos e etnográficos. O intuito foi buscar, dentre outras coisas, informações sobre as rotinas e práticas de trabalho, com as pessoas que põem em prática os conceitos produtivos (WOLF, 1994). Como todas as entrevistas foram realizadas dentro do espaço social da redação, em “horário” de trabalho, foi possível também fazer uma técnica cara à etnografia: uma espécie de observação do personagem. Identificar as “piscadelas”, tão defendidas por Geertz (1989) na condução do trabalho etnográfico. O comportamento humano deve ser visto como uma ação simbólica. “(...) E as descrições devem ser encaradas em termos das interpretações às quais pessoas de uma denominação particular submetem sua experiência”. (GEERTZ, 1989, p. 25)

Além disso, este caminho misto entre etnografia e etnometodologia nos permitiu acompanhar um pouco da rotina dos profissionais em seu ambiente de trabalho e compreender o que se prende ao senso comum e o que aparece como técnica incorporada e validada cientificamente. Seguindo Casetti e Chio (1999), que entendem que é necessário o analista observar a realidade diretamente ao vivo, para não correr o risco de ter dados contaminados por mediações, viabilizamos uma permanência possível nas duas redações para ver, em detalhes, como os jornalistas têm se utilizado dos dispositivos de temporalidade para organizar a rotina de produção e fabricação do telejornal. Assim, escolhemos a observação participante, que nos possibilitou reunir e obter sistematicamente os dados e as informações sobre as rotinas da redação. “Os dados são recolhidos pelo investigador presente no ambiente que é o objeto de estudo, quer pela observação sistemática de tudo o que aí acontece, quer através de conversas, mais ou menos informais e ocasionais, ou verdadeiras entrevistas com pessoas que põem em prática os processos produtivos” (WOLF, 1994, p.167). Dessa forma, o trabalho de campo transita por uma linha tênue entre a etnografia, que busca compreender a identidade de um grupo (nesse caso o dos jornalistas profissionais) sob a perspectiva interna das rotinas da redação que conduzem o telejornal e são moldadas pela temporalidade da ação desempenhada. E, a etnometodologia, que está preocupada com as práticas, com a forma como os membros do grupo criam o mundo social no qual estão inseridos, a partir da relação que estabelecem com o *habitus*, o campo e o manuseio e aplicabilidades dos dispositivos de temporalidade. (EDGAR E SEDGWICK, 2003).

6.1.1 Mapeando as redações

Visualizado em etapas, o nosso trabalho pode ser detalhado da seguinte forma: mapeamos duas emissoras regionais distintas, nossa preocupação foi para que estivessem localizadas em estados diferentes culturalmente e simbolicamente. Não por acaso, fomos acolhidos por uma emissora situada no sul do país e outra mais próxima da instituição onde a pesquisa foi desenvolvida, na região Nordeste. Elegemos emissoras que captassem um modo de trabalho alinhado a telejornais nacionais e que apresentassem bons índices de audiência.

No caso do Rio Grande do Sul, a RBS TV²⁷²⁸ garante uma posição privilegiada quando o assunto é a preferência do público e isto é confirmado durante a observação de campo. Os discursos dos jornalistas, a amostragem da oscilação da audiência por meio de ferramentas tecnológicas de medição em tempo real, e o posicionamento publicitário da emissora justificariam a postura adotada pela RBS TV no modelo de lidar com o público. De todo modo, o relatório Mídia Dados 2019²⁹, anuário confeccionado pelo Grupo de Mídia de São Paulo, aponta que em Porto Alegre, capital gaúcha e sede principal da RBS TV, dentro do universo de 1.535.400 domicílios com TV, cerca de 50% destes, algo em torno de 767.700 estão sintonizados na programação da TV aberta no horário do almoço, o que compreende a faixa de tempo que parte das 11h30 da manhã às 13 horas.

No Nordeste, a TV Globo Nordeste não é uma afiliada, é uma emissora própria da Rede Globo, o que a faz ser bastante requisitada para reportar a posição da região Nordeste para o resto do país, funcionando como uma “voz” da Globo para os estados nordestinos. Através do discurso e postura dos jornalistas é possível perceber um alinhamento do modelo de trabalho ao nacional, mesmo sendo uma emissora entrincheirada em um estado nordestino, tem a missão de representar os valores e as condutas assumidas em modelos de telejornais nacionais.

Os índices de audiência³⁰ também são significativos, mas em alguns momentos concorre diretamente com a alta expressão dos telejornais policiais. Segundo o Mídia Dados 2019, na

²⁷ Informação retirada do texto "AUDIÊNCIA COMPROVA CONEXÃO DO PÚBLICO GAÚCHO COM A RBS TV". Disponível em: <http://www.gruporbs.com.br/noticias/2018/02/06/audiencia-comprova-conexao-do-publico-gaucho-com-a-rbs-tv/>. Acesso em 15 de junho de 2020.

²⁸ “Audiência comprova conexão do público gaúcho com a RBS TV. Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/noticia/audiencia-comprova-conexao-do-publico-gaucho-com-a-rbs-tv.ghtml>. Acesso em 15 de junho de 2020.

²⁹ Anuário disponível no seguinte endereço eletrônico: <http://159.89.80.182/midia-dados-sp/public/Midia%20Dados%202019.pdf>. Acesso em 15 de junho de 2012.

³⁰ Informação retirada do texto - PE: "Por Dentro com Cardinot" conquista a liderança e bate a Globo no Ibope. Disponível em: <https://natelinha.uol.com.br/televisao/2019/07/27/pe-por-dentro-com-cardinot-conquista-a-lideranca-e-bate-a-globo-no-ibope-131688.php>. Acesso em: 15 de junho de 2020.

região do Recife dos 1.273.670 domicílios com TV, pouco mais de 40% estão ligados na programação da TV aberta no horário vespertino, englobando o nosso período temporal de pesquisa, nomeado por nós como “horário do almoço”.

No caso das duas emissoras fazerem parte da cobertura da Rede Globo de Televisão, justificamos da seguinte forma. Escolhemos emissoras ligadas à Globo, porque ela atinge em números absolutos 5477 municípios do país, o que dá uma cobertura de 98,33% do território nacional. No caso de atingir domicílios com TV, o número que procede é 68.544.116, algo em torno de 97,25% de cobertura. Embora seja ligeiramente menor que a cobertura da Rede TV, que tem em número absolutos um alcance de 5.560 municípios e atinja 99,82 % do território, a Globo tem uma liderança no quesito pesquisa de audiência. Sua programação aparece sempre a frente das demais em todos os seguimentos, no caso do embate direto com a Rede TV, a Globo tem uma preferência do público de aproximadamente 27 vezes mais. Na questão de quantidade de emissoras comerciais, a Globo tem 122 emissoras geradoras e retransmissoras. As demais não chegam nem perto desta quantidade com emissoras geradoras, mas muitas ultrapassam em retransmissoras, a exemplo da TV Cultura, Rede TV e TV Gazeta de São Paulo, que contam com 626, 155 e 183 retransmissoras respectivamente. Estes números também fazem parte do anuário produzido pelo Grupo Mídia de São Paulo em 2019³¹ e servem para nortear o investimento em publicidade e apontar novos caminhos para a comunicação e as organizações de mídia do país.

Esta configuração (as características da RBS TV e da Globo Nordeste) até facilita a visualização da escolha das nossas ‘emissoras-objeto’. Na primeira, uma posição mais confortável relacionada a audiência a faz manter uma postura centrada nos gostos do público e a segunda demonstra um perfil mais atencioso e descobridor, no tocante a estabilizar os índices de audiência numa concorrência direta com telejornais temáticos de violência. Diante destas informações, elegemos os telejornais exibidos no horário do ‘almoço’, ou seja, começando no período entre as 11 horas da manhã e o meio dia. Estes telejornais foram escolhidos também pensando na temporalidade e no sentido do tempo presente. Este tipo de noticiário tem sua fabricação e condução em um espaço de tempo bastante apertado. Por mais que ele comece a ser produzido e discutido no dia anterior, ele ganha corpo e forma ao longo da manhã e tem a obrigação de ser exibido na faixa de tempo que delimita o fim da manhã para o começo do período da tarde. Ao pé da letra, ele começa a ser preparado oficialmente por volta das sete ou

³¹ Este relatório está disponível na íntegra no endereço: <http://159.89.80.182/midia-dados-sp/public/Midia%20Dados%202019.pdf>. Acesso em 15 de junho de 2020. Dados sobre TV aberta no Brasil da página 140 a 161.

oito horas da manhã e obrigatoriamente é exibido entre 11h30 e meio dia. Os dispositivos de temporalidade são disparados logo no desenrolar do dia e movimentam toda a manhã, com o intuito de garantir o cumprimento do *deadline*. É possível perceber uma preocupação bastante intensa com o tempo que se tem para o preparo do telejornal, afirmando por gestos, discursos e trejeitos o quanto é apertada a linha temporal de produção. Seguimos então com a pesquisa nos dois telejornais do horário do almoço: Jornal do Almoço, da RBS TV e o NE 1, da TV Globo Nordeste.

Após a definição do objeto de pesquisa analisamos a adequação metodológica e sua aplicabilidade frente à demanda da nossa pesquisa para a obtenção dos resultados esperados. Buscamos perceber nas variações, critérios e perspectivas de cada método e qual deles melhor nos ajudaria a validar os resultados. Também conscientes das particularidades presentes no *corpus* e possíveis dificuldades a serem encontradas ao longo da abordagem de campo. Desde o começo, nos propusemos a desenvolver uma observação direta participante de três dias nas redações das emissoras escolhidas e depois realizaríamos as entrevistas em profundidade semiestruturadas aos perfis profissionais, que dentro da nosso aporte teórico foram enquadrados como sujeitos da redação e agentes da ação de lidar com os dispositivos de temporalidade, são eles: o editor-chefe do telejornal, o editor auxiliar, o chefe de redação ou produção (a depender da configuração do organograma da redação pesquisada). A nossa abordagem metodológica é de cunho qualitativo, possuindo como recurso principal a entrevista em profundidade do tipo semiestruturada (DUARTE, 2005). Ela foi aplicada na análise das ideias e comportamentos desenvolvidos pelos sujeitos - jornalistas profissionais - frente ao processo produtivo do telejornal, mais especificamente na condução das rotinas da redação. A abordagem qualitativa é muito utilizada nas pesquisas etnográficas aplicadas ao estudo dos meios de comunicação (GARCÍA E FARIÑA, 2009).

A entrevista em profundidade não permite testar hipóteses, dar tratamento estatístico às informações, definir a amplitude ou quantidade de um fenômeno. [...] Por isso, a noção de hipótese, típica da pesquisa experimental e tradicional, tende a ser substituída pelo uso de pressupostos, um conjunto de conjecturas antecipadas que orienta o trabalho de campo. [...] Por meio da entrevista em profundidade, é possível, por exemplo, entender como produtos de comunicação estão sendo percebidos por funcionários, explicar a produção da notícia em um veículo de comunicação, identificar motivações para uso de determinado serviço [...]. Permitiria saber os motivos pelos quais determinadas fontes jornalísticas são mais (ou menos) utilizadas, como são acessadas, dificuldades, problemas, vantagens, desvantagens. Saber como e por que as coisas acontecem é, muitas vezes, mais útil do que obter precisão sobre o que está acontecendo (DUARTE, 2005, p.63-64) [Grifo do autor].

Ao todo foram realizadas seis entrevistas, o que gerou um material sonoro com duração de duas horas, que foi transcrito e confrontado com o diário de campo, como sugere Lago (2007), com anotações e interpretações realizadas durante a aplicabilidade da observação participante.

Por calcar-se na observação, o método etnográfico dá especial atenção à utilização do chamado “diário de campo”, onde serão anotadas todas as impressões do pesquisador sobre o cotidiano dos pesquisados. Independente do suporte (um caderno, folhas, computador, gravadores), essas anotações são fundamentais para o momento final da produção da etnografia, quando o pesquisador deverá organizar os dados de forma a produzir sua “descrição densa” da cultura estudada (LAGO, 2007, p. 52).

Só que nem só de observação vive-se o campo. É importante também praticar o ato de “ouvir”, que é alcançado com grande êxito nas entrevistas. As entrevistas semiestruturadas foram realizadas contando inicialmente como um roteiro com questões guia que tem a função de orientar o pesquisador durante a realização do trabalho de campo. O objetivo era ouvir e compreender as percepções daqueles profissionais sobre as rotinas da redação, os constrangimentos organizacionais que resvalavam na percepção e adequação de uma temporalidade, ética, e como compartilhavam a noção de tempo na divisão natural de vida pessoal e profissional. Num esforço analítico de perceber como os sujeitos profissionais se comportavam frente à coordenada do tempo, como agiam ou como se organizavam para vencê-lo diariamente sob a pressão do *deadline*. Este movimento se caracteriza como um aspecto importante da etnografia. “Ele [o entrevistador-pesquisador] não está em busca de uma resposta verdadeira, objetiva” (TRAVANCAS, 2006, p. 103). Porém, tem a função de “interpretar o que está sendo dito, observado e sentido” (TRAVANCAS, 2006, p. 104). Além disso, por ser qualitativo, o método de pesquisa permitiu uma proximidade com os entrevistados, que muito contribuiu nas etapas de interpretação, análise e comparação.

O número de entrevistados foi estabelecido em seis. Não seria possível ouvir todos os personagens da cadeia produtiva do telejornal, delimitamos assim três jornalistas que estavam diretamente ligados ao manuseio dos dispositivos de temporalidade e que incidia sobre eles a pressão do tempo de uma forma mais pontual e robusta. Sendo assim, os nossos interlocutores são: o editor-chefe, o editor auxiliar e o chefe de produção. Entrevistamos três representantes de cada emissora, totalizando seis interlocutores que representavam bem o recorte da pesquisa empírica. “ (...) O número de informantes que serão ouvidos dependerá da pesquisa realizada, do objeto em questão, enfim, do *feeling* do pesquisador. O importante é ter claro que “ouvir”

faz parte do trajeto, uma escuta específica que deve ser a mais aberta possível” (LAGO, 2007, p. 52). Desta forma, editores-chefe dos telejornais e auxiliares e chefias de produção, todos tinham em sua conta além de ocupar cargos de chefia direta ou intermediária ao mesmo tempo são coordenados por uma instância jornalística superior, representavam o perfil do sujeito da rotina da redação. Eles formavam os jornalistas, os seres profissionais identificados como público-alvo da nossa pesquisa.

O questionário guia para as entrevistas com os profissionais foi pensado de modo a verificar as hipóteses desta pesquisa (QUIVY E CAMPENHOUDT, 1992). Foram elaborados conjuntos de perguntas com diferentes abordagens, a exemplo de: 1) A rotina em relação ao telejornal; quais os hábitos? quais recursos técnicos utiliza? e quais técnicas sente que domina? 2) Como o profissional poderia descrever o seu perfil na redação? 3) Qual a contribuição da tecnologia no desenvolvimento das rotinas da redação, a partir da perspectiva do profissional? 4) Quais são os horários de maior tensão e os pontos de êxtase na fabricação do telejornal? 5) Que modelo de gestão de tempo o jornalista desenvolve profissionalmente e como faz a separação do plano pessoal?. Nestes cinco pontos buscamos incluir o ambiente de trabalho, a liderança e a presença no processo de produção noticiosa, as temporalidades e as percepções sobre ela dos envolvidos, a tecnologia e a profissionalização do jornalismo. A partir desse roteiro, várias questões emergiram das conversas e a entrevista tornou-se um momento particular entre a pesquisadora e os interlocutores. Em alguns casos, o êxtase do telejornal ainda tomava conta e em duas situações, os entrevistados trataram o momento como um certo “desabafo”, revelando o peso que sentiam com a função e culpavam essa noção de tempo urgente. Para tornar claro o modelo das entrevistas e o desenrolar do novo durante a exposição dos resultados, decidimos nomear cada um dos entrevistados com a seguinte configuração:

1. **Editor 1:** os ocupantes da função de editor-chefe;
2. **Editor 2:** os ocupantes da função de editor assistente;
3. **Chefe de Produção:** para os ocupantes da função de chefe de produção/redação

Este modelo será seguido na análise dos dois telejornais. Assim, resguardamos o direito à fala dos interlocutores, visto por nós como contribuição científica para o campo do telejornalismo. Baseados nos aspectos das entrevistas juntamente com o processo de observação e interpretação do desenrolar da rotina, com a identificação das verdadeiras “piscadelas”, além de manter um olhar analítico foi possível identificar ondas de tempo que aparecem e arrastam os profissionais e moldam o momento até a próxima onda. Entendemos esse processo como o

disparo de dispositivos de temporalidade, sendo possível identificar, com o auxílio do tempo relógio e do desembarace da rotina, os períodos de chegada e partida de um novo dispositivo. Foram assim nomeados cinco, que foram brevemente explicitados em sessão anterior e que nesta fase seguinte serão identificados na rotina própria de cada telejornal das ‘emissoras-objeto’. São eles:

- 1) Dispositivo de temporalidade relacionado a preparação ou adequação**
- 2) Dispositivo de temporalidade relacionado a atenção total**
- 3) Dispositivo de temporalidade relacionado a checagem geral**
- 4) Dispositivo de temporalidade relacionado a tensões e orquestramento**
- 5) Dispositivo de temporalidade relacionado ao planejamento do amanhã**

À parte alguns detalhes, nos permitimos o exercício da interpretação a partir de uma densa descrição dos movimentos realizados pelos sujeitos jornalistas no exercício de sua função no ambiente das rotinas da redação. Foi possível perceber a ingerência das temporalidades e suas pontuações, além de ser possível a percepção do acionamento dos dispositivos e a tentativa de controle do tempo por parte dos interlocutores desta pesquisa. Não por acaso, que Geertz (1989, p. 28) diz que “(...) Uma boa interpretação de qualquer coisa - um poema, uma pessoa, uma história, um ritual, uma instituição, uma sociedade - leva-nos ao cerne do que nos propomos a interpretar”. Nas sessões seguintes expusemos os dispositivos de temporalidade um a um dentro das rotinas de cada redação de telejornal analisada (Jornal do Almoço e NE1), com isso destacamos os elementos que nos ajudaram a delinear cada dispositivo e pronunciamos a atuação da temporalidade no dia a dia de um telejornal da hora do almoço. Buscamos mostrar também como os sujeitos reparam a si mesmos à frente deste procedimento de fabricação do noticiário e como nós os enxergamos. Mesclaremos os depoimentos colhidos, por meio das entrevistas, com as observações registradas no diário de campo, bem como realizamos o confronto do relatório analítico com o percurso teórico que traçamos até aqui.

6.2 O JORNAL DO ALMOÇO E SEUS DISPOSITIVOS DE TEMPORALIDADE

O primeiro telejornal analisado é o Jornal do Almoço, da RBS TV, emissora afiliada da Rede Globo de Televisão, no Rio Grande do Sul. A RBS TV existe há 57 anos³²³³ e, durante

³² Informações disponíveis em: <https://www.gruporbs.com.br/atuacao/rbstv/>. Acesso em 18 de junho de 2020.

³³ Dados sobre a história da RBS TV, Disponível em: <https://acontecendoaqui.com.br/comunicacao/rbs-tv-completa-55-anos-e-comemora-melhor-audiencia-dos-ultimos-cinco-anos>. Acesso em 18 de junho de 2020.

esse tempo passou por um processo de expansão, atualmente compõem a rede 12 emissoras espalhadas pelo estado do Rio Grande do Sul: Porto Alegre, Bagé, Caxias do Sul, Cruz Alta, Erechim, Passo Fundo, Pelotas, Rio Grande, Santa Cruz do Sul, Santa Maria, Santa Rosa e Uruguaiana. “(...) Maurício Sirotsky Sobrinho assumia a Rádio Gaúcha, começando com ela a construir um dos maiores grupos de comunicação do sul do Brasil”. (SCHIRMER, 2002, p. 07)

Na longa trajetória da RBS TV está o Jornal do Almoço, que já está no ar há 48 anos, desde 1972. De acordo com a página institucional da emissora, “(...) o Jornal do Almoço segue ocupando lugar de destaque na rotina do público do Rio Grande do Sul. No ano de 2018, cerca de 625 mil telespectadores da Grande Porto Alegre assistiram diariamente ao telejornal, marcado pela descontração e pelo jeito informal de transmitir as informações”.³⁴

Realizamos a pesquisa de campo na redação do Jornal do Almoço entre os dias 23 e 25 de julho de 2019, quando fomos autorizados pela chefia da emissora a acompanhar todo o procedimento rotineiro de fabricação do telejornal, estando junto dos editores e observando o trabalho como espectador, além de permissão para a realização das entrevistas com os nossos interlocutores. Em conversa prévia com o **editor 1**, ficou acordado que o horário de chegada na redação do Jornal do Almoço seria às 8 horas da manhã, para que fosse possível presenciar o planejamento inicial do telejornal, bem como as divisões de tarefas. No primeiro dia, foram realizados os trâmites de entrada na emissora e houve uma apresentação de toda a parte física do local. A redação do Jornal do Almoço está situada na sede da RBS TV, no bairro de Santa Tereza, em Porto Alegre. Ambiente onde também ficam os demais telejornais da emissora. Cada telejornal tem seu espaço determinado e sua equipe. As equipes responsáveis pelos três noticiários (Bom Dia Rio Grande, Jornal do Almoço e RBS Notícias) ocupam o mesmo espaço físico, só que em horários e turnos diferentes.

A emissora é toda informatizada e o local de trabalho ocupado pelos jornalistas é bastante espaçoso e organizado, com muitas ilhas de edição, estúdios, espaços para arte e os ambientes reservados para o Globo Esporte local. Na redação tem dois televisores grandes ligados na TV Globo e quatro pequenos que transmitem a programação de emissoras concorrentes. É presente também um monitor que mostra a audiência em tempo real. Todos podem verificar os índices de audiência minuto a minuto. Com tecnologias de ponta e um grande número de funcionários (produtores, repórteres, editores, editores de imagem e entre outros), cada integrante

³⁴ Disponível em: <https://redeglobo.globo.com/rs/rbstvrs/noticia/audiencia-comprova-conexao-do-publico-gaicho-com-a-rbs-tv.ghtml>. Acesso em: 18 de junho de 2020

tem uma função bem delimitada e assume o seu posto de trabalho com os recursos fornecidos pela emissora.

Figura 1- Redação da RBS TV



Fonte: Registro feito pela autora

O clima na chegada foi bastante agradável, todos receptivos. Solicitaram-nos que fizéssemos uma apresentação da pesquisa assim que chegamos e fomos apresentados. Como justificativa, gostariam de compreender a atuação dos acadêmicos de jornalismo. Um ponto a ser destacado é que já avisados previamente que seriam entrevistados, os jornalistas demonstravam certa angústia para este momento. Perguntavam como tudo iria acontecer e se deveriam se preparar. Aparentavam uma certa ansiedade pela obrigação. Segundo Vizeu (2003), esta reação se deve possivelmente por medo de constrangimento por parte da empresa diante da opinião emitida e a preocupação de falar conceitos errados para o pesquisador. Uma espécie de medo do julgamento.

Passadas as obrigações iniciais, foi possível conhecer a equipe responsável pelo Jornal do Almoço, que é constituída da seguinte forma: um editor-chefe, um editor executivo, quatro editores auxiliares, um apresentador, três produtores, 2 apuradores, um estagiário de produção, um chefe de produção/reportagem, cinco repórteres, um editor/apresentador para a previsão do tempo. Uma equipe considerável em termos de números. É determinante frisar a importância

que a previsão do tempo tem para a região sul e de como esse integrante da equipe é demandado. A previsão do tempo ocupa boa parte do Jornal do Almoço e requer um tratamento atento por parte de todos, já que, de acordo com o aferidor de audiência, é um dos pontos altos do telejornal.

O tempo de produção do Jornal do Almoço, em média, é de 1 hora e 05 minutos cronometrados, geralmente o noticiário é dividido em quatro blocos, que são separados por espaços comerciais (os *breaks*). A escalada (abertura) na maioria das vezes é realizada ao vivo e traz as principais manchetes do Estado. As emissoras do interior tem a possibilidade de fazerem blocos locais também e é a operação técnica quem faz a divisão e em outros momentos mais adiante elas se reintegram a rede. O JA³⁵ vai ao ar todos os dias às 11h45.

Lançamos um olhar sobre as atividades e procedimentos diários dos editores, tentamos naturalizar o processo, aparentar costume, para que os interlocutores ficassem à vontade. De fato, a presença de uma pessoa de fora no ambiente da redação inibe os personagens e por vezes, eles agem de forma diferente. Algo semelhante a uma encenação. Por isso, a preocupação em romper a barreira de um dia para o exercício da observação. Logo no primeiro dia de pesquisa, dia 23 de julho, todos que estavam fora do ambiente ao retornar ficavam intrigados sobre quem era esta figura desconhecida. Numa dessas ocasiões, fomos questionados se seríamos um novo contratado para a equipe e qual função ocuparia. Tratamos de esclarecer o mal entendido e seguimos com as observações. Nos dias subsequentes já havia mais naturalidade e os personagens estavam mais orientados sobre qual o papel do pesquisador, brincavam entre si, falavam sem receio de vida pessoal e em muitas vezes pediam a nossa opinião. Sendo assim, tratamos de não mudar o foco e não sermos levados pelo ambiente descontraído que se formou. Traçamos um esqueleto prévio do que estávamos a observar: horários (tanto de chegada, como de início de cada fase do telejornal, finalização e saída), movimentação dos jornalistas na redação, trocas discursivas entre eles, trejeitos, tom de voz, uso de recursos tecnológicos, métodos de trabalho, repetições de modelos de trabalho, configuração da redação, relações entre os jornalistas e a chefia, as dificuldades que enfrentavam no desenrolar e no fechamento do telejornal.

Cabe aqui registrar que o retorno a esta redação causou emoção no papel de pesquisador. Sentimos saudades do trabalho coletivo e extasiante da redação de telejornal. Em alguns momentos até nos imaginamos naquela posição dos editores, quais decisões tomaríamos e como agiríamos diante dos fatos que chegavam a todo instante na redação. Este momento proporcio-

³⁵ Sigla utilizada para se referir ao Jornal do Almoço.

nou uma atenção maior ao trabalho de observação. Sucedeu como uma mudança de perfil: passamos de personagem para pesquisador. Utilizávamos a ciência para descrever a rotina da redação e compreender um pouco mais do campo.

6.2.1 Jornal do almoço hora a hora

A rotina da redação começa cedo. Por volta das 7 horas e 45 minutos da manhã todos os editores responsáveis pela condução do Jornal do Almoço já se encontram na redação. O **editor 1** chega mais cedo. Por volta das 7 horas da manhã. Ele é o líder. O condutor do processo e apresenta-se assim. Aos poucos ele se inteira do que está disponível para ser utilizado durante a edição do dia do JA. Esta informação é repassada pelo **chefe de produção**. Além das reportagens que foram realizadas pelas equipes da madrugada, de coberturas especiais, tem as que já estão retornando do Bom Dia Rio Grande, há ainda uma programação prévia que a equipe do Jornal do Almoço discutiu no dia anterior. Então, ao começar o dia já existem muitas atividades a serem feitas e discutidas internamente. A ilha ocupada pelos editores está localizada bem no centro do espaço da redação. Todos ficam juntos, o que facilita a comunicação com repórteres e produtores, chefia e todos os outros ocupantes do espaço.

Figura 2 - Redação da RBS TV



Fonte: Registro feito pela autora

Essas trocas entre os integrantes da equipe funcionam como linha mestre. São as decisões tomadas aqui que delinearão o espelho e darão segurança para os momentos seguintes. Esse procedimento é realizado igualmente todos os dias. Não há variações. Está incorporado na rotina dos sujeitos- jornalistas do JA. É uma prática que gera segurança e a repetição dela a faz ter clareza e certeza que o dia foi bem planejado desde o momento de chegada à emissora. Gerando um sentimento de “boa gestão do tempo”.

“Eu chego na TV sempre às 7 horas da manhã. Mas o meu trabalho começa entre 7h e 7h15 da manhã. Porém, esse horário é fictício. O meu trabalho das 7 horas da manhã, na verdade, começou no dia anterior, obviamente. Então é uma coisa meio circular mesmo. Porque eu deixo antes de ir embora pra casa algumas ideias meio que alinhavadas ou na minha cabeça ou no próprio espelho, que é o que a gente faz aqui na reunião, de colocar o material que a gente discutiu que vai ter, as matérias, as coisas que ficaram de outras, as gavetas, enfim. A gente já deixa um espelho pré-pronto ali. Eu chego pela manhã, às 7 horas, eu converso com o chefe de produção e com todo o pessoal da produção, pra saber se a nossa previsão permanece igual ou o que mudou na nossa previsão. É claro que eu chego também com algumas ideias através do que eu vi no “Bom Dia Rio Grande” ou o que eu ouvi na Rádio Gaúcha e eu venho com umas ideias também. A gente conversa, o que tem que derrubar, o que tem que manter, o que é notícia naquele dia e como é que nós vamos cobrir essa notícia. É um papo que eu e a produção temos ali porque eu chego mais cedo que o resto da equipe. Às 7 e meia eu tenho uma reunião rápida com as praças do interior. Nós temos 11 praças aí que oferecem ou não, enfim que têm a possibilidade de ofertar material pra a gente colocar no ar. Juntando todas essas informações que eu peguei com a produção e que eu peguei com

o interior, eu finalizo o espelho, que eu acho é a parte mais importante, é a parte que tem atualmente me tomado mais tempo, porque é a parte que vai realmente dar o formato do programa que nós acreditamos que seja a mais agradável, mais pertinente pra aquele dia” (Entrevista com o editor 1 - Dia 24 de julho de 2019)³⁶.

Na perspectiva do **chefe de produção**, ser a retaguarda é encarada como uma função. Esta figura atua como um ponto de equilíbrio entre o setor da edição e o que está sendo conduzido na reportagem e os caminhos da produção. O planejamento passa por este sujeito e essa sensação de segurança deve ser um atributo.

“Às vezes tu pensa, será que eu não me planejei o suficiente para aquilo, né? Mas aí veio uma coisa, tá tudo organizada e aí vem um acontecimento e ele te desorganiza tudo e tu pensa reorganizar tudo pra ter a tempo do jornal para ver o que que tu vai conseguir oferecer pra o editor-chefe, pra não perder nada, já pensando no próximo jornal, o que que tu vai ter aquilo ali. Então tem que otimizar também, na verdade, isso porque, por exemplo, assim, eu chego às 4 e quinze da manhã, eu tô aqui. Aí organizo a equipe da madrugada, eu tô com a equipe da madrugada, que já circulou, já viu todos os acontecimentos mais graves e tenho tudo à mão”. (Entrevista com o chefe de produção - Dia 24 de julho de 2019).

Logo no primeiro dia percebemos que não tinha um relógio na redação. Apenas os pessoais e os que ficam automáticos no computador. Questionamos isto de pronto para o **editor 2**, que nos respondeu que não sabia porque não tinha um relógio coletivo na redação e que não sentia falta, mas que existia sim uma contagem de tempo.

“Geralmente esse acompanhamento de tempo é feito pela coordenação de programação (o master) e eles disponibilizam nos monitores a partir das 11 horas da manhã, uma espécie de contagem regressiva” (Entrevista com o editor 2- Dia 24 de julho de 2019).

Como pesquisadores de temporalidades, decidimos fazer por conta própria marcações no relógio para demarcar exatamente quando cada “onda” de tempo surgia e em que momento os dispositivos eram acionados. Schlesinger (1987, p. 84) diz que essa dependência de marcações de tempo é de fácil compreensão e fixação por pessoas que compõem sociedades cujas atividades são reguladas pelo ponteiro do relógio.

Por volta das 8 horas e 30 minutos da manhã inicia-se uma pequena reunião entre todos os editores. O **editor 1** coordena esse processo de largada e orientação. Todos os outros editores: executivos e auxiliares permanecem em seus postos, de frente para o computador e escutam atentos o que o **editor 1** fala. Percebemos que estamos em um momento preparatório. Até então

³⁶ Preservamos o estilo de fala dos interlocutores, inclusive para mostrar as características culturais de expressão.

só muita conversa, nada prático sendo feito nas ilhas de edição ou no *software* que auxilia na fabricação do telejornal (*Inews*).

Estamos no início da manhã e todos ainda estão sendo situados de como está a cidade e o Estado, verificando o que já foi exibido no Bom Dia Rio Grande, colhendo informações com as equipes de externa que já estão em campo, entre outras atividades de orientação. Estávamos em uma terça-feira, a equipe parecia ainda a engrenar como um começo de semana. Uma preocupação intensa com a previsão do tempo tomava grande parte das discussões. Havia a possibilidade de dias chuvosos ao longo da semana. Esse poderia ser um bom tema a ser explorado.

O **dispositivo de temporalidade relacionado a preparação ou adequação** é acionado tão logo todos os integrantes da equipe cheguem ao espaço da redação. No caso do **editor 1**, a preparação do telejornal começa bem antes da do resto da equipe. Frisamos que na entrevista realizada com ele, há um momento em que revela que a previsão de alguns temas começa a ser trabalhada antes “em sua cabeça” e depois, estes temas, serão discutidos entre todos da equipe. Há uma cobrança pessoal. Uma responsabilidade internalizada pelo sujeito. Há um entendimento que a função de coordenar o processo deve partir dele. Este dispositivo de temporalidade relacionado a preparação representa um período de adequação dos sujeitos, mais especificamente do editor-chefe, que precisa ter noção do cenário no qual ele vai atuar e quais materiais ele terá em mãos para desempenhar integralmente sua função. Por isso é importante ter resguardado o momento de planejamento.

Por volta das 8 horas e 40 minutos da manhã, estamos no auge do acionamento deste dispositivo. Durante a reunião dos editores, visivelmente há a necessidade de todos os representantes da função estarem à postos. Os demais personagens da redação (repórteres, produtores, pauteiros) aparentam ser complementares, mesmo que no desenrolar da fabricação do telejornal não funcione assim, mas nas discussões do começo da manhã aparentavam. Pouco se vê, por exemplo, a presença dos editores de imagem no ambiente da redação. O contato é todo feito *online*. O **editor 1** não demonstra agonia, mas uma certa ansiedade pois depende dele a autorização para a largada. Nesta reunião discute-se como o jornal será aberto, o que terão de entradas ao vivo, como será o encerramento. Não é necessário ter a certeza absoluta da condução, mas para partir para o preparo é importante ter um norte. A responsabilidade então é dele - **editor 1** para demandar o que todos deverão fazer e como ele entende que será o melhor caminho. Neste primeiro momento não há muito o uso de tecnologias, apenas o acesso ao *software* de uso do editores e também um acesso digital às ilhas de edição. Esse procedimento auxilia a saber quais são os materiais editados, o que precisa ajustar ou que ainda vai chegar. Há também uma grande discussão sobre as entradas ao vivo: temas, entrevistados, locais. Essa

preocupação com os *links* faz parte da rotina e este tipo de tratativa é uma constante no Jornal do Almoço.

“Não há regra para todo dia ter ao vivo, mas todo dia tem!. O nosso público gosta de informações em tempo real” (Entrevista com o editor 1 - 24 de julho de 2019).

A reunião de planejamento do espelho termina por volta das 9 horas da manhã. Estamos por volta das 2h45 minutos para o início do jornal. Todos já foram orientados para o que devem fazer e como executar dentro deste tempo as tarefas que lhes cabe. É neste horário (durante o primeiro dia de pesquisa de campo) que o **editor 1** nos indaga sobre o trabalho que estamos desenvolvendo, sugere que nos conheçamos melhor. E nos pede para fazer algumas perguntas preliminares, para que ele entenda a nossa pesquisa e com isso “quebrar o gelo”, deixando-nos mais à vontade para a condução da pesquisa. Percebemos que após a concentração da largada do começo da manhã, depois da definição prévia do dia, há um certo relaxamento momentâneo, tanto que o **editor 1** reserva um tempo para lanchar, para conversas amenas e é aí que ele nos aborda para uma conversa informal. Aceitamos. O semblante do **editor 1** era relaxado. Durante uma conversa de cerca de 15 minutos, ele não foi consultado, não foi interrompido, não apressou-se em ir embora realizar as tarefas e nem consultou ninguém da sua equipe sobre o desenrolar das edições. Notamos também que depois da breve conversa, ele se ausentou por cerca de uma hora para tratar de assuntos burocráticos junto à chefia da redação. Esse momento de ausência já tinha sido avisado previamente e neste lapso de tempo, o editor executivo tomaria à frente do telejornal. Seria consultado pelos demais integrantes da equipe, se existisse a necessidade.

Durante a conversa informal com o **editor 1**, ele nos revela a relação com o público do JA. E, relata que recentemente a emissora tinha realizado uma pesquisa de audiência, na qual conseguiram captar o que o telespectador estava interessado em assistir no Jornal do Almoço. Esse direcionamento, segundo ele, foi importante para conseguir realizar um programa que falasse diretamente ao público. Gerando uma certa fidelização.

“(…) Montamos o espelho de acordo com os gostos e preferências do público desta faixa de horário do telejornal. Nunca deixamos de ser líder de audiência. Notamos uma mudança com o aumento do fade, já que o JA passou a entrar mais cedo e cotidianamente há a tradição do gaúcho almoçar em casa e tem esse período de deslocamento. Acompanhamos também a audiência do Jornal do Almoço em tempo real. Essa prática é nova, veio depois da pesquisa. O JA é um telejornal consolidado entre os gaúchos, entre a família gaúcha” (Entrevista com o editor 1 - dia 22 de julho de 2019).

Vizeu (2015) nomeia de “audiência presumida” essa tendência dos profissionais de construir antecipadamente o perfil de seu público. Entre a pesquisa empírica de Vizeu e os dias de hoje, há um intervalo de duas décadas – espaço de tempo suficiente para possíveis mudanças nas rotinas de trabalho dentro das redações, como esta relacionada a forma como os jornalistas conhecem seu público e como eles trabalham nesse direcionamento.

Em determinado ponto da conversa, verificamos a hora e perguntamos se o **editor 1** sentia certa tranquilidade por conta da confiança na tecnologia para agilizar a produção do telejornal. Esta pergunta foi realizada por causa do estranhamento de faltar tão pouco tempo para o começo do noticiário e o espelho não estava completo. Continha apenas as tarefas definidas, mas sem resultados concretos. Neste momento, o pesquisador colocou-se no lugar dos interlocutores, como forma de entender o que lhes dava tanta calma para a fabricação de um telejornal que tinha um tempo de preparo tão apertado. Como resposta, obtivemos a ação do planejamento. Acionar este dispositivo interno e externamente lhes dava a segurança para o que deveria fazer e como deveria fazer. Planejar era essencial.

“Não posso dizer que o ambiente da redação é tranquilo no aspecto temporal, mas atualmente com as tecnologias, eu tenho um tempo relativamente confortável. Me organizo sempre com o pré-espelho no dia anterior. Enquanto estou me arrumando para vir para a emissora, já estou vendo o Bom Dia Rio Grande e no caminho escuto a Rádio Guaíba. Ao chegar na redação troco figurinhas com meus colegas da produção e eu confio inteiramente no trabalho deles. Isso me dá substância para o dia. Monto o espelho com tranquilidade. Não há agonia e nem afobamento. O tempo impõe ao editor que ele faça algumas concessões. O JA conseguiu se adaptar ao digital. Tudo isso que vivemos hoje, inclusive com um jornal tão grande e dinâmico seria impensável em outros tempos. A tecnologia nos favorece nessa questão de tempo, não consigo mais imaginar fazer esse telejornal sem ela” (Entrevista com o editor 1 - Dia 22 de julho de 2019).

Em contrapartida, a situação não é vista com muita tranquilidade pelo **editor 2**. Como a posição dele é de executar a parte bruta da fabricação do telejornal, não sobra muito tempo para conversas amenas ou ausências da redação. O **editor 2** sente uma certa agonia com o passar das horas e avexa-se a trabalhar a todo instante. A pressão interna é de que não pode cometer erros que possam inviabilizar a edição do JA do dia. Esse momento pós-reunião de planejamento não é visto como calmaria. A todo tempo reforça a presença do *deadline* e a inconstância que é o ambiente da redação de um telejornal.

“Então, tem dias e dias, né? Cada editor é responsável por um VT e fica dependendo de ajustar isso: o repórter, a marcação, se é cedo, se o repórter é da equipe do “Bom Dia” da manhã, entendeu? Porque às vezes eles têm que fazer

intervalo, então às vezes atrasa um pouco o processo. Eu chego de manhã aqui por volta das 7h e meia. Se eu já tenho alguma coisa, algum VT que eu já tô tocando do dia anterior, ali, algum texto que eu já passei do interior, eu já encaminho, eu já limpo o VT pra sempre agilizar esse processo. Quando o VT é pro dia, a gente tem um deadline curto, né? Agora o jornal ainda entrando 15 pro meio-dia, né? Normalmente os VTs às vezes ficam mais espelhados pro final, mas nem sempre isso acontece. Então a gente tem que se organizar com o repórter. O que que facilita? Quando tem o LiveU³⁷, o repórter gera o material pra cá, a gente ouve a decupação na hora, eles mandam o texto e tu já vai passando pro editor de imagens. Às vezes o repórter chega aqui na redação, daí também ou a gente monta projeto do VT ou se ainda tem tempo dá pra decupar, porque daí tu consegue ouvir melhor, depois consegue escolher os melhores trechos das sonoras. Então a gente tem que tá sempre de olho. Por exemplo, hoje eu tô com dois repórteres, um do interior e um daqui. Então eu tô tentando agilizar porque provavelmente esses VTs, eles vão chegar meio que juntos, ali perto do horário do meio-dia. E o VT que vem do interior, o repórter, ainda, eu tenho que passar o texto, mandar pra ele, ele edita lá, ele manda pelo FTP, daí ele tem que subir do FTP dele pra o da TV aqui em Porto Alegre. Da TV eu tenho que baixar pra poder limpar com o repórter. Isso demanda um certo tempo, assim, às vezes fica bem apertado. Normalmente, sempre dá ou quando não dá a gente tenta uma outra solução, faz um off vivo pra não perder o assunto, não perder a notícia do dia. Com o repórter daqui, a gente também fica nesse contato. Eles mandam, a gente usa bastante o WhatsApp porque manda o texto por ali e aí a gente se fala. Eles geram o material e aí a gente vai nesse processo trocando ideia. É que depende às vezes do número de retrancas que tu tem do jornal. Às vezes a manhã é super corrida, eu chego aqui 7 e meia, eu só vou parar ali depois que os meus VTs estão online. Às vezes tu pode fazer as coisas com mais calma. Às vezes tu meio que faz o que dá porque a notícia tem que entrar e a gente tem um fade de uma hora e pouco pra preencher também, então tem sempre que pensar, né?” (Entrevista realizada com editor 2 - 24 de julho de 2019).

Neste relato, conseguimos perceber que há uma divisão clara de papéis. Quem está na ponta do processo, age como um gestor. É o caso do **editor 1**. Ele dita as regras, orienta o trabalho e segue como um supervisor das práticas até o momento oportuno. Já o **editor 2** aparece como um operário. Ele vive o sentimento de “linha da morte” em diversos instantes. Ele teme que o processo não seja completo por causa da forma como desempenha sua função. Fica o tempo todo ligado. Mesmo que haja o planejamento geral, ele precisa planejar-se internamente garantindo a tranquilidade pessoal.

Está claro que o movimento de preparação é o que fornece calma em alguns momentos do dia para os sujeitos-jornalistas. Outra coisa que visualizamos é que este dispositivo chega a ser acionado timidamente no dia anterior. Philip Schlesinger (2016) sinaliza que a corrida contra o *deadline* não está restrita ao ciclo do dia noticioso. Ela começa bem antes, e a fase do planejamento torna essa organização evidente.

³⁷ Tecnologia que facilita o envio de materiais da equipe de reportagem para a redação.

Grande parte da cobertura é planejada antes do dia em que os acontecimentos cobertos têm lugar. Um tal planejamento identifica os “acontecimentos futuros” numa tentativa de fazer as reportagens mais maleáveis no dia em questão. Os materiais noticiosos, as imagens, as palavras, os sons, todos precisam ser rapidamente reunidos e editados durante as várias fases de produção do dia mais maleáveis. O planejamento assegura que adequado material noticioso estará disponível no momento dos deadlines (SCHLESINGER, 2016, p. 253).

Porém, é bom frisar que esta fase de planejamento está mais atrelada a momentos de reflexão. Necessita de orientação espaço-temporal para o despacho das equipes de reportagem e compreensão da audiência para a montagem do espelho do telejornal, com a definição de tema por tema que será trabalhado. Portanto, mesmo começando no dia anterior seu disparo efetivo é no dia a dia. O pré-espelho é um apontamento do caminho. Não é definitivo. E, assim como relatado por Vizeu (2003, p. 101) em sua pesquisa de campo, este pré-espelho é acessível a todos da redação. Continua assim.

O pré-espelho pode ser acessado por qualquer pessoa do telejornalismo. É claro que interessa, principalmente, àqueles que têm participação direta no noticiário televisivo, que dessa forma podem se informar do seu andamento ou então de que procedimentos devem adotar (VIZEU, 2003, p. 101).

O acionamento eficaz do dispositivo começa por volta das 8 horas da manhã e segue até as 9h - 9h45, isto na descrição do “tempo-relógio”. Por ser mais reflexivo e organizativo, a redação segue sem barulhos. Durante o desenrolar deste dispositivo de temporalidade é que surgem as primeiras tomadas de decisões, seja do **editor 1** ou dos demais: são decididos os formatos da notícia que serão utilizados durante o telejornal, a distribuição das entradas ao vivo e ainda como se dará a presença de outras praças ligadas à emissora.

Essas reuniões de preparação do telejornal expõem as rotinas da redação, com todo o conjunto de instrumentos de produção, seja ele técnico ou físico. O que queremos dizer é que neste momento visualizamos, seguindo a percepção de Agamben (2009), os sujeitos, os seres e os dispositivos que facilitam a prática: jornalistas produtores das reportagens, apuradores de notícia, e ainda os recursos ofertados pela tecnologia: *softwares* de edição, espaços *online* para revisão de material e também edição de imagens, geração de material captado pelos repórteres cinematográficos em externa, recolhimento e tratamento do conteúdo de telespectadores enviados via aplicativos de interação social, a exemplo do *Whatsapp* e *Facebook*. A teia heterogênea de elementos está montada.

Este também é um momento de muito questionamento entre a equipe de jornalistas. Ao retornar para o ambiente da redação, após uma hora de ausência, o **editor 1** é demandado com muitas dúvidas dos demais editores. Ao fim desta fase já notamos uma certa tensão chegando. Ainda não é aparente, mas esta tensão começa a dar lugar para um novo dispositivo de temporalidade. A sensação de angústia é mais um momento de dúvida para os próximos momentos do dia. O roteiro está sendo desenrolado, mas não garante a calma por toda a manhã. O planejamento vai dando lugar ao que fazer caso algo saia do controle. O dispositivo de planejamento vai mostrando a necessidade de montar uma retaguarda.

A repetição dos atos preparatórios referenda este dispositivo de temporalidade relacionado a preparação. O campo - a redação - indica quem são os sujeitos que terão condições de disputar fortemente o jogo. Lahire (2017, p. 65) a partir da lógica de Bourdieu (2009) reflete que: “ (...) Esse espaço é um espaço de lutas, uma arena onde está em jogo uma concorrência ou uma competição entre os agentes que ocupam as diversas posições. O objetivo das lutas reside na apropriação de capital específico do campo”. Ou seja, estar bem posicionado no campo, garante aos jornalistas um certo reconhecimento no cumprimento de suas funções. Esta legitimação é importante para validar a profissão e trazer sensação de prazer tanto individualmente quanto coletivamente.

Neste intervalo de tempo há a chegada dos sujeitos, adequação ao ambiente e ao material disponível, momentos de descontração e conversas paralelas. Também foi possível perceber durante este dispositivo, muitas ausências na redação, cada sujeito ocupa seu posto de trabalho, se ocupa de suas funções já determinadas pela figura do **editor 1**. A sensação é que o noticiário ainda está muito distante e falta muito tempo para a chegada do *deadline*. Aos poucos esse sentimento vai sendo transformado e é possível verificar isto naturalmente. O pouco barulho vai dando lugar a pequenas correrias. A segunda onda está chegando, um novo dispositivo começa a ser disparado.

Chegamos às dez horas da manhã. Entramos em uma onda mais barulhenta. Estamos há uma hora e 45 minutos para o início do Jornal do Almoço. Este é um momento de virada de temperatura na rotina da redação. Observamos que estamos num momento de produção plena do noticiário. Foi acionado o **dispositivo de temporalidade relacionado a atenção total**. Os editores encontram-se concentrados e sentem-se impelidos a focar na evolução do JA. O **editor 1** repassa com todos os outros editores o andamento do espelho já planejado. Os integrantes da produção já estão mais eufóricos e dão conta de tudo o que estão fazendo para os editores. Como observação de subjetividade relacionado ao comportamento do sujeito, é possível notar uma certa irritação na personalidade do **editor 1** com pequenas situações que começam a dar

errado e que fogem ao seu controle e destoam da preparação feita no dispositivo anterior. Há uma elevação no tom das vozes. Já existe um clima de tensão. Os demais editores usam o *WhatsApp* intensamente para verificar como os repórteres estão com as pautas externas e que ainda entrarão no telejornal. Com o recurso de tecnologia, é neste horário que os demais editores, inclusive o **editor 2**, avaliam as imagens chegadas por outros canais: câmeras de circuito de segurança, vídeos enviados por telespectadores. Essa tecnologia é vista como essencial. Não contar com ela já passa a ser impensável pelos nossos interlocutores. Ela facilita o processo e traz a certeza que o *deadline* será cumprido de um jeito ou de outro.

“Os problemas de tempo que a RBSTV tinha aqui na redação, a tecnologia, na minha opinião, solucionou. Talvez ela tenha criado outros, porque sabe como a gente é, a gente pega um software novo e em dois minutos que a gente tá usando, a gente já tá reclamando dele, né? É do ser humano. Mas, assim, eu trabalho há 20 anos na empresa. A percepção que eu tenho é que a solução de problemas de edição em relação a tempo, da matéria entrar no ar, de como ela vai entrar no ar, pra mim, isso tá solucionado. Porque o material chega 11h, 11 e pouco, entra ao meio-dia no ar. Ele entra, imediatamente ele é ingestado num sistema que é totalmente conectado e que eu posso ver e decupar as imagens da minha mesa e que eu posso selecionar enquanto o editor de imagem já está separando as imagens, enquanto o repórter tá fazendo o texto, o repórter já veio da rua com o texto. É muito rápido e ágil a gente transformar o que é uma matéria, e falando tanto de matérias mais rotineiras mas às vezes até de matérias mais trabalhadas. É muito mais rápido. Então, assim, eu não tenho mais medo, a tecnologia tirou o medo do editor de subir com o programa não 100% pronto, tu entendeu?” (Entrevista com o editor 1 - 24 de julho de 2019).

Ainda na faixa de tempo entre 10h e 10h30, o ambiente fica bem movimentado. Editores de imagem passam a frequentar o espaço da redação, produtores se movimentam por todos os lados da redação. É durante esta faixa de tempo que a escalada (abertura) do telejornal começa a ser preparada. Há a movimentação para garantir que tudo o que está sendo chamado pelo apresentador realmente estará na casa até o cumprimento do *deadline*. A atenção é total. Como pesquisadores, olhamos ao redor e encontramos as seguintes ações: conferência de páginas de texto, acertos das entradas ao vivo, avaliação do processo de tecnologia (transmissão de dados, ajuste de imagens, correção de legendas, auxílio para as entradas ao vivo utilizando a internet, por meio da conexão sem fio), revisão de matérias, afinação o tempo de produção, orientação para as chamadas dos apresentadores e a escalada começa a tomar forma. Subjetivamente o cenário é representado por um misto de prazer e agonia. Todos entraram em uma posição de alerta. As relações entre eles dão lugar as relações mediadas por tecnologia. É necessário um apoio coletivo no enfrentamento da rotina, os sujeitos unem-se para modelar as decisões que serão tomadas mais a frente, em situações limite. Esse processo dá linha para a percepção do

habitus. Há uma presença forte do coletivo, mas cada sujeito também desenvolve esquemas próprios de adaptação ao momento.

O *habitus* fornece, ao mesmo tempo, um princípio de sociação e de individuação: *Sociação* porque as nossas categorias de juízo e de ação, vindas da sociedade, são partilhadas por todos aqueles que foram submetidos a condições e condicionamentos sociais similares. (...). *Individuação* porque cada pessoa, ao ter uma trajetória e uma localização únicas no mundo, internaliza uma combinação incomparável de esquemas (WACQUANT, 2017, p. 215) [Grifo do autor].

Quanto às expressões desta tensão no discurso, a partir da interpretação da linguagem, os sujeitos expressam essa tensão por: “*Será que vai dar tempo do repórter chegar ao local do ao vivo?*” ; “*Esta matéria já está pronta?*”; “*Temos tempo para buscar outra fonte?*” “*Checamos com o poder público?*”, são frases que representam conferência, este é o momento das apurações, de verificar o andamento das atribuições dos sujeitos da redação. O **chefe de produção** serve de esteio e é o responsável por atualizar as checagens e o andamento do material. Como os ânimos já estão exaltados, há sempre a adoção de um tom de voz mais forte: “*Calma, pessoal! Vai dar certo! O material está chegando*”. Não é o suficiente para tranquilizar a todos os editores. Mas o papel do **chefe de produção** é cumprido. O **editor 2** avança com a preparação das páginas. Adianta as estruturas, revisa o que já está feito, vai preparando o cenário para atuação firme do **editor 1** logo mais.

A agonia vai ficando intensa dando linha para o próximo dispositivo de temporalidade relacionado a checagem geral e cada vez mais perto do *deadline*. Todos se comunicam em ritmo mais frenético e com o um tom de voz alterado. Neste ínterim, é possível avaliar questões relacionadas a personalidade dos jornalistas. Quem é mais controlador permite-se um estouro da tensão. Revisa páginas a todo instante, um clima de agonia o domina. Quem é mais tranquilo, certifica-se de que tudo está funcionando e a tecnologia não o decepcionará. Dadas questões sobre como cada indivíduo sente o tempo, segundo Elias (1998), tem a ver com o conceito de “auto-regulação”, quando dentro da estrutura social cada indivíduo se percebe de uma forma diferente uns dos outros.

(...) A auto-regulação “temporal” com que deparamos em quase todas as sociedades avançadas não é um dado biológico, ligado à natureza humana, nem tampouco um dado metafísico, ligado a algum *priori* imaginário, porém um dado social, um aspecto da evolução social da estrutura de personalidade, que, como tal, torna-se parte integrante da individualidade de cada um (ELIAS, 1998, p. 119) [Grifo do Autor].

É perceptível que nesta fase, o **editor 1** tem a consciência que está assumindo operações de risco. Este dispositivo de atenção total proporciona uma avaliação interna do **editor 1**. Ele percebe e sente-se no controle da ação, ele alerta todos os envolvidos diretamente em cada uma das operações auxiliares. Ele é o que une todas as pontas da redação. Um mediador. Um gestor.

“Assim, é um aprendizado diário, em primeiro lugar, né? Porque você quer ao mesmo tempo ser parte da equipe e ao mesmo tempo você sabe que você não é parte da equipe, você é parte da equipe, mas você é outra coisa também. Porque as pessoas precisam da tua orientação, exigem a tua orientação e dependem dela pra que a linguagem que a RBSTV quer passar naquele programa permaneça, tu entendeu? Então é uma série de perguntas: “a gente pode mostrar essa imagem?”, “a gente pode dar o nome de tal pessoa?”, desde essas coisas mais simples até qual é o viés, qual é o macete que nós vamos colocar pra contar essa história de mais um feminicídio ou de mais um caso de violência, como é que a gente vai contar essa história para as pessoas que nos assistem. Então eu me sinto nessa dualidade em que eu quero estar e estou sempre próximo da minha equipe, até porque eu venho, eu era editor, depois editor executivo, e agora que eu sou editor-chefe da mesma ninhada que os editores que estão aí. Então, assim, tipo, há essa ligação aí. A minha maior preocupação é não transparecer alguma coisa negativa, o que, no meu caso, às vezes é bastante difícil que eu sou uma pessoa que fala as coisas, eu falo demais, desculpe, mas eu falo demais. Então às vezes sai as coisas que talvez eles não deveriam saber, talvez não motive” (Entrevista com o editor 1 - Dia 24 de julho de 2019).

A redação oscila entre calma e agonia, essa rotina repete-se diariamente e pode ser sentida em qualquer redação, seja com mais atores ou não. O que se entende é que a redação neste momento é uma representação de como os sujeitos se percebem como integrantes indispensáveis na composição da rotina da redação. A posição de alerta é uma forma de comunicação e relacionamento entre os integrantes da rede, e, esse movimento pode ser traduzido por: minimização de riscos e gestão de tempo.

Esse segundo **dispositivo de temporalidade relacionado a atenção total** pode ser definido por: período de tensão, ajustes nos formatos que ainda estão sendo feitos, atenção total na coordenação das atividades desempenhadas por outros profissionais, decisões ainda são tomadas em comum acordo, com mais jornalistas envolvidos na operação, redação mais barulhenta.

A tarefa do editor-chefe é ir administrando os problemas, o que ele vai fazer negociando algumas questões, como o andamento de matérias com a reportagem, o tempo do jornal com a técnica - se ele entender que o jornal não

vai cobrir todo o tempo que lhe cabe na programação, ele deve alertar a coordenação técnica para que ela comece a se preparar (VIZEU, 2003, p. 105).

Neste momento, como pesquisadores, ficamos um pouco apreensivos e com um certo receio de estar atrapalhando. O clima no ambiente é de nervosismo e alerta, e tomamos cuidado para não interromper e nem incomodar nossos interlocutores. Apenas observamos e seguimos com os registros no diário de campo. A linha da morte está próxima e os jornalistas precisam se preparar para o embate. Os ânimos se alteram ainda mais, a segunda onda de tempo está chegando ao fim, cederá espaço para o próximo dispositivo.

Ponteiros do relógio marcam 11h e 10 minutos. Se a redação estava agitada antes, ela começa agora a entrar em ebulição. Exatamente neste momento que começa uma corrida contra o tempo. Uma checagem intensa das páginas abertas no *software* de fabricação do telejornal, da situação dos repórteres nos locais combinados para a entrada ao vivo. Chegou a hora da conferência. É preciso estar ciente de todo o processo. O **editor 1** toma à frente deste procedimento. Estamos no **dispositivo de temporalidade relacionado a checagem geral**. Nosso terceiro dispositivo chega depois de outros dois bem intensos e relativamente longos. Por sua vez, este dispositivo é breve. Ele não demora muito na redação. Não existe muito tempo para o seu desdobramento. Estamos há cerca de 35 minutos do início do telejornal e essa onda de tempo é bastante comum nas redações. Ele faz parte do *habitus* internalizados pelos jornalistas. Uma forma de certificar que todo o processo está caminhando dentro do planejado. O **editor 1** e o **editor 2** estão completamente absortos em finalizar o espelho, bem como os demais editores da equipe. Mesmo quando os nossos interlocutores afirmam que conseguem obter certa tranquilidade com o auxílio da tecnologia, eles precisam de um marcador interno para que tenham tempo hábil de acionar os recursos tecnológicos quando for preciso. Não é correto subestimar o processo. Vale destacar que em determinado momento durante o desenrolar deste dispositivo, já no segundo dia de observação, tentamos esclarecer uma dúvida com o **editor 2** e ele não respondeu. Acreditamos que ele não ouviu a pergunta de tão nervoso e agoniado que estava com a passagem desta faixa de tempo pela redação.

Ao longo deste dia, em específico, o **editor 2** repetia que estava com poucas atribuições, mas ao se aproximar do *deadline* ele entrou em uma condição de sobrecarga física e emocional. Não é fácil lidar com a pressão. O nosso interlocutor passou a ignorar todos a sua volta e com olhar fixo para o monitor do computador, abria e fechava as páginas para checar se faltava alguma informação: créditos, orientações, contagem de tempo e entre outras coisas. Sentimos que esse procedimento é importante para reestabelecer a calma interna.

Durante o desenrolar deste período são tomadas as decisões de última hora e o **editor 1** começa a se preparar para se deslocar para outro espaço - o *switcher*. Os sentimentos são misturados agora: agonia, euforia e também prazer. Nas trocas entre eles, há sempre o discurso de que o dia está muito difícil, complicado e nervoso. Antes de se dirigir para o *switcher*, o **editor 1** muda, corrige e reescreve as páginas referentes as matérias que formam o Jornal do Almoço. O noticiário mesmo estando todo escrito e presente em aplicativos ou aparatos tecnológicos sem fio, a exemplo de *tablets*, *smartphones*, ainda há a presença de métodos analógicos como a impressão de todas as páginas do telejornal. O que significa uma repetição de atos que dão segurança. Mesmo com tanta cautela, como o processo final de produção depende da tecnologia, é certo que os problemas técnicos apareçam e por isso é preciso se precaver. O **editor 1** controla tudo de perto, inclusive a escalada, em constante contato direto com os integrantes da equipe técnica. Quando questionados sobre seus perfis diante desse processo de condução da redação, o **editor 2** disse que se via como um controlador, já o **editor 1** se apresenta como conciliador.

“Sou mais controlador. Eu tenho controle porque com o tempo a gente normalmente tem já um deadline na cabeça, tu tem como fazer isso. E pra evitar os atropelos porque eu já passei situações do VT entrar em segundos ali, minutos antes de ir pro ar, ficar online. Então eu me vejo um pouco controlador porque eu fico no pé do repórter. Então a gente também tem lá o deadline aqui [na cabeça], tu entra no primeiro bloco, tu tem meio, mais ou menos, que te organizar. Claro que nem sempre eles conseguem cumprir, daí depois a gente tem que dar uma corrida na edição e a gente tem editores de imagem super bons, sabe? Então tem que ter agilidade. Não é um trabalho que tu possa aqui ficar pensando. Quando os VTs não são pro dia, sim, tu pode pensar em edições mais legais, pensar em recursos. Mas pro factual, a gente, sim, tem que apurar as informações, elas têm que entrar corretas no ar, entendeu? Às vezes tem coisas que tu deixa pra atualizar na cabeça se são informações que tu vê que podem mudar ao longo da manhã pra tu poder pelo menos adiantar a edição do VT do material que tem. Às vezes vem muita coisa do “Bom Dia”, a gente também já avalia e vai trocando com o repórter pra ver o que que pode aproveitar, o que que dá pra evoluir dali. Mas eu fico sempre de olho no tempo” (Entrevista com o editor 2 - Dia 24 de julho de 2019).

“Eu sou conciliador e motivador, no sentido, assim. Eu quero que as pessoas saiam de casa, as pessoas acordam mega cedo, o trabalho não é bonitinho, tem dias que é muito difícil. A gente lida com frustração diariamente, do erro de português, do erro da informação, da cobrança, do “por que vocês deram isso?”, “por que que vocês deram isso assim?”, que é natural do nosso negócio. Então, assim, trabalhar em televisão é lidar com frustrações diárias. E com alegrias diárias. Então eu tento fazer o possível pra que as pessoas percebam que elas trabalham no melhor programa de televisão do Rio Grande do Sul, na melhor emissora de televisão do Rio Grande do Sul, com os

profissionais mais qualificados do Rio Grande do Sul. E eles não trabalham com os profissionais mais qualificados do Rio Grande do Sul, eles são parte da equipe que é a mais qualificada do Rio Grande do Sul. Então eu tento fazer com que eles percebam isso e a amizade que se forma a partir disso. Eu não sou uma pessoa fácil, qualquer pessoa vai te dizer isso. Eu não sou. Eu brigo, eu sou uma pessoa muito emocional, enfim, eu brigo bastante com as pessoas. Mas ao mesmo tempo eu acho que a gente conseguiu, com a ajuda de todos e com o meu jeitinho, construir esse programa” (Entrevista com o editor 1 - Dia 24 de julho de 2019).

A certeza dos sujeitos da redação é que o Jornal do Almoço precisa sair como planejado. Cada personagem ocupa seu espaço físico e sua posição simbólica para desenvolver sua função adequadamente. É notável que eles não se comunicam muito, não existe um diálogo intenso entre os editores. Estão muito concentrados. Como se esse momento fosse o definidor de tudo que está por vir e errar nessa fase poderia potencializar os problemas. Já estamos há pouco mais de 15 minutos do telejornal. Os sujeitos responsáveis pelas operações técnicas também apresentam agitação, é necessário que eles estejam alinhados com a equipe do jornalismo. O diretor de TV já entra em contato com o **editor 1** e com o apresentador do telejornal e o apresentador da previsão do tempo. Estes, precisam definir estratégias, organizarem a escalada e afinar o que for preciso para o JA que entra no ar em poucos instantes.

Durante todo o desenrolar deste dispositivo há uma fixação por conferir as páginas já escritas do telejornal. O ritmo de checagem é até frenético. Tudo é revisado: ‘deixas’ de reportagens, trocas de apresentação, interação com os telespectadores. Esse modelo de condução traz aflição e apreensão. O *deadline* chegou. Ele é uma realidade e os profissionais precisam enfrentá-lo, venha ele com problemas ou não. As decisões são consolidadas em poucos minutos e segundos. O tom de voz aqui é outro. Não pode existir gritaria e nem afobamento. Domínio próprio é essencial na condução da operação técnica. Os erros seriam julgados como consequência de uma comunicação tumultuada, em que os ruídos só atrapalham. E, ninguém quer isso. Este dispositivo dá lugar sutilmente ao próximo. O **editor 1** assumirá o controle de um novo local. Lá ele passará a função de maestro.

Cinco minutos para o Jornal do Almoço começar e o **editor 1** transfere-se para o outro ambiente que não é a redação. Na RBS TV, a ida para o *switcher* é por algumas escadas e o **editor 1** tem acesso ao local por uma porta auxiliar. No primeiro dia ele nos conduz. Já nos dias seguintes, ele acredita que já sabemos o caminho e só nos avisa para subir e encontrá-lo lá. Ao chegar no novo ambiente, temos um espaço muito bem equipado com vários monitores, tudo informatizado e digitalizado. Além de todos os integrantes da equipe técnica já a postos: editor

de TV, gerador de caracteres, supervisor de áudio e outros, ainda tem reservado duas salas mais afastadas em que ficam os editores auxiliares para condução das entradas ao vivo.

Figura 3 - Switcher da RBS TV



Fonte: Registro feito pela autora.

Geralmente há um revezamento entre os editores da equipe. Logo no primeiro dia, quem assume uma das cadeiras de orientação dos vivos é o **editor 2**. Ele nos explica sua presença. Diz que seriam muitas atribuições para o **editor 1** conduzir durante o JA, então ficou acordado entre a equipe que para facilitar os trâmites com os repórteres durante os inúmeros *links* do JA, que outros editores conduzissem essa orientação, que geralmente é: de quanto tempo falta para entrar, qual a paginação, cobrar a presença do entrevistado, afinar o tempo e etc. Assuntos técnicos e jornalísticos. O **editor 1** não cobra diretamente do repórter e sim de quem está orientando o repórter. A sensação é de bom gerenciamento do tempo e da equipe.

As instruções dos editores aos sub-editores e repórteres colocam uma estrutura temporal ao jornalista. Cada contribuição individual para um boletim surge da experiência de trabalhar de acordo com um constrangimento temporal, pois o jornalista sabe que sua “peça” é apenas uma parte de um *time-slot*, e não pode ter nem uma duração exagerada nem uma duração reduzida, pois poria em risco o equilíbrio global do boletim. Na prática, nem todas as “estórias” ficam estaticamente com a sua duração inicial (SCHLESINGER, 2016, p. 255).

Já instalado no *switcher*, percebemos a chegada de uma nova onda de tempo. Foi acionado o **dispositivo de temporalidade relacionado a tensões e orquestramento**. Aos poucos todo o processo se encaixa e as operações técnicas vão dando certo e os sentimentos outrora relacionados a preocupação e ansiedade vão dando lugar ao prazer e contentamento. O **editor 1** permanece revisando o espelho do telejornal e somado a isso ele combina detalhes com o apresentador e repassa tudo para a equipe do estúdio e a da técnica que está ao lado dele. Com a repetição da prática, há uma internalização do *habitus*, os integrantes da técnica já agem com muita segurança. Tem nos movimentos a certeza do que deve ser feito e a condução técnica do jornal aparenta ser só mais uma. Para Bourdieu (2009), este *habitus* deve ser definido da seguinte maneira.

Os condicionamentos associados a uma classe particular de condições de existência produzem *habitus*, sistemas de disposição duradouros e transponíveis, estruturas estruturadas dispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações que podem ser objetivamente adaptadas ao seu objetivo sem supor visada consciente de fins e o controle expresso das operações necessárias para atingi-los, objetivamente “reguladas” e “regulares”, sem ser em nada o produto da obediência a regras e sendo tudo isso, coletivamente orquestradas sem ser o produto da ação organizadora de um maestro (BOURDIEU, 2009, p. 87).

O movimento não é só mecânico, mas aos olhos dos observadores parece ser bastante fácil para aqueles que fazem essa condução todos os dias. Os integrantes do *switcher* e os jornalistas tentam deixar o ambiente descontraído, para aliviar a tensão. Apesar de ninguém falar nada sobre esse momento em particular, há uma preocupação com os rumos do JA. Por demandar muito trato com as produções ao vivo, não há como corrigir um eventual erro. É preciso ter domínio das operações técnicas e do discurso telejornalístico caso algo fuja do controle. Em conversa particular com o **editor 1**, ele lembrou que na semana anterior à nossa pesquisa, o *tablet* usado pelo apresentador na condução do JA caiu no chão e quebrou no meio do telejornal.

“Foi inevitável. Viramos piada nas redes sociais e a gente teve que lidar bem com isso. Eu sempre digo, muitas vezes o erro aproxima. Aproxima o JA do nosso público. Mas, existem erros e erros, né? Minha preocupação é com erros de informação” (Entrevista com o editor 1 - Dia 24 de julho de 2019).

O **editor 1** demonstra muita familiaridade com o espaço do *switcher*. Ele aparenta estar aliviado por ter chegado nesta fase do dia. Adaptado ao novo espaço, a figura do profissional

age como maestro, guia tudo e todos pelo JA, que vale salientar foi inicialmente elaborado no íntimo dos seus pensamentos e tomou forma pelas mãos de toda a equipe.

11h e 45 minutos, Jornal do Almoço está no ar. Silêncio e atenção para a entrada da escalada ao vivo. Quando é preciso interagir entre eles, o tom de voz sempre é elegante, cordial e tranquilo. Os blocos do telejornal são grandes, com muitas entradas ao vivo, reportagens longas e interação com o apresentador. Este por sua vez, segue à risca tudo o que foi previamente combinado com o **editor 1**. O modelo de trabalho do **editor 1** é centralizado em administrar situações de risco, afinar o tempo com o controle de programação e o JA vai saindo como planejado.

A figura do **editor 1** chama bastante atenção na passagem deste dispositivo de temporalidade. Ele toma decisões individualmente e a tensão de preparação é revestida por uma tensão relacionada a exibição. Ele assume um jeito mais espalhafatoso. Não consegue ficar sentado, se movimenta bastante, dando vazão a sua euforia. Fala sozinho o tempo todo, reclama dos entrevistados, pede para os editores que acompanham o vivo orientarem perguntas ao repórter, dá conta do *fade*, conversa com a coordenação de programação, combina com o diretor de TV enquadramentos diferenciados, aumenta o tempo das entradas ao vivo, conversa com o apresentador todo o tempo. Somado a isso, ainda confere a audiência em tempo real (em um monitor instalado bem à sua frente) e segue satisfeito. Em nenhum dos três dias de observação o JA perdeu na audiência para um telejornal concorrente. No rosto e nos trejeitos do **editor 1** há um semblante de deleite, de contentamento. Em ocasião posterior, questionamos se esta fase do telejornal representava algo para ele. Como resposta ele nos confessa que este é o seu momento preferido do dia.

“Quando o programa vai ao ar?. Quer dizer, é a parte que eu mais gosto de fazer, mas é a parte mais tensa do programa, não é nem minha, entendeu? É mais com relação a equipe técnica. Qualquer decisão equivocada, e elas acontecem todos os dias, causa um problema claro na apresentação do programa. É um VT que não vai entrar, é uma imagem que vai entrar no lugar errado, é o apresentador que vai ficar sem saber o que dizer naquele momento. Então, assim, sim, evidentemente, lá em cima no switcher, é a parte em que eu me comporto...Mas é uma parte que eu sou muito suscetível a comportamento ruim. Porque somos todos perfeccionistas, né? Então se acontece alguma coisa errada, às vezes eu me comporto com um pouco mais de revolta do que eu deveria ter” (Entrevista com o editor 1 -Dia 24 de julho de 2019).

Nesta fase, o processo produtivo depende agora não somente dos sujeitos jornalistas. É imprescindível que os recursos tecnológicos, os aparatos relacionados a internet e as conexões

sem fio funcionem em sua plenitude. Nos três dias acompanhando o JA, no segundo dia houve bastante tensão por causa das chuvas que foram o assunto do dia. A cobertura demandava muita estrutura técnica e no estúdio uma afinação entre os apresentadores tanto o do JA quanto do apresentador da previsão do tempo. Tudo saiu como planejado e com direito a muitas entrevistas e entradas ao vivo.

Figura 4 - Switcher da RBS TV em perspectiva



Fonte: Registro feito pela autora.

O **editor 1** é um coordenador de todas as operações de risco. Sua personalidade é forte e sua presença é animada. Não à toa, a música toca conforme suas orientações. Neste período é possível acontecer duas circunstâncias distintas: 1) Caso as situações fujam do controle do **editor 1**, ele precisa tomar a frente do problema e tomar decisões rapidamente, colocando em confronto o que se passa e todo o arsenal de regras, valores, normas e etiquetas do telejornalismo, repensar suas bases e o que deseja a chefia e realizar um novo arranjo do JA em poucos minutos. Ele também precisa acalmar toda a equipe técnica, para que eles sigam o seu comando; e 2) Caso tudo ocorra como planejado, o **editor 1** assume uma postura de contentamento e tranquilidade. O discurso motivacional neste dispositivo de temporalidade também é importante destacar. Bloco a bloco, tanto o **editor 1** quanto a equipe técnica repetem: “*Tudo sob controle*”; “*Calma, pessoal, tudo está dando certo*”; “*Atenção*” e “*Parabéns, tudo saiu como planejado*”. A comunicação por meio da oralidade só expressa o quanto a pressão está terminando por hoje. Ao fim, com erros e acertos, a certeza que o *deadline*, foi, de fato, vencido.

Mesmo com os créditos do telejornal subindo na tela, o dispositivo de temporalidade não termina junto com o jornal. Depois da tensão e da orquestra que é para colocar o JA no ar ainda surge outro momento que às vezes pode ser de alívio ou pode trazer algum desassossego. A reunião de avaliação dispara um novo dispositivo - o de preparação para o dia seguinte.

Respiro de alívio. Ao fim do telejornal, o relógio marca 12h50. O JA terminou e mais um *deadline* foi cumprido. Entra em cena o **dispositivo de temporalidade relacionado ao planejamento do amanhã**. O dia seguinte tem um papel importante e por isso é discutido obrigatoriamente no hoje. Como em um processo circular este dispositivo é o pontapé do primeiro dispositivo de temporalidade que apontamos: o de preparação/adequação. O planejamento é iniciado com uma avaliação do que se passou na edição do dia do Jornal do Almoço e por isso, a necessidade de uma roteiro, mesmo que seja mínimo para o dia seguinte, na busca de minimizar ainda mais os erros. O **editor 1** reafirma como é percurso da notícia e porque esse processo circular é importante para a equipe.

“No dia a dia, o trato com a notícia vai variar. Se existe uma notícia que tá mais pegando naquele dia, a decisão é óbvia, a gente vai abrir com isso, vai colocar no programa. Agora se a notícia não é a coisa que tá mais pegando naquele dia, porque ela não tem acho que algum charme, alguma penetração maior, alguma atração maior para o público, é uma notícia mais comum, porque tem dias que são assim, talvez eu opte por alguma outra coisa. É um programa que se permite abrir com música, é um programa que se permite abrir com serviço, que se permite abrir com tempo, com notícia, é um programa que te permite variações para surpreender as pessoas que estão nos assistindo, e é isso que a gente tem buscado. A formatação do espelho tem me levado mais tempo. E ela fica pronta entre 8 e meia, 9 horas, que é o tempo que a gente vai ter pra efetivamente fazer o programa. Feito o programa, que tu acompanhou, enfim, cada editor vai fazer alguma coisa. Eu geralmente fico ali fechando, vendo o que tem de notícia, né? O programa vai pro ar, né? A gente coloca o programa no ar. Geralmente não tem muito problema em relação a isso. Uma nota pessoal, que eu não canso de repetir, colocar o Jornal do Almoço no ar é a coisa que eu mais gosto de fazer, é estar lá em cima colocando o programa. E depois que nós colocamos o programa, nós viemos para essa reunião que avalia um pouco, mas principalmente projeta o dia seguinte. E daí o ciclo, ele fecha. Eu entendo que pra que o programa saia todos os dias, temos que cumprir essas etapas. Começa no dia anterior e volta pro dia seguinte, que é o dia anterior do novo ciclo e assim sucessivamente. É sem fim o processo. É circular” (Entrevista com o editor 1 - Dia 24 de julho de 2019).

Este dispositivo de temporalidade possui uma carga alta de subjetividade. Notamos que ele surge assim que a última notícia está no ar, já bem próximo do encerramento. Por ter um perfil mais espalhafatoso, mais histérico (como ele mesmo se define), o **editor 1** anota e comunica a todos o que vai levar para a reunião de avaliação. Frases como “*Vamos rever isso*

hein, gente”; “Não gostei da condução do repórter neste vivo. Vou falar com ele na reunião”, são ditas normalmente ainda no ambiente do switcher. E, os outros presentes no espaço também contribuem: “Na reunião de hoje poderíamos discutir um jeito de afinar mais essa escalada”, “Vamos rever esse estilo de chamada?”

A reunião de avaliação é realizada com todos da equipe: apresentadores, repórteres, produtores, editores e se a equipe técnica quiser, também participa. Ela acontece em um outro ambiente dentro da redação. Uma sala de reuniões oficial. No local, um computador com acesso ao *Inews*, onde o **editor 1** conduz a conversa entre os participantes e já vai abrindo as retrancas para o dia seguinte. Os aparatos técnicos não são tão mais importantes neste momento, o diálogo é o recurso mais utilizado entre os sujeitos. A tensão já está amena e há um clima de harmonia, que se estabelece independente de tudo ter corrido normalmente ou não. Julgamos que este dispositivo de temporalidade relacionado ao planejamento do amanhã é confuso por natureza, os sentimentos se sobressaem por causa dele - se algo saiu errado é transmitido pela linguagem neste momento- se tudo saiu como planejado, euforia e satisfação fazem parte das discussões. Percebemos que ele funciona como um procedimento de minimização dos riscos. Antecipa os temas que podem ser trabalhados e uma reorganização do Jornal do Almoço, a partir de avaliação de pontos fortes e fracos do dia. Porém, este dispositivo de temporalidade em si traz muito menos impacto do que todo o processo anterior. Ele é a completude da rotina. Tudo começa e se acaba nele.

Este momento, como afirmado antes, é circular e contém em seu interior críticas e sugestões. Definimos este dispositivo de temporalidade relacionado ao planejamento do amanhã pela clareza de orientação para o dia seguinte, de forma repetitiva e circular. Planejar o dia seguinte alarga o tempo de produção e demonstra organização da rotina da redação, para que a mesma não entre em colapso sem necessidade.

6.2.2 Editor 1 do jornal do almoço: "gestor" das temporalidades

A figura do **editor 1** do Jornal do Almoço nos inquietou durante a pesquisa de campo. Tanto que decidimos lançar um breve olhar sobre o seu perfil³⁸. Vamos situar um pouco sobre quem é este personagem e como ele se estabelece como o "ser profissional" da redação. Para começar, ele é, de fato, o sujeito que lidera todos os outros, inclusive os demais interlocutores

³⁸ Repetimos o mesmo modo de análise com o **editor 1** do NE 1

da pesquisa. Em uma observação fria, ele domina a redação. Joga em todas as linhas. É um exímio entendedor do jogo do telejornalismo.

Orienta o processo da rotina da redação e guia os outros jornalistas que convivem no espaço social. Age com bastante experiência na condução do telejornal. Em entrevista, nos contou que já está na RBS TV há 20 anos, o que lhe confere conhecimento suficiente para agir como um gestor. Esta persona está ligada a um cargo gerencial. Por mais que atue na vida cotidiana com o telejornalismo, ele assume um código postural mais burocrático, tendo que administrar uma equipe relativamente grande, alinhando o que pensa a chefia, o que é relevante dos valores do telejornalismo e mantendo a postura de um coordenador da ação prática do Jornal do Almoço. Ruellan (2017, p. 16) em sua discussão sobre o "ser profissional" ressalta que “ (...) ao observar e analisar as determinações sociais, é necessário sobretudo tentar compreender como os indivíduos submetidos a essa ordem se servem dela e se libertam dela”. Trabalhamos no sentido de traçar os dispositivos de temporalidade, mas tratar sobre o dispositivo nos ajuda a pontuar suas falhas, fissuras e personagens que o transformam e lhes confere a potência que está abrigada em sua subjetividade.

Como a rotina da redação é condensada em ondas ou marcas temporais, há uma subjetividade por trás disso. Um misto de sentimentos de prazer, agonia, euforia, tranquilidade, inquietação, preocupação e contentamento. E essas emoções são personificadas no **editor 1**. Todos estes altos e baixos são proporcionados pela influência da pressão do tempo e mais que isso, são contraídos pela certeza da informação como algo precioso e valioso. O **editor 1** mantém-se, na maioria das vezes, em posição de alerta para decidir o jogo tão logo for convocado. Ele precisa do apoio coletivo no enfrentamento da rotina, mas não descarta a individualidade da sua função. Quando precisa se ausentar do ambiente da redação, os demais editores não atuam sem o seu consentimento. Seguem o que lhes foi pedido. A coordenação plena do telejornal é assumida naturalmente por ele e todos os demais seguem à reboque. Os dispositivos de temporalidade quando disparados são sentidos por todos, mas é o **editor 1** que precisa manuseá-los com cautela. É necessário uma compreensão dos códigos deontológicos da profissão para dar ordem ao discurso e também a prática.

“A parte de condução do JA que particularmente me deixa mais tenso é: quando eu tô montando o jornal pela manhã, mais cedo. É a parte que mais me preocupa, ali pela manhã, porque realmente...é uma largada e é uma série de decisões que eu estou tomando. Quer dizer, não tem mais ninguém na empresa tomando elas e eu estou tomando essas decisões. E, claro, é pra isso que eu ganho, inclusive. É tenso no sentido de que, será que eu estou fazendo as escolhas certas, né? E todos os dias tu vai repetir essa mesma pergunta pra

ti mesmo. Será que eu tô fazendo essas escolhas certas? E é importante que tu te pergunte isso porque é o que vai garantir que a maioria delas, pelo menos, seja certa. Significa que tu te importa com as escolhas que tu tá fazendo” (Entrevista com o editor 1 - Dia 24 de julho de 2019).

O **editor 1** diariamente lança as provocações dos formatos da notícia para os integrantes da equipe do Jornal do Almoço, é um revisor voraz (revisa páginas e todo o material preparado para o JA), coordena o tempo, inclusive o dos demais editores e se ocupa de lembrar em vários períodos da rotina os temas que estão sendo trabalhados para aquele dia e qual é a modelagem do programa que deve ser seguida. Tem a consciência da linha editorial e do que pode servir como um constrangimento profissional. Como função assumida por este perfil de sujeito -jornalista, o **editor 1** apresenta-se da seguinte forma:

- * Jornalista profissional experiente
- * Gestor
- * Ocupante de uma posição de liderança e de ligação com os cargos gerenciais da emissora

Quando perguntado sobre como se comporta quando não está trabalhando, o **editor 1** confessa que é difícil se desligar, mas que hoje, os anos de experiência lhe deram um pouco mais de calma para lidar com as questões da rotina da redação. O depoimento nos remete ao que Travancas (2011) aponta sobre a dificuldade dos jornalistas de separar o perfil profissional do plano pessoal. O processo é uma construção e é necessário uma compreensão do papel e função desempenhados dentro do contexto das rotinas da redação e da relação com a organização empresarial de mídia.

“Isso é uma construção. Eu trabalho nesta função como editor 1 do Jornal do Almoço há um ano e meio. Eu faço dois anos em abril de 2020, então é, tá, um pouco menos de um ano e meio. Então é super recente pra mim, tá? Quando eu peguei essa função, eu realmente era 24 horas essa questão de edição. Eu acho que era 24 horas por vários motivos. Porque é um pepino bastante grande, é um programa bastante grande, é um programa muito importante para as pessoas que o assistem e pra empresa que o produz. Então, é claro que eu não ia deixar, eu tinha que aprender para poder relaxar. Antes de tu poder desconstruir a tua rotina e desconstruir algo que tu tá fazendo, como um jornal, tu tem que saber muito desse jornal e dessa rotina, senão tu não desconstrói, senão tu continua pisando em ovos ali e faz muito bem em fazê-lo. Porque depois que se estourar um pepino é a tua carreira e o teu comprometimento com a empresa e com o jornal que tão em jogo. E ninguém quer isso, né? Então, assim, eu chegava, eu revia, eu via. E tem aquele

maravilhamento também de tá começando uma função nova, um desafio novo e que tu não quer largar isso porque também te dá prazer. Mas ao longo desse período eu percebi que, sim, o desligamento é necessário. Faz parte da tua estratégia de trabalho. Sem esse desligamento, e às vezes é um desligamento total, varia de dia a dia. Se eu tenho uma jornada que foi particularmente pesada, ou por alguma relação de trabalho ou por algum factual, eu tendo a chegar em casa e desligar completamente. Eu não quero mais saber, porque eu quero dormir, eu quero descansar, eu quero pensar em outras coisas. Porque senão realmente é um problema, eu não vou resolver o problema e eu vou continuar com a angústia e eu vou produzir um novo programa no dia seguinte. Mas num dia mais normal de trabalho, eu não tenho mais uma coisa determinada. Eu chego em casa, eu cuido das minhas coisas, eu cuido da minha vida. De repente no final da tarde, eu vou abrir meu e-mail, eu vou ver o que está acontecendo. Eu fico com meu Whatsapp aberto o tempo todo, então eu continuo de alguma maneira trabalhando com a produção e com os outros editores em relação ao JA, mas é muito mais leve” (Entrevista com o editor 1 - Dia 24 de julho de 2019).

Em um determinado momento da entrevista, fizemos um elogio por sua atuação na condução do telejornal. Ele relata sua caminhada como ocupante desta função. Trata com moderação a ideia de que é um gestor que precisa motivar sua equipe. Como é sua responsabilidade o trato com os demais integrantes do JA, o **editor 1** é cauteloso na condução desta fase. Ela é tão importante quanto as outras que foram disparadas pelos dispositivos de tempo. Tem a ver com as relações entre os sujeitos e isso desembarca no trabalho final realizado. Preservar a clareza da comunicação entre os integrantes do grupo faz parte do *métier* jornalístico e contribui para a construção de um ambiente com rotinas saudáveis. Nem sempre é assim, mas é preciso consciência dos envolvidos para a tentativa.

“Quando eu tô lá em cima colocando o jornal no ar é difícil eu acompanhar. Primeiro porque eu faço muita coisa durante a entrada do JA. Mas também porque naquele espaço tu tá pensando em como deve executar, tu tá olhando com outro olho, não só o de jornalista profissional que coloca mecanicamente um telejornal no ar. Entendeu? Às vezes eu sinto falta de olhar também, de parar pra ver o conteúdo. Porque às vezes eu chego e assisto ao programa novamente em casa, que é justamente pra me dar esse olhar. Pra que eu possa...ter uma certa reflexão. Revejo coisas que eu achava que tinham ficado super ruins, mas depois de assistir novamente eu acabo tendo um outro olhar sobre elas. Até antigamente eu dava retornos muito imediatos pros editores e repórteres. Eu prefiro agora assistir em casa pra poder dar o retorno porque a impressão muda completamente. Então é bom ouvir esse tipo de retorno porque nos dá uma alegria, porque é pra isso que a gente trabalha” (Entrevista com o editor 1 - Dia 24 de julho de 2019).

Desvelar brevemente a persona do jornalista profissional que está a frente das rotinas da redação nos dá subsídios para entendimento deste modelo adotado para análise, a de

compreensão dos dispositivos. Colocamos em confronto a personalidade do **editor 1** com a rotina na qual ele estava inserido. Os elementos que estão sobrepostos nesta rede heterogênea dão ordem ao espaço social, dão significado. Só assim, é perceptível a presença de uma temporalidade que tudo rege e enquadra.

Na verdade, o dispositivo é a possibilidade de colocar em relação discursos heterogêneos que ao final, criam uma ordem social. As ferramentas, os espaços, as tecnologias falam, mas também falam os atores implicados nesse processo, as mídias, as leis, as instituições de controle, as regras das empresas, os pesquisadores que estudam os jornalistas; tudo, *colocado em rede*, termina por desenhar uma ordem do discurso que determina a estrutura social (RUELLAN, 2017, p. 17) [Grifo do autor].

A rigor, a deontologia da profissão apresenta-se como um quadro normativo em que se deve permitir que cada sujeito possa associar opiniões pessoais às questões sobre o processo prático. É importante que cada jornalista que assume esse posto de profissional agregue aos códigos suas impressões pessoais, com soluções, observações e modos de operacionalização, pois diante de situações, mesmo que idênticas, de modo algum o jornalista profissional agirá da mesma forma, pois o contexto, a percepção e os constrangimentos nunca serão iguais.

6.3 O NE 1 E SEUS DISPOSITIVOS DE TEMPORALIDADE

O segundo telejornal pesquisado foi o NE 1 da TV Globo Nordeste, emissora situada em Recife, capital de Pernambuco. A Globo Nordeste foi fundada em 1972 pelo empresário Roberto Marinho. À época, a emissora foi criada com o intuito de aumentar a cobertura da Globo nesta região, que só contava com emissoras afiliadas. Hoje, 48 anos depois, possui modelo de trabalho completamente digitalizado e atende o estado de Pernambuco, além de ser um pólo que reproduz os valores e a missão da Rede Globo.

Realizamos a pesquisa de campo na redação do NE 1 entre os dias 15 e 17 de outubro de 2019. Dois meses e meio depois da observação realizada no Jornal do Almoço, no sul do país. O NE 1 já se chamou NETV 1º edição e também NE 1º edição. Hoje é conhecido por ser NE 1. Passou por reformulações em seu pacote gráfico e modelo de apresentação. Em 2018, a emissora também mudou de local, está situada agora no bairro de Santo Amaro, no centro do Recife. Assim como na experiência anterior, também fomos bem recebidos e tivemos como autorização apenas três dias para a pesquisa. Foi acordado com a chefia da emissora que os pesquisadores deveriam chegar por volta das 8 horas da manhã. Como combinado, assim foi feito.

Logo no primeiro dia, como sabíamos da necessidade de identificação e autorização oficial para a entrada, chegamos uma hora antes, por volta das 7 horas da manhã. Foi necessário um pouco de paciência para a realização dos trâmites. Algo que demorou em torno de uma hora e meia. Fomos recebidos por um dos produtores do NE 1, que ficou encarregado de apresentar a estrutura da emissora e também a da redação. Passado o momento inicial da burocracia de acesso, fomos posicionados na redação, ao lado do **editor 1**. Como o espaço físico é muito grande, não seria prudente sermos alocados em um lugar mais afastado. Uma cadeira foi posicionada na mesma mesa do **editor 1** e ocupamos este espaço pelos próximos três dias.

Diferente da emissora anterior, nenhum personagem da redação se interessou pela nossa presença. Parecia que todos já tinham sido avisados previamente. Não houve questionamentos e muito menos confusões. Ao que percebemos, eles não agiram de modo diferente do habitual, seguiram com suas obrigações como se ignorassem a presença de um pesquisador. De fato, muitas questões podem ser levantadas com este episódio. Uma delas é que a visita de pesquisadores na Globo Nordeste é tida como comum, por ter uma influência muito grande na região e ser um braço da Rede Globo, a emissora é alvo de muitos trabalhos científicos de variadas áreas do saber. Acreditamos que este tenha sido o motivo principal. Costume com as práticas de pesquisa.

Como demoramos um pouco para a entrada, no primeiro dia chegamos com a reunião de planejamento já em vias de terminar. O **editor 1** negociava com outros editores sobre como imaginava o espelho do jornal. Após essa afinação entre a equipe, ele nos pede para explicar a pesquisa. Fizemos uma breve apresentação e na interlocução ele nos confessa que é bastante ligado a gestão de tempo do telejornal. Um tema que o preocupa e o faz criar parâmetros internos de organização. Para exemplificar rapidamente sua percepção e modelo de trabalho, o **editor 1** explica a montagem do espelho do dia e fala dos formatos escolhidos. Percebemos que a prioridade é das tratativas ao vivo. O NE 1 possui três pontos de *link* e que são espalhados entre os blocos, tratando de vários temas distintos.

A equipe do NE 1 não é tão grande quanto a do Jornal do Almoço. É constituída da seguinte forma: Um editor-chefe, um chefe de reportagem, um apresentador, três editores assistentes, três editores de imagem, dois produtores e cinco repórteres contando com alguns que fazem também o Bom Dia PE. O telejornal vai ao ar ao meio dia e o tempo de produção é 57 minutos líquidos. De acordo com a paginação do dia do **editor 1** é que será possível ver se serão três ou quatro blocos. Em uma conversa informal com o **editor 1** ele nos confia que assumiu o NE 1 no mês de agosto, então só estaria nesta função há dois meses e ainda segue se

acostumando com o formato e o modelo. Por isso, dispensa tanto valor às rotinas da redação, uma forma de minimizar os erros e amenizar a insegurança.

Na seção seguinte vamos expor hora a hora o disparo dos dispositivos de temporalidade na redação do NE 1, diferentemente de como fizemos no Jornal do Almoço, vamos indicando quando eles já estão em cena e como os personagens lidam com eles. Como se trata de uma outra redação, de um telejornal distinto e com interlocutores diferentes é preciso fazer esse processo de interpretação, mesmo que os dispositivos se apresentem no mesmo período do tempo-relógio. A percepção e os constrangimentos não são os mesmos, bem como o modo de atuação dos sujeitos.

6.3.1 NE 1 hora a hora

A reunião de largada realizada pelo **editor 1** começa por volta das 8 horas da manhã. Às 7h30 todos os editores e produtores do telejornal já se encontram na casa. A reunião de planejamento acontece entre a equipe de jornalistas, e funciona basicamente como uma explicação de como o espelho do telejornal está sendo arquitetado. Cada um dá uma sugestão de temas e de como está a cidade no dia. Geralmente, o **editor 1** pede bons temas para serem tratados ao vivo. **O dispositivo relacionado ao planejamento e adequação já foi acionado.** Em seção anterior, relatamos que o **editor 1** não ocupava esta função há muito tempo, então essa situação lhe inflige uma certa agonia, por isso este interlocutor chega bem mais cedo à redação que todos os outros personagens do telejornal. Seu horário de chegada oficial seria às 7 horas da manhã. Mas, ele prefere chegar antes desse horário, por volta das seis horas da manhã, já para acompanhar o Bom Dia PE e ter uma percepção do que é notícia na manhã e o que pode ser interessante para o NE 1.

“Então, eu chego antes das 7h. Tem dias que um pouco antes, tem dias que bem antes. E aí eu tenho o primeiro contato com quem tiver na chefia de reportagem. Que é pra saber o que tá sendo feito até pro “Bom Dia” pra ver se tem alguma coisa que possa interessar pro “NE1”. E também pra ver se o que a gente estava prevendo no dia anterior se mantém, o que é que vai ser “volta”, o que que a gente só vai usar no outro dia ou... e também pra ver se aconteceu algum factual pra gente ir ajustando. Então esse primeiro contato eu tenho com a chefia de reportagem, quem tiver. Aí nesse momento eu já tô meio que abrindo o espelho, a capa de pauta, pra ter uma noção do que tá acontecendo. Aí quando é às 7 e meia da manhã, sempre tento ser pontual, é quando a gente tem a reunião que a gente junta a chefe de redação, quem tá na chefia de reportagem, chefe de reportagem, quem tá com a pauta do dia, o pessoal da rede e os editores e produtores do “NE1”. E a gente vai passar um pente fino no que vai ser feito. É quando também eu dou a orientação pro editor do material que ele vai ter. Eu já sei mais ou menos, eu não coloquei no

espelho, mas eu já sei mais ou menos quem vai pegar cada material e aí eu vou explicando. “Ó, esse daí vai ser uma câmera aberta, esse daí pode ser um VT e tal, esse daí eu acho que a gente tem que pegar e falar de tal coisa” (Entrevista com o editor 1 - Dia 17 de outubro de 2019).

“Essa reunião, eu sinto que ela dá um norte não só pra mim, mas pra todos. Ela nos diz na prática o que a gente precisa fazer no dia. Ou então, o que cada um vai fazer na ilha de edição. Isso é importante demais. Ter sentido na minha atividade prática” (Entrevista com o editor 1 - Dia 17 de outubro de 2019).

É visível que o **editor 1** é preocupado com o tempo. Ele fica muito angustiado com a possibilidade de não aproveitar os espaços que ele tem. Como por exemplo, se ele pode chegar um pouco mais cedo à emissora para começar a pensar o jornal antes, não há porque não fazê-lo. Ele sente que precisa de margens de segurança. A sensação de estar se planejando bem e ocupando os espaços de tempo é que dão a firmeza para os instantes que estão por vir.

(...) É mais profissional estar no controle da ação do que ser vitimado pela cadência que, por vezes, tem que ser levada a cabo. Mas o fato de se sentirem vítimas, por estranho que pareça, é bem recebido, porque considera-se que isso é algo que os verdadeiros jornalistas devem experimentar: é o que a notícia faz sentir (SCHLESINGER, 2016, p. 262).

Assim como no Jornal do Almoço, essa reunião de planejamento gera certeza do que deve ser feito nas fases seguintes e ajuda o **editor 1** a ter uma dimensão do que terá pela frente. Em outra conversa com nosso segundo interlocutor, o **editor 2**, ele também afirma que gostaria de chegar mais cedo à redação. Mesmo que sua função não seja a da ponta, decisiva, mas diz que gostaria, pois como este personagem é responsável pela parte bruta da edição, sente que ao chegar mais cedo poderia ter um planejamento interno mais confortável.

“ Sabe o que eu mudaria na minha rotina? Talvez se eu chegasse 6 horas, digamos, eu conseguisse acompanhar o “Bom Dia” pra poder olhar pro “NE1” com mais calma. Tem dias que eu não sinto muita falta, só de vez em quando. Sabe, assim, tipo “aí, seria legal se eu tivesse chegado de 6 e meia para poder deixar isso pronto mais cedo, por exemplo” (Entrevista com o editor 2 - 17 de outubro de 2019).

Na montagem do espelho também há uma preocupação com o público. No NE 1 a situação não é tão confortável quanto a do Jornal do Almoço. É preciso jogo de cintura para conseguir manter o telejornal atrativo. Como há um instabilidade na percepção da audiência, lá o **editor 1** acompanha os índices também em tempo real, só que não por um monitor no qual

todos os integrantes da redação tem acesso. Essa conferência é feita via um programa de computador instalado no terminal do **editor 1**. No quesito tecnologia, é perceptível que as mudanças nas rotinas ocorreram em todas as emissoras, como na RBS. Há, de fato, uma solução do que antes poderia ser levantado como problema para o melhor andamento das rotinas da redação.

“Acompanho os índices de audiência VT a VT e isso também toma um pouco do meu tempo e da minha atenção. Se há queda de audiência em algum assunto, eu reduzo o tempo de abordagem e por outro lado, se há ganho e receptividade eu aumento o tempo que reservei para o assunto. É uma guerra infinita. Por isso que as entradas ao vivo me dão mais agilidade para tratar dessa questão” (Entrevista com o editor 1 - 17 de outubro de 2019).

Ainda de acordo com o **editor 1**, o público do telejornal é formado por idosos e por pessoas que estão em casa durante a faixa de horário e alguns temas são pensados para alcançar essa idade indicativa. Na região Nordeste há uma presença de telejornais policiais e há força nesse tipo de jornalismo mais relacionado ao sensacionalismo, por isso a dificuldade de telejornais tradicionais manterem uma audiência mais ativa e presente. Quando questionamos sobre a presença de factuais no espelho do telejornal, o **editor 1** nos confessa que por causa dos jornais policiais não tem como fugir, o primeiro bloco do NE 1 é sempre mais voltado ao factual e é reservado assim porque é necessário que o jornal tenha vigor para brigar com os concorrentes. Porém, como decisão editorial, preferem realizar o que chamam de “VT desconstruído”, quando dão prioridade a vivos e nota-coberta com imagens para ilustrar e sonoras soltas. Esse tipo de prerrogativa, segundo nosso interlocutor, é uma forma de garantir o material, manter-se presente na disputa por audiência, mas utilizando um estilo mais elegante. Esse tipo de decisão está entranhado nas práticas editoriais da emissora e os editores já estão habituados a essa situação .

Como o NE 1 entra no ar ao meio dia, o planejamento segue sereno até oito e meia, nove horas da manhã. O clima é de total tranquilidade e harmonia. O **editor 1** é um gestor e o organizador do telejornal.

“Depois dessa reunião, é quando eu vou me concentrar no espelho. E aí eu começo a pensar o que que eu poderia abrir, qual o assunto que eu vou abrir. E isso me demanda algum tempo. Porque, pra mim, não é só distribuir os assuntos. Eu imagino o que que é mais interessante, o que que uma coisa casa com a outra e tal. Então é um quebra-cabeça que eu vou montando e pra isso eu preciso de um tempo, de concentração nisso que eu tô fazendo. Também acontece de eu tô montando o espelho e eu ter que ligar pro repórter também pra dar uma orientação. O que é que tá na minha cabeça? O que que eu tô pensando pra aquilo ali?” (Entrevista realizado com o editor 1 - Dia 17 de outubro de 2019).

Os demais editores, inclusive o **editor 2**, seguem com o trabalho nas ilhas de edição, enquanto que o **editor 1** não se ausenta da redação nem por um segundo. Mexe a todo instante no computador, ele nos revela que sente-se confortável assim, gerenciando o espelho, fazendo as cabeças das reportagens, verificando deixas e ajustando entradas ao vivo e demais recursos. Utiliza-se da tecnologia para buscar imagens para ilustrar notas cobertas, revisa VTs diretamente de seu computador e organiza-se juntamente com o apresentador para deixar a escalada logo cedo pronta. Segundo ele, é uma atividade que lhe deixa seguro.

“Eu possuo uma rotina de tempo. Tenho tudo cronometrado na minha cabeça, sei exatamente quando devo virar a chave para me dedicar a outra atividade referente ao telejornal. Por exemplo, eu sei que é cedo, mas eu gosto, me sinto seguro, quando começo a fazer a escalada às 10h30 da manhã” (Entrevista com o editor 1 - 17 de outubro de 2019).

A redação da Globo Nordeste é muito extensa. Os telejornais tem seus espaços reservados e diversos gabinetes para trabalho. Porém, não tem muitos televisores espalhados. Apenas três. Um que fica ligado o tempo todo na Globo, um com várias telas menores divididas e um com informações dos telejornais (hora que começa, tempo de *fade* e quantos blocos terá).

Figura 5 – Redação da Globo Nordeste



Fonte: Registro feito pela autora.

Quando estamos mais próximos do início do telejornal, entra na tela uma contagem regressiva em vermelho, mostrando que o *deadline* está logo ali. O que agita bastante os personagens.

Assim como no Jornal do Almoço, não há um relógio físico na redação. E, os nossos interlocutores não se incomodam com isso. Acreditam que a contagem regressiva é suficiente para dar “pilha” ao processo de condução das temporalidades. Neste primeiro momento de planejamento a redação está muito silenciosa. De todo modo, por conta da sua extensão, dificilmente ela fica barulhenta. Em momentos subsequentes percebemos um trânsito maior de pessoas e uma agitação mais localizada nos personagens que entrariam em ação no NE 1.

Por volta das 10 horas da manhã chega o coordenador de programação e de tempo do telejornal. Ele afina o *fade* e a programação na mesa que fica em frente ao do **editor 1**. Eles discutem a afinação do NE 1 o tempo todo. Esse recurso é utilizado por conta da grande quantidade de *links*, meio que é necessário ter uma segurança para nem estourar o jornal nem deixar de dar a informação correta e completamente. O planejamento já saiu de cena. Mesmo sem muito burburinho na redação, a hora impõe a chegada de uma nova fase: a de atenção total.

10h35 da manhã. Estamos há 1 hora e 25 minutos do começo do telejornal. O **editor 1** lê as cabeças que já redigiu em voz alta e vai finalizando as páginas. Para sentir-se mais seguro quanto ao andamento dos temas que serão trabalhados, o **editor 1** mantém a comunicação constante com um dos produtores (que está responsável pelo andamento das entradas ao vivo) e também já se antecipa com possíveis assuntos para o dia seguinte e para o resto da semana.

Neste horário é possível perceber também uma certa tensão dos editores em relação à chefia. O chefe de reportagem, de redação e o diretor de jornalismo já se encontram na redação. Mesmo sem muito barulho, percebemos que este momento é caracterizado por cobranças - internas e externas - os sujeitos da redação começam a se preocupar para que o planejado logo cedo da manhã se concretize. E voltam-se para a atenção total das suas atividades. Antes, o monitor que mostrava apenas as informações do telejornal muda para a contagem regressiva. É hora de concentração. O **dispositivo de temporalidade relacionado a atenção total** alcançou seu auge.

Nesse processo de atenção ao espelho, O **editor 1** se queixa da quantidade da equipe. Diz que gostaria ter mais repórteres disponíveis para aumentar ainda mais a quantidade de entradas ao vivo. E, considera que mais que uma escolha editorial este tipo de formato é proporcionado pelo avanço da tecnologia.

“É muito essencial. Como é que a gente fazia antes? Né? Porque o WhatsApp é a carta na manga, assim, que a gente tem. Muita informação que a gente recebe, a gente fica sabendo primeiro porque chegou pelo WhatsApp. E às vezes a gente não precisa mandar uma equipe no local porque as imagens que chegam do WhatsApp, elas já são suficientes pra a gente dar aquela informação. Então isso faz a gente ter mais assuntos pra explorar no jornal. E é também por meio do WhatsApp que a comunidade tem um canal muito forte de comunicação com a gente. Porque eles sugerem o tempo inteiro. A gente não consegue dar conta de tanta sugestão que chega. E se a gente não tivesse o WhatsApp, ia ser as pessoas ligando pra dar as informações, mas a gente não ia ver. Eles já mandam o vídeo, então a gente já tem noção do que tá acontecendo na comunidade pra poder atender. Então os assuntos factuais e assuntos de comunidade, é essencial o WhatsApp. E, assim, o processo pra exibir o jornal, na hora da exibição, é tudo mais rápido por causa da tecnologia. Porque eu posso, do meu computador, revisar alguma coisa que tá sendo feita na ilha. Eu não preciso pegar um disco, uma fita, pra assistir. Eu já vejo do computador aquilo ali. Então eu não preciso me levantar pra ir pra um outro local, e também perderia tempo com isso. Tudo é mais prático. Eu consigo pegar algum material que entrou num jornal, mas que eu não preciso ir pra ilha de novo pra ser exibido esse material. Eu posso pegar de um jornal e conseguir mandar pro mesmo jornal. E fora que o que que a gente ganhou muito com a tecnologia? Que é você estar em vários lugares e com vários assuntos ao mesmo tempo. Porque a gente antes tinha o quê? Um ponto de Unidade Móvel de Jornalismo (UMJ). Então o “NE1”, se eu não me engano, eram duas UMJs, duas pra cada ponto. Então dois pontos fixos. Hoje não. A gente consegue fazer um repórter, três cenários diferentes. Ou ele pode se deslocar. Ele pode tá no mesmo bairro, começar o jornal num lugar e ir pra outro, outro ponto. Que seja perto porque a gente tem o fator trânsito, mas só consegue isso por conta da tecnologia” (Entrevista com o editor 1 - Dia 17 de outubro de 2019).

Como a Globo Nordeste não é uma emissora afiliada e sim uma extensão da Rede Globo na região, um dos repórteres também faz entradas e/ou reportagens para os telejornais nacionais. Nesta faixa de tempo, ele entra em contato com o **editor 1** para avisar de sua situação, o que gera tensão e reorganização do espelho. Esse procedimento é liderado pelo **editor 1**, pois como não se ausenta da redação, ele é sempre o ponto de apoio e consulta para os outros integrantes da equipe, desde produtores até os repórteres e o pessoal da equipe técnica.

Em determinado momento, dentro deste dispositivo de temporalidade de atenção total, o **editor 2** chega à mesa do **editor 1** bastante preocupado em relação a um VT que estava sendo trabalhado na ilha de edição e pede para que o **editor 1** também verifique o problema. Da sua mesa mesmo, o **editor 1** coloca o fone de ouvido e entra no servidor da ilha de edição (*Losys Web*) e acessa todas as reportagens que estão sendo finalizadas e revisa e resolve o problema. A tecnologia foi imprescindível para a correção e assim diminuiu o tempo dispensado para resolver problemas quanto à questões técnicas. “Qualquer alteração, eu já ligo para a ilha de

edição e peço para mudar ou ajustar. É a tecnologia que ajuda bastante a economizar tempo e facilita minha atividade” (Entrevista com o editor 1 - 16 de outubro de 2019).

Este **dispositivo de temporalidade relacionado a atenção total** não se apresenta tão forte quanto na outra emissora, devido ao tamanho do espaço do ambiente do NE 1. Porém, destacamos, por meio do exercício de observação, as seguintes ações: todos os integrantes da equipe concentrados em suas funções, conferem o tempo por meio do monitor de contagem regressiva, organizam laudas, produção orienta as entradas ao vivo e marcam com entrevistados. A redação pode ser descrita como um grande galpão, em que editores ficam de um lado, integrantes da equipe do esporte local ficam de outro, apuração e produção em outra parte e também os repórteres.

Olhamos no relógio e já são 11h20 e o clima na redação começa a ficar diferente. O local onde os editores estão instalados começa a receber muitas visitas da equipe técnica e dos produtores que estão responsáveis pelas entradas ao vivo. O novo dispositivo de temporalidade começa a chegar.

Quando o ponteiro do relógio marca 11 horas e 30 minutos da manhã, o monitor da contagem regressiva muda de cor, passa a ficar com os números em vermelho. Estamos no **dispositivo de temporalidade relacionado a checagem geral**. É preciso verificar tudo que está feito até ali para dar início ao telejornal logo mais. Este dispositivo é breve e deixa o **editor 1** ainda mais ansioso, porém seu perfil não é espalhafatoso. Como ele não se ausentou da redação durante toda a manhã, ele intensifica a cobrança interna e externa em relação aos vivos. Precisa que tudo esteja correto e confirmado para seguir com seu espelho. Que entre as dez horas da manhã para às onze horas passou do status de “em construção” para “definitivo”.

(...) A cadência de trabalho torna-se frenética, absorvente. Os repórteres podem ter de abandonar uma tarefa de repente - para fazer a reportagem de um assalto a um banco, um acidente aéreo, entrevistar alguém. Os editores têm de tomar decisões rápidas. “Tudo acontece” num episódio de fogo concentrado. As expressões são curtas, por vezes rudes; os movimentos rápidos; a atmosfera tensa; o nível de som vai aumentando (SCHLESINGER, 2016, p. 261-262).

Como já está na redação, desde às dez horas da manhã, o **chefe de produção** mostra-se bem presente neste momento de checagem geral. Na entrevista, ele revela que gosta de estar próximo dos editores porque sente a aproximação do *deadline* e essa pressão o faz querer saber como está o andamento do processo. Adota um perfil de conferência.

“Fico de olho nas reportagens que estão voltando da rua. Porque essa hora de 11h ou 11h e pouquinho é a hora que tão voltando, as matérias tão voltando, vai dar tempo de editar?, o repórter se atrasou?, o motoqueiro furou o pneu? e isso já aconteceu, por isso que eu fico de olho. Ou então, o vivo chegou lá?, o equipamento não pegou?. Então fica mais perto do jornal e os problemas aparecem e eu quero resolver. Acho que quanto mais perto do jornal, mais a pressão aumenta. Pra todo mundo, né? Todos eles, os editores, então...!? Quanto mais perto, a gente sente essa pressão” (Entrevista com o chefe de produção - Dia 17 de outubro).

O **editor 1** também atua nessa checagem da atividade de todos, inclusive a do apresentador. Quer saber da gravação das chamadas, afinam juntos a escalada. E cobra à parte técnica que ela seja toda ilustrada ou com a participação ao vivo ou gravada dos repórteres da rua. Em certo momento, ele abre e fecha todas as páginas e confere que o jornal está pronto a ir ao ar. Respira fundo e avisa aos demais editores e a produção que vai se ausentar dez minutos para fumar um cigarro. Algo como um ritual de passagem. Nos dias que realizamos a observação, esse ato foi repetido e demarca o fim da produção do NE 1 na redação para seguir para o *switcher*. Questionamos informalmente, se neste momento ele se sentia mais confortável porque o jornal já estava todo escrito e faltava apenas ir ao ar. Como resposta, ele nos diz que até aquele momento de conferência e gestão das equipes era considera o de maior tensão. E que ir para a exibição do programa era quase feito no piloto automático. Era uma marcação de tempo interna, para o **editor 1**, o *deadline* já foi vencido, mesmo que o jornal ainda não tivesse sido exibido.

“O momento de maior tensão para mim do Jornal é o antes do jornal entrar no ar. Toda essa caminhada até o meio dia. É a preparação. É essa necessidade de gerenciar tudo e todos. Eu que tenho a responsabilidade de administrar esse tempo. Tenho que delegar funções, resolver problemas, conferir as informações. Ter certeza do que eu planejei. A equipe me ajuda a executar. Mas a responsabilidade é minha. Porque quando o jornal tá no ar, a gente já segue meio que no piloto automático e tem que manter a calma e seguir orientando a equipe técnica. É mais simples” (Entrevista com o editor 1 - Dia 17 de outubro de 2019).

Depois de fazer seu ritual pessoal, o **editor 1** avisa a todos que está se deslocando para o *switcher*. O local também é extra redação e para o acesso é preciso sair do ambiente onde estão todos e se concentrar na parte técnica. Observamos o relógio e geralmente essa ida do **editor 1** para o novo espaço se dá por volta das 11h40 da manhã ou 11h45. O novo dispositivo de temporalidade entra em cena particularmente cedo na redação do NE 1. Acreditamos que se deve ao fato do **editor 1** se planejar muito bem com a gestão do tempo, inferindo ainda uma

insegurança causada por estar tão pouco tempo no cargo. Com a presença do **editor 1** no *switcher* já passamos para mais uma marca de temporalidade - a de tensões e orquestramento.

No relógio são 11h45. A equipe técnica do *switcher* ainda não está completa. Mas, o **editor 1** já assume seu posto. Um computador no centro das operações técnicas. A sala não é grande, mas bem aparelhada e toda digital. Ocupam o local: um coordenador de tempo, o **editor 1**, diretor de TV, operador de caracteres, operador de teleprompter, técnico para resolver problemas relacionados ao sinal do ao vivo, uma operador que capta imagens do ao vivo para servir para cobrir matérias para os outros telejornais. O operador de áudio fica em uma saleta isolada e o **editor 2** segue em outra saleta isolada para coordenar os repórteres no ao vivo, semelhante a RBS TV.

Figura 6 - Switcher da Globo Nordeste



Fonte: Registro feito pela autora.

Quando questionado sobre o seu perfil neste momento do telejornal, o **editor 2** diz que já foi mais controlador e agora sente-se mais tranquilo, acredita que já ganhou experiência necessária para a função.

“Eu acho que eu já fui mais desesperado, tipo, muito mesmo, quando eu trabalhava no horário do “Bom Dia”. Então era muito, muito corrido, não dava tempo de respirar. Quando vinha respirar era oito da manhã. Mas hoje no “NE1” eu consigo, talvez pela experiência mesmo, me fez ter uma gestão de controle de entender “olha, isso aqui dá, isso não dá, isso aqui vai assim, isso aqui não vai...”. Então, tipo, sonora. Se você tiver no limite de entregar o VT, você não vai escutar duas vezes. Então eu olho pro relógio, eu tenho 10

minutos para entregar essa matéria, vamos lá, é esse ponto, vamos. Pode até ter uma sonora mais na frente que seja muito melhor, mas a gente tem o deadline então vai ter que cumprir o deadline. Então acho que hoje sou uma pessoa tranquila e controladora” (Entrevista do editor 2 - Dia 17 de outubro de 2019).

Quando todos estão presentes no switcher, entendemos que já estamos plenamente no acionamento do **dispositivo de temporalidade relacionado a tensões e orquestramento**. O **editor 1** não aparenta agonia. Ele se prepara para este momento e age com destreza.

“Eu faço tudo cedo no espelho. Resolvo a escalada e só peço pra o editor que tá com o material separar a imagem. Pra também não atrapalhar o trabalho deles. Aí pronto. Aí quando termina essa parte é a hora que eu também vou dar outro pente fino, vou olhar o espelho, ver se a paginação, ela tá adequada, se uma coisa tá linkando com a outra, que eu gosto muito de uma coisa seguir com a outra. E aí é 11h40, essa é a hora que eu estabeleço pra ir pro jornal. Aí eu vou pro switcher pra acompanhar a chamada que o apresentador faz ao vivo. E também os assuntos que ele grava pro dia seguinte, que eu já tenho passado com ele os assuntos que a gente pode chamar pro dia seguinte. E aí é a hora que depois vai começar o jornal” (Entrevista com o editor 1 - Dia 17 de outubro de 2019).

O **editor 1** entra em um novo processo de personalidade. Aparenta serenidade e calma. Não está mais agitado e ansioso como aparentava estar na redação. Ele utiliza um *headphone* com microfone para a comunicação com o apresentador e repórteres, caso seja necessário. No primeiro dia de observação, uma mudança de planos para o **editor 1** há poucos minutos do jornal entrar no ar, o repórter do vivo de abertura ainda não estava pronto e os planos foram mudados. O diretor de TV aparentava nervosismo e o **editor 1** o alerta. “*Calma! entraremos com as informações em estúdio com o apresentador e as imagens servindo de ilustração*”. Ele logo nos diz: “*Decisões de última hora sempre acontecem, mas não vejo como nada grave. Tenho o jornal na cabeça e consigo contornar as situações com calma. O planejamento me proporciona isso*”.

Meio dia e o jornal entra no ar. O perfil do **editor 1** é de total tranquilidade. Fala suave e pausado, se comunica muito bem com todos. No *switcher* não tem papel, o jornal não é acompanhado por materiais impressos, tudo é digitalizado e a conferência é sempre por *tablets* e computadores. O **editor 1** não aparenta nenhuma inconstância, organiza a orquestra e acompanha o espelho tema a tema. Elogia a todos e garante que o jornal está se saindo muito bem. No primeiro e terceiro dia, o diretor de TV estava mais tenso. Revelou que o NE 1 estava agoniado naquela semana.

As entradas ao vivo seguem como planejado e o aparente desconforto do início já não incomoda mais. O *deadline* está sendo vencido. Um ponto interessante a destacar, é que o perfil de revisor do **editor 1** continua no *switcher*. Ele não é um espectador, é na verdade, um revisor atento. Minuto a minuto verifica a audiência, aumenta e diminui as participações ao vivo e se afina com o coordenador de tempo do telejornal, que está posicionado ao seu lado. O **editor 1** tem um caderninho e anota quando a reportagem ou o ao vivo teve uma boa aceitação do público ou quando não. Essa informação é levada para a reunião de avaliação depois do telejornal. Como estratégia, o NE 1 tem uma presença da comunidade muito forte no telejornal. Todo o material relacionado a esta temática tem prioridade na paginação e é bem observado quando vai ao ar.

Durante este dispositivo de temporalidade, o **editor 1** abre e fecha as páginas escritas no espelho do telejornal várias vezes e escreve o encerramento, puxando algo do desenrolar do NE 1 para fazer uma ponte com o público. Tudo isso é feito sem nenhum foco de stress, a tensão aparenta estar relacionada aos momentos que antecedem o *deadline*. Até aqui, durante os três dias de observação, uma condução equilibrada, inclusive quando as coisas não saem como planejado. Essa marca de tempo nos dá também pistas sobre o *habitus* das rotinas da redação. Por mais que os sujeitos entendam que o *deadline* é um problema a ser resolvido, a partilha dos códigos, os modos pessoais de ação e as relações entre ajudam na compreensão da função e na forma como se deve agir neste jogo.

“Internamente, a hora que pra mim, que me dá um pouco de angústia, é quando eu vou pra escalada. Porque é quando eu tenho noção do que tá editado ou não está. Internamente, é um momento ali que é o tudo ou nada, assim. Então quinze para as 11h ou 11 horas da manhã, que eu ainda tô na escada, então é que eu sei. “Eita, esse material, o editor tá conseguindo organizar?. Será que vai dar tempo mesmo de ser editado? Porque... será que eu vou conseguir pedir imagem?”. Muitas vezes eu não peço imagem. Por quê? Porque eu sei que vai atrapalhar a edição. Entendeu? Então aquele momento é que eu preciso também de muita concentração. Então, assim, se um produtor chegar e pedir uma ajuda, se alguém chegar e pedir uma ajuda, eles já começaram a perceber que aquele momento eu tô fechando a escalada. Porque é o que abre o nosso jornal. Aquele momento eu acho que... é quando eu começo a ver o que eu tenho na mão e o que eu não tenho. Colocar o jornal no ar é a concretização disso tudo. Esse processo não me deixa nervoso” (Entrevista realizado com o editor 1- Dia 17 de outubro de 2019).

Figura 7 - Switcher da Globo Nordeste



Fonte: Registro feito pela autora.

Barros Filho e Sá Martino (2003), ao discorrerem sobre o *habitus* profissional dentro do campo jornalístico, defendem que o ritmo alucinado dos jornalistas no espaço da redação contribuem para uma definição de repertório, favorecendo a reprodução de atos de apoio, que nem sempre é percebida.

Num ofício em que a luta contra o tempo é regra de sobrevivência, qualquer princípio de economia da ação, isto é, de tempo de execução, é bem-vindo. A periodicidade, definidora do fazer jornalístico, possibilita, favorece e até exige antecipações que possam se objetivar numa redução consciente de nexos causais e numa definição de estratégias com fins deliberados (BARROS FILHO E SÁ MARTINO, 2003, p. 111).

Perto de uma hora da tarde o NE 1 termina. Há um semblante de contentamento no olhar de todos os envolvidos. Ao fim há uma comunicação afinada, agradecem e se despedem. No terceiro dia de observação, a condução do jornal do *switcher* teve várias mudanças já que um assunto factual palpitava, mas mesmo assim tudo saiu sob controle e o deadline foi vencido. Perguntamos ao editor 1 na saída do ambiente, se o jornal tinha sido tranquilo. Ele diz que não, mas é uma característica sua não se desesperar. Pois tem a certeza que de um jeito ou de outro o NE 1 vai ao ar e vai cumprir seu papel, o que talvez possa acontecer são ajustes de rota. Já

entramos em um novo dispositivo, o de planejamento para o dia seguinte, que também se concretiza na reunião após o telejornal.

Entre uma da tarde e uma e quinze começa a reunião de avaliação do telejornal. Estamos no **dispositivo de temporalidade relacionado ao planejamento do amanhã**. Na verdade, esta reunião acontece em duas etapas. A primeira é com chefia, diretor de jornalismo e os editores dos três telejornais da casa. A ideia é avaliar o dia, mostrar como estão os índices de audiência e fazer um planejamento para programas especiais e para assuntos da semana. Essa reunião há uma sobriedade maior, pois está relacionada também a dar satisfações a chefia da emissora.

A segunda etapa da reunião é entre a equipe do NE 1. O **editor 1** é quem conduz. Do mesmo jeito que acontece na RBS TV, também acontece na Globo Nordeste, há um planejamento do dia seguinte, com aberturas de retrancas no espelho e há discussões sobre a condução do telejornal do dia. O movimento é circular e também está relacionado ao primeiro dispositivo de tempo, o de planejamento. Geralmente, o clima nestas reuniões é cordial. Muita descontração e leveza. O alívio pelo *deadline* ter passado é evidente. A pressão agora é pelo amanhã, onde toda a rotina recomeça. Em conversa com o **chefe de produção**, ele confessa que não consegue se desligar dos jornais e nem da rotina da redação. Sente-se jornalista 24 horas e deixa essa pressão viva o tempo todo, como uma cobrança interna.

“É porque o jornalista, na verdade, ele é jornalista 24 horas. Entendeu? Ele não tem essa de divisão de vida pessoal e profissional, ele não pode se desligar... eu tô aqui, mas se eu sair, for pra casa e ver um acidente, eu não posso simplesmente passar por ele e ir pra casa. Eu tenho que ligar pra redação e se puder parar para apurar, eu paro. Ou tô em casa e preciso resolver alguma coisa, eu resolvo. Eu não sou só jornalista quando estou aqui. Eu acho que pro jornalista, e eu, especificamente, como ocupo um cargo de chefia e eu tô no comando dessas equipes todas que estão na rua, então eu preciso estar sempre em alerta. Às vezes à noite, a produção da noite precisa me ligar e eu atendo. Às vezes, hoje mesmo, 5 e meia da manhã, precisaram falar comigo e eu atendi. Então eu tô 24 horas, full time, meu telefone ligado o tempo todo. Aqui ou fora daqui. E isso se repete no final de semana e no feriado” (Entrevista do chefe de produção - Dia 17 de outubro de 2019).

Estar presente gera uma confiança e um controle maior para os sujeitos. Identificamos nesta fala e também quando o **editor 1** nos revelou que chega bem mais cedo que seu horário oficial para ter domínio total da situação. O campo nos reserva muitas particularidades e ocupar postos de liderança e chefia nos obriga a estabelecer modos de sobrevivência na função. O **dispositivo de temporalidade relacionado ao planejamento do amanhã** transborda, ele é contínuo e segue durante toda a extensão da vida do sujeito mesmo após o *deadline*.

Como conclusão desta parte de análise das rotinas hora a hora, percebemos que sem seguir estes cinco dispositivos de temporalidade que descrevemos ao longo do acompanhamento das duas redações: Jornal do Almoço e NE 1, os telejornais não funcionam em sua plenitude. Sem ter um modelo de gestão de tempo, os telejornais não tem impacto e nem há o estabelecimento de uma rotina. Essa pressão rotineira sentida em várias partes do dia, permite que o jornalista reafirme seu papel como "ser profissional" e participante de um grupo profissional heterogêneo. A identidade profissional é confirmada no dia a dia e na condução de temas diversos que, na opinião dos sujeitos, orientam o público e contribuem para o campo social. O alto valor dado à atualidade e ao tempo presente confere uma necessidade do jornalista de estabelecer seu trabalho no mundo à sua volta. Em sua personalidade está impregnada a posição de alerta e a noção de mediador entre as informações e a sociedade.

6.3.2 Editor 1 do NE 1: "profissional" das temporalidades

O **editor 1** do NE 1, da Globo Nordeste, apresenta-se como uma figura completamente diferente da primeira analisada. Seu perfil é voltado para um modelo de jornalista profissional que não coleciona tantos anos de experiência. Sua caminhada ainda está no começo. Em alguns momentos demonstra insegurança, em outros já consegue estabelecer um perfil mais concentrado e calmo. Nos dois perfis analisados, ambos gerenciam o tempo ao seu modo. Ambos possuem perdas e ganhos e representam a heterogeneidade do campo do jornalismo e da personificação do "ser profissional".

O **editor 1**, neste caso, não apresenta um perfil de liderança da equipe. Ele sente-se parte da equipe e não um gestor de todos. Não tem muita ligação com a parte burocrática e não se sente ocupando um cargo de chefia, por mais que saiba que está e que precisa de um posicionamento maior neste sentido. Ele não consegue se ausentar do espaço da redação, como forma de dizer, implicitamente, que não pode perder o controle do que considera sua atividade de maior peso: preparar o jornal antes dele ir ao ar. Tem no ato do planejamento seu equilíbrio e sua obsessão é o preparo da escalada.

“Aquele monitor que controla o tempo não me afeta. Porque eu já sei ali o que eu tenho que fazer. Pode acabar o mundo, e na hora que eu determinei internamente é aquela hora que eu já vou pra escalada. Aquele momento é o momento que eu tenho que olhar o espelho e revisar. Então tudo pra mim é cronometrado. O monitor só confirma que eu estou certo” (Entrevista com o editor 1 - Dia 17 de outubro de 2019).

O **editor 1** tem muita preocupação com o horário de chegada na redação. Ele estabeleceu um *deadline* interno quanto a isso. Por mais que não seja obrigado, ele sente-se impelido a fazer, para sentir que as coisas darão certo ao longo do dia. Ele alarga sua rotina, como forma de lhe dar segurança. Por não ser tão experiente, acredita que utilizar melhor os espaços de tempo vão dar consistência na rotina da redação. Elias (1998, p. 41) relata sobre uma pergunta interna que os homens teimam em fazer para confirmar a necessidade de marcar o seu próprio tempo, determinando modelos próprios para agir temporalmente diante de suas atividades.

“Quando iremos fazê-lo?” Esta é a pergunta fundamental em resposta à qual os homens se lançam na aventura de marcar o tempo. O ponto de partida, ou seja, aquilo que procuramos determinar, identifica-se primeiramente com as atividades do próprio sujeito, as quais, nos estágios primitivos, são, antes de mais nada, coletivas. É verdade que, sob certo ponto de vista, os homens começam a determinar suas atividades, numa perspectiva temporal, antes mesmo de se confrontarem com problemas formulados em perguntas explícitas e articuladas a respeito do “quando”. Nesses estágios, o tempo é passivamente determinado. Sua determinação mal chega a ser experimentada e refletida (ELIAS, 1998, p. 41-42).

Ele - o **editor 1** - entende que precisa saber o que se passa ao seu redor, isso o ajudará a tomar decisões quando necessário e pesar com os valores e critérios estabelecidos pela emissora o melhor para o telejornal, a ponto dele ser identificado como um telejornal nacional, mesmo sendo produzido na região Nordeste, afastado dos grandes centros.

“Para mim, o tempo de produção do telejornal é até confortável. Eu penso assim, se eu chegar antes, às vezes eu quero chegar antes porque eu penso que o dia vai ser...cansativo. Eu penso que vai ter muita coisa. Então eu chego antes por uma questão minha. Mas, já percebi e já coloquei na minha rotina, se eu seguir essa questão dos horários que eu pré-estabeleci na minha mente pra cada coisa, eu consigo administrar bem o que tá acontecendo, sabe? Eu consigo fazer. Eu consigo dar conta e não preciso me desesperar” (Entrevista com o editor 1 - Dia 17 de outubro de 2019).

Não estar trabalhando em uma emissora afiliada e sim em um braço da organização principal pede um entendimento maior sobre suas funções e relações entre a chefia e os outros integrantes da equipe. De todo modo, o **editor 1** tem consciência da linha editorial do jornal, tem discernimento de suas limitações e por isso gosta tanto de gerenciar seu próprio tempo. Criou limites particulares e os cumpre, independente do que esteja acontecendo a sua volta. É certo que ele ainda está aprendendo a delegar funções, mas consegue seguir no controle das operações dentro do campo. Como função assumida por este perfil de sujeito -jornalista, o **editor 1** do NE 1 apresenta-se da seguinte forma:

- * Jornalista profissional em crescimento;
- * Administrador do seu tempo de trabalho;
- * Não é muito afeito aos cargos gerenciais. Sente-se parte da equipe e não o líder dos demais editores.

Quando perguntado sobre como enxergava essa presença da temporalidade nas rotinas da redação, ele diz que tem um certo receio de não saber administrá-lo bem e por isso se preocupa tanto com planejamento. Porém, não se vê como um controlador e acredita que delegar funções faz parte. Fala que acredita que o espaço para que os demais da equipe de editores expressem suas opiniões seja nas duas oportunidades de reunião, tanto a de planejamento quando a de avaliação. Depois disso, ele precisa ter um certo controle e compreensão do que está fazendo para o telejornal do dia, então, não é muito de transformar o jornal de última hora, só por questões técnicas.

“O tempo eu acho que é crucial, essencial, é desafiador também. Do mesmo modo que ele lhe ajuda, ele pode lhe quebrar completamente. Porque independente de mim, de qualquer outra pessoa, se o material tá pronto, tem um horário exato pro jornal ir ao ar. Então o tempo ali, ele é cruel. Ele tem aquele horário pra ir no ar e pronto. A gente tem que se adaptar ao tempo e não o tempo à gente. Porque ele já tá estabelecido ali. Então ele começa na rotina, tento dominá-lo, estabeleço metas, parâmetros para vencê-lo, tento enxergar como um companheiro, mas, ao mesmo tempo ele vai me massacrando, ele vai me massacrando” .(Entrevista com o editor 1 - Dia 17 de outubro de 2019)

Certamente, esse peso sentido pelo **editor 1** também é percebido pelos demais integrantes da equipe, já que todos estavam na função há pouco tempo, como relatado anteriormente. Este processo de entendimento da sua posição e de como se sente em relação as temporalidades é um ponto urgente para a pesquisa científica, justamente por entendermos que pode contribuir para uma melhor a formatação da identidade profissional de jornalistas na redação de TV.

Destacamos dois perfis diferenciados, com suas particularidades e percepções em relação às temporalidades. Ambos seguem os códigos da profissão, as etiquetas, os valores, as normas. Ambos compartilham de um *habitus* enraizado na rotina da sua redação. Maton (2018, p. 75) nos lembra que esse *habitus* surge a partir de modelos experienciais dos sujeitos. “(...)No contexto da experiência, nós muitas vezes sentimos que somos agentes livres, mas

baseamos as decisões cotidianas em pressuposições sobre o caráter, comportamento e atitudes previsíveis de outras pessoas”.

Ambos tem um entendimento do espaço social e do quanto são representativos enquanto jornalistas e mediadores entre a informação e a sociedade. Ambos são participantes de campos de poder. Ocupar a função de **editor 1**, independente da redação, traz uma condição de popularidade e pressão para o sujeito-jornalista. É imprescindível certo costume com o ambiente e com todos os processos à sua volta, além de uma familiaridade com o que é o tempo presente e por qual motivo ele é tão valorizado na sociedade atual.

7 CONCLUSÃO

Aqui seguiremos dois caminhos: o primeiro passa em revista tudo que discutimos ao longo do trabalho, na forma de síntese e conclusão; no segundo momento, sinalizamos com algumas possibilidades que derivam do nosso estudo. Finalizamos o processo da análise e damos seguimento a um modelo de trabalho focado em pensar no futuro. Com sugestões de caminhos que podem ser abordados a partir daqui, do que descobrimos com os **'dispositivos de temporalidade'**.

Com base em todo este percurso descrito, com as entrevistas e ainda a tradução do diário de campo, ambos construídos durante o período da pesquisa nas duas emissoras regionais, entendemos ser pertinente fazer algumas observações. As rotinas da redação contribuem para um telejornalismo vigoroso, que valoriza o tempo presente em seu formato e nas tratativas cotidianas. É possível visualizar também uma cooperação para a definição de quem é o jornalista profissional de TV e como se dá sua rotina diária, com todas as pressões internas e externas que está exposto, moldando assim a consciência de identidade do grupo do qual ele faz parte.

A temporalidade é um critério que está estabelecido nas práticas jornalísticas de uma redação, mas não há uma reflexão sobre isso. Os jornalistas - sujeitos - desempenham suas atividades guiados por um tempo, que eles não fazem a mínima ideia porque seguem ou como se organizam a partir dele. Nunca pensaram sobre. Apenas entendem que é preciso cumprir o *deadline*. É este o único tempo que conseguem enxergar, porque representa a conclusão de um dia de trabalho. Ledo engano! Ao fim do *deadline*, o trabalho continua com planejamentos intermináveis e assim sobra pouco tempo para a vida no particular.

Os perfis dos editores dos telejornais analisados, nos ajudaram a compreender como a temporalidade é impressa no sujeito. A preocupação deles é sempre vencer o *deadline*, em terminar logo a atividade para cumprirem a hora do fechamento. Em geral, foi possível perceber que os editores se adaptam às políticas editoriais e às rotinas da redação. Utilizam da objetividade na vida diária e reconhecem a importância do planejamento para evitar ruídos de comunicação ou erros que deságüem em uma reprovação da chefia da emissora. Breed (2016) fala do conformismo dos jornalistas com a política editorial da empresa de comunicação, causados pelos sentimentos de obrigação e de estima para com os superiores, além do prazer proporcionado pela atividade jornalística.

Tanto nas entrevistas quanto delineando os perfis, foi possível enxergar que dentro da rotina da redação, o editor-chefe age e se vê como o líder da equipe. Controla tudo e todos e tem a função de coordenar a rotina da redação, de acordo com o que ele entende por composição

temporal. Lembrando que, mesmo que haja semelhança entre os perfis, cada jornalista deixa sua impressão pessoal, agregando suas opiniões, soluções, modos de operacionalizar e mesmo que situações idênticas aconteçam, cada um age de um modo diferente, principalmente quando se está debaixo da pressão do tempo. É função deste editor controlar e distribuir as ações dentro de uma temporalidade mais coletiva e parte dele também a obrigação de se concentrar nos momentos de decisão, em que terá que pesar os valores, as normas e o que foi introjetado nele como *habitus*. Por isso, que muitas vezes a redação torna-se um caos perto do fechamento, pois há a necessidade de uma presença muito forte do editor para dar ordem ao espaço. A reflexão não aparece. O imediatismo toma conta.

Sempre pressionados pelo fantasma do tempo na televisão, os profissionais já começam logo cedo a preocupar-se com a "linha da morte" e por isso traçam esquemas para lidar com o que do ponto de vista deles é um problema circular. Assim, o planejamento é a melhor arma contra as dificuldades que venham a surgir durante o dia. Então, enquanto sujeitos do processo e representantes dos interesses da empresa de comunicação, os jornalistas são obrigados a elaborar estratégias para deixar o trabalho desenvolvido na rotina da redação o mais ágil possível.

Que implicações emergem desse comportamento? Acreditamos que o processo criativo da notícia começa a ser afetado por causa de uma automatização do trabalho nas rotinas da redação. Os profissionais não refletem sobre o trabalho feito, o que gera um “efeito colateral”: a perda do senso criativo do jornalista, que adere somente às estratégias internas, como marcador de segurança, para não passar por apuros no cumprimento do *deadline*.

Obcecados pelo relógio, os jornalistas preparam roteiros que os ajudam a diminuir a pressão pela hora do fechamento. E tudo acontece como deve acontecer. Schudson (1986) enfatiza que na corrida pela notícia, o vencedor é determinado pelo relógio. Aquele que age com mais cautela, que tem sempre o “plano B” em mente ou aquele que consegue articular bem sua equipe, para que os outros integrantes e a própria tecnologia trabalhe a seu favor.

Nossa tarefa no decorrer desta tese foi dar materialidade a uma coordenada subjetiva que aparece em instantes distintos dentro do telejornalismo. Frisamos apenas uma parte, a ponta final da fabricação de um telejornal. Indicamos como a final, porque antes dela muitos outros processos acontecem e que dependem dos valores e códigos da profissão, como o levantamento da informação e a seleção da notícia, englobando a produção bruta. De acordo com nossa perspectiva, para dar materialidade às temporalidades, apontamos os '**dispositivos de temporalidade**', e como recurso de construção do conceito recorreremos ao compasso do relógio e a forma como os sujeitos se movimentavam dentro do cenário da redação. Como lidavam com cada fase que chegava. As marcas temporais e sequenciais, que Elias (1998) defende que as pessoas se

utilizam para protocolar suas atividades, dando rumo ao compasso da vida. Neste caso específico, o dispositivo no qual nos referimos pouco tem a ver com tecnologia em si, mas a como um conjunto de ações coordenadas e planejadas visando um determinado fim. O dispositivo de temporalidade surge para dar ordem ao caos da redação em todo o tempo que precede o *deadline*. O dispositivo de temporalidade assegura as decisões dos editores, modela o formato do telejornal, dá fôlego ao jornalismo empenhado no tempo presente e no pulsar do imediatismo. Estes dispositivos são expressos pelas ações dos jornalistas. E são acionados por seus gestos, condutas, valores associados, *habitus*, compreensão de ser um profissional, constrangimentos relacionados à função, modelo de trabalho das organizações de mídia e também a interlocução com seus pares. O dispositivo de temporalidade capta o momento e se desenvolve a partir dele, como uma marca de referência, que dá sequência a todo o trabalho que deve ser desenvolvido daquele ponto em diante.

A importância que o editor-chefe assume nesse processo é imensa. A figura deste profissional que está associada à necessidade de objetividade para representar a notícia televisiva. Depende dele a forma como a representação do mundo será levado à sociedade, com o rigor exigido e pautado na ética e no dever da informação. Philip Schlesinger (2016) nos lembra que os jornalistas fazem várias distinções conceituais em relação ao tempo no desenvolvimento do trabalho. Eles entendem que são parte de uma dimensão cultural da profissão mais elaborada e por essa razão se colocam sempre como vítimas desse tempo e por isso tentam controlá-lo com a aplicação de esquemas que tentam moldar o que eles entendem ser uma forma segura para passar pelas rotinas da redação. Porém, não se sentiriam jornalistas profissionais caso o caos na redação não fosse diário. Isso dá-lhes prazer e este prazer gera um círculo vicioso, em que muitas vezes, os constrangimentos da profissão estão aquém do que lhes causa mais êxtase. Essa sensação de incerteza diária ao chegar no ambiente da redação é retratado sempre com repulsa. Nos relatos catalogados do nosso diário de campo, alguns interlocutores disseram que “*gostariam que o dia fosse mais calmo*” ou que “*tudo saísse como planejado do dia anterior*”. Mas, quando questionados sobre situações difíceis por quais já passaram, revelam com imenso contentamento as histórias em que tiveram que modificar todo o telejornal com o *deadline* sendo cumprido ou quando precisaram tomar decisões em questões de segundos para seguir com a ordem do telejornal. Estar à beira de nervos não é de todo ruim para o profissional, que está refém do modelo do jornalismo centrado no imediatismo e no tempo presente.

Gostaríamos de pontuar algumas questões que vislumbramos desde a costura desta tese:

1) O tema não se esgota com esta pesquisa. As temporalidades no telejornalismo representam um conjunto de ligações causais: condições de mercado, o sistema de produção de notícias, os

conceitos de tempo entre os jornalistas e o próprio produto (a notícia); esse modelo de compreensão afasta o jornalismo da história, deixando-o mais fundado numa atualidade enraizada no presente; 2) Os entendimentos teóricos que foram trilhados, como: a temporalidade é uma construção social e cultural, porém também é relacional são importantes; 3) Tratar sobre a temporalidade no telejornalismo, que serve de lugar de referência para a sociedade, auxilia a compreender os modos de vivência na contemporaneidade, inclusive no que diz respeito a práxis e a padronização temporal da atividade laboral do jornalismo.

Identificada a materialidade do tempo dentro das rotinas da redação do telejornal, o que é possível elaborar a partir dessas compreensões? É apenas tendo superado esse entendimento, que podemos avançar para águas mais profundas. Quais sejam: as temporalidades servem de engrenagem para o desenvolvimento de uma compreensão mais rebuscada da identidade profissional dos jornalistas de TV. Acreditamos que é plausível aprofundar e elaborar o “como” dessa questão. Em determinado momento, nos inquietamos com uma das respostas de nossos interlocutores, na qual dizia que não conseguia se desassociar do papel de jornalista de TV, pois não poderia relaxar e muito menos se desligar dos aparelhos de tecnologia que favorecem o contato instantâneo com a redação, para não perder o foco nas decisões e no planejamento para a equipe.

Ora, ser jornalista o tempo todo está implícito no sentido de ser. Não se é jornalista apenas quando se está no exercício da profissão. Mas, o que é problemático é a tensão excedente do ambiente de trabalho transbordar o ser individual. Ser jornalista mas com o tempo determinado para a execução da função. As atividades liberais já lidam melhor com essa questão, o jornalismo ainda caminha, por uma série de fatores ligados à profissionalização, a exemplo dos baixos salários da categoria, as demissões em massa das redações e as péssimas condições de trabalho.

É notável que o mundo do trabalho exige a presença de muitas facetas do profissional. O que desperta o medo deste sujeito em não se encaixar no mercado, anulando, muitas vezes seu plano pessoal em função de uma vivência do trabalho 24 horas por dia. Essa atuação passa a ser mecânica. Sua identidade profissional fica abalada. No caso do jornalista, ele não pode se esconder por trás de uma rotina burocrática, pois seu ofício pede criatividade e compreensão de contextos. Estar atento ao trabalho, não pode tomar toda sua rotina e prejudicar a forma como ele se enxerga como um “ser profissional”, causando desmotivação e desgosto. Ao mesmo tempo, os profissionais que ocupam a função de editor-chefe, devem buscar o algo mais em seu *métier*. Por causa da evolução do mundo corporativo, eles começam a visualizar uma função mais ligada à gestão de pessoas que realmente um jornalista profissional cumpridor de tarefas. Gerenciar à equipe, o tempo, as tecnologias e as redações, exige deste profissional um algo a

mais para desempenhar seu cargo jornalístico. E, esta é uma mudança de impacto, principalmente no modo como os profissionais ocupantes deste cargo nas emissoras de comunicação devem passar a se perceber.

Esse processo não deve ser incorporado apenas no ambiente da rotina da redação, mas ele deve ser ensinado nas escolas de jornalismo. Essa “profissionalização” deve ser entendida já desde a sala de aula. Visualizamos que estes dispositivos de temporalidade que identificamos ao longo desta tese, podem e devem ser estudados no ambiente acadêmico de formação. Ao acompanhar as rotinas da redação, percebemos que os novos jornalistas passam a incorporar o hábito dos profissionais mais velhos e experientes, protocolando um esquema de atuação enraizado e com pouca liberdade para criatividade e experimentações de novos formatos. Se, por acaso, temos desde a formação a noção do tempo como modelador, passamos a agir com um senso ligado ao planejamento, à criatividade e não somente com o instinto de adequação à situação que fomos submetidos.

Além disso, observamos que compreender os dispositivos de temporalidade favorece o entendimento da rotina como jornalista. Quando o profissional reflete sobre o desenrolar do seu dia trabalho, é possível desenvolver processos mais criativos, assumir a tecnologia como ferramenta na produção dos telejornais, assim como buscar modelos e formas de trabalhar a modelagem da entrega da notícia para as audiências.

Ainda sobre a relação dos jornalistas de TV com os telespectadores, é necessário perceber de que forma a ação irrefletida dos profissionais pode influenciar na qualidade do produto-notícia e, conseqüentemente, na assimilação e nos usos que as audiências fazem do conteúdo noticioso. A mecanização, provocada muitas vezes pelo excesso no controle dos riscos, ou pelo medo estabelecido na relação com as chefias, pode implicar em perdas para o material jornalístico.

Por fim, entendemos também que mesmo tido como o balizador de todas as ações dentro do universo do telejornal, as temporalidades além de exercerem uma pressão coletiva dentro da rotina jornalística televisiva fazem com que personagens atuantes no desenvolvimento do processo também recebam pressões individuais, gerando novos efeitos dentro do contexto noticioso.

Todas essas questões levantadas devem ser permitidas e valorizadas para a discussão dos estudos de jornalismo, que antes de tudo deve ser uma área em que informar possa trazer conhecimento e novas formas de experimentar o mundo e a comunidade em que vivemos. Que este trabalho abra novas discussões sobre o tempo dentro da área do jornalismo. De modo

algum, questões relacionadas à temporalidade estão superadas, mas aparecem mais fortes do que nunca, interpelando-nos para investigá-las em novos contextos.

REFERÊNCIAS

- ADGHIRNI, Zélia Leal. **O jornalista**: Do mito ao mercado. Florianópolis: Insular, 2017.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo e outros ensaios**. Chapecó, SC: Argos, 2009.
- AGAMBEN, Giorgio. **O que é um dispositivo**. In: AGAMBEN, Giorgio. O que é o contemporâneo e outros ensaios. Chapecó, SC: Argos, versão de setembro de 2005. Conferência realizada em Santa Catarina. Tradução Nilcéia Valdati.
- AGNEZ, Luciane Fassarela. **Identidade profissional no jornalismo brasileiro**. Tese apresentada na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília, 2014. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/17031/1/2014_LucianeFassarellaAgnéz.pdf. Acesso em 04 de junho de 2020.
- AGOSTINHO, Santo. **Confissões** - Livro XI. Petrópolis: Vozes, edição atualizada em 2005.
- ALSINA, M. R. **La construcción de la noticia**. Barcelona: Paidós, 1989.
- ALVES, Kellyane Carvalho. **Audiências Ativas no Brasil**: telejornalismo e colaboração. Tese apresentada na Universidade Federal de Pernambuco, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/33108>. Acesso em 07 de abril de 2020.
- ANTUNES, Elton. **Temporalidade e produção do acontecimento jornalístico**. In: Em questão. Porto Alegre, vol. 13, n. 1, jan-jun, 2007.
- AUMONT, Jacques. **A imagem**. São Paulo: Papyrus, 1993.
- BARBOSA, Marialva. **História Cultural da Imprensa**: Brasil: 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BARBOSA, Marialva. Jornalismo no Brasil: dois séculos de história. In: SOUSA, Jorge Pedro (Org.). **Jornalismo: história, teoria e metodologia**. Perspectivas luso-brasileiras. Porto: Edições Universidade Fernando Pessoa, 2008. p. 129-154.
- BARBOSA, Marialva. Público: uma noção como processo histórico. In: **Ciberlegenda**, n. 4, 2001. Disponível em: <http://www.uff.br/mestcii/marial4.htm> . Acesso em 04 de abril de 2018.
- BARBOSA, Marialva. Televisão, narrativa e restos do passado. In: **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação – e-Compós**. 2007.
- BARBOSA, Marialva. Tempo, tempo histórico e tempo midiático: interrelações. In: **Comunicação, mídias e temporalidades**. MUSSE, Christina Ferraz; VARGAS, Herom; NICOLAU, Marcos (Orgs.). Salvador, EDUFBA, 2017.
- BARBOSA, Suzana. Convergência Jornalística em curso: as iniciativas para a integração de redações no Brasil. In: RODRIGUES, C. **Jornalismo ON-LINE**: modos de fazer. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Editora Sulina, 2009.

BARROS FILHO, Clóvis de. MARTINO, Luis Sá. **O habitus na comunicação**. São Paulo: Paulus, 2003.

BARROS, José D' Assunção. **A Historiografia e os conceitos relacionados ao tempo**. In: Revista Online Dimensões. Volume 32, páginas 244-266, Ano de publicação - 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/8336/5914>. Acesso em: 6 de janeiro de 2018.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BECKER, Beatriz. **Televisão e Telejornalismo: Transições**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

BECKER, Lee B; VLAD, Tudor. News Organizations and Routines. In: **The Handbook of Journalism Studies**. WAHL-JORGENSEN, Karin; HANITZSCH, Thomas. (Orgs.). New York: Routledge, 2009.

BERGER, Peter. LUCKMANN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 17ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

BERGER, Peter. LUCKMANN, Thomas. **Modernidade, Pluralismo e Crise de Sentido**. Petrópolis: Editora Vozes, 2004

BERGESCH, Walmor. **Os televisionários**. Porto Alegre: Ardotempo, 2010.

BERGSON, Henri. **Matéria e Memória**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

BERGSON, Henri. **Durée et Simultanéité: A propos de la théorie d'Einstein**. Edition numérique: Pierre Hidalgo. La Gaya Scienza, décembre, 2011.

BOLAÑO, C. R. S.; BRITTOS, V. C. **A televisão brasileira na era digital: exclusão, esfera pública e movimentos estruturantes**. São Paulo: Paulus, 2007.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a sociologia de Pierre Bordieu**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas ditas**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O senso prático**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 15ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

BRASIL, Antonio Cláudio. **Telejornalismo imaginário – memórias, estudos e reflexões sobre o papel da imagem nos noticiários de TV**. Florianópolis: Insular, 2012.

BREED, Warren. **Controle social na redação: uma análise funcional.** In: TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Florianópolis: Insular, 2016.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma História Social da Mídia: De Gutenberg à Internet.** Tradução Maria Carmelita Pádua Dias; revisão técnica Paulo Vaz. 2.ed. rev. e ampliada. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

BRUCK, Mozahir Salomão. Palavra: dispositivo. In: **Dispositiva**. vol. 1, n. 1, mai-out, 2012.

BURKE, Peter. **A Revolução Francesa da Historiografia: A Escola dos Annales (1929-1989).** Editora UNESP, São Paulo, 1991.

CANAVILHAS, J. O novo ecossistema mediático. In: **BOCC**, 2012, p.1-10. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-o-novo-ecossistema-mediatico.pdf> . Acesso em 10 de outubro 2019.

CANNITO, Newton Guimarães. **A Televisão na era digital: interatividade, convergência e novos modelos de negócio.** São Paulo: Summus, 2010.

CASSETTI, F.; CHIO, F. **Análisis de la televisión: instrumentos, métodos y prácticas de investigación.** Barcelona: Paidós, 1999.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em Rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, Manuel. **A Galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade.** Trad. Maria Luiza X. de A. Borges; rev. Paulo Vaz. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação.** Trad. Vera Lúcia Mello Joscelyne, rev. Isa Machado de Oliveira Fraga. 1. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.

CEBRIÁN HERREROS, M. **La información en televisión: obsesión mercantil y política.** Editorial Gedisa: Barcelona, 2004.

CERQUEIRA, Lígia Lana Campos de. **Telejornalismo dramático e vida cotidiana - Estudo de caso do programa Brasil Urgente.** Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/FAFI-7TJQ2R/1/dissertacao.pdf>. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - UFMG, 2007. Dissertação. Acesso em 10 de abril de 2020.

COMTE-SPONVILLE, André. **O ser-tempo.** 2 edição. Editora Martins Fontes, 2006.

CORNU, D. **Jornalismo e verdade: para uma ética da informação.** Tradução Armando Pereira da Silva. Lisboa: Instituto Piaget, 1994.

CORREIA, J. C. **A teoria da comunicação de Alfred Schutz.** Lisboa: Livros Horizonte, 2005, p. 122-154

COULON, Alain. **Etnometodologia.** Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis: Vozes, 1995.

COULON, Alain. **Etnometodologia e educação**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1995b.

DAHLGREN, Peter. Introduction. *In*: DAHLGREN, Peter. SPARKS, Colin. **Communication and Citizenship: journalism and the public sphere**. London: Routledge, 1991.

DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles. ¿Que és un dispositivo? *In*: **Michel Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990, pp. 155-161. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento.

DESLANDES, Suely Ferreira. O projeto de pesquisa como exercício científico e artesanato intelectual. *In*: DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu; MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 31-60.

DEUZE, M.; WITSCHGE, T. O Que o Jornalismo está se Tornando. Tradução. Rafael. Grohmann. *In*: **Parágrafo**, v.4, n.2, p. 7-21, 2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.fi-amfaam.br/index.php/recicofi/article/view/478/445> . Acesso em 10 de dezembro de 2019.

DEUZE, M.; WITSCHGE, T. Além do jornalismo. *In*: **Leituras do Jornalismo**, ano 2, v. 2, n. 4, jul-dez, 2015.

DEUZE, Mark. What is journalism? Professional identity and ideology of journalists reconsidered. **Journalism**, v. 6 (4), pp. 442-464, 2005.

DOSSE, François. **A história em migalhas: dos Annales à Nova História**. São Paulo: Ensaio, 1994.

DREW, Dan G. Roles and decision making of three television beat reporters. *In*: **Journal of Broadcasting**. 16: 2, 165-173, 2009.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Televisão: Ensaios metodológicos**. Porto Alegre: Sulina, 2004.

DUARTE, Elizabeth Bastos. **Dos telejornais: entre temporalidades e tons**. *In*: Anais do XV Encontro da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, Bauru, SP, 2006.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. *In*: DUARTE, J.; BARROS, A. (Orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, p. 62-83.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

EDGAR, Andrew; SEDGWICK, Peter. **Teoria cultural de A a Z: conceitos-chave para entender o mundo contemporâneo**. São Paulo: Contexto, 2003.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

EMERIM, C.; FINGER, C.; CAVENAGHI, B. Metodologias de Pesquisa em Telejornalismo. In: **Sessões do Imaginário**, v. 22, n. 37, 2017, p. 02-09. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/28073> . Acesso em: 20 Abril de 2020.

EMERIN, Cárilda. Telejornal, tecnologia e narrativa no Brasil para os próximos 65 anos. In: **Telejornal e praça pública: 65 anos de telejornalismo**. VIZEU, Alfredo. MELLO, Edna. PORCELLO, Flávio. COUTINHO, Iluska. (Orgs.). Florianópolis: Insular, 2015.

EMERIN, Cárilda. BRASIL, Antônio. **Coberturas em Telejornalismo**. In: ANAIS do XXXIV Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM). Recife, 2011.

EMERIN, Cárilda. CAVENAGHI, Beatriz. **Cobertura ao vivo em telejornalismo: propostas conceituais**. In: Anais do 10º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo. Curitiba-PR, 2012. Disponível em: <http://soac.bce.unb.br/index.php/ENPJor/XENPJOR/paper/view-File/1699/296>. Acesso em 18 de julho de 2018.

FARRÉ, Marcela. **El noticiero como mundo posible: estrategias ficciones en la información audiovisual**. Buenos Aires: La Crujía, 2004.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FECHINE, Yvana. Gêneros televisuais: a dinâmica dos formatos. In: **Revista Symposium – Ciências, Humanidades e Letras**. Ano 5, N. 1, janeiro-junho 2001.

FEBVRE, Lucien. Programação direta da TV: sentido do hábito. In: **Significação – Revista Brasileira de Semiótica**. São Paulo. Número 22. Novembro de 2004.

FEBVRE, Lucien. **Televisão e presença - uma abordagem semiótica da transmissão direta**. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2008.

FEBVRE, Lucien. **A nova retórica dos telejornais: uma discussão sobre o éthos dos apresentadores**. Trabalho apresentado ao GT Estudos de Jornalismo do XVII Encontro da Compós. São Paulo, 2008.

FEBVRE, Lucien. Procedimentos e configurações espaço-temporais no telejornal. In: **A sociedade do telejornalismo**. VIZEU, Alfredo et al (Orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

FEBVRE, Lucien. Elogio à programação: repensando a televisão que não desapareceu. In: **O fim da televisão**. CARLÓN, Mario. FECHINE, Yvana. (Orgs.). Rio de Janeiro: Confraria do Vento, 2014.

FERREIRA, Jairo. **Uma abordagem triádica dos dispositivos midiáticos**. Líbero (FACASPER), v. 1, p. 1-15, 2006.

FERREIRA, Jairo. Miatização: dispositivos, processos sociais e de comunicação. **E-Compós**, v. 10, 11, 2007a

FERREIRA, Jairo. Cenários, teorias e epistemologias da comunicação. Rio de Janeiro, **E-papers**, 2007b.

FIDALGO, Joaquim. **Jornalistas na busca inacabada de identidade**. Texto apresentado na sessão temática de Jornalismo no 4º Congresso Nacional da Sopcom (Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação), realizado na Universidade de Aveiro em 20-21 de Outubro de 2005. Disponível em: <http://docplayer.com.br/76407892-Jornalistas-na-busca-inacabada-de-identidade.html>. Acesso em 20 de abril de 2020.

FIDALGO, Joaquim. **O lugar da ética e da auto-regulação na identidade profissional dos jornalistas**. 667 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação)-Instituto de Ciências Sociais Universidade do Minho, Braga, 2006. Disponível em: https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6011/3/JFIDALGO_2006_Tese_Doutoramento.pdf . Acesso em 21 de abril de 2020.

FIDALGO, Joaquim. **O jornalista em construção**. Porto: Porto Editora, 2008.

FÍGARO, Roseli. **Comunicação e Trabalho: estudo de recepção: o mundo do trabalho como mediação da comunicação**. São Paulo: Anita Garibaldi, 2001.

FÍGARO, Roseli. Considerações sobre os resultados da pesquisa de recepção: a construção dos sentidos do trabalho pelos receptores dos meios de comunicação. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación**. Año II, n.2 enero/junio, 2005. p.138-148. ISSN 1807-3026

FÍGARO, Roseli. **Atividade de comunicação e trabalho**. Fapesp/ECA-USP, 2007.

FÍGARO, Roseli. **Relações de comunicação no mundo do trabalho**. São Paulo: Annablume, 2008.

FÍGARO, Roseli. Perfis e discursos de jornalistas no mundo do trabalho. *In*: FIGARO, Roseli (Org.). **As mudanças do mundo do trabalho do jornalista**. São Paulo: Salta, 2013. p. 7-143.

FÍGARO, Roseli. Jornalismo e trabalho de jornalistas: desafios para as novas gerações no século XXI. *In*: **Parágrafo**. Artigo recebido em 10 de agosto de 2014 e aprovado em 15 de setembro de 2014. Disponível em: <http://www3.eca.usp.br/sites/default/files/form/biblioteca/acervo/producao-academica/002672767.pdf>. Acesso em 10 de junho de 2020.

FILHO, Ciro Marcondes (Org.). **Dicionário da Comunicação**. 2 Edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2009.

FILHO, José Ernane Carneiro Carvalho. O Tempo em Bachelard: Uma ruptura com o continuísmo Bergsoniano. *In*: **Revista Ideação**, n. 25 (2), p. 57 -70, janeiro a junho de 2012. Disponível em: <https://filosoficabiblioteca.files.wordpress.com/2013/11/carvalho-o-tempo-em-bachelard-uma-ruptura-com-o-continuc3adsmo-bergsoniano.pdf>. Acesso em: 01 de setembro de 2018.

FINGER, Cristiane; SCIREA, Bruna. Notícia em tempo real: As implicações da instantaneidade na credibilidade do telejornalismo. *In*: **Comunicação, mídias e temporalidades**. MUSSE, Christina Ferraz; VARGAS, Herom; NICOLAU, Marcos (Orgs.). Salvador, EDUFBA, 2017.

FISHMAN, Mark. **Manufacturing the news**. Second paperback print. Austin: University of Texas press, 1990.

FONTCUBERTA, Mar de. **A notícia: Pistas para compreender o mundo**. 3ª ed. Alfragide: Casa das Letras, 2010.

FONSECA, Virginia Pradelina da Silveira; KUHN, Wesley Lopes. Jornalistas Contemporâneo: apontamentos para discutir a identidade profissional. *In: Intexto*. UFRGS - Porto Alegre, 2009, vol. 02, n. 21, p. 57-69.

FOUCAULT, Michael. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **Atualidade no jornalismo**. *In: Anais da Compós*, 2000. Disponível em: http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1425.pdf. Acessado em: 10 de dezembro de 2018.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A atualidade no jornalismo: bases para sua delimitação teórica**. Tese (doutorado) – Faculdade de Comunicação, Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2003. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/6056/1/Carlos-Eduardo-Franciscato.pdf>. Acesso em 10 de dezembro de 2018.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A fabricação do presente: Como o jornalismo reformulou a experiência do tempo nas sociedades ocidentais**. Editora UFS: Fundação Oviêdo Teixeira, 2005.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. **A Temporalidade Múltipla no Webjornalismo**. *In: Anais do IX Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação*. Intercom - XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Curitiba, 2009.

FRANCISCATO, Carlos Eduardo. Limites teóricos e metodológicos nos estudos sobre a noticiabilidade. *In: G. Silva, M. P. Silva & M. L. Fernandes. (Org.) Critérios de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações*. Florianópolis: Insular, 2014, p. 85-113

GALTUNG, J.; RUGE, M. H. A estrutura do noticiário estrangeiro. *In: TRAQUINA, N. (Org.) Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Florianópolis: Insular, 2016.

GARCÍA, X. L. FARIÑA, X. P. (Coord.). **Convergencia digital: reconfiguración de los medios de comunicación en España**. Santiago de Compostela: Universidade de Santiago de Compostela, 2009.

GARFINKEL, Harold. **Estudos de etnometodologia**. Petrópolis: Vozes, 2018.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In: GASKELL, George; BAUER, Martin W. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: Um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002.

GEERTZ, Clifford. Uma Descrição Densa: Por uma Teoria Interpretativa da Cultura. *In: _____*. **A Interpretação das Culturas**. XXXX: Editora Santuário, 1989.

GELL, Alfred. **A antropologia do tempo** - construções culturais de mapas e imagens temporais. Petrópolis: Vozes, 2014.

GIDDENS, Anthony. **Modernidad e identidad del yo: El yo y la sociedade en la época contemporánea**. Tradução José Luis Gil Arístu. Barcelona: Ediciones Península, 1997.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. Editora da Universidade Estadual Paulista, 1991.

GOMES, Wilson. **Jornalismo, fatos e interesses: ensaios de teoria do jornalismo**. Florianópolis: Insular, 2009.

GOMIS, L. **Teoría del periodismo: cómo se forma el presente**. México: Paidós, 1991.

GONÇALVES, Márcio Souza. **Notas para uma articulação entre Comunicação e Tempo**. Revista Rádio- Leituras, Mariana - MG, v.06, n01, pp. 201-215, jan./jun. 2015

GRANDO, Carolina Pompeo. **Os dispositivos que constituem o dispositivo**.(2012). Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/ed711-os-dispositivos-que-constituem-o-dispositivo>. Acesso dia: 11 de novembro de 2019.

GRENFELL, Michael. Teoria do campo para além da subjetividade e da objetividade. *In*: GRENFELL, Michael. **Pierre Bordieu: conceitos fundamentais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

GROTH, Otto. **O poder cultural desconhecido: fundamento das ciência dos jornais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GURVITCH, G. **The spectrum of social time**. Dordrecht, 1964.

GUTMANN, Juliana Freire. **Formas do telejornal: linguagem televisiva, jornalismo e mediações culturais**. Salvador (BA): EDUFBA, 2014.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança estrutural da esfera pública: investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1984.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Tradução Laís Teles Benoir. São Paulo: Centauro, 2004.

HARTOG, François. **Regimes de Historicidade - Presentismo e Experiências do Tempo**. 1. ed; 2 reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna - Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HEIDEGGER, Martin. **O conceito de tempo**. São Paulo: Fim de século, 2003.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Petrópolis: Vozes, 2015.

HUSSERL, E. **Leçons pour une phénoménologie de la conscience intime du temps** . Trad. Henri Dussort. Paris, Presses Universitaires de France, 1964.

IANNI, Octavio. **A sociologia e o mundo moderno**. 1.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: 2ª edição. Aleph, 2009.

JENSEN, Klaus Bruhn. **Media Convergence: the three degrees of network, massa and interpersonal communication**. Routledge. New York, 2010.

JOST, François. Novos comportamentos para antigas mídias ou antigos comportamentos para novas mídias?. *In: Revista Matrizes – Ano 04 – nº 02 janeiro/junho de 2011*. São Paulo.

JOST, François. Que signifie parler de réalité pour la télévision?. *In: Télévision*, numéro 1, 2010.

KEHL, M. R. **O tempo e o cão**. São Paulo: Boitempo, p. 109 - 135, 2009.

KLEIN, Otávio José. A gênese do conceito de dispositivo e sua utilização nos estudos midiáticos. *In: Estudos em Comunicação*, n.1, 215-231, 2007

KOLODZY, Janet. **Convergence Journalism**. Writing and reporting across the news media. Lanham, Maryland, USA: Rowman & Littlefield Publishing Group Inc., 2006.

LA PASTINA, Antonio C. Etnografia como uma abordagem para investigar as práticas de mídia – de Macambira ao Texas. *In: Matrizes*. V. 8, n. 1. Janeiro/junho, 2014.

LAGO, Cláudia. Antropologia e jornalismo: uma questão de método. *In: LAGO, Cláudia. BENETTI, Márcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LAGO, Cláudia. BENETTI, Márcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

LAHIRE, Bernard. Campo. *In: CATANI, Afrânio Mendes. et al (Orgs). Vocabulário Bordieu*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LE CAM, Florence. **L'identité du groupe des journalistes du Québec au défi d'Internet**. [Tese de doutorado]. Université Laval / Québec, Université de Rennes 1 / France, julho 2006.

LE MOS, André. Cibercultura e Mobilidade. *In: LEÃO, Lúcia (org). Derivas. Cartografias do Ciberespaço*. São Paulo: Anna Blume, 2004.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. (Trad. Carlos Irineu da Costa). São Paulo: Editora 34, 2009.

MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. 2ª. ed. São Paulo: Editora Senac, 2001.

MACHADO, Jorge. Reflexões sobre o Tempo Social. *In: Revista Temática Kairós Gerontologia*, 15(6), “Vulnerabilidade/Envelhecimento e Velhice: Aspectos Biopsicossociais”, pp. 11-22. Online ISSN 2176-901X. Print ISSN 1516-2567. São Paulo (SP), Brasil: FACHS/NEPE/PEPGG/PUC-SP: Dezembro de 2012.

- MANN, Thomas. **A montanha mágica**. Porto Alegre: Editora Dom Quixote, 1982.
- MARCONDES FILHO, Ciro. (Org.) **Dicionário da comunicação**. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2009.
- MARQUES, Francisca Ester Sá. **Interpretação de produtos culturais: contributos de uma abordagem etnometodológica aos estudos da comunicação**. Ano 2004. Disponível em: <http://ubista.ubi.pt/~comum/marques-ester-abordagem-etnometodo.html>. Acesso em 10 de junho 2020.
- MARX, Karl. **O Capital**. Serra: Editora Formar. S/D
- MATHIEN, Michel; RIEFFEL, Rémy.(dir.). L'identité professionnelle des journalistes. *In: Communication. Information Médias Théories*, volume 17 n°2, (1995).. pp. 299-304
- MATHIEN, Michel. **Le journalisme de communication** : critique d'un paradigme spéculatif de la représentation du journalisme professionnel. *Quaderni*, n° 45. **Figures du journalisme: critique d'un imaginaire professionnel**. Automne 2001, pp. 105-135.
- MATON, Karl. Habitus. *In: GRENFELL, Michael. Pierre Bordieu: conceitos fundamentais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.
- MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2005.
- MEAD, George Hebert. **La filosofía del presente**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas: Boletín Oficial del Estado, 2008.
- MEDINA, Cremilda. **Profissão jornalista: responsabilidade social**. Rio de Janeiro: Forense-universitária, 1982.
- MEDITSCH, Eduardo. **O conhecimento do jornalismo**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1992.
- MERLEAU-PONTY, M. **As noções de espaço e de tempo**. *In: MERLEAU-PONTY, M. A natureza*. 2 edição. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MESQUITA, Giovana Borges. **Intervenho, logo existo: a audiência potente e as novas relações no jornalismo**. 2014, 196. Tese (Doutorado em Comunicação)-Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/13152>. Acesso em 28 de junho de 2017.
- MILLER, Toby. A televisão acabou a televisão virou coisa do passado, a televisão já era. *In: FREIRE FILHO, João (org). A TV em transição: tendências de programação no Brasil e no mundo*. Porto Alegre: Sulina-Globo Universidade, 2009.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. DESLANDES, Suely Ferreira. GOMES, Romeu. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2016.
- MIRANDA, Luciano. **Pierre Bordieu e o campo da comunicação: por uma teoria da comunicação praxiológica**. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

MOORE, Wilbert. The Temporal Structure of Organizations. *In: Sociological Theory, Values, and Sociocultural Change: Essays in Honor of Pitirim A. Sorokin*. New York: Free Press, 1963.

MORA, José Ferrater. **Dicionário de Filosofia**. Nueva Edición Revisada, Actualizada y Aumentada. Editora Ariel: Barcelona, 1994.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em “tempo real”**: o fetiche da velocidade. Rio de Janeiro: Revan, 2012.

MORIN, Edgard. **Ciência com consciência**. Tradução Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 8. ed. rev. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

MOTA, Juliana; RUBLESCKI, Anelise. **Cobertura ao Vivo em Televisão**: o Improviso e o Testemunho em situações de tragédia. *In: Anais do V Sipecom - Seminário Internacional de Pesquisa em Comunicação*, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. *In: LAGO, Cláudia. BENETTI, Márcia. Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOUILLAUD, M. A crítica do acontecimento ou o fato em questão. *In: MOUILLAUD, Maurice & PORTO, Sérgio Dayrell (org.). O jornal da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997.

MOURA, C.A.R. **Crítica da razão na fenomenologia**. São Paulo: Edusp. 1989.

NEGROPONTE, Nicholas. **A vida digital**. Tradução: Sérgio Tellaroli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

NEVEU, Érik. **Sociologia do jornalismo**. São Paulo: Loyola, 2006.

NONATO, Cláudia. O perfil diferenciado dos jornalistas associados ao sindicato de São Paulo. *In: FIGARO, Roseli (Org.). As mudanças do mundo do trabalho do jornalista*. São Paulo: Salta, 2013. p. 144-203.

NORA, Pierre. **La vuelta del acontecimiento**. *In: Hacer la Historia*. GOFF, Jacques Le; NORA, Pierre. Barcelona, 1978.

LIMA, Cláudia do Carmo Nonato. **O Jornalista em Pauta**: mudanças no mundo do trabalho, no processo de produção e no discurso. *In: Anais do Intercom 2009*. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1120-1.pdf>. Acesso em 10 de junho de 2020.

O'NEILL, Deirdre. HARCUP, Tony. News Values and Selectivity. *In: KARIN-JORGENSEN, Karin. HANITZSCH, Thomas. The handbook of Journalism Studies*. News York and London: Routledge, 2009.

OLIVEIRA, Elane Gomes da Silva. **O tempo que delimita o formato** - A cobertura da greve dos caminhoneiros pelo Jornal Hoje. *In: Anais do 16º Encontro Nacional da Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo (SBPJor)*, São Paulo, 2018.

OLIVEIRA, Elane Gomes da Silva. **Quanto tempo tenho?** Aplicações da dialética na compreensão do tempo no telejornalismo. *In: Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom*, Joinville, 2018.

OLIVEIRA, Elane Gomes da Silva. VIZEU, Alfredo. **Temporalidades coletivas e individuais no Telejornalismo**. *In: Estudos, contemporâneos em telejornalismo - Narrativas de jornalismo para telas*. EMERIM, Cárilda. FINGER, Cristiane. COUTINHO, Iluska (Orgs.). Florianópolis: Insular, 2018.

PARK, Robert. A notícia como forma de conhecimento: um capítulo da sociologia do conhecimento. *In: STEINBERG, C. (org.). Meios de comunicação de massa*. São Paulo: Cultrix, 1966.

PAZ, Octávio. **O arco e a lira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982

PERAYA, Daniel. Médiation et médiatisation: le campus virtuel. *In: Le Dispositif - Entre usage et concept*. Hermes 25: Cognition, Communication, Politique. Paris: CNRS Éditions, 1999. pp. 153-167.

PEREIRA JÚNIOR, Luiz Costa. **Guia para edição jornalística**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

PEREIRA, Wellington; MESQUITA, Tarcineide. A contribuição da etnometodologia para análise do columnismo social. *In: Revista Famecos*, Porto Alegre, v.19, n. 1, p. 46-64, janeiro/abril 2012

POMIAN. Krzysztof. **L'ordre du temps**. Paris: Gallimard, 1984.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Lucvan. **Manual de investigação em Ciências Sociais**. Lisboa: Gradiva, 1992.

RASÊRA, Marcella. **Convergência Jornalística**: uma proposta de definição do termo. *In: XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul – Novo Hamburgo – RS, 17 a 19 de maio de 2010*.

RENAULT, Davi. CATALDO, Elizabeth. Múltiplas temporalidades nas plataformas em tempo real. *In: Estudos em Jornalismo e Mídia*. vol. 12, vol. 1, jan-jun, 2015.

REQUENA. J. L. **El espectáculo informativo**. Madrid : Akal, 1989.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; LEAL, Bruno Souza; GOMES, Itânia. **A historicidade dos processos comunicacionais** - elementos para uma abordagem. *In: Comunicação, mídias e temporalidades*. MUSSE, Christina Ferraz; VARGAS, Herom; NICOLAU, Marcos (Orgs.). Salvador, EDUFBA, 2017.

- RICOEUR, Paul. **Tempo e narrativa**. Tomo III. Campinas: Papirus Editora, 1997.
- RODRIGUES, Adriano Duarte. O dispositivo da enunciação. *In: Comunicação e cultura: A experiência cultural na era da informação*. Lisboa, Presença, 1994
- RODRIGUES, Adriano Duarte. **O discurso mediático**. Lisboa, 1996, mimeo.
- ROSSETI, Regina. Supressão do tempo na sociedade midiaticizada. *In: Comunicação, mídias e temporalidades*. MUSSE, Christina Ferraz. VARGAS, Herom. NICOLAU, Marcos (Orgs.). Salvador: Edufba, 2017.
- RUELLAN, Denis. **Le professionnalisme du flou**. Identité et savoir-faire des journalistes français. Grenoble : Press Universitaires de Grenoble, 1993.
- RUELLAN, Denis. **Um ser profissional ou como percebê-lo**. *In: Brazilian Journalism Research*. Volume 3, número 1, 2017.
- RUELLAN, Denis. **Corte e costura do jornalismo**. *In: Líbero*, n.18, 2006, p. 31-40. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/.../Corte-e-costura-do-jornalismo.pdf> . Acesso em 10 de janeiro de 2020.
- SALAVERRIA, J. **Hacia donde se dirige la convergência de médios?** Artigo disponível na Revista Mediación. Doc, 2004. Disponível em [HTTP://www.almendron.com/cuaderno/cariosqmedoc-0411-01.pdf](http://www.almendron.com/cuaderno/cariosqmedoc-0411-01.pdf). Acesso em 20 de fevereiro de 2018.
- SALAVERRIA, J.; NEGREDO, S. **Periodismo integrado**: convergência de médios y reorganización de redacciones. Barcelona: Editorial Sol90 Media, 2008.
- SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e Pesquisa**. Editora Hacker. São Paulo, 2001.
- SANTAELLA, Lúcia. **Cultura e artes do pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.
- SANTAELLA, Lúcia. **Games e Comunidades Virtuais**. Disponível em: <http://www.canalcontemporaneo.art.br/tecnopoliticas/archives/0034.html>. Acesso em 20 de fevereiro de 2018.
- SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens Líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.
- SANTOS, José Manuel Santos. **O tempo dos media e a generalização do estético**. Artigo disponível em: www.bocc.ubi.pt/pag/santos-jose-manuel-tempo-media-generalizacao-estetico.pdf. Acesso em: 8 de junho de 2017.
- SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: Intelectuais, arte e vídeo cultura na Argentina. Tradução Sérgio Alcides. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2000.
- SCHIRMER, Lauro. **RBS**: Da voz do poste à multimídia. Porto Alegre: L&PM, 2002.
- SCHLESINGER, Philip. **Putting 'reality' together**. London e New York: Mathuen, 1987.
- SCHLESINGER, Philip. Os jornalistas e a sua máquina do tempo. *In: TRAQUINA, Nelson (Org.). Jornalismo: questões, teorias e "estórias"*. Florianópolis: Insular, 2016.

- SHOEMAKER, M.; REESE, S. **Mediating the message**. White Plains, NY: Longman, 1996.
- SCHUTZ, A. **El problema de la realidad social**. 2. ed. reimp. Trad.: Néstor Míguez. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.
- SEIBT, Cesar Luiz. **Temporalidade e Propriedade em Ser e Tempo de Heidegger**. Revista Filos, Aurora, Curitiba, volume 22, n. 30, p. 247-266, jan/jun de 2010. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/2254/2170>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2019.
- SEKEFF, Cristiane. **Telejornal: do processo ao produto**. Teresina: Faculdade Santo Agostinho, 2005.
- SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. rev. e atual. São Paulo: Cortez, 2007.
- SILVA, Elane Gomes. **Novos rumos para o telejornalismo: a abordagem da notícia na segunda tela do Jornal da Cultura**. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/7894>, 2014.
- SILVA, Fernando Firmino da. **Jornalismo live streaming: tempo real, mobilidade e espaço urbano**. In: Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo.VI edição. 2008. Disponível em: <https://docplayer.com.br/672532-Jornalismo-live-streaming-tempo-real-mobilidade-e-es-paco-urbano.html>. Acesso em: 12 de abril de 2020.
- SILVA, Fernando Firmino da. Repórteres em campo com tecnologias móveis conectadas. In: BARBOSA, Suzana; MIELNICZUK Luciana (Org). **Jornalismo e Tecnologias Móveis**. Covilhã: UBI – Labcom, 2013.
- SILVA, Gislene. Para pensar critérios de noticiabilidade. In: SILVA, Gislene; SILVA, Marcos Paulo da; FERNANDES, Mario Luiz (Org.). **Críticos de noticiabilidade: problemas conceituais e aplicações**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 51-69.
- SILVA, Priscila da. **Dispositivo: Um conceito, uma estratégia**. Profanações (ISSN – 2358-6125) Ano 1, n. 2, p. 144-158, jul./dez. 2014.
- SILVERSTONE, R. **Televisión y vida cotidiana**. Buenos Aires : Amorrortu, 1996.
- SILVERSTONE, R. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2002.
- SODRÉ, Muniz. **A narração do fato – Notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- SOLOSKI, J. O jornalismo e o profissionalismo: alguns constrangimentos no trabalho jornalístico. In: TRAQUINA, Nelson. (Org.). **Jornalismo: Questões, teorias e “estórias”**. Florianópolis: Insular, 2016.
- SOUZA, Ricardo Luiz de. **Os sentidos do tempo - o tempo histórico, filosófico, cotidiano**. São Paulo: Ideias & Letras, 2016.

SOUZA, M. D. **Jornalismo e Cultura da Convergência**: a narrativa transmídia na cobertura do Cablegate nos sites El País e Guardian. Dissertação de mestrado defendida no PPGCOM da UFSM, Santa Maria, RS, 2011

SCHUDSON, Michael. When? Deadlines, datelines and history. *In*: MANOFF, Robert Karl, SCHUDSON, Michael. **Reading the news**. New York: Phanteon Books, 1986.

TAVARES, Frederico de Mello Brandão. A temporalidade como conceito e dispositivo: Delimitando um campo de estudos para a comunicação. *In*: **Comunicação e Territorialidades - Poder e Cultura, Redes e Mídias**. ZANETTI, Daniela; REIS, Ruth (Orgs.)- Dados Eletrônicos. 1. ed. - Vitória: EDUFES, 2017.

TÉTU, Jean-François. La temporalité des récits d'information. *In*: VITALLIS, et al. (Orgs.). **Medias temporalités, et démocratie**. Rennes: Apogée, 2000.

THOMSON, Patrícia. Campo. *In*: GRENFELL, Michael. Pierre Bordieu: conceitos fundamentais. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a modernidade**: Uma teoria social da mídia. Petrópolis/RJ: Vozes, 1998

TOURINHO, Carlos. **Inovação no telejornalismo**: O que você vai ver a seguir. Vitória: Espaço Livros, 2009.

TRAQUINA, Nelson. **Jornalismo**: questões, teorias e “estórias”. Florianópolis: Insular, 2016.

TRAVANCAS, Isabel. **O mundo dos jornalistas**. 4. ed. rev. São Paulo: Summus, 2011.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. *In*: DUARTE, Jorge; BARROS, Antonio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2006. p. 98-109.

TUCHMAN, Gaye. **Making News by Doing Work**: Routinizing the Unexpected. *The American Journal of Sociology*, Vol. 79, No. 1. The University of Chicago, jul. 1973, pp. 110-131. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/2776714?readnow=1&seq=1#page_scan_tab_contents. Acesso em 20 de abril de 2020.

TUCHMAN, Gaye. **La producción de la noticia**. Estudio sobre la construcción social de la realidad. Barcelona: Editorial Gustavo Gili S. A., 1983.

TUCHMAN, Gaye. **A objetividade como ritual estratégico**: uma análise das noções de objetividade dos jornalistas. *In*: TRAQUINA, Nelson (Org.). **Jornalismo: questões, teorias e “estórias”**. Florianópolis: Insular, 2016. p. 111-131.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia**: Os bastidores do telejornalismo. 3ª. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2003.

VIZEU, Alfredo. **Decidindo o que é notícia**: Os bastidores do telejornalismo. 5ª. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2014.

VIZEU, Alfredo Eurico Pereira Júnior. **O lado oculto do telejornalismo**. Florianópolis: Calandra, 2005.

VIZEU, Alfredo. O newsmaking e o trabalho de campo. *In*: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia. **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 1a edição. Editora Vozes. Petrópolis – RJ, 2007.

VIZEU, Alfredo. Telejornalismo: o conhecimento do cotidiano. *In*: **Estudos em Jornalismo e Mídia**. Vol. III. n.º 2, set. 2002. Disponível em: <http://http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/estudos/article/viewFile/5912/5383>. Acesso em: 02 de dezembro de 2019.

VIZEU, Alfredo; CORREIA, João Carlos. **A construção do real no telejornalismo**: do lugar de segurança ao lugar de referência. Publicado em Novembro de 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/265907692>. Acesso em 26 de junho de 2018.

VIZEU, A.; CORREIA, J. C. A construção do real no telejornalismo: do lugar de segurança ao lugar de referência. *In*: VIZEU, A. (Org.). **A sociedade do telejornal**. Petrópolis: Vozes, 2008.

VIZEU, Alfredo. **A audiência presumida no jornalismo**: o lado oculto do telejornalismo. Florianópolis: Insular, 2015.

VIZEU, Alfredo. **A sociedade do telejornalismo**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VIZEU, Alfredo. Telejornalismo: das rotinas produtivas à audiência presumida. *In*: VIZEU, Alfredo Eurico. MOTA, Célia Ladeira. PORCELLO, Flávio A. C. (Orgs.) **Telejornalismo**: a nova praça pública. Florianópolis: Insular, 2006.

VIZEU, Alfredo. LEITE, Flora. **Decidindo o que é notícia**: 20 anos depois. *In*: Revista Observatório. Palmas, vol. 4, n. 4, jul-set, 2018.

VOIGT, André Fabiano. **Gaston Bachelard e Michel Foucault**: a linguagem, o tempo e o espaço. *In*: Revista de História e Estudos Culturais. Vol. 8. Ano VIII n.º 2, 2011.

WACQUANT, Loïc. Habitus. *In*: CATANI, Afrânio Mendes. et al (Orgs). **Vocabulário Bourdieu**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

WHITROW, J. G. **O tempo na História**: concepções de tempo da pré-história aos nossos dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1993.

WILLIAMS, Raymond. **Televisão**: tecnologia e forma cultural. Belo Horizonte: São Paulo: Boitempo; Belo Horizonte: PUCMinas, 2016.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Presença, 1994.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público**. São Paulo: Ática, 1996.